

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

**SYDNEY CINCOTTO JUNIOR**

**EM BUSCA DE UMA ANTROPOLOGIA FUNDAMENTAL**

*Diálogos com Edgar Morin e Michel Serres*

**DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**SÃO PAULO**

**2017**

SYDNEY CINCOTTO JUNIOR

**EM BUSCA DE UMA ANTROPOLOGIA FUNDAMENTAL**

*Diálogos com Edgar Morin e Michel Serres*

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, sob orientação do Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho.

SÃO PAULO

2017

## Banca Examinadora

---

---

---

---

---

## *DEDICATÓRIA*

*Aos que semeiam sonhos, tecem utopias e  
cultivam convivências amorosas.*

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes pela bolsa concedida.

Edgard de Assis Carvalho, meu orientador, sou grato pela generosidade com a qual acolheu meus sonhos e pela sabedoria compartilhada ao longo das minhas caminhadas.

Membros da banca, Edmilson Felipe da Silva, Harald Sá Peixoto Pinheiro, Lúcia Helena Vitalli Rangel, Maria da Conceição Xavier de Almeida, Maria Lúcia Rodrigues e Mariza Perassi Bosco, que juntos ao Edgard semeiam esperanças.

Amigos do Núcleo de Estudos da Complexidade – COMPLEXUS, Bernardo Oliveira, Claudio Bastos, Jane Pinheiro, Julio Moreira, Marcus Giacomo, Miriam Shaw, Ozzie Gérard, Sandra Mattos, Silvia Carbone, Vivian Blaso, Vivian Catarina, obrigado pelas leituras, reuniões, apresentações, aulas, conversas, ideias e cafés compartilhados.

Familiares, amigos, cãezinhos e gatinhos, que me hospedaram em suas casas ao logo dessa jornada, toda minha gratidão por me receberem afetosamente: Ana Paula, Renato, Carol, Renata e Estrela; Patricia, Adriana, Hanna e Nina; Val, Manuel, Lina e Egito; Telmo; Toni; Dani, Cuca e Thor; Helô, Francesco, Fufi, Peri e, agora, Isadora.

Isabelle, Bruna e Prunelle, que me acolheram em seu apartamento *à Rue Vitruve, pendant mon séjour à Paris*; e Renata que me recebeu na *Bibliothèque nationale de France – BnF*, obrigado pela amizade e *soirées*.

Querida Fabi, que em Paris me recebeu e me apresentou a Isabelle e a Renata, todo meu carinho.

Aline Braz de Lima, que amigavelmente colaborou com o *abstract*, e Filipe Peçanha Di Domenico, que gentilmente compartilhou seu saber em edição de textos.

Rômulo Mello Silva, médico antroposófico, que harmoniza meu corpo-espírito.

Pedro Fernando, companheiro que com muito afeto esteve sempre presente em todos os momentos da tese: das conversas interessantes, leituras dedicadas, sugestões de *designs*, revisão incansável do texto, todo meu carinho e gratidão.

Aos meus pais, que sempre apoiaram minhas escolhas, sou gratíssimo a liberdade cultivada em mim por eles, e as tias Tita e Maria, que sempre me incentivaram, todo meu carinho e gratidão.

E a todos que amo e que sentem em seus corações. Obrigado por tecermos juntos os prazeres e alegrias da vida.

## RESUMO

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? São antigas questões que me instigam a um saber antropológico complexo desvencilhado dos *imprintings* da velha narrativa antropocêntrica do processo de hominização que apartou, irremediavelmente, o homem do mundo natural. Tomamos o mundo como objeto, domesticamos e dominamos a natureza, fabricamos o Antropoceno. É nesse contexto que a humanidade se insere, e a Antropologia não pode ficar alheia aos acontecimentos da Grande Narrativa. *Em busca de uma Antropologia Fundamental* tece um diálogo com as obras de Edgar Morin e de Michel Serres, pensadores incandescentes e desviantes das autoestradas do conhecimento disciplinar. Autores de polifônicas ideias, produziram um conhecimento aberto e inacabado, romperam fronteiras disciplinares, contrabandearam conceitos, mestiçaram saberes, inventaram pensando. Percorrer os seus caminhos, dialogar com suas narrativas, ramificar novos horizontes é prosseguir com ambos nas vias de um saber antropológico que reintroduz o homem na natureza; que restaura sua animalidade; que o contextualiza no ecossistema-mundo; que reconhece sua ascendência cósmica-terrestre, sua identidade una e múltipla, biocultural, planetária; e que também contribui para ecologizar ideias e ações; que investe na recomposição ética do sujeito-humano responsável consigo, com a sociedade, com a *Biogea*. Um bem-pensar tecido ecologicamente no corpo a corpo do *Homo complexus universalis oecologicus* consigo, com os outros, com a totalidade dos seres vivos, com a natureza inteira, com o mundo.

**Palavras-chave:** Antropologia Fundamental; *Homo complexus universalis oecologicus*; Edgar Morin; Michel Serres; Pensamento complexo e ecologizado.

## ABSTRACT

Who are we? Where did we come from? Where are we going? Those are old questions that have incited me toward a complex anthropological knowledge, detached from the imprintings of the official anthropocentric narrative, related to hominization, which irreversibly separated us from the natural world. We took it as an object, domesticated and subdued Nature, creating the Anthropocene. It is in this scenario that we find humankind; thus, Anthropology cannot be unaware of the main occurrences of the Grand Narrative. *In search of a Fundamental Anthropology* creates a dialog between the works of Edgar Morin and Michel Serres, two incandescent and marginal thinkers who stepped out from the crowd of current scholarship thinkers. Authors of polyphonic ideas, they had produced open and unfinished knowledge, breaking through disciplinary barriers; smuggling concepts; crossbreeding ideas, inventing by thinking. To walk on their shoes, dialog with their narrative and unfold new horizons is to follow them along their path of anthropological knowledge, which reintroduces man into nature; restoring our animality; which contextualizes us into the ecosystem-world that recognizes our biocultural, planetary and cosmic-earthly ascendance, as well as our, at the same time, one and multiple identity, which also contributes to ecologize ideas and actions; which also invests in the ethical rearrangement of the human subject, comprehensively responsible for society and for the *Biogea*. A well thinking process ecologically intertwined upon the struggles of the *Homo complexus universalis oecologicus* with himself, the human community and all living things.

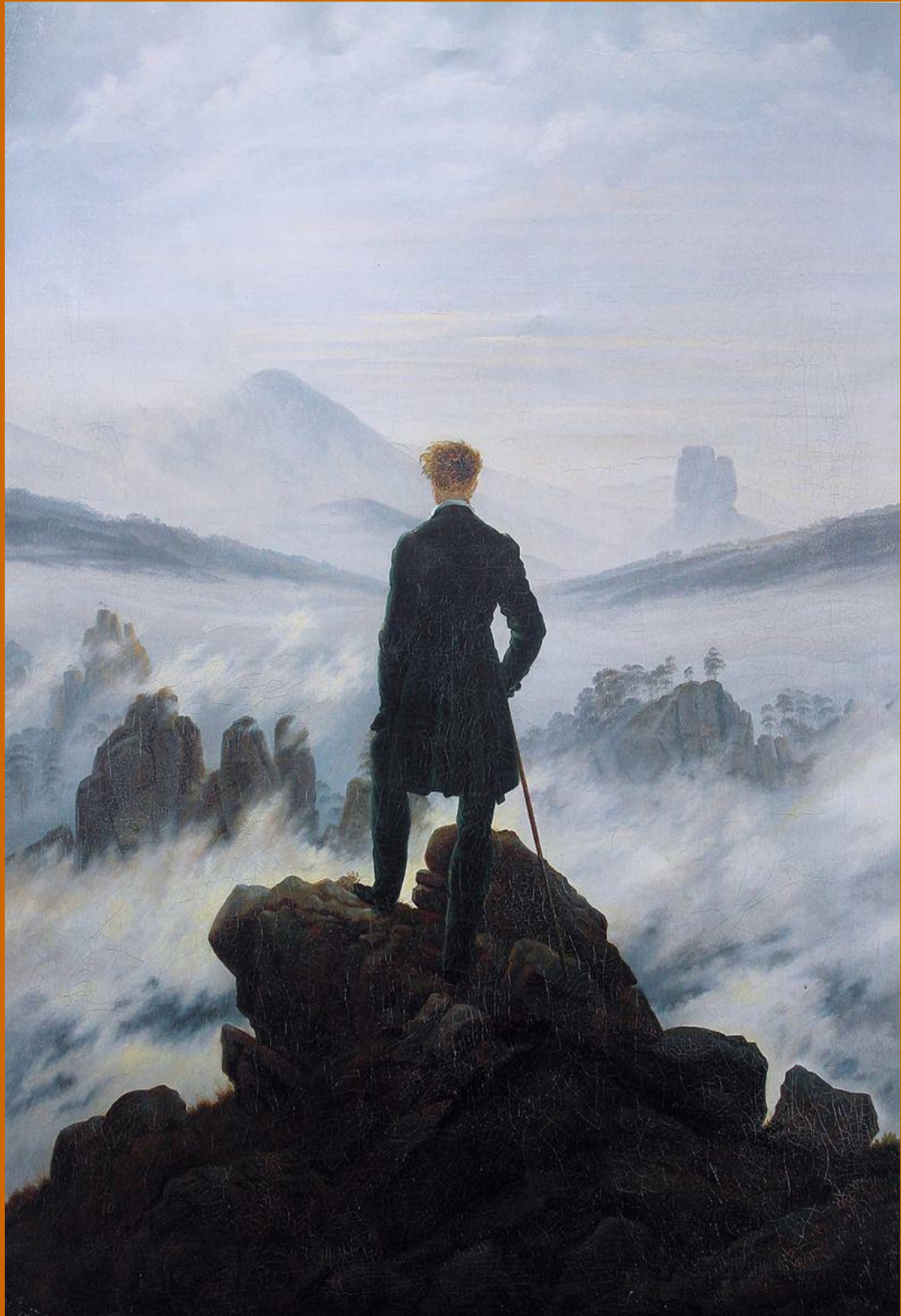
**Keywords:** Fundamental Anthropology; *Homo complexus, universalis, oecologicus*; Edgar Morin; Michel Serres; Complex and Ecologized Thought.

## SUMÁRIO

<b><i>Caminhando...</i></b> .....	09
<b><i>Entrelaçamentos</i></b> .....	23
- <i>A arte de pensar bem</i> .....	27
- <i>Em busca de uma Antropologia Fundamental</i> .....	32
- <i>Qual caminho seguir?</i> .....	63
<b><i>Bifurcações</i></b> .....	73
- <i>Acontecimentos</i> .....	77
- <i>Narrativas incandescentes</i> .....	86
<b><i>Ramificações</i></b> .....	127
- <i>Um berçário de ideias</i> .....	131
- <i>Homo complexus universalis oecologicus</i> .....	140
- <i>Tempo de religiões: Biogea reencontrada</i> .....	154
<b><i>Amanhecer</i></b> .....	161
<b><i>Referências bibliográficas</i></b> .....	169

*Caminhando...*







*Atualmente, nessa vizinhança, a melhor parte da terra não é propriedade privada; a paisagem não tem dono e o caminhante desfruta de uma comparativa liberdade.*

(Henry David Thoreau)

O que me move no caminho da tese?

Motivado desde a graduação em Ciências Sociais pelas ideias de Marcel Mauss, Claude Lévi-Strauss e Edgar Morin, e mais recentemente pela filosofia de Michel Serres, busco um conhecimento antropológico que não esteja circunscrito aos territórios teórico-metodológicos de um saber-fazer dedicado exclusivamente a decifrar o universo simbólico dos *sapiens* e a descrever os fenômenos culturais empiricamente observáveis. Incomodado com essa paisagem capturada, domesticada e emoldurada me pergunto: Que Ciência do Homem é essa que nos fez crer na oposição e sobredeterminação da cultura em relação à natureza? Que se fiou em uma epistemologia científica governada pelas oposições binárias irreconciliáveis? Que acreditou ter decifrado as tramas das realidades socioculturais ignorando as implicações cosmo-físico-biológicas da existência? Cerceado pelos limites disciplinares, paraliso. A reflexão irrompe, impede a imobilidade. Parto...

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? São antigas indagações que trago comigo e atuam como um dispositivo que me move em direção a um querer-compreender a natureza complexa do homem e me lança no epicentro do conhecimento antropológico, mas não aquele proprietário de um saber disciplinar, canônico, paradigmático e chancelado pelo *métier* acadêmico-corporativo.

Aspiro a um conhecimento transdisciplinar desvencilhado dos *imprintings* da velha narrativa antropocêntrica do processo de hominização que teria apartado, irremediavelmente, o homem do mundo natural; a um saber antropológico complexo que religue o homem a sua animalidade, que reconheça nossa implicação na vida e no cosmos e que integre a natureza na cultura e a cultura na natureza. Caminho...

Interessado em um pensamento-conhecimento que religue o homem a si mesmo, à sociedade, à natureza e ao cosmos, me volto à Antropologia Fundamental de Edgar Morin e à Filosofia Mestiça de Michel Serres, almejo percorrer seus caminhos, me entrelaçar às suas vidas e ideias. Autores de extensa obra, vislumbro em ambas uma

característica comum, a complexidade das narrativas. *Complexus*, de raiz latina, significa aquilo que é tecido em conjunto. Um conhecimento complexo não aspira abarcar a totalidade de um objeto de estudo, tampouco restringir-se à descrição e à explicação exata do mesmo, mas um desafio ao saber-fazer científico ao investir na transversalidade dos múltiplos ramos do conhecimento e na religação das ciências às artes, à filosofia, à literatura, às mitologias e às espiritualidades. Uma Antropologia Complexa não se realizará sem o reconhecimento do nosso duplo-enraizamento na vida e no universo e da relação dialógica, recursiva e hologramática entre indivíduo/sociedade/espécie.

O saber sobre o homem ao qual eles se dedicam não se reduz, portanto, a uma ontologia do ser, tampouco a um conhecimento abstrato do mesmo, próprio ao humanismo iluminista, que reduziu o ser humano à condição de *Homo sapiens, faber e economicus*. Ao mesmo tempo que se desviam do humanismo antropocêntrico das Luzes, advogam em defesa de um outro humanismo, ampliado, que na acepção de Morin considera o ser humano *sapiens/demens, faber/mitologicus, economicus/ludens, natural/metanatural*. Não somos, afirma Serres, mas existimos como modos: enquanto viventes nossa existência flutua entre o possível, o impossível, o necessário e o contingente. A história do homem não se restringe ao tempo da aventura hominizante, mas irrompe do tempo colossal das origens físico-químicas da existência. Esse outro humanismo que advogam é tecido ecologicamente no corpo a corpo do homem consigo, com os outros, com a totalidade dos seres vivos, com a natureza inteira, com o mundo.

A agonia dos dias presentes é central em suas reflexões. O paradigma disjuntor/redutor que anima as ideias e as ações dos homens alimenta o quadrimotor ciência-técnica-economia-lucro<sup>1</sup> e ameaça de morte não somente as sociedades humanas ou os ecossistemas, mas a biosfera, na sua totalidade, enquanto sistema vivo auto-eco-organizado.

Tomamos o mundo como objeto, domesticamos e dominamos a natureza, fabricamos o Antropoceno. É nesse contexto que a humanidade se insere, e a Antropologia não pode ficar alheia aos acontecimentos da Grande Narrativa, restringir-se às realidades socioculturais da vida dos *sapiens*, como se ambos estivessem apartados da *Physis* e da *Biós*. É pertinente que coloquemos juntamente com Serres e Morin as indagações: Para onde vai a Terra? Para onde caminha a humanidade? É possível metamorfosear o sistema atual, a fim de trilharmos outras vias para a realização da

---

<sup>1</sup> Elaborado por Edgar Morin o termo 'quadrimotor ciência-técnica-economia-lucro' conecta as quatro instâncias para designar as forças que movem o desenvolvimento do mundo na atualidade. É possível substituir os termos *economia* ou *lucro* pelos termos *indústria* ou *Estado*.

sociedade-mundo? Como mudar o modelo de civilização? Como sair da barbárie civilizada? O homem conseguiu dominar a natureza, a questão agora é: como dominar essa dominação?

Para Morin o desafio é realizar uma política de civilização acompanhada de uma política de humanização que não exclua o conjunto dos viventes da biosfera. É fundamental desantropocentrizar a cosmovisão do homem em relação ao mundo. A via geradora/regeneradora da humanidade, da vida e da Terra passa pela ética; uma ética planetária, universalista, complexa, que comporte uma autoética – a compreensão de si; uma socioética – a compreensão dos outros; e uma antropeética – a compreensão da interdependência dos seres humanos e da comunidade de destino terrestre.

Serres aponta para a *hominescência* – a emergência hominiana de um *Homo universalis* responsável pela eflorescência de uma sociedade-mundo solidária. O estágio atual da hominização comporta avanços e recuos que só podem ser percebidos a partir de uma compreensão complexa da história do homem no interior da Grande Narrativa. É preciso que saibamos ler as narrativas da natureza.

Vivemos as dores do parto de uma outra humanidade, de uma sociedade que nascerá de sua própria metamorfose, bifurcará da crise do mundo presente, arborescerá nutrida por uma antropeética indispensável para que realizemos um novo *Contrato* que não se restrinja ao *Social*, dedicado apenas aos homens, mas um *Contrato Natural* que acolha toda a comunidade da Terra-Pátria. Da política para os homens desejamos passar a uma eopolítica para Gaia. Eis aqui o caminho da esperança.

O caminhante parte.

No cenário pelo qual percorro me deparo com o desconhecido, o incerto. A habitual claridade do presente é encoberta pela espessa nuvem de fumaça que se forma do desmoronamento das certezas. As estruturas se dissipam, o caminho bifurca, é tempo de decisão. Por onde seguir? Como na tela de Caspar David Friedrich<sup>2</sup>, o caminhante/viajante para diante da paisagem, contempla e descobre que para seguir andando é preciso trilhar outras vias.

Escrevi o projeto *Edgar Morin & Michel Serres, diálogos acerca de uma Antropologia Complexa*. Para promover o encontro entre suas narrativas me apoiei na concepção de diálogo de David Bohm<sup>3</sup>, para quem dialogar não se resume a um pingue-

---

<sup>2</sup> **Figura 1:** Caminhante sobre o mar de névoa (*Der Wanderer über dem Nebelmeer*), de Caspar David Friedrich, 1817. Óleo sobre tela, 98,4 X 74,8 cm. **Acervo:** Hamburger Kunsthalle, Hamburgo, Alemanha. **Fonte:** <http://www.hamburger-kunsthalle.de/en/nineteenth-century> - Ilustração inicial de Caminhando... p. 11.

<sup>3</sup> BOHM, David. *Diálogo: comunicações e redes de convivência*. [1996] Editado por Lee Nichol. Tradução: Humberto Mariotti. São Paulo: Palas Athena, 2005.

pongue de ideias e argumentos entre os interlocutores, tampouco no convencimento ou persuasão. Dialogar é suspender as estruturas tácitas de conceitos e teorias, o que permite a efetivação de uma dialogia entre ideias e saberes distintos; é tecer conjuntamente as concepções de ambos, tanto aquelas que parecem ser contraditórias, e que, portanto, podem se opor, bem como aquelas que possuem afinidades e parecem se complementar. Dialogar é conhecer de forma não fragmentada e disjuntiva.

Esbocei metatemas para que pudéssemos acessar de maneira complexa as suas ideias: a relação dialógica vida e morte, que pauta suas narrativas antropológicas; a defesa das reformas da vida, da ética, da cultura, da política e da educação como vias regeneradoras para o futuro da humanidade; a aposta nas metamorfoses hominescentes que nascem das crises produzidas pelos projetos da civilização atual; a esperança da emergência de uma sociedade-mundo ecologizada sobre o terror-mundo globalizado.

Segui andando...

Conhecer, aprender, saber e fazer exigem de nós que saiamos do confortável ambiente de ideias conhecidas, que nos orientemos para fora do nosso território de domínio conceitual, pois estes exibem outras paisagens, ainda não percebidas. Somente as errâncias promovem descobertas. Ficar, parar, se acomodar, enrijece. Como não ir? *“Nenhuma aprendizagem evita a viagem. Sob orientação de um guia, a educação empurra para o exterior. Parte: sai”*.<sup>4</sup> Saí!

Ouçõ minha voz interior, ela me atenta ao poema de Antonio Machado, incansavelmente repetido por Morin quando o assunto é o método, ou seja, o caminho a ser seguido: *“Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar”*. Ceíça Almeida<sup>5</sup> adverte aos que se aventuram na pesquisa acadêmico-científica que o método do qual Morin fala não se trata de um programa pré-estabelecido que deve ser cumprido, mas ao contrário disso, o método deve ser encarado como uma estratégia flexível e biodegradável, capaz de lidar com a ecologia das ideias/ações próprias à realidade que afetam o tema pesquisado. Que se tenha a consciência de que a pesquisa está em construção, sujeita a bifurcações. A medida que caminhava com a tese *insights* eclodiam, me ajudavam a customizar o seu *design*, desformatavam o projeto inicial. Derivo...

Amplio meu escopo geográfico de pesquisa, saio da habitual paisagem circunscrita à ponte-aérea Rio-São Paulo. Viajo.

---

<sup>4</sup> SERRES, Michel. *O terceiro instruído*. [1991] Tradução: Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, s/d., p.23. (Há edição brasileira com o título *Filosofia mestiça*).

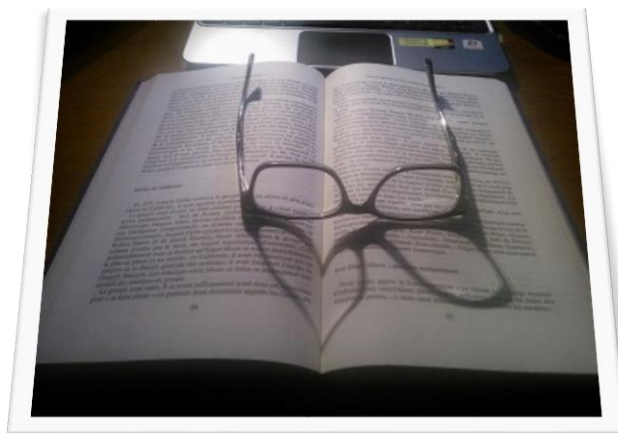
<sup>5</sup> ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Método complexo e desafios da pesquisa**. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Cultura e Pensamento Complexo*. Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho. Natal: EDUFERN – Editora da UFRN, 2009, p. 97-112.

Ao longo do doutorado, entre os anos de 2012 a 2016, minhas andanças por países da América do Sul e Europa propiciaram encontros com múltiplas narrativas distanciadas pelo tempo histórico e pelo espaço geográfico. Singulares, todas emergiram em algum momento do tronco universal da Grande Narrativa, se desenvolveram, se metamorfosearam ou mesmo desapareceram deixando como memória vestígios de sua



existência. Todas constituem o mosaico das culturas humanas, passaram a habitar o mesmo espaço-tempo em minha história pessoal e sentido de vida; tornaram-se contemporâneas. São dessas vivências alguns dos registros fotográficos dos quais faço uso na tese para entrelaçar vida/ideias, bifurcar narrativas, ramificar esperanças. Sem metodologia prévia ou técnicas de pesquisa aplicada, essas imagens capturadas inconscientemente compõem as paisagens do meu caminho.

*Pendant mon séjour à Paris*, ao longo dos cinco primeiros meses de 2015, busquei nas páginas dos artigos, revistas e livros do acervo da *Bibliothèque nationale de France* – BnF<sup>6</sup> outras narrativas e diferentes abordagens sobre a vida e as ideias dos meus acompanhantes de caminhada. As tardes dedicadas à leitura na *Bibliothèque de recherche du Rez-de-jardin*<sup>7</sup>, setor destinado aos pesquisadores, professores e pós-graduandos inscritos na BnF, me colocaram diante de um considerável acervo relacionado a ambos não publicado no Brasil e ausente na *web* para consultas *online*. As leituras e as anotações realizadas matizaram ainda mais meus conhecimentos, o que pude saber lá dialogava com o que já sabia aqui. Ampliação do repertório, novas nuances sobre o tema, mas nenhum relampejar luminescente.



<sup>6</sup> **Figura 2:** Fachada da Bibliothèque nationale de France – BnF. **Fonte:** Fotografia do autor, 2015.

<sup>7</sup> **Figura 3:** Pausa na leitura para reflexão, momento intuitivo-conectivo na BnF: me atento ao sinal que a sombra dos meus óculos pousados sobre o livro transmite. **Fonte:** Fotografia do autor, 2015.



**Figura 4:** Michel de Montaigne, autor Jean-Baptiste Stouf, escultura em mármore, 1800.  
**Acervo:** Musée du Louvre, Paris, França.  
**Fonte:** Fotografia do autor, 2015.

Nos dias dedicados à *flânerie* acabava sendo atraído às livrarias, às galerias, aos monumentos e museus onde me deparava com obras, literárias ou artísticas, que logo me remetiam à tese. Desses encontros inesperados um primeiro *insight* foi provocado pela presença de Montaigne em pleno *Musée du Louvre*. A autointerrogação “*Que sais-je?*” apareceu como um ponto de partida para a escrita. O movimento até então dedicado a percorrer os caminhos de Morin e Serres, entrelaçando vida às ideias por meio da narrativa dos acontecimentos históricos e particulares que promoveram as reorganizações de seus pensamentos sofreu um primeiro abalo. A tectônica das placas deslocou os continentes capitulares, o design da tese se modificou, os conteúdos escorregaram pelo seu plano.

A indagação de Montaigne me apresentou um duplo-problema. Primeiro, relativo ao meu próprio conhecimento, das coisas que eu sei e como as aprendi nas jornadas da vida. O que eu sabia sobre a Ciência do Homem? Logo essa questão me remetia a outra: o que me move em direção a uma Antropologia Fundamental? Para tanto precisei buscar quem em sou, conhecer melhor a mim mesmo, compreender como os acontecimentos da minha vida refletiram nas minhas ideias e vice-versa. Movimento necessário para religar sujeito/objeto, para entrelaçar as minhas reorganizações às vidas/ideias de Morin e Serres e para produzir uma teia de conhecimentos, significados, experiências e sentimentos autoexplicativa dos motivos que me conduziram à tese.

O que eu acreditava fazer parte do movimento *Entrelaçamentos* – narrar os acontecimentos que afetaram a vida de ambos e que contribuíram para as reorganizações de suas ideias↔ações / vida↔obra – deslocou-se para o movimento seguinte, denominado *Bifurcações*. Tais deslocamentos dos temas pré-definidos no projeto obedeceram ao movimento natural do caminhante, que circula e se depara com novas paisagens. Outros *designs* surgem.



**Figura 5:** Nos passos de Morin em Paris.  
**Fonte:** Fotografia do autor, 2015.

O diálogo proposto entre os autores transborda os limites traçados pelo desenho inicial, assume sua natureza proprioceptiva-conectiva-complexa, suspende os limites precisos das ideias, dos capítulos, procura tecer em conjunto com as múltiplas narrativas presentes na tese um pensamento coletivo, distanciado dos enfrentamentos, das hostilidades, das oposições próprias ao pensamento habituado a separar, a opor e a distinguir para explicar.

*O objetivo do diálogo não é analisar as coisas, ganhar discussões ou trocar opiniões. Seu propósito é suspender as opiniões e observá-las – ouvir o ponto de vista de todos, suspendê-los e a seguir perceber o que tudo isso significa. Se pudermos perceber o que significam todas nossas opiniões compartilharemos um conteúdo comum, mesmo se não concordarmos completamente. Pode resultar que os conteúdos não sejam muito importantes – pode se tratar apenas de pressupostos. Mas se pudermos examinar todos eles, seremos capazes de nos mover de maneira criativa em direções diferentes. Poderemos simplesmente compartilhar a apreciação dos resultados: e dessa totalidade a verdade emerge sem se anunciar, sem que a tenhamos escolhido. (BOHM: 2005, p.65).*

Dialogar permite que possamos penetrar no pensamento e transformá-lo. Como uma atividade específica do espírito, compete ao pensamento conceber ideias, formar conceitos, configurar/formatar/modelizar, bem como criar/inventar. Um pensamento criativo e inventivo é aquele aberto ao diálogo, diferentemente daquele que se exercita somente por meio de um sistema de conceitos, ideias e formatos já concebidos. Dialogar a debater, dialogizar as ideias a dialetizá-las; seguimos nesse fluxo. É da ordem das implicações o espírito-pensamento que anima essas páginas.

Os caminhos que faço em direção à uma Antropologia complexa, transdisciplinar e universalista, que nascem dos enraizamentos e implicações cosmo-físico-biopsíquico-antropossociais do homem na Grande Narrativa, exigem a suspensão das estruturas tácitas de conceitos e ideias, a dialogia sujeito↔objeto, a transgressão dos limites entre as fronteiras disciplinares, o emaranhamento da minha vida e das minhas ideias às dos autores com os quais dialogo na tese.

Foi Morin quem me ensinou que escrever não deve excluir o autor da sua narrativa, mas lançá-lo no calor dos acontecimentos, entrelaçar a sua própria vida à vida, falar de si. Serres é certo quando diz que *todos temos necessidade de uma narrativa para existir*; contamos-nos uns aos outros. Compomos juntos, enquanto humanidade, um mosaico de culturas, em convivência espiritual/carnal, física/biológica, narramos com



**Figura 6:** *Not enough brain to survive*, Thomas Lerooy.  
Escultura em bronze, 2009.  
**Fonte:** Fotografia do autor, 2015.



**Figura 7:** *Over and Over*, Thomas Lerooy.  
Escultura em bronze, 2009.  
**Fonte:** Fotografia do autor, 2015

todos os viventes a História Natural da vida e do universo. Seria arrogância minha querer ausentarme. Interromperia o diálogo o qual me propus realizar e não vejo como seria possível fazê-lo.

*Como sou parte daquilo que busco me faço presente nas tramas do texto. Para tanto, lanço mão de uma letra cursiva. Discorro sobre mim mesmo como parte de um holograma cósmico. Faço dessa narrativa uma Antropologia Fundamental.*

Montaigne disse que seus textos só falavam de si, e que seriam desinteressantes para o leitor. Não é verdade, suas indagações, seu ceticismo e sua crítica tratavam do mundo que habitava seu espírito. Ele, eu, você e todos os outros somos inúmeros possíveis, não nos contentaríamos em sermos apenas um. “*Não, eu não sou eu, como um ponto fixo, mas uma nuvem de próximos possíveis. Minha identidade fluente, temporal e diversa não tem nada a ver com a ontologia do ser nem com o princípio da identidade espacial..., mas sim com o possível*”.<sup>8</sup> Não pensem que só falo de mim. Dialogar é religar, compor e pensar juntos.

Novamente Montaigne me chamou à consciência. As esculturas de Thomas Lerooy com as quais me deparei no *Petit Palais* em Paris, me diziam em silêncio: “*J'aime mieux une tête bien faite qu'une tête bien pleine*”. É preferível ter uma cabeça bem-feita, aberta, conectiva que uma cabeça cheia de conceitos, modelos, métodos, padrões e concepções dogmáticos.

Sigo caminhando contra o vento...

<sup>8</sup> SERRES, Michel. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* [2001] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 249.

Edgar Morin e Michel Serres souberam desviar das autoestradas do conhecimento disciplinar que levavam às certezas do mundo, às verdades estabelecidas, às explicações estéreis. Bifurcaram. Romperam fronteiras disciplinares, contrabandearam conceitos, mestiçaram saberes. Produziram um conhecimento aberto e inacabado, inventaram pensando. A busca de uma Antropologia Fundamental que provocara e continua a provocar as inquietações dessa tese se baseia nos diálogos que entrelaçam vidas e ideias.

Percorrer os seus caminhos, dialogar com suas narrativas, ramificar novos horizontes é prosseguir com ambos nas vias de um saber antropológico que reintroduz o homem na natureza; que restaura sua animalidade; que o contextualiza no ecossistema-mundo; que assume sua ascendência cósmica-terrestre; que reconhece sua identidade una e múltipla, biocultural, arlequinada, planetária, hominescente; e que também contribui para ecologizar ideias e ações; que investe na recomposição ética do sujeito-humano responsável consigo, com a sociedade, com a biosfera. E como há muito já nos alertou Edgard Carvalho<sup>9</sup>, que sirva para desatar os nós teóricos-conceituais-ideológicos que sustentam o relativismo como verdade inquestionável, a alteridade como diferença intransponível, a identidade como exclusão irreconciliável e o antropocentrismo como visão de mundo.

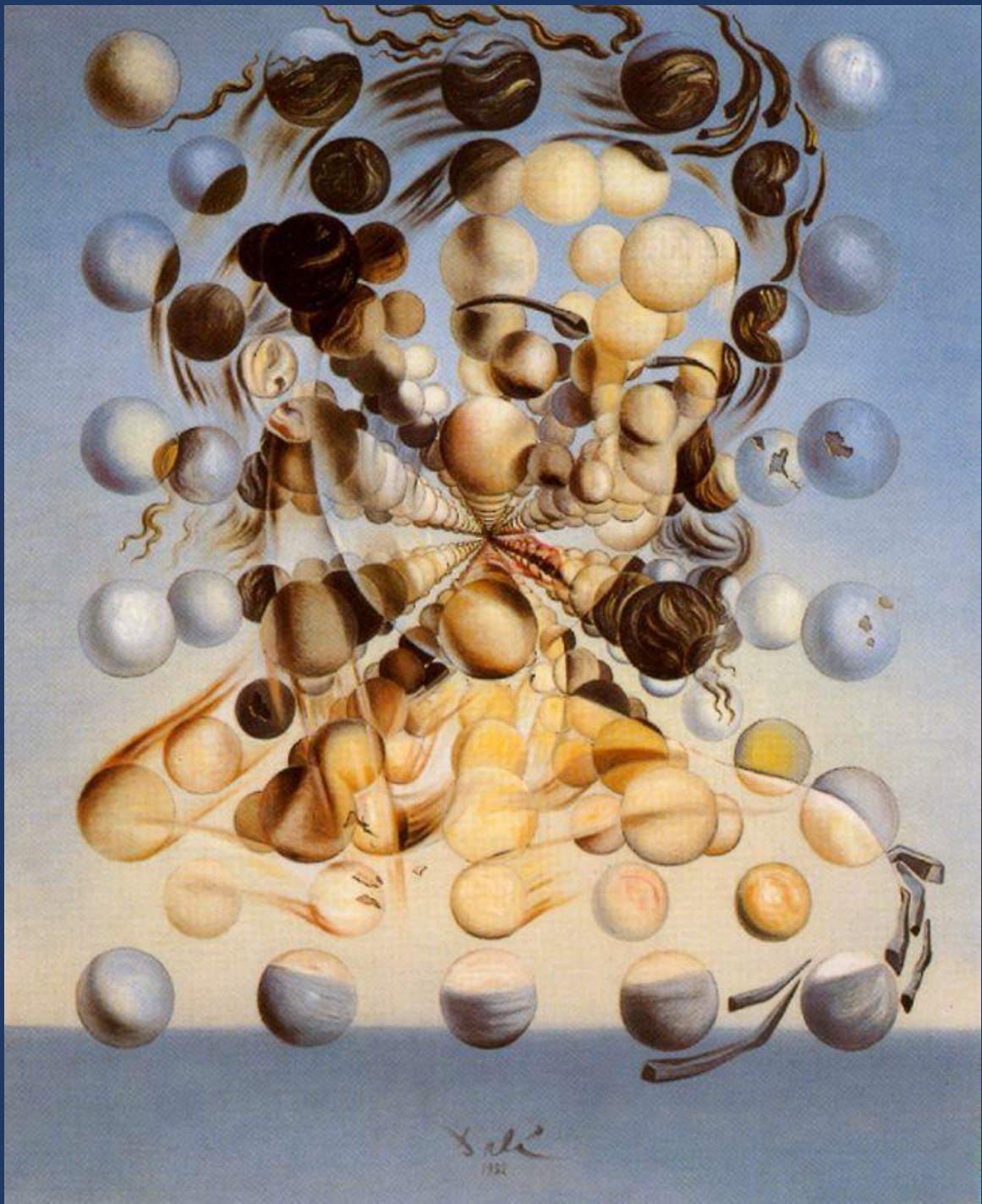
---

<sup>9</sup> CARVALHO, Edgard de Assis. **Para uma antropologia complexa, transdisciplinar e universalista**. In: *Ciências Sociais na atualidade: realidade e imaginários*. (Orgs.): Teresinha Bernardo, Paulo-Edgar Almeida Resende; prefácio: Teresinha Bernardo, Paulo-Edgar Almeida Resende. São Paulo: Paulus, 2007, p. 13-19.



## *Entrelaçamentos*







*Já que não se pode ser universal sabendo tudo que se pode saber sobre tudo, é preciso saber um pouco de tudo, porque é bem mais belo saber-se alguma coisa de tudo do que saber tudo de uma só coisa. Essa universalidade é a mais bela.*

(Blaise Pascal)

## ***A arte de pensar bem***

Que sei eu? Pergunto a mim mesmo sentado diante do computador ao iniciar a escrita da tese. Tomo a indagação de Montaigne como ponto de partida, sei que para me aproximar da sua essência devo pôr em suspensão aquilo que conheço e as verdades elaboradas pela razão e atentar para os princípios da dúvida, da crítica e da autocrítica que geram e regeneram o pensamento. Leitor de *Os ensaios*<sup>10</sup>, Morin escreveu em *Meus filósofos*<sup>11</sup> que a natureza cética e humanista do pensamento de Montaigne, ao questionar o mundo e a si mesmo, deságua na complexa condição humana e revela uma nova interrogação – Quem sou eu? Inspirado por ele me preparo para o exercício da reflexão.

Se refletir é definido pelos filósofos como o retorno do espírito sobre si mesmo pela linguagem, como a capacidade que a consciência tem de duplicar-se conservando-se uma ao pensar sobre o que pensa e sobre si mesma, consideramos então que todo espírito que reflete está inserido em um circuito retroativo produtor das consciências de si, do seu pensamento, do conhecimento, de sua própria consciência e das suas relações no e com o mundo. Interrogar aquilo que-eu-sei remete à questão quem-eu-sou enquanto indivíduo, membro da sociedade, inscrito biologicamente em uma espécie enraizada na vida, no planeta e no cosmos.

Deparo-me com o inescapável, a realidade da unidade múltipla do ser humano e sua complexidade antropológica enquanto indivíduo-sociedade-espécie. Os termos dessa trindade quando separados e isolados servem como rubricas validadoras de distintas áreas do conhecimento disciplinar, comumente produtoras de uma discursividade acadêmico-científica à serviço de um saber-poder tido como propriedade de pesquisadores expertos.

---

<sup>10</sup> Montaigne (1533-1592) escreveu os textos que compõem sua obra *Os ensaios* ao longo de anos. Seus escritos foram reunidos e originalmente publicados em três livros: Livros I e II em 1580, e o Livro III em 1588. Uma edição póstuma de 1595, organizada por Marie de Gournay, foi publicada após revisão e acréscimos de notas deixadas pelo autor. No Brasil a mais recente tradução/publicação dos três livros de *Os Ensaios* foi realizada a partir dessa edição póstuma, que desde 2007 integra a coleção *Pléiade* da editora francesa Gallimard: MONTAIGNE, Michel de, 1533-1592. *Os ensaios: uma seleção*. [s/d] (Org.): M. A. Screech; tradução: Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>11</sup> MORIN, Edgar. *Meus filósofos*. [2011] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2013b.

Como evitar estas alternativas da reflexão-mutilante própria do pensamento-conhecimento disjuntor? É uma questão de natureza epistemológica, o primeiro passo urgente a ser dado é substituímos a conjunção *ou* pela conjunção *e*, e ao invés de excluirmos por alternância, passaremos a incluir, a religar aquilo que aparentemente está separado, ao modo de um entrelaçamento quântico<sup>12</sup> que permite a duas ou mais partículas distantes e separadas no espaço-tempo se afetarem simultaneamente, se codeterminarem, se coorganizarem e coevolúem sem descartarem suas singularidades.

O quadro *Galatea de las esferas*<sup>13</sup> de Dalí, ilustração na abertura de *Entrelaçamentos*, é imagem símbolo desse emaranhamento complexo; é representativo do período místico-nuclear durante o qual o pintor passou a dar ênfase à mecânica quântica, teoria desenvolvida pelo físico alemão Werner Heisenberg, embrião das pesquisas dos fenômenos quânticos na Natureza, entre eles o entrelaçamento. A obra é musa inspiradora das ideias dessa tese, na qual se pretende ultrapassar as dualidades estanques que necrosam o pensamento, para integrá-las dialogicamente entrelaçando sujeito/objeto, vida/ideias, partes/todo, particular/universal, texto/contexto, global/local, natureza/cultura ao religar saberes.

Qualificaremos aqui como reflexão-pertinente aquela que não omite a dialogia vida↔ideias, a que reconhece ser ao mesmo tempo o sujeito-que-reflete o objeto-da-reflexão e a mais apropriada para o indivíduo que interroga a si mesmo, suas concepções, crenças, representações; que se abre para o mundo e confronta-se com a realidade do inconhecível, do insondável, do inconcebível; que toma consciência dos limites, das incertezas, do inacabamento próprios à ecologia do conhecimento, do pensamento e da ação; que se dedica ao exercício do bem-pensar ao opor-se à reflexão-mutilante do sujeito-cartesiano desenraizado biologicamente.

O que entendemos por bem-pensar se quisermos pensar bem? Pascal nos deixou como legado a exortação: “*Trabalhemos, pois, para pensar bem: eis aí o princípio da moral*”.<sup>14</sup> Contemporâneo de Descartes, ele não sujeitou seu pensamento aos princípios do racionalismo crescente que tomou de assalto espíritos e mentes na Europa do século XVII. Pascal<sup>15</sup> não depositou fé cega na capacidade da razão de tudo poder esclarecer,

---

<sup>12</sup> Entrelaçamento quântico, também denominado emaranhamento, é propriedade fundamental da Mecânica Quântica, área da Física que investiga o comportamento de átomos e moléculas – partículas e ondas – no mundo subatômico.

<sup>13</sup> **Figura 8:** *Galatea de las esferas*, de Salvador Dalí, 1952. Óleo sobre tela, 65 X 54 cm. **Acervo:** Teatro-Museo Dalí - Fundación Gala-Salvador Dalí, Figueres, Espanha. **Fonte:** <https://www.salvador-dali.org/obra/coleccion/131/galatea-de-las-esferas> - Ilustração inicial de *Entrelaçamentos*, p. 25.

<sup>14</sup> PASCAL, Blaise, 1623-1662. *Pensamentos*, [s/d]. Edição, apresentação e notas: Louis Lafuma; tradução: Mário Laranjeira; revisão técnica: Franklin Leopoldo e Silva; revisão da tradução: Márcia Valéria Martínez de Aguiar; introdução da edição brasileira: Franklin Leopoldo e Silva. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 86.

<sup>15</sup> Considerações de Franklin Leopoldo e Silva, autor da *Introdução* da edição brasileira de *Pensamentos* de Blaise Pascal.

distinguir e conhecer com exatidão, tampouco contribuiu para o desenvolvimento de uma filosofia empenhada em elaborar um conhecimento sobre o homem livrando-se das contradições e ambivalências intrínsecas ao mesmo. Prevaleceu nele a sabedoria de que o conhecimento se depara sempre com o incerto, com o inacabado, com o insondável que o racionalismo cartesiano almejava eliminar.

As reflexões de Pascal desvelam a discordância que ele nutria em relação às certezas cultivadas por um saber míope que consegue ver somente o fragmento, a parte, o corpúsculo insularizado e não enxerga o todo, despreza o contexto, ignora o desconhecido que existe diante de uma elucidação mutiladora. Tomar consciência dos limites do conhecimento, enfrentar o erro e a ilusão são princípios morais do pensar bem.

Edgar Morin elegeu Pascal como um dos seus filósofos inspiradores. Seus pensamentos, escreveu ele<sup>16</sup>, são guiados pelos princípios de fé, dúvida, racionalidade e religiosidade, que mesmo sendo antagônicos e concorrentes entre si não deixam de ser complementares. Considerou-o um adepto da razão aberta que o afastou dos imperativos de disjunção e simplificação do racionalismo cartesiano devido a formulações tais como “...tenho como impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, bem como conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes”<sup>17</sup>. Pascal em seus escritos não ignorou a complexidade humana – “Tudo é uno, tudo é diverso. Quantas naturezas na do homem! Quantas errâncias!”<sup>18</sup> Considerava o homem um “caniço pensante” que conhece a verdade não somente pela razão, mas também pelo coração – “instinto e razão, marcas de duas naturezas”.<sup>19</sup> Paradoxalmente o ser humano parece se revelar para ele ser ao mesmo tempo natureza e cultura, animalidade e humanidade,



**Figura 9:** Blaise Pascal, autor Augustin Pajou, escultura em mármore, 1785.  
**Acervo:** Musée du Louvre, Paris, França.  
**Fonte:** Fotografia do autor, 2015.

*O mundo julga bem as coisas, pois está na ignorância natural que é a verdadeira sede do homem. As ciências têm duas extremidades que se tocam: a primeira é a pura ignorância natural em que se encontram todos os homens ao nascer; a outra extremidade é aquela a que chegam as grandes almas que, tendo percorrido tudo aquilo que os homens podem saber, acham que nada sabem e se encontram naquela mesma ignorância natural de que partiram, mas é uma ignorância sábia que se conhece. Aqueles dentre os dois que saíram da ignorância natural e não conseguiram chegar à outra, têm alguma tintura daquela ciência arrogante, e se fazem de entendidos. Esses perturbam o mundo e julgam mal a respeito de tudo. (PASCAL: 2005, p. 29-30).*

<sup>16</sup> MORIN, Edgar. *Meus filósofos*. [2011], op. cit., 2013b.

<sup>17</sup> PASCAL, Blaise, 1623-1662. *Pensamentos*. [s/d], op. cit., 2005, p. 84.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 39.

um *sapiens demens* por excelência. Essas contradições irreduzíveis, a dialogia recursiva entre opostos complementares, a relação hologramática entre as partes e o todo, a necessidade de religar aquilo que foi separado, eis aí princípios morais, éticos se quisermos, e complexos de um pensamento. São esses os fundamentos do pensar bem.

Retornemos aqui ao problema-chave gerado pelo pensamento cartesiano: a reflexão-mutilante que deu origem ao sujeito desenraizado biologicamente o expulsou do mundo físico-biológico e condicionou sua existência à abstração. Morin tratou exaustivamente dessa questão em *O Método 2*<sup>20</sup> ao abordar a separação entre *res cogitans* e *res extensa* realizada por Descartes, que deu vida a um sujeito metafísico, a uma consciência sem corpo, a um ser humano que pensa e observa o mundo como objeto totalmente separado dele.

Esse paradigma que separa o sujeito-que-conhece do objeto-do-conhecimento também promoveu as separações entre natureza e cultura, animalidade e humanidade, ciências e humanidades; difundiu-se com a ocidentalização do sistema-mundo e impregnou no espírito do homem contemporâneo uma cosmovisão dualista que submete nosso sistema inteligência↔pensamento↔consciência a operar-conhecer por meio dos princípios simplificadores de disjunção e redução. É uma via que interrompe a dialogia vida↔ideias.

O agente da reflexão-pertinente deve saber que a existência do ser-sujeito não pode ser atribuída unicamente à sua faculdade de pensar; ao contrário disso, ela é antes de tudo biológica, ela reside na natureza computante das operações cognitivas de todo ser vivo, na capacidade que todo indivíduo tem de se auto-eco-organizar por ser ao mesmo tempo endo-exorreferente. O indivíduo-sujeito-humano que tem consciência de si e pode refletir sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre si mesmo no mundo emerge da vida, do vivo do sujeito.

Busco a reflexão-pertinente, a que religa o sujeito-que-conhece ↔ ao objeto-do-conhecimento e os insere em um circuito auto-eco-produtor/organizador. Em outras palavras, sujeito e objeto não devem ser submetidos ao princípio da causalidade linear disjuntiva, à fórmula causa→efeito na qual o sujeito examina o objeto e extrai daí um conhecimento. Longe disso, eles se coproduzem, retroagem um sobre o outro por obedecerem ao princípio da causalidade circular, estão abertos ao meio em um contexto amplamente influenciado por acasos, indeterminações, aleatoriedades, e não somente

---

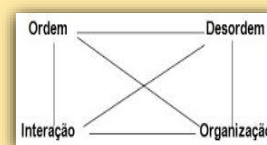
<sup>20</sup> MORIN, Edgar. *O método 2: a vida da vida*. [1980] Tradução: Maria Gabriela de Bragança. 2. ed. Portugal: Publicações Europa-América, s/d.a.

regido por leis, normas e imperativos. Sujeito↔objeto se afetam, se criam, se influenciam, se consomem, se reinventam, inseridos em uma complexidade organizacional produtora de ordem, desordem, interações, (re)organização.

O tetragrama organizacional<sup>21</sup> nos permite compreender que as organizações físicas e vivas, de átomos às sociedades humanas, passando por estrelas e galáxias, ideias e mitos, somente são concebíveis quando integradas nesse circuito retroativo. Fora desse jogo↔rito das interações a desordem total não permitiria a existência das organizações e sistemas, nem a ordem total permitiria que os mesmos pudessem se modificar, se transformar, evoluir. É necessária a desordem organizadora de novas ordenações. Acontecimentos, invenções, emergências são produzidas e bifurcam desses encontros. Uma organização existe e vive no fluxo de sua própria desorganização para poder se reorganizar e ampliar sua complexidade; sem isso estaria fadada à aniquilação e ao desaparecimento.

Aquilo que as metodologias clássicas de pesquisa denominaram objeto de investigação é entendido aqui como produto do sujeito que o concebe ao mesmo tempo em que esse é concebido por ele. Não desejo me esconder em um texto impessoal, guiado por uma racionalidade fria, por uma objetividade positiva que aniquila o indivíduo-sujeito-narrador, mesmo porque seria um erro e uma ilusão próprios a uma razão cega. Os fios que tramam essa narrativa textual estão impregnados com a história pessoal e sentido de vida, é nesse contexto que a dialogia vida↔ideias emerge imprescindivelmente na tese, sem que isso a reduza a uma autobiografia. Aposto na essencialidade dessa narrativa pessoal que Critelli asseverou ser a “*interpretação de nosso ser que captura compreensivamente a história que nossa vida*

## Tetragrama organizacional



**Figura 10:** Tetragrama organizacional.  
**Fonte:** MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 2005a, p.204.

*Esse tetragrama é necessário para conceber as morfogêneses, porque foi nas turbulências e na diáspora que se constituíram as partículas, os núcleos e os astros; foi na forja furiosa das estrelas que se constituíram os átomos; e a origem da vida são redemoinhos, turbilhões e relâmpagos. São, portanto, as morfogêneses, mas também as transformações, as complexificações, os desenvolvimentos, as degradações, as destruições, as decadências que o tetragrama nos permite conceber. Mas esse tetragrama não é o número sagrado; não é o J.H.V.H. bíblico, não nos dá a chave do universo, não é o seu senhor, não comanda; é simplesmente uma fórmula paradigmática que nos permite conceber o jogo de formações e transformações, bem como não esquecer a complexidade do universo. Essa fórmula, longe de ser a chave do universo, permite-nos dialogar com o mistério que o envolve, porque, hoje, a ordem deixou de iluminar todas as coisas tornando-se um problema. (MORIN: 2005a, p.204).*

<sup>21</sup> MORIN, Edgar. *O método 1: a natureza da natureza*. [1977] Tradução: Ilana Heineberg. 2ªed. Porto Alegre: Sulina, 2008a.

*realiza. (...). É a narrativa que descortina os fios de sentido que nos conduziram e motivaram e não os havíamos percebido”.*<sup>22</sup>

Eclodo nas tramas do texto como parte de um holograma. Religar sujeito↔objeto, vida↔ideias, é atitude ética primordial à tomada de consciência de si e de suas ações em relação às questões relativas ao outro, a sociedade, a humanidade, a biosfera. Edgard Carvalho<sup>23</sup> sempre reitera em suas aulas e artigos que enquanto imperar nos meios acadêmicos a separação de duas culturas, a das humanidades e a científica, o pensamento disciplinar continuará a impedir a religação dos saberes, sujeito e objeto se manterão estranhos um ao outro, a ética continuará reduzida à regulação da ciência nas suas relações entre poder e sociedade, não teremos como decifrar o enigma do homem – compreender sua realidade cosmo-físico-biopsíquica-antropossocial, e o projeto de uma Antropologia Fundamental que englobe uma política do homem e de civilização, permanecerá inviável. Não é esse nosso propósito.

### ***Em busca de uma Antropologia Fundamental***

Retomo a dupla questão: Que sei eu? ↔ Quem sou eu? Mergulho em mim mesmo, busco rememorar os acontecimentos que acredito terem sido produtores de desordens que afetaram o meu sistema tácito de conceitos e ideias e fizeram aflorar diferentes compreensões, novas inquietações, outros pensamentos e ações. Procuro nesses pontos de dissipação tomar consciência das bifurcações pelas quais segui, das ramificações originadas, das possíveis metamorfoses.

*Que sei eu sobre a origem da humanidade? Perguntei certa vez a mim mesmo. Lembro-me que foi na transição para a adolescência, no início dos anos de 1980, que essa questão se colocou de forma imperativa na minha vida. Até aquele momento eu ainda não havia incursionado pelo mundo da Filosofia, tampouco sabia da existência da Paleontologia Humana, da Antropologia e de ciências afins que se dedicavam ao estudo do homem. Dentre os conhecimentos que compunham meu repertório naquela idade o religioso tinha grande importância. Para entender como ele gravou-se em mim é preciso retornar um pouco mais no tempo.*

---

<sup>22</sup> CRITELLI, Dulce Mara. *História pessoal e sentido de vida: historiobiografia*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013, p. 39.

<sup>23</sup> CARVALHO, Edgard de Assis. **Ética complexa e conhecimento científico**. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Cultura e Pensamento Complexo*. Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho. Natal: EDUFERN – Editora da UFRN, 2009, p. 125-133.

*Quando criança, ainda nos anos de 1970, eu morava em Itapuí, uma pequena cidade do interior de São Paulo, e adorava os dias que antecediam os feriados religiosos, quando aguardava eufórico a exibição dos filminhos de histórias bíblicas na Igreja Matriz. Ano após ano as projeções se repetiam, do mito de origem às sagas dos heróis. As imagens que saltavam da tela irrigavam meu imaginário e compunham com os livros de catecismo a Grande Narrativa da Origem da Humanidade, o que se enraizou no meu espírito como verdade. Com o passar do tempo fui aos poucos absorvendo novas ideias que só faziam aumentar minhas dúvidas sobre as coisas. Ao mesmo tempo que era marcante a presença na minha consciência da narrativa bíblica, especialmente sobre a origem do mundo e do homem, sentia que faltava algo nela.*

*As peças não se encaixavam mais, não conseguia encontrar uma resposta razoável sobre como teria sido possível a humanidade ter se originado de apenas um único casal expulso do Paraíso. De onde teriam surgido as esposas que se casaram com os filhos de Adão e Eva? Seriam elas filhas dos mesmos pais dos seus cônjuges? Não seria pecado a violação do tabu do incesto? Como responder a isso? Ou ainda, como lidar com a história da evolução do homem que eu começava a tomar ciência? Afinal, teria o homem sido criado à imagem e semelhança de Deus ou teria evoluído do macaco? Sim, do macaco, era dessa forma viesada que eu ouvia falar desse assunto à época. Nada sabia sobre nossos ancestrais, menos ainda da existência remota de outros hominídeos e das muitas bifurcações que marcaram a evolução. Conhecia-os pelo termo genérico homem das cavernas e cria pertencerem a uma única espécie. Curto-circuito: como ligar a criação de Adão e Eva à evolução do homem?*

*As verdades sedimentadas eram confrontadas com as novas que conturbavam minha mente. Do encontro delas emergiu uma enorme contradição. Em que deveria eu acreditar quando o assunto era a origem da humanidade? Nas narrativas mitológicas ou históricas? Nas verdades religiosas ou científicas? O conhecimento que trazia comigo da infância era insuficiente para responder a tamanhas indagações. Quem poderia me ajudar com isso? Já desconfiando daquilo que acreditava, tomei coragem e parti para inquirir o padre. No confessionário expus minhas dúvidas com uma rajada de questões, imaginava que seriam respondidas. Não foi isso que aconteceu, o padre disse que eu era muito novo, propriamente uma criança para preocupar-me com assuntos dessa natureza, e sem mais me passou uma série de orações e encerrou o assunto. Contrariado passei a crer que as narrativas bíblicas concernentes à origem do mundo e da humanidade não passavam de lendas, e logo tornaram-se suspeitas e desinteressantes.*

*À época eu ainda não conhecia determinadas ideias de alguns evolucionistas que afirmaram serem as crenças em narrativas míticas irracionalidades das sociedades ditas primitivas, sobrevivências de estágios arcaicos da cultura difundidas pelas religiões nas civilizações contemporâneas. Para alguém que buscava eliminar uma contradição interna à consciência, essa ideia teria respondido em parte às minhas dúvidas. O grande paradigma do Ocidente que possuiu os evolucionistas possuía a mim também.*

*Sem saber substituía um dogma por outro, o que importava naquele momento era submeter a realidade a um sistema explicativo lógico e coerente para extrair desse formato a verdade efetiva das coisas. Saído do confessionário com a convicção de que havíamos mesmo evoluído do macaco. Eu era só ciência, uma eclosão de novas certezas tomou de assalto o meu espírito. Não demorou muito para que eu parasse de ir à igreja, a rebeldia da adolescência aflorava em mim.*

Se à época eu tivesse me deparado com a indagação de Montaigne é bem provável que a tivesse entendido de forma enviesada: aqueles que desejam obter um conhecimento coerente e objetivo devem eliminar as incertezas e responder as dúvidas que impedem a razão de decifrar o real. Na contramão do ceticismo do seu pensamento a pergunta-chave – Que sei eu? – assumiria a função deflagradora de certezas, e não o seu contrário. Não seria espantoso seguir nesse caminho, estaria tão somente ajustado à lógica do formato-conhecer do dispositivo cartesiano.

O termo dispositivo aqui reveste-se com a amplitude dada a ele por Agamben “*é qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos*”.<sup>24</sup> Segundo ele, devemos ter ciência que o processo de subjetivação determinante do sujeito e de seu *modus operandi* revelam os dispositivos pelos quais os sujeitos foram modelados e que instrumentalizam sua visão de mundo. Capturado e formatado, eu estava sujeitado à certeza inequívoca que a razão poderia tudo elucidar.

Em *Ramos*<sup>25</sup>, Serres denominou formato toda medida uniformizadora, moduladora, normalizadora, repetidora, padronizadora presente tanto na cultura como na natureza. Formato implica formação, programa, disciplina. Produzimos com ideias e ações uma formatação geral da sociedade por meio de saberes especializados, normas e técnicas próprias ao desenvolvimento da ciência. Leis gerais, métricas, imperativos, esquemas, tabelas, teoremas em princípio nasceram de acontecimentos, inovaram. Depois viraram ordem e repetição, assumiram a figura de um formato-pai disciplinador e governador das pesquisas científicas por meio de sistemas teóricos, métodos e técnicas de investigação que visam validar como verdadeiras suas hipóteses a fim de alcançarem conclusões adequadas aos objetivos propostos. Fazem uso dos princípios disjuntivos-

---

<sup>24</sup> AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** [2006]. In: \_\_\_\_\_. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 40.

<sup>25</sup> SERRES, Michel. *Ramos*. [2004] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008a.

redutores da lógica clássica de identidade, não-contradição e terceiro-excluído<sup>26</sup>; evitam as ambivalências. Buscam se livrar do inesperado e das incertezas do conhecimento.

O objetivo aqui não é desfazer dos avanços da ciência e da técnica que nos últimos séculos guiaram-se por meio desse dispositivo, isso não significa que iremos negligenciar o debate ético acerca da produção científica e de suas finalidades, mas antes queremos atentar para a contradição que acompanha o formato-pai: ao expulsar as antinomias do pensamento evita-se o acontecimento, a inovação, a invenção. Aqueles que desejam inventar devem se livrar do formato-pai? Podemos destroná-lo? Devemos nos revoltar contra o seu rigor disciplinar? O paradoxo está na ordem do dia: “*As grandes obras conjugam formato e invenção, disciplina de ferro e liberdade: pai e filho*”.<sup>27</sup> A esperança reside nos ramos que brotam e brotarão do caule formatado, compreendamos tal complexidade: conservar-revolucionar. A aposta é na metamorfose.

O que toca fundo em meu espírito e provoca essa reflexão? Como já sinalizei é o homem, sua natureza e suas relações no mundo e com o mundo. Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? São velhas questões, e ao recolocá-las podemos ser conduzidos a ontologias abstratas do ser humano, a ideias acabadas de homem, a narrativas humanistas antropocêntricas, a explicações reducionistas formuladas pelo saber científico disciplinar. O projeto iluminista de um homem racional, dominador da natureza, promotor de um desenvolvimento social impulsionado pelo progresso da tecnociência já se esgotou, mas essa ideia ainda habita a noosfera<sup>28</sup> e continua a colonizar espíritos, a cultivar imaginários, a prometer futuros irrealizáveis.

Esse *Homo* estritamente *sapiens-faber-economicus*, um mutilado, fabricou a grande ilusão do Ocidente: a ideia de que o progresso é emancipador/libertador da humanidade. Mas quem não se permitiu sonhar com isso? Quem não o desejou? Na esteira do Iluminismo e do Humanismo surgiram ideais românticos e revolucionários que estimularam ações concretas em defesa da liberdade, da igualdade e da fraternidade; dos direitos civis, políticos, sociais e humanos; das ideologias políticas salvacionistas e redentoras do homem. Desejavam o melhor dos mundos. Como não apostar nisso?

---

<sup>26</sup> A lógica clássica contém três proposições: o **princípio de identidade** -  $A$  somente pode ser igual a  $A$ ; o **princípio da não-contradição** -  $A$  não pode ser  $A$  e não ser  $A$  ao mesmo tempo; e o **princípio do terceiro excluído** -  $A$  é verdadeiro ou a negação de  $A$  é verdadeira.

<sup>27</sup> SERRES, Michel. *Ramos*. [2004] op. cit., 2008a, p. 23.

<sup>28</sup> Teilhard de Chardin, na década de 1920, designou como noosfera o *habitat* dos deuses, dos mitos e das ideias. Edgar Morin, em *O Método 4*, utilizará esse conceito para argumentar que a noosfera se constitui em dialogia com a sociosfera. – o mundo das sociedades/culturas humanas. Somos formados pelas ideias que formamos, nós alimentamos a noosfera com mitos, crenças e conhecimentos, que retroagem sobre nosso espírito-cérebro alimentando nossas ideias e ações no mundo.

O fato é que essas ideias e ações são ambivalentes, a ciência que imuniza com uma vacina e garante a milhões uma vida saudável e longa é a mesma que produz artefatos atômicos de destruição em massa; as ideologias revolucionárias que libertam as sociedades dos antigos regimes de exploração e opressão, também aprisionam, torturam, matam. Por que afirmamos que essa grande ilusão ainda vigora? Porque é a mesma cosmovisão que continua a alimentar o quadrimotor ciência-técnica-economia-lucro e a impulsionar o sistema-mundo rumo ao insustentável.

Fabricamos o Antropoceno, uma nova era geológica produzida pela ação poluidora irreversível do homem, sob a qual rochas e minerais artificiais resultantes de dejetos industriais formam depósitos antropogênicos.<sup>29</sup> Cientistas já denominam informalmente de tecnofósseis esses resíduos artificiais, visto que permanecerão por milhares de anos como vestígios de uma era. Como escapar dessa ilusão racionalista-desenvolvimentista na qual o homem tem como finalidade a si mesmo? Linearidade e relação de causa→efeito são intoxicações mortais para uma reflexão-pertinente.

*Que sabia eu sobre quem somos, de onde viemos e para onde vamos? Foi na época entre os antigos Ginásio e Colegial, na década de 1980, que paulatinamente fui acumulando respostas para essas questões. Fiei-me nas explicações vulgarizadas pelos livros didáticos que tratavam do assunto. Mesmo insuficiente, o conteúdo escolar lançou luzes na escuridão, fecundou novos conhecimentos, aguçou minha vontade de saber. Aos poucos construía, como peças de um quebra-cabeça, um homem que trazia consigo a marca do paradigma iluminista, um ser consciente, que domesticara seus instintos e a natureza à sua volta por meio da cultura, um ser que dominara seus afetos utilizando-se da razão, que existia como tal por ser pensante e que por isso era superior a todos os outros animais. O bordão “penso logo existo” contribuiu para elucidar a nomenclatura *Homo sapiens sapiens*, embasava minha certeza inequívoca que havíamos evoluído graças a seleção natural, que eu não sabia explicar direito o que era, mas que podíamos comprová-la com os vestígios fósseis de nossos ancestrais.*

*Ninguém sabia explicar ao certo o que haviam dito Lamarck e Darwin sobre o assunto. Nossos professores formados em tempos sombrios careciam, como nós, de informação e conhecimento adequados para lidar com o problema. Limitavam-se a demonstrar as diferenças entre as duas teorias, geralmente tratavam desse assunto referindo-se à evolução da natureza, lia-se animais, plantas e afins, como se o homem não fizesse parte dela.*

*Minha insistência na sala de aula em perguntar sobre a evolução do homem provocava rumores, o controle social imposto por uma moral religiosa era exercido nesses instantes em sua máxima potência,*

---

<sup>29</sup> Termo utilizado para designar depósitos de matérias produzidos pela ação poluidora do homem no planeta.

*alguns colegas de turma me inquiriam de forma desafiadora: você não acredita em Deus? Por parte dos professores recebia respostas evasivas, generalistas para meu gosto, logo eu, um adicto em certezas absolutas. Conscientemente ou inconscientemente o discurso científico estava maculado pela fé religiosa. Nebulosamente consolidei uma compreensão sobre o processo evolutivo do homem, mesmo não estando tão compreendida para mim ele havia se dado de forma linear e por etapas sucessivas. Somente mais tarde eu viria compreender quão equivocadas eram minhas interpretações sobre quem somos e de onde viemos.*

*Saber para onde vamos se apresentava como a resposta-problema dessa tripla-indagação. Tais respostas eram alimentadas pelo espírito prometeico da ideia de progresso e desenvolvimento, que está no DNA do pensamento racionalista. Elas ensejavam a ideia de um futuro projetado, que se moldava ao sabor das ideologias governantes das consciências. Um ponto, ao menos, parecia comum a todas, a supremacia da ciência e da técnica para o bem-estar da humanidade. Aqueles que nutriam seu espírito com tais respostas talvez acreditassem cultivar utopias, ignorando que poderiam colher distopias, mas essa reflexão eu não era capaz de fazer à época. Eu era, e acredito ser até hoje, muito mais romântico que racionalista, alimentava crença cega no desenvolvimento, mas meu olhar para o futuro almejava uma sociedade com mais liberdade, igualdade e fraternidade.*

*Me aproximei de uma só vez dos ideários socialista, comunista e anarquista, que chegaram até mim pelos livrinhos de bolso da coleção Primeiros Passos da editora Brasiliense. Naquele momento também foi fundamental para a minha formação sócio-histórica e política outra coleção da mesma editora, a Tudo é História. Lia sobre revoluções, transições dos modos de produção, formas de exploração, resistências, revoltas, mudanças. Mesmo sem poder compreender um sem números de conceitos, ideias e processos, eles passaram a habitar minha noosfera particular.*

*Vivíamos um período de abertura democrática, as disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Psicologia entravam na grade escolar e aos poucos substituíam as velhas aulas de Estudos Sociais, OSPB e Educação Moral e Cívica. Foi nesse período que passei a nutrir grande empatia pela luta dos trabalhadores, pelos movimentos sociais, pelo movimento ecológico como Greenpeace e S.O.S. Mata Atlântica, e pelos partidos de esquerda criados após a Lei da Anistia, em especial o Partido dos Trabalhadores - PT e o Partido Verde - PV. Amava greves, passeatas, manifestações, não importava qual fosse a categoria, contanto que para os meus olhos parecessem querer mudar o sistema.*

*Acredito ter sido a mensagem de amor cristã, que na infância havia tocado meu coração, somada aos ideais políticos utópicos da juventude que me lançaram na defesa dos oprimidos e explorados do mundo. Vesti meu espírito com as cores dos ideais iluministas-humanistas-românticos-revolucionários. As canções da MPB e das bandas de rock nacional nascentes compunham a trilha sonora da minha atuação nesse teatro-mundo real e imaginado. Irrigava o solo do presente com*

narrativas estéticas e políticas de um passado recente que eu mesmo não havia presenciado. Daí brotaram novas ideias para compor minha cosmovisão.

Foi na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, na aula de Antropologia, que ouvi falar pela primeira vez que o *Homo sapiens sapiens* era demasiadamente sapiens, que o enigma do homem<sup>30</sup> não se explicava pela presença da razão que o definia como um animal superior destinado a explorar e dominar o mundo natural, tampouco pelo atributo da cultura que se acreditava ser uma característica exclusivamente humana. A professora Lucia Helena, a quem chamávamos de Lú, dizia que precisávamos prestar mais atenção no que diziam as sepulturas neanderthalensis, pinturas do sapiens da pré-história, elas continham a chave para a compreensão do desabrochar da consciência da morte, da emergência do duplo, da irrupção do mito e da magia, acontecimentos ímpares que conjuntamente contribuíram na tessitura de um ser constituído por um espírito-cérebro marcado pela erupção da imaginação, dos sonhos, dos devaneios, das alucinações, das assombrações, da loucura. Mais que ordem, acertos e certezas, seriam os erros, as ilusões e as desordens psicoafetivas – paixão, êxtase, embriaguez, desmesura, furor, frenesi, – características demasiadamente humanas. Aprendia que a existência do homem era prosaico-poética, que esse inegável ser de razão era sobretudo um animal dotado de desrazão, um sapiens-demens.

Um sentimento de maravilhamento tomou conta de mim, me sentia como Miguelim, de Guimarães Rosa, que após colocar os óculos pela primeira vez se deslumbrava com a beleza do Mutum. Eu era apenas um garoto de dezessete anos que acabara de ingressar no curso de Ciências Sociais com o sonho de mudar o mundo, mal sabia que quem estava sendo mudado para sempre era eu. Ao mesmo tempo que as aulas de Filosofia, História, Política e Sociologia ampliavam e renovavam meus ideais, nas aulas de Antropologia, uma força entrópica passou a produzir silenciosamente uma metamorfose nas dogmáticas estruturas do meu sistema lógico de pensar. Era o ano de 1989, uma década chegava ao fim, inexoravelmente meu pensamento, mesmo que lentamente, começava a se desorganizar para que pudesse se reorganizar. Inconscientemente reverberava em mim a frase de Caetano Veloso, “...tivemos coragem de entrar em todas as estruturas e sair de todas. E vocês?”<sup>31</sup>

Por mais que hoje detenhamos um amplo conhecimento sobre o ser humano originado de distintas áreas do saber, esse conjunto de narrativas e explicações ainda permanece sob a égide da separação disciplinar, bem como da separação entre os conhecimentos ditos científicos e os das humanidades. A origem dessa problemática

---

<sup>30</sup> Refiro-me aqui ao primeiro livro de Edgar Morin com o qual tive contato que disparou um processo de reorganização da minha cosmovisão: MORIN, Edgar. *O enigma do homem*. [1973] Tradução: Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

<sup>31</sup> Excerto do protesto de Caetano Veloso durante a apresentação da música *É proibido proibir* durante no III Festival da Canção em 1968 no TUCA-SP. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/identifisignificados/e-proibido-proibir/discurso-de-caetano>

remonta ao século XVII, quando o estatuto da *Royal Society*<sup>32</sup> foi tomado como marco divisor entre esses dois campos, o das Ciências e o das Humanidades, por ter firmado ser seu objetivo estudar as coisas naturais, as artes úteis e as práticas mecânicas por meio da experimentação. A esse saber denominou-se *Scientia* e excluiu-se do seu campo de interesse tudo que dissesse respeito à Teologia, à Metafísica, à Política, à Filosofia, em suma, a todo o conhecimento não relacionado aos fenômenos naturais.<sup>33</sup> O termo Ciência logo passou a ser associado primordialmente ao campo de estudo da Natureza.

Muito mais tarde, no século XX, Charles P. Snow<sup>34</sup> viria a tratar do problema causado pela cisão do conhecimento entre as duas culturas, a científica e a das humanidades. Ciente do empobrecimento intelectual e cultural provocado por essa dualização, crítico dessa oposição binária, ele se utilizou dela como recurso interpretativo e explicativo do prejuízo por ela causado na cultura da sociedade contemporânea.

Para Snow o distanciamento progressivo entre as duas áreas provocara um depauperamento do entendimento e da compreensão da realidade entre os homens de saber, cientistas e não-cientistas, tornando-os ignorantes em cultura científica ou, o seu contrário, em cultura humanística. Sabemos que no interior das duas culturas há conhecimentos específicos que nos têm ensinado sobre quem somos, sobre nossa origem, natureza biológica, vida psíquica e social; mas também temos consciência que a fragmentação disciplinar e a oposição entre cultura científica e cultura das humanidades impedem que esses estudos contribuam para um conhecimento complexo do ser humano.

Há muito se discute sobre a crise dos paradigmas; filósofos, cientistas, literatos e livres-pensadores zelosos do saber alertam sobre o estado comatoso que se encontra o conhecimento em decorrência da fragmentação e da hiperespecialização estimuladas pela própria universidade e pelos agentes estatais de educação e fomento à pesquisa. A propalada crise não diz respeito apenas às possíveis revoluções das estruturas teórico-conceituais da ciência clássica submetida às leis gerais determinísticas, para as quais todo conhecimento objetivo deve perseguir a estabilidade e a previsibilidade dos fenômenos. Ela é, sobretudo, uma via para o reencantamento do mundo<sup>35</sup>, para a emergência de um

---

<sup>32</sup> *The Royal Society* foi fundada em 1660 com objetivo de promover o conhecimento científico. A partir de 1663 ficou conhecida como *The Royal Society of London for Improving Natural Knowledge* – A Real Sociedade de Londres para Melhoramento do Conhecimento Natural.

<sup>33</sup>O relatório *Para Abrir as Ciências Sociais* faz referência, na página 15, às finalidades da *Royal Society* fixadas por Thomas Hooke no estatuto por ele elaborado em 1663. Sobre a referência bibliográfica do referido relatório ver nota 29.

<sup>34</sup> Cientista e romancista inglês realizou em 1959 na Universidade de Cambridge uma famosa conferência intitulada “As duas culturas” que resultou em uma publicação. No Brasil o livro foi lançado pela Edusp: SNOW, Charles P. *As duas culturas e uma segunda leitura: uma versão ampliada das duas culturas e a revolução científica*. [1959] Tradução: Geraldo Gerson de Souza, Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

<sup>35</sup> PRIGOGINE, Ilya. *A nova aliança: metamorfose da ciência*, por Ilya Prigogine e Isabelle Stengers. [1984] Tradução: Miguel Faria, Maria Joaquina Machado Trincheira. 3ª ed. Brasília: UNB, 1997.

pensamento complexo; é uma abertura à criação, à invenção e ao acontecimento propriamente dito que podem eclodir das fissuras provocadas nas rígidas estruturas.

Aposta-se que das dissipações dos limites impostos pelo saber paradigmático surjam caminhos transdisciplinares para o fazer e o conhecer. Desordem reorganizadora, fim das certezas, liberação dos conceitos são acontecimentos que nascem da crise e podem metamorfosear não só a ciência, mas o pensar. Trata-se de firmar uma nova aliança entre os homens, as ideias, a sociedade-mundo e a natureza que os envolve.

Nas Ciências Sociais, especificamente, a situação não poderia ser diferente. As respostas dadas à tripla-questão, por mais elucidativas que pareçam ser, estão assentadas na mesma base epistemológica do pensamento de tradição ocidental que impede a religação dos saberes. Basta vermos que a própria Antropologia e os antropólogos continuam a reproduzir a dicotomia natureza e cultura, o relativismo, a ideia de cultura como fábrica da ordem e a proteger as fronteiras do campo disciplinar utilizando-se dos escudos conceituais identidade, alteridade e diferença.

A Comissão Gulbenkian para Reestruturação das Ciências Sociais<sup>36</sup> publicou há duas décadas um estudo sobre a situação das disciplinas pertencentes à área. O relatório intitulado *Para abrir as Ciências Sociais*<sup>37</sup>, após discorrer sobre o contexto de formação, desenvolvimento e conseqüente processo de desmembramento e disciplinarização da mesma apontou para a urgente necessidade de superação da fragmentação, que muito contribuiu e continua a contribuir para que os conhecimentos produzidos muitas vezes permaneçam incomunicáveis, incongruentes e irreconciliáveis por razões de natureza epistemológica simplificadora; por motivos teórico-metodológicos disciplinares; ou simplesmente em defesa da ideia de aderência à área de saber. Este último motivo parece ser o mais perverso deles por se sustentar abertamente na lógica identitária validadora da segregação-exclusão. Disputas de verbas para pesquisa, espaços assegurados nos colóquios e nas páginas das publicações científicas também são motivos para que se invista na manutenção da separação das rubricas disciplinares. Como reconciliar?

O relatório nos adverte que se quisermos abrir as Ciências Sociais é preciso apostar na transversalização dos saberes e das práticas, nos atenta ao problema de não haver um modelo pronto a ser aplicado, mas aponta quatro princípios comuns que devem

---

<sup>36</sup> Comissão transdisciplinar formada por Immanuel Wallerstein (presidente), Richard Lee (secretário científico), Calestous Juma, Evelyn Fox Keller, Jürgen Kocka, Dominique Lecourt, Valentin Y. Mudimbe, Kinhide Mushakoji, Ilya Prigogine, Peter J. Taylor e Michel-Rolph Trouillot, que ao longo de dois anos, entre 1993 e 1995, reuniu-se para produzir o estudo que deu origem ao relatório e à publicação *Para abrir as Ciências Sociais*.

<sup>37</sup> COMISSÃO GULBENKIAN PARA REESTRUTURAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS. *Para abrir as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

ser superados para que de fato se possa abrir um outro caminho. Deve-se de imediato abandonar a dicotomia entre ser humano e natureza; recusar o modelo estadocêntrico de análise para investir na interdependência local-global ao contextualizar os problemas locais no sistema-mundo e vice-versa; ultrapassar a oposição entre o universal e o particular, entre o singular e o plural, e reconhecer a permanente tensão dialógica entre unidade/diversidade; enterrar a ideia de objetividade positiva calcada na neutralidade e distanciamento do sujeito em relação ao objeto, para assim investir em uma racionalidade aberta ao incerto, ao imprevisível, à multiplicidade dos saberes e práticas, ao transitório, próprios à ecologia da ação e das ideias. Reconhecer esses quatro pressupostos poderá nos abrir à aventura da religação dos campos disciplinares que se encontram separados nas Ciências Sociais.

Recentemente, mais precisamente em 2013, Craig Calhoun e Michel Wieviorka lançaram o *Manifeste pour les Sciences Sociales*<sup>38</sup>; nele apontaram que, não mais privilégio de poucos países ocidentais, as Ciências Sociais estão por toda a parte, globalizadas em sentido amplo e revelam uma diversidade enorme de métodos, teorias, práticas e ações. Calhoun e Wieviorka abriram o manifesto perguntando se seria possível unir os cientistas sociais do mundo, dadas as diferenças existentes entre eles e em virtude da complexidade cultural e histórica da realidade social vivida e pesquisada. Propuseram que um compromisso comum à todos, guardadas as diferenças, poderia assegurar a verdade sobre a vida social. Mas, perguntaram: seria possível pensar conjuntamente o mundo de hoje? Poderíamos construir uma Ciências Sociais comuns para lidar com problemas que são dialogicamente locais e globais?

O Manifesto tem como preocupação central problematizar os desafios dos cientistas sociais na contemporaneidade frente à política, às Instituições, aos novos desafios da globalização e do individualismo, à fragmentação dos conhecimentos, ao agenciamento da pesquisa e do pesquisador, à ação e atuação na vida pública. Em suma, um documento mais *stricto sensu* em seu objetivo. Guardadas as devidas proporções e respeitando suas particularidades, o Manifesto possui preocupações semelhantes às apontadas no Relatório da Comissão Gulbenkian, o que nos faz pensar que nesses últimos vinte anos muito pouco ou quase nada se alterou no cenário das Ciências Sociais.

---

<sup>38</sup> O *Manifeste pour les Sciences Sociales*, elaborado pelos sociólogos Craig Calhoun e Michel Wieviorka foi publicado pela primeira vez na revista *Socio* em março de 2013. Ganhou nova publicação pela *Éditions de la maison des sciences de l'homme* com comentários de Edgar Morin e Alain Touraine. O manifesto está disponível para baixar na sua versão original no site <https://socio.revues.org/200>.

Há versão em português na *Revista Sociedade e Estado* – Vol. 30, Núm. 3, setembro/dezembro 2015; tradução de Bruno Guérard. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So102-69922015000300597](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-69922015000300597)

*Mudar! Uma ideia permanente que habita em mim. Nutria grande admiração pelo meio acadêmico, estava seduzido pela imagem mítica do intelectual, um sujeito cultivado, de pensamento crítico, com ideais políticos transformadores. Me lembro que decidi cursar Ciências Sociais porque acreditava em poder revolucionar o mundo como sociólogo, pensava serem eles militantes políticos comprometidos em combater o capital, havia inventado para mim um retrato que me aprovesse.*

*Os primeiros anos da minha vida universitária, de 1989 a 1992, foram marcados por intensa agitação política, minha mudança da PUC de São Paulo para a UNESP de Araraquara e a interrupção dos estudos para assumir a Secretaria Municipal da Cultura de minha terra natal. Enquanto estive matriculado dediquei-me mais às experiências da vida social, cultural e política dentro e fora do campus do que aos deveres disciplinares.*

*Somente em 1996, um pouco mais maduro, retornei à PUC. O impacto provocado pela concepção de homem apresentada por Morin na obra 'O Enigma do homem', ainda nas aulas de Antropologia de outrora, não havia me abandonado, ao contrário disso, se fazia cada vez mais presente. Meu retorno para a PUC e minha recusa em voltar para a UNESP, para incompreensão da minha família, deveu-se a isso. Sentia no meu íntimo que somente lá poderia encontrar um conhecimento-pertinente, diferente daquele tradicional que não me agradava nas grades curriculares das Ciências Sociais.*

*Já havia deixado de lado há tempos a imagem do sociólogo revolucionário que no passado havia me estimulado a seguir carreira. O meu interesse havia se voltado para a natureza do ser humano, queria mesmo era problematizar o homem, para então pensar em novas vias para a sociedade, a política, a cultura, a economia, a educação e o meio-ambiente. Além de Edgar Morin, foram Jean-Jacques Rousseau, Marcel Mauss, Sigmund Freud e Claude Lévi-Strauss, em princípio, os autores que mais me instigaram a pensar no assunto. Identificava nas suas ideias uma abertura para a compreensão do humano como um sapiens-demens.*

*O que me aproximou imediatamente de Rousseau foi a ideia de que a humanidade havia se corrompido ao abandonar o estado de natureza pela civilização fundada na desigualdade social entre os homens. Para ele uma sociedade na qual o poder não emanasse da vontade geral dos cidadãos não seria capaz de restituir aos homens a igualdade. Aquilo que o homem racional iluminista compreendia como ideal civilizatório para o progresso humano, para Rousseau era a barbárie. Ele provocou a sociedade europeia de sua época indagando se não seria ela a selvagem, a bárbara, a incivilizada ao invadir, guerrear, escravizar, matar, explorar e pilhar para si aquilo que pertencia por direito natural às ditas sociedades tribais de alhures, aos legítimos homens e mulheres que viviam em igualdade junto à natureza, e não fora dela. A saída para o homem civilizado parecia estar lá e não na deformada sociedade das Luzes.*

*Entre aulas de Filosofia, Ciência Política e Antropologia fui compondo meu entendimento sobre as ideias do filósofo, ao meu ver um humanista radical como eu desejava ser. Ter lido o discurso proferido por Lévi-Strauss<sup>39</sup> em homenagem a Rousseau não só ampliou minha compreensão bem como me estimulou ainda mais a problematizar a relação entre o homem e a natureza. Ele afirmara que a essência do pensamento de Rousseau poderia ser compreendida numa frase na qual o mesmo externava seu desejo de fundir-se à natureza, de imiscuir-se enquanto homem ao ecossistema vivo do qual somos parte. Finalizou seu discurso atribuindo ao fundador das ciências do homem a sabedoria em religar aquilo que muitos insistiam em incompatibilizar: “o eu e o outro, minha sociedade e as outras sociedades, a natureza e a cultura, o sensível e o racional, a humanidade e a vida”.<sup>40</sup> Eu vi em Rousseau um caminho para pensar a dissolução da oposição natureza e cultura.*

*O despertar do meu interesse por um conhecimento antropológico que fosse além das particularidades culturais reveladas nos registros etnográficos, abundantemente estudados nos primeiros anos do curso, deveu-se à leitura do ‘Ensaio sobre a dádiva’<sup>41</sup> de Marcel Mauss. Chamou-me a atenção a descrição de um sistema complexo de relações recíprocas de trocas-dádivas, dar, receber e retribuir, que implicava a totalidade das expressões religiosas, morais, jurídicas, econômicas, estéticas e morfológicas da vida social. Um sistema relacional que se manifestava materialmente e imaterialmente, objetivamente e subjetivamente por meio da vivência dos indivíduos com a totalidade da sociedade e de suas instituições.*

*Mauss denominou de fato social total a manifestação dessa experiência; nele as partes integrantes da realidade social combinavam-se, misturavam-se e distinguiam-se, ao modo das imagens de um caleidoscópio. Entendi que o fato social total era um fenômeno geral e universal que se manifestava por meio das interações dialógicas indivíduo/sociedade, e tal compreensão pareceu-me dissonante da rígida definição de fato social elaborada por Durkheim. A vida social na sua totalidade erigira-se dessas formas de solidariedade recíprocas, resultava das alianças entre os homens contra a violência total, dependia dessa moral que constituía a vida em comum. Me animava saber que as regras fundadoras do social implicavam convivialidade, interdependência, dom. Tal sistema de trocas-dádivas sobreviveria à alta temperatura dos acontecimentos na sociedade contemporânea?*

*A leitura da ‘Introdução à obra de Marcel Mauss’<sup>42</sup> me ligou ainda mais às suas ideias, nela Lévi-Strauss destacava a modernidade do pensamento do autor em querer ultrapassar as dicotomias imperantes à época: natureza e cultura, indivíduo e sociedade, eu e o outro, consciente e inconsciente,*

---

<sup>39</sup> **Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem**, discurso realizado em Genebra em 1962 por ocasião da celebração do 250º aniversário de nascimento de Rousseau, publicado posteriormente em *Antropologia estrutural dois*.

<sup>40</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural dois*. [1973] Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 55.

<sup>41</sup> MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva – Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. [1925] In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e antropologia*. [1950] Introdução: Claude Lévi-Strauss. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 183-314.

<sup>42</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. **Introdução à obra de Marcel Mauss**. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. [1950] Introdução: Claude Lévi-Strauss. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 11-46.

*corpo e espírito por querer fazer uma Antropologia na qual o biológico e o cultural não estivessem dissociados, tampouco o fisiológico do psíquico e do social, mas que necessariamente se constituíssem numa relação ao mesmo tempo de oposição e complementaridade. Pretendia Mauss religar aquilo que se encontrava separado e encerrado em distintos territórios disciplinares? Sua forma de pensar parecia apontar para uma Antropologia Geral, ou seja, para uma ciência que levasse em consideração a natureza biocultural do homem, sua animalidade/humanidade.*

*Freud foi outro grande instigador das minhas indagações sobre o homem; suas ideias foram apresentadas no curso em diferentes momentos e disciplinas, liamos os seus textos em aulas de Psicologia, Sociologia e Antropologia, o que para mim era suficiente para identificá-lo como um pensador transdisciplinar. Convencido que de fato éramos sãos e loucos, os conceitos de Freud foram entendidos por mim sempre como conceitos uniduais, binários, como se fossem pares opostos e complementares. Foi assim que compreendi a relação consciente/inconsciente, Eros/Tânatos, princípio de prazer/princípio de realidade, pulsão de vida/pulsão de morte. Todos esses conceitos que pululavam de um texto ao outro, de uma aula a outra, de uma disciplina a outra, dialogavam, no meu entendimento, perfeitamente com a condição sapiens demens do homem. Na posse dessas ideias, aos poucos construía pontes nesse arquipélago de saberes.*

*'Totem e Tabu'<sup>43</sup> me lançou novamente em direção a questões permanentemente colocadas em sala de aula e que muito me atormentavam: o que teria caracterizado a passagem do estado de natureza para a cultura? Seria possível explicar tal deslocamento? Na narrativa freudiana o Complexo de Édipo aparecia para mim como um fenômeno psíquico fundador da civilização, da ordem social, da cultura, melhor dizendo, um fato social total, para usar a expressão de Marcel Mauss.*

*Para tratar desse assunto ele tomou como exemplo os clãs totêmicos dos aborígenes da Austrália, neles o casamento exogâmico era regra comum a todos os grupos, o que validava ser a proibição do incesto o elemento central para a organização e preservação do grupo social, dispositivo das trocas e circulações de pessoas e bens simbólicos entre os clãs. O fato do incesto ser um tabu estava relacionado ao desejo que todos têm de cometê-lo, o que punha em risco qualquer possibilidade de sobrevivência das instituições sociais, caso sua violação fosse generalizada. Freud recorre ao mito do assassinato do pai da horda primeva<sup>44</sup> para justificar a proibição do incesto como regra instauradora da sociedade e da cultura. Passei a pensar nisso obstinadamente.*

---

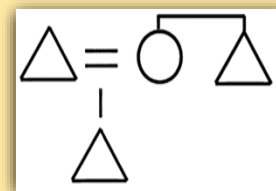
<sup>43</sup> FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. [1913] Tradução: Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

<sup>44</sup> O violento e autoritário pai da horda primitiva detinha para si todas as mulheres, e à medida que os filhos cresciam eram expulsos do grupo, fato que os privava de obterem satisfação sexual. O assassinato do pai pelos filhos seria o único meio deles assumirem o lugar do pai para poderem ter acesso às mulheres e saciarem seus desejos. Após o pai ser assassinado e devorado pelos próprios filhos um sentimento de horror emergiu entre todos, já que eles agora assumiam o lugar do pai e poderiam ter o mesmo destino dele. Como evitar que o parricídio se repetisse? Para que todos pudessem viver em comunidade deveriam acatar a proibição do incesto. As mulheres proibidas para uns estariam acessíveis aos outros, dessa forma, todos poderiam satisfazer seu desejo renunciando ao desejo incestuoso e conseqüentemente ao ato violento do parricídio. Instaura-se o tabu do incesto, fenômeno psíquico universal e inaugural da cultura/civilização, denominado na psicanálise freudiana de Complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. [1913] op. cit., 1999, p. 144-150.

Mais uma vez foi com as ideias de Lévi-Strauss que estabelecia links para pensar. Ao seu modo, em 'As estruturas elementares do parentesco'<sup>45</sup>, considerou o tabu do incesto uma regra presente em todas as sociedades, afirmou ser ele o dispositivo cultural basilar da operação de deslocamento dos grupos humanos do reino da natureza, ambiente no qual imperaria aquilo que seria universal à espécie, para o império da cultura, meio onde se manifestariam as particularidades de cada sociedade. Dessa forma a proibição do incesto aparecia como fenômeno de ligação, um elo entre o biológico e o social, ao mesmo tempo natureza e cultura, universalidade e particularidade. Jamais conseguiria pensar novamente essas questões sem as marcas dessas ideias deixadas em mim.

Se para Freud o tabu do incesto viera da narrativa mítica da morte do pai na horda primeva e encerrava o Complexo de Édipo como fenômeno total e universal, para Lévi-Strauss a proibição do incesto era a regra biocultural da qual derivavam quaisquer sistemas de parentesco. Mais precisamente, por meio do estudo do átomo de parentesco, matriz inconsciente e universal presente na estrutura social e passível de diferentes combinações entre seus pares de oposição, seria possível compreender como são gerados a partir dele distintos arranjos parentais para evitar a violação do tabu. Deveriam, portanto, os antropólogos apreender as estruturas para compreenderem os sistemas sociais. Essa forma de pensar levou Lévi-Strauss a afirmar que a Antropologia Estrutural partia da generalidade para a particularidade, ia do pensamento ao fato para conhecer, e não o contrário como costumavam fazer os antropólogos e suas teorias.

Quanto mais avançávamos nas leituras de Lévi-Strauss, mais me sentia atraído pelo seu pensamento, me conquistava a ideia de uma Antropologia Geral calcada na superação das dicotomias, especialmente entre natureza e cultura; me afinizava com as críticas demolidoras às teorias que resumiam a cultura a uma manifestação empiricamente observável; concordava com a ênfase dada a importância da universalidade das atividades inconscientes do espírito frente as particularidades dos



**Figura 11:** Átomo de parentesco ou avunculado

O átomo de parentesco é composto por quatro indivíduos: pai, mãe, filho e tio materno; e formado pelas relações de consanguinidade, aliança e descendência. As relações entre os indivíduos são por quatro atitudes fundamentais representadas por termos intercambiáveis:

- (=) mutualidade,
- (±) reciprocidade,
- (+) direitos,
- (-) obrigações.

O parentesco é um sistema arbitrário de representações que existe na consciência dos seres humanos.

A universalidade da proibição do incesto é compreendida quando são apreendidas as relações avunculares, e não quando determinada estritamente pelo seu elemento biológico de consanguinidade ou filiação.

**Fonte:** LÉVI-STRAUSS, Claude. **A análise estrutural em linguística e antropologia.** In: \_\_\_\_\_. *Antropologia estrutural* [1958]. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 43-65.

<sup>45</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas elementares do parentesco.* [1949] Tradução: Mariano Ferreira. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

*fenômenos conscientes apreendidos pelas etnografias; me comprazia com a complexidade de um pensamento não domesticado, selvagem, que restituía para o ofício do cientista, pesquisador e acadêmico o savoir-faire da arte-pensamento do bricoleur.*

Para ultrapassarmos a fragmentação e disciplinarização é preciso articular dialogicamente os saberes, reformar o pensamento<sup>46</sup>, adverte Edgar Morin. No que se refere ao conhecimento sobre o homem consideramos insuficientes as explicações compartimentalizadas da Biologia, da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia, entre outras. Conhecer de modo fragmentário, reducionista e simplificador é hábito socialmente construído e difundido com a ocidentalização do modo de pensar.

O conhecimento disciplinar é histórico, nasceu da delimitação do campo de estudo das ciências, contribuiu para definir seus objetos de investigação, produziu saberes especializados que elucidaram muitos mistérios, mas por outro lado gerou uma hiperespecialização isoladora e descontextualizadora do objeto de estudo em relação ao seu meio, criou teorias e métodos que não se comunicam com outras disciplinas, negligenciou o diálogo interdisciplinar, o que levou a novas obscuridades, impossibilitando um conhecimento transdisciplinar. Fato que resultou em conhecimentos insularizados para responder quem somos, de onde viemos e para onde vamos, no lugar de buscar uma compreensão global e multidimensional que considerasse a natureza cosmo-físico-biopsíquica-sociocultural do homem.

O que se pretende aqui não é produzir um saber unitário e holístico do homem, tampouco erigir uma definição acabada do mesmo, mas trazer contribuições para uma Antropologia Complexa. Isso requer uma reforma do pensamento e da educação. Apesar da hegemonia do pensamento disciplinar, a reforma do pensamento já se encontra em movimento. Haverá um curso a ser seguido, ou mesmo um cronograma definido a ser implementado? Acreditamos que não, mas sabemos que as certezas, os determinismos, os reducionismos e as disjunções vem desmoronando ao longo das últimas décadas. Não é mais possível produzir um conhecimento-pertinente sobre o homem com os moldes restritos do formato-pai. Como fazê-lo? É o que buscamos.

---

<sup>46</sup> A reforma do pensamento é assunto presente em diversas obras do autor. Abaixo as obras que aqui me serviram de referência:

MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os setes saberes e outros ensaios*. [2000] (Orgs.): Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho. - 3. ed. - São Paulo: Cortez, 2005b.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento complexo*. [1990] Tradução: Eliane Lisboa. - 3. ed. - Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. [1999] Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya; revisão técnica: Edgard de Assis Carvalho. - 2. ed. rev. - São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011a.

\_\_\_\_\_. *A via para o futuro da humanidade*. [2011] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013a.

Michel Serres aborda a fragmentação dos saberes como um problema próprio da educação moderna fundada na lógica da separação, guiada pela oposição entre os conhecimentos científicos e das humanidades, compreensão que o aproxima da maneira como Snow retratou as duas culturas. Ele trata dessa cisão que produziu duas figuras/tipos contraditórios à nossa própria tradição filosófica em diferentes obras e entrevistas<sup>47</sup>. De um lado temos os ilustrados ignorantes, que são literatos que nada sabem de ciência e a consideram assunto de especialistas. Do outro lado temos os instruídos incultos, cientistas de todas as ordens insensíveis à linguagem ilustrada dos humanistas. Essa imagem é própria de uma cosmovisão guiada pela lógica clássica que tem como um dos seus pilares o princípio do terceiro excluído.

O signo do sistema educacional, do Ensino Fundamental à Universidade, é a fragmentação dos saberes, e o Terceiro Instruído, personagem do livro de Serres com o mesmo nome, é aquele que poderá reconciliar as culturas científicas e literárias, dialogizá-las. Aprender é mestiçar saberes, é mergulhar não só pela via do pensamento, mas com o corpo em novas experiências e vivências. No lugar de separar para excluir, a aprendizagem é misturar e incluir, é a aquisição de novas práticas e costumes que se fundem àqueles que já eram seus. A roupa que veste esse personagem é a indumentária multicolorida do Arlequim.

Vemos no Arlequim um *bricoleur*, sua aprendizagem, ou se quisermos sua mestiçagem, é um processo contínuo e instável, marcado por bifurcações e novas ramificações produtoras de um *corpus* detentor de práticas e saberes, reais e virtuais, que não separa e opõe arte, técnica, mito, filosofia, ciência, fábulas, mas mistura os conhecimentos disciplinares à multiplicidade dos saberes não-formais, próprios das tradições. Avesso às restrições impostas por uma solução dialética, ele não busca sínteses, acabamentos ou conclusões, ao contrário está aberto ao acontecimento inovador, ao diálogo com as multiplicidades, ao inacabamento e às incertezas.

Inspirados no Terceiro Instruído, as figuras metafóricas da nossa reflexão sobre esse processo de religação dos campos disciplinares e mestiçagem dos saberes são os Arlequins de Picasso. Nas telas vemos Paul, uma criança, que inicia sua jornada de aprendizagem vestido de Arlequim bicolor em tom pastéis, enquanto que o Arlequim adulto toca violão, exhibe corpo e vestes multiformes e policromáticas. Quanto mais

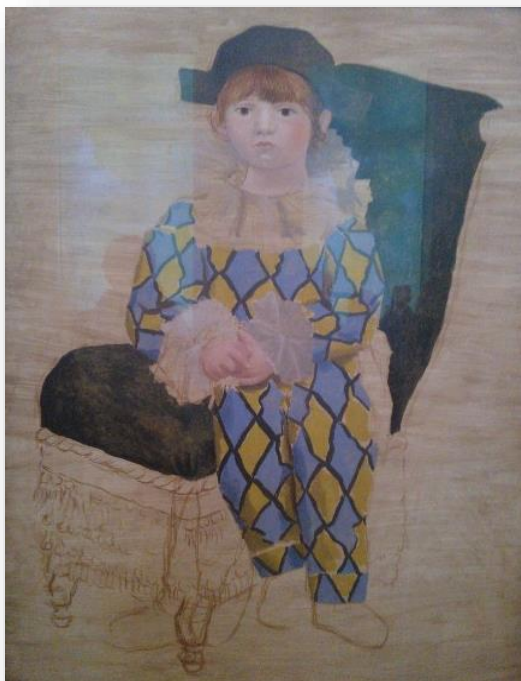
---

<sup>47</sup> SERRES, Michel. *O terceiro instruído*. [1991] op. cit., s/d.

\_\_\_\_\_. *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. [1992] Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unimarco Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. *Pantopie: de Hermès à Petite Poucette: entretiens avec Martin Legros et Sven Ortoli*. Paris: Éditions Le Pommier, 2014.

entrelaçamos práticas e conhecimentos, mais se amplia o colorido e se modifica o design do nosso ser e da própria existência. Mestiçar é uma abertura aos outros e ao mundo.



**Figura 12:** Paul vestido de Arlequim, Pablo Picasso. Óleo sobre tela, Paris, 1925. **Acervo:** Musée Picasso, Paris, França. **Fonte:** Fotografia do autor, 2015.



**Figura 13:** Arlequim tocando violão, Pablo Picasso. Óleo sobre tela, 1918. **Acervo:** Coleção privada. **Fonte:** [http://art-picasso.com/1991\\_9.html](http://art-picasso.com/1991_9.html)

Serres<sup>48</sup> aponta para a importância de uma outra questão que não consiste em definir o homem como ser, mas em compreender como existimos enquanto modos. Essa preocupação escapa à concepção filosófica da ontologia do ser, que para ele se revelou estéril. A partir do momento que passamos a utilizar a técnica para modelar a natureza no Paleolítico com o uso das pedras talhadas e polidas, começamos a imprimir um outro ritmo à evolução, agora não mais sujeitada à mutação e seleção natural ocorridas em função do meio ambiente. Ao contrário disso, uma nova realidade, exodarwiniana, exteriorizou os meios de adaptação fazendo uso da técnica e o homem passou a se construir cotidianamente de maneira incessante. Serres sugere que em vez de nos prendermos somente à pergunta: O que é o homem? Devemos perguntar: No que o homem se torna? “*Ser não diz respeito a nós. (...) O homem tem horror de ser*”.<sup>49</sup>

<sup>48</sup> SERRES, Michel. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* [2001] op. cit., 2003.

<sup>49</sup> Ibidem, p. 62-63.

Definido e imutável o ser deve dar lugar a existência indeterminada e inacabada do humano. Nossa vivência, enquanto homens, situa-se no quadrilátero das modalidades do possível/impossível/necessário/contingente, o aparelhamento técnico dos nossos corpos e do mundo contribuiu para nos liberar da condição de ser-sujeitado ao tempo lento da evolução para nos lançar em direção ao tempo veloz da “técnica-lebre” da tessitura do corpo, do mundo e dos outros, da auto-hominização.

De onde viemos? Em princípio emergimos da Natureza, bifurcamos de um dos inúmeros ramos da Grande Narrativa para depois começarmos a vir de nós mesmos, saímos das nossas produções ao mesmo tempo que as produzimos. Para onde vamos? Indubitavelmente em direção a um mundo inventado por nós mesmos, mesmo que imprevisível. Se quisermos insistir em saber quem somos não hesitemos em pensar que somos o resultado provisório da Grande Narrativa, um vivente em transição.

Voltemos a pergunta de Serres: No que nos tornamos? Em uma humanidade em mutação. Consideremos a aventura hominizante um fenômeno de simbiose, de mestiçagem, um processo dialógico-recursivo entre natureza e cultura, uma obra em aberto, incerta, inacabada como nos versos do poeta:

A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,  
que puxa válvulas, que olha o relógio,  
que compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.

Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem usando borboletas.<sup>50</sup>

*À medida que avançava no curso me afinizava às ideias e teorias demolidoras dos prometeísmos tecnocientíficos. Além de Edgar Morin, uma plêiade de pensadores passou a habitar o meu pensar, a começar pelos frankfurtianos Adorno, Horkheimer, Benjamin e Marcuse, que apresentaram um diagnóstico do mal-estar contemporâneo fruto da própria civilização, da racionalização da vida, da unidimensionalização da consciência, das novas barbáries produzidas pela técnica e pelo aumento exponencial dos dispositivos de alienação. Um diagnóstico trágico para o futuro do homem e da cultura, que acionava com frequência minha predisposição à melancolia e a descrença no devir. Exercitavam um*

---

<sup>50</sup> BARROS, Manuel. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

*pensamento crítico à razão iluminista plenamente instrumentalizada. Suas ideias produziram fissuras, abriram brechas para escaparmos à racionalização da razão e ao pensamento estritamente prosaico por via da reflexão crítica à barbárie civilizada.*

*Foram nas aulas de Métodos e Técnicas de Pesquisa que me deparei com Karl Popper e Thomas Kuhn, que alimentaram ainda mais minhas insatisfações com a epistemologia da ciência e o paradigma científico vigentes. Estimulava-me saber que os postulados da ciência não poderiam resistir ao calor da sua própria verificação, que toda teoria só poderia ser considerada como tal se pudesse aceitar ser contestada e refutada, caso contrário não seria teoria científica, mas um dogma qualquer. Era mais cara a mim a ideia de revoluções científicas de Kuhn, me excitava a imagem da superação de um paradigma por outro à medida que os cientistas mais jovens, não comprometidos com teorias e práticas arraigadas, acabavam por inventar novas teorias e métodos que punham em questão os habituais. Dessa forma seriam eles, os novatos, os promotores das revoluções paradigmáticas que poderiam acometer a Ciência. Imaginava poder substituir o paradigma cartesiano pelo da complexidade.*

*Em 'Ciência com consciência' e 'Introdução ao pensamento complexo'<sup>51</sup>, Edgar Morin ampliava a crítica ao paradigma de simplificação ao diagnosticar a cegueira do conhecimento científico produzida pela inconsciência da própria ciência por não possuir nenhum método apropriado para que pudesse se conhecer e pensar a si mesma. Criticava a tecnociência aliada ao poder econômico e estatal devido a sua incapacidade de lidar com as ambivalências geradas pelo pensamento científico. Faltava aos cientistas e à Ciência a consciência de que quanto maior fosse a expertise em determinada área, maior seria a ignorância em relação às demais; de que quanto maior fosse o poder de intervenção e controle, maiores seriam as forças de subjugação e destruição. Era preciso substituir o programa estabelecido pelas metodologias científicas conhecidas por um método que soubesse se utilizar de estratégias para lidar com as incertezas e imprevisibilidades do conhecimento e da própria realidade.*

*Somaram-se a eles Fritjof Capra e Ilya Prigogine. Em 'O Ponto de Mutação'<sup>52</sup> Capra advoga que vivemos uma crise de percepção em decorrência da insistência da sociedade em querer aplicar valores e conceitos de uma visão de mundo inadequada para lidar com a complexidade do contemporâneo. Uma crise única alimentada e agravada por problemas múltiplos de natureza econômica, ambiental, social, espiritual, ética. Procurou com as ideias desenvolvidas no livro deflagrar uma nova visão de mundo, chamada por ele de holística/ecológica, que pudesse por meio de novos conceitos sintonizar as consciências humanas com a ciência, a sociedade e a cultura emergentes.*

*As críticas eram dirigidas ao velho paradigma mecanicista de caráter patriarcal com sua visão de mundo pautada pela lógica da simplificação, da disjunção, da fragmentação, da racionalização, do*

---

<sup>51</sup> MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. [1982] op. cit., 2005a.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento complexo*. [1990] op. cit., 2007.

<sup>52</sup> CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. [1982] Tradução: Álvaro Cabral. Revisão técnica da tradução: Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

controle, da dominação. Uma crise civilizacional que adoecia corpos, mentes, indivíduos, sociedades e por extensão a vida e o planeta só poderia ser superada por uma cosmovisão que abrigasse uma concepção holística de saúde, que religasse as concepções psíquicas-mentais-espirituais orientais às terapêuticas ocidentais, que abraçasse a visão sistêmica da vida e da existência, que embasasse as ações e relações políticas, econômicas, sociais em princípios ecológicos e femininos, como o intuir, o nutrir, o cuidar, o apaziguar, o acolher. As mudanças estavam em curso, dizia Capra, vivíamos num tempo de transição de um modelo civilizacional a outro, mas enquanto humanidade continuávamos cegos para Gaia e para a mutação que adviria.

Prigogine chegou até mim em 'O fim das certezas'<sup>53</sup>, obra na qual as ideias próprias às crenças científicas consolidadas e à epistemologia da ciência eram praticamente implodidas. Sistemas dinâmicos instáveis, não-equilíbrio, flutuações, não-linearidade, estruturas dissipativas, irreversibilidade, bifurcações, flecha do tempo e imprevisibilidade compunham um glossário de novos conceitos-chave para compreendermos os acontecimentos. O problema que incomodava Prigogine era querer saber como poderíamos inventar, transformar, inovar, ou seja, produzir acontecimentos em um mundo pautado pelas certezas, seja pelas leis deterministas de Newton, que podiam prever, descrever e observar as trajetórias dos corpos no tempo e no espaço, ou mesmo por meio da equação de Schrödinger com as descrições probabilísticas das funções de ondas e do comportamento dos átomos. O alvo da crítica era o determinismo transversal presente nas teorias da Física.

No cerne do pensamento ocidental, desde os filósofos pré-socráticos, prevalecera a verdade das leis imutáveis da natureza e a previsibilidade dos fenômenos. Abalar essas certezas abria espaço para a liberdade e a criatividade; os fenômenos naturais, mais que determinados e equilibrados, seriam regidos por sistemas dinâmicos instáveis, nasceriam das estruturas que se dissipavam e bifurcavam em novas vias impensadas pelas leis determinísticas. O novo estaria em saber que o que se acreditava em ser determinado só poderia vir do indeterminado, da desordem criadora. O ser pronto e acabado dava espaço ao devir e ao inacabamento, os alicerces da lógica clássica foram abalados irreversivelmente. A flecha do tempo de Prigogine não acertara apenas o coração da física e sua ideia de tempo abstrato e reversível<sup>54</sup>, mas também o coração do conceito de identidade. A partir de agora como lidar com o

---

<sup>53</sup> PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/UNESP, 1996.

<sup>54</sup> O tempo foi tratado nas leis fundamentais da Física, sejam elas as leis newtonianas, da relatividade ou quânticas, de forma que entre passado, presente e futuro não houvesse distinção, daí a ideia de reversibilidade do tempo, ou seja, aquilo que acontece no presente de determinada maneira aconteceu da mesma maneira no passado e acontecerá da mesma maneira no futuro, ideia essa que dá sustentação à certeza e à previsibilidade. Nesse caso a existência do tempo, ou da flecha do tempo, é dispensável para descrever como se comportam os elementos da Natureza, uma vez que foi constatado como certo que eles se manifestam da mesma maneira. Para Prigogine o tempo não é uma ilusão, como afirmara Einstein. Com as descobertas realizadas pela física dos processos de não-equilíbrio, ao estudar os fenômenos de dissipação e auto-organização, pôde-se compreender que as emergências eram acontecimentos que não se repetiam no tempo da mesma maneira e, portanto, não poderiam ser reversíveis. A ideia de irreversibilidade da flecha do tempo fortalece o acontecimento em detrimento da repetição e da previsão. As emergências e os acontecimentos derivam da flecha do tempo, daí sua realidade. "Não somos nós que geramos a flecha do tempo. Muito pelo contrário, somos seus filhos". (PRIGOGINE: 1996, p.12).

*determinismo cultural enraizado nos estudos dos processos identitários? Poderiam as Ciências Humanas e Sociais, e em especial a Antropologia, permanecerem alheias a esse acontecimento explosivo?*

*Rupert Sheldrake foi outro cientista que à época contribuiu com sua teoria dos campos mórficos para minha reorganização paradigmática. Em 'O renascimento da Natureza'<sup>55</sup> ele faz uma crítica às limitações do paradigma mecanicista que anima as teses e as teorias dos biólogos defensores do determinismo genético. Campos e energias passaram a dar o tom nas teorias da física contemporânea, e ele buscou nas teorias sobre os campos gravitacionais e quânticos, que transcenderam o materialismo e o mecanicismo, as bases para inspirar sua teoria dos campos mórficos.*

*Todos os sistemas auto-organizados, sejam eles físicos ou vivos e em diferentes graus de complexidade, possuem um campo morfogenético próprio responsável pela evolução, desenvolvimento e manutenção das formas e hábitos dos organismos. São campos imateriais transmissores de informações aos organismos que representam, bem como recebem deles as informações que os fazem ser e pertencer a determinado campo. Essa troca de informações, e não de energia, ocorre por meio de ressonância mórfica; semelhante comunica-se com semelhante, ao modo de um emaranhamento quântico. As regularidades e repetições próprias a natureza não seriam governadas por leis imutáveis, tampouco determinadas exclusivamente por heranças genéticas como afirmavam os físicos e biólogos deterministas. Cada ser herdaria os genes materialmente de seus antepassados, mas os campos mórficos, responsáveis pela transmissão das informações, dos hábitos e da memória coletiva do grupo/espécie, seriam herdados imaterialmente.*

*O que havia em comum entre eles? A transposição das fronteiras disciplinares do conhecimento; a ultrapassagem dos determinismos, fossem eles de ordem biológica ou cultural; a religação entre natureza e cultura; a dissolução da simplificação e do reducionismo dualizadores; a ramificação de ideias dissipadoras das estruturas do velho paradigma cartesiano-newtoniano.*

*À época biólogos e geneticistas começavam a obter sucesso com o uso das técnicas de clonagem e transgenia. A clonagem da ovelha Dolly abriu o debate sobre ética e os limites da ciência, chocou os criacionistas, opôs apocalípticos – contrários à fabricação e replicação da vida em laboratório, aos integrados – defensores ilimitados da tecnociência para dominar e controlar a vida. O Projeto Genoma Humano apostava que a decifração do nosso código genético abriria a porta para todo tipo de correção nas sequências do DNA que contivessem erros, e que seriam os possíveis causadores das disfunções, patologias, distúrbios e doenças. Alguns animavam-se com a possibilidade de alcançarmos a imortalidade. Acalorava-se o debate entre os grupos prós e contras. No mesmo contexto o discurso assertivo da engenharia genética sobre manipulação dos genes impulsionava a pesquisa de plantas transgênicas, os denominados Organismos Geneticamente Modificados – OGMs.*

---

<sup>55</sup> SHELDRAKE, Rupert. *O renascimento da natureza: o re florescimento da ciência e de Deus*. [1991] Tradução: Maria de Lourdes Eichemberg, Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

No centro das discussões a soja transgênica Roundup Ready fabricada pela Monsanto, e sua liberação para plantio no Brasil. Greenpeace, Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor – Idec, a recém-criada Comissão Técnica Nacional de Biossegurança – CTNBio e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, foram as instituições que se envolveram nos debates sobre os transgênicos e seus impactos na saúde e no meio-ambiente. O quadrimotor ciência-técnica-economia-indústria sustentava o discurso dos integrados em defesa da liberação dos OGMs. Conceitos e ideias advindos do pensamento complexo ou holístico soavam como imposturas intelectuais para os novos Prometeus da biotecnociência. Ganhava terreno no imaginário social o determinismo genético. No trabalho de conclusão de curso me dediquei a esse assunto.

As ideias de Edgar Morin e Cornelius Castoriadis foram as matrizes inspiradoras da minha reflexão. O ponto de partida era enfrentar a cosmovisão de mundo nascida da racionalidade científica. Influenciado por Kuhn eu tinha como certo o advento de uma revolução científica que destronasse o paradigma-rei e transformasse as práticas da ciência disciplinar. O gosto pelo conhecer-saber tem acompanhado a humanidade ao longo da Grande Narrativa, a própria história do pensamento e desenvolvimento da cultura de raiz greco-ocidental esteve relacionada às interrogações filosóficas e científicas. O problema não estava na interdição da ciência e da técnica em si, mas em aprender a lidar com suas ambivalências, submetê-las à ética complexa, que não ignora os princípios de precaução, de responsabilidade, de ecologia da ação.

O nó górdio da questão estava relacionado ao antropocentrismo, alimentado pelo mito bárbaro da conquista, domesticação e controle da Natureza; aos erros e ilusões do pensamento reducionista, que não consegue ver que quanto maior fosse a manipulação da vida tão maior seria a manipulação/subjugação do próprio homem; ao paradigma cartesiano constituinte do núcleo imaginário do homem moderno, que Castoriadis afirmou ser "...o imaginário de um domínio racional e de uma racionalidade artificializada tornada não só im-pessoal (não individual) mas in-humana

## Pensamento ecologizado

A explicação dos fenômenos humanos não pode passar nem sem o seu autor nem sem o seu ecossistema, enquanto se elimina quer um quer outro, quer simultaneamente um e outro, em proveito de um determinismo anônimo ou de uma liberdade inefável. Ora se isola o fenômeno estudado obrigando-o pelo menos a meter os pés no seu meio, ora se faz desse fenômeno o puro produto dos determinismos exteriores. O pensamento ecologizado opõe-se simultaneamente à insularização de um objeto e à redução às causalidades exteriores, ao impregnamento artificial e ao afogamento em um meio. Não poderia haver descrição nem explicação dos fenômenos fora da dupla inscrição e da dupla implicação no seio de uma dialógica recursiva complexa que associa de modo complementar, concorrente e antagônico por um lado, as lógicas autônomas e internas próprias do fenômeno, e por outro lado, as ecológicas dos seus ambientes.

Temos, pois, de procurar sempre o duplo motor, a dupla pilotagem auto-eco-organizadora da descrição e da explicação. O pensamento ecologizado é a introdução do olhar ecológico na descrição e na explicação de tudo aquilo que vive, incluindo a sociedade, o homem, o espírito, as ideias, o conhecimento. (MORIN: s/d.a, p.84-85).

(objetiva)".<sup>56</sup> *Eu carregava nas tintas argumentando em defesa de um paradigma da complexidade, de um pensamento ecológico, de uma Antropologia Fundamental.*

*Um pensar complexo se manifestava. Em princípio as dogmáticas estruturas do meu pensar me faziam crer que eu deveria substituir o velho paradigma por outro, negar e superar crenças, teorias, ideologias e conceitos apreendidos. Uma batalha interior tomou conta das minhas ideias, que somente após longo processo de reorganização e mestiçagem passaram a compreender e perceber o mundo de outra forma. Posteriormente eu viria entender que pensar a complexidade como um paradigma poderia levar a uma nova simplificação. O desafio passava pela tomada de consciência. Não me saía da mente a proposição de Castoriadis:*

*“- Então, o que você quer? Mudar a Humanidade?*

*- Não, alguma coisa mais modesta: que a humanidade se transforme, como ela mesma já fez duas ou três vezes”.<sup>57</sup>*

Não podemos ignorar nesse percurso a discussão sobre as fronteiras do humano. Afinal, o que é a humanidade? Como podemos defini-la? Francis Wolff chama nossa atenção para essa problemática em querer saber o que é o homem, se é que podemos saber. Sua reflexão diz respeito às distintas concepções sobre o ser humano que foram e continuam a ser elaboradas. Em todas as épocas concepções divergentes competiram e competem entre si para assumirem o protagonismo dessa definição, ou melhor, dessa tentativa de compreensão do ser humano. Em *Nossa humanidade: de Aristóteles às neurociências*<sup>58</sup> ele privilegiou quatro delas e definiu-as como figuras do homem, denominando-as Homem Antigo, Homem Clássico, Homem Estrutural e Homem Neuronal.<sup>59</sup> Ele as chamou de figuras, e não de conceitos ou de definições, pelo fato delas serem concepções filosóficas, trans-históricas, portadoras de uma epistemologia e de uma moral válidas ao pensamento quando este busca uma resposta ou compreensão sobre a condição humana.

A primeira figura refere-se à definição aristotélica de homem, ela não elimina sua natureza animal, mas, ao contrário disso, evidencia suas qualidades: o homem é um animal moral, um animal político e um animal de linguagem. A natureza animal do homem não é negada, mas diferenciada em relação aos outros animais, somos

---

<sup>56</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *As Encruzilhadas do Labirinto III: o mundo fragmentado*. [1990] Tradução: Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 79.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 107.

<sup>58</sup> WOLFF, Francis. *Nossa humanidade: de Aristóteles às neurociências*. [2010] Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

<sup>59</sup> Pontuaremos aqui as características essenciais das quatro figuras do homem de Wolff sem a pretensão de nos debruçarmos analiticamente e criticamente sobre elas como fez o autor. O objetivo consiste em trazer as figuras do homem para dialogar com a nossa reflexão.

naturalmente animais políticos porque moralmente temos como finalidade o bem viver, a felicidade, o que só é possível de se atingir na convivência com os semelhantes; dispomos da virtude do *logos*, comunicamos ideias e sentimentos, raciocinamos, e graças à razão o homem pode realizar sua essência política e moral, viver junto, promover justiça e buscar o bem; nossas qualidades estão subsumidas umas às outras, a ideia aristotélica do homem “*animal racional*” não o separa da Natureza, mas ao contrário, o insere nela, é essa condição que faz dele um vivente, um ser natural que se distingue de outros seres vivos. Melhor dizendo, nossa racionalidade é própria da nossa animalidade, é nossa maneira humana de ser, nossa identidade.

A segunda figura do homem diz respeito à concepção cartesiana eternizada na equação “*penso logo sou*”, implica a concepção de uma consciência extracorpórea que sabe que pode pensar a si mesma e que independe do seu corpo, objeto-máquina da natureza, para ser. Aqui encontramos uma oposição entre racionalidade humana e irracionalidade animal, uma divisão irreconciliável entre consciência extrafísica supraorgânica e corpo físico natural, em suma, uma separação entre cultura e natureza. Pelo fato de se situar fora da natureza o homem da razão de Descartes não possui a mesma essência do homem racional de Aristóteles. A figura da “*substância pensante*” que caracteriza o homem cartesiano é a de um sujeito do conhecimento que pode manipular a natureza exterior a ele como um objeto a ser dominado, decifrado e controlado para seu uso e satisfação. “*Para Descartes, o homem é sujeito, sendo-o por assim dizer, três vezes: consciente do que é, senhor do que faz, autor da Ciência*”.<sup>60</sup> Wolff assegura que tal caracterização é oposta à figura que virá da área das humanidades, em especial da teoria estruturalista, sob a qual o homem dificilmente poderá ser definido como sujeito consciente do que é e dono do que faz.

Passemos agora à terceira figura oriunda das Ciências Humanas e Sociais. A partir do século XIX as disciplinas que passaram a compor o quadro das humanidades imputaram ao homem uma condição dúbia, a de sujeito do conhecimento e objeto de estudo da ciência. Entre as disciplinas o sentido de homem não é o mesmo, sua condição varia de acordo com as teorias, os métodos e as épocas, fato que produziu grande dispersão conceitual. O homem é tido como ator político, como agente histórico, ou como responsável por si; como grupo social, indivíduo ou espécie; ora é produtor das mudanças ou mudado pelos acontecimentos, ou ainda causa e efeito das interações do meio. “*Não há, portanto, nenhum sentido em pretender definir o homem das Ciências Humanas! Qual*

---

<sup>60</sup> WOLFF, Francis. *Nossa humanidade: de Aristóteles às neurociências*. [2010] op. cit., 2012, p. 79.

*Ciência? Qual método? Qual homem?*”<sup>61</sup> A ideia de fazer do homem um objeto de estudo dele mesmo acabou por corromper sua própria integralidade e unicidade; no afã em dar-lhe existência, acabou por fazê-lo desaparecer. Crítica similar há muito feita por Edgar Morin, em especial à Lévi-Strauss que havia dito que a principal função das Ciências Humanas era dissolver o homem.

Wolff, ao dar continuidade à sua reflexão sobre a terceira figura do homem, toma o paradigma estruturalista como referência possível para compô-la. Primeiro, por ter sido o estruturalismo no século XX uma teoria transversal às diferentes disciplinas das Ciências Humanas e Sociais que não se restringiu ao “*momento estruturalista*” vivido no universo intelectual francês dos anos de 1960 e 1970. Mesmo as teorias de Marx, Freud, Durkheim e Bourdieu, não identificadas como estruturalistas, foram promotoras das ideias contidas na figura do Homem Estrutural de Wolff, um homem sujeitado à “*...onipotência do simbólico, do inconsciente representativo, da oposição da cultura à natureza ou da humanidade à animalidade...*”<sup>62</sup> Segundo, por ter o estruturalismo abrigado duas características ou propriedades centrais para a edificação do Homem Estrutural, que diferentemente das duas figuras anteriores não é nem natural, “*animal racional*”, e nem sujeito-senhor de suas ideias e ações, “*substância pensante*”.

A figura do homem estrutural é em essência marcada pela sua antinatureza, chancela obrigatória para distinguir os fenômenos humanos no interior das Ciências Humanas, e pela sua condição de não sujeito, uma vez que é a sociedade, o meio cultural, o inconsciente e a história que sujeitam os homens às suas realidades. Trata-se de compreender o homem como um “*sujeito sujeitado*” às estruturas, movido pelos fatos sociais, pelas condições materiais e históricas, pelas funções inconscientes, pelas relações de parentesco, pela linguagem. Para cada um dos termos há uma disciplina distinta para estudar, não mais o homem, mas os ditos objetos condicionantes da sua realidade, existência e comportamento. A dura crítica de Wolff ao projeto de homem perseguido pelas Ciências Humanas e Sociais deve-se à fragmentação da Ciência do Homem em múltiplas ciências; à compartimentalização da ideia de homem em conceitos heterogêneos; à negação da sua natureza e da sua condição de sujeito consciente de si, de seus atos e ideias; à dissolução do mesmo.

A última figura, a do Homem Neuronal, inaugura o novo milênio. Foi originada no seio das Ciências Cognitivas ao retirar o homem da sua sujeição às estruturas e

---

<sup>61</sup> WOLFF, Francis. *Nossa humanidade: de Aristóteles às neurociências*. [2010] op. cit., 2012, p. 70.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 108.

recolocá-lo de volta na Natureza, revelando ser ele “*um animal como os outros*”. O deslocamento do campo estruturalista, no qual os fenômenos humanos estão sujeitados às atividades inconscientes do espírito, para o campo cognitivista se concretizou a partir de um contexto interdisciplinar.

Do encontro de conhecimentos próprios às Ciências da Computação e da Informação com a Biologia, a Psicologia, a Lógica Matemática, a Linguística, a Antropologia, entre outras, emergiu um novo paradigma, segundo Wolff, que passou a considerar os processos cognitivos e mentais como fenômenos naturais intrínsecos ao ser humano. A originalidade dessa nova figura não reside em definir a essência e as propriedades do homem, ou seja, delimitar traços comuns que possam identificá-lo para diferenciá-lo dos outros viventes; a novidade é a ausência deles. As clássicas fronteiras que distinguiam e opunham o ser humano aos outros animais foram postas em suspensão.

A Paleontologia mostrou que outras espécies do gênero *Homo* já habitaram o planeta antes de nós, e há indicações de que o coabitamos com duas delas antes de se extinguirem, o *Homo floresiensis* e o *Homo neanderthalensis*.<sup>63</sup> Sabemos também que algumas dessas espécies possuíam características e atributos que até então se acreditava serem próprios dos humanos, fato que retirou do *sapiens-sapiens* a singularidade requerida para defini-lo como homem, afinal, uma pluralidade de homens existiu. Não há mais fronteiras que nos separam dos nossos antepassados, como também não podemos mais reafirmar que elas ainda existam entre o humano e o animal, uma vez que somos viventes como eles, oriundos do mesmo processo de evolução da vida, adaptados aos ecossistemas e meios. No lugar de querermos saber o que diferencia e singulariza o humano do animal, devemos perguntar: que ganho representa, do ponto de vista evolutivo e adaptativo, determinados órgãos ou capacidades para uma espécie, seja ela qual for?

Outra fronteira ultrapassada é da tripla-cisão da condição humana enquanto indivíduo, domínio das psicologias, psicanálises e psiquiatrias; enquanto sociedade, domínio das Ciências Sociais em geral; e enquanto espécie, objeto da Antropologia Física. A fragmentação do homem promovida no interior das Ciências Humanas até sua dissolução passa por um momento de restauração; o paradigma cognitivista aponta que

---

<sup>63</sup> Pesquisas publicadas em 2016 na *Science News* <https://www.sciencenews.org/article/hobbits-died-out-earlier-thought> e na *Nature* <http://www.nature.com/nature/journal/v534/n7606/full/nature17999.html> apontam que o *Homo floresiensis* pode ter desaparecido antes do contato como o *Homo sapiens sapiens*. É preciso considerar que para parte dos pesquisadores o Homem de Neandertal deve ser classificado como *Homo sapiens neanderthalensis*, ou seja, uma subespécie do *Homo sapiens*. E ainda há os não citados por Wolff como o *Homo sapiens idaltu*, também classificado como uma subespécie do *Homo sapiens*, descoberto em 1997 na Etiópia por uma equipe de paleoantropólogos liderada por Tim White, cujos fósseis encontrados datam em 160.000 anos. Isso demonstra que a fronteira não está consolidada, a cada nova descoberta se altera a compreensão sobre a humanidade.

fenômenos mentais e socioculturais, agora religados, não podem abdicar da natureza biológica para existirem, ou seja, da sua base física que é o cérebro do homem.

A fronteira entre a mente-cérebro e as máquinas artificiais foi borrada, redes neurais artificiais simulam os processos cognitivos da mente humana, tais redes não funcionam como programas de computador, mas ao contrário, fazem uso da aprendizagem e da autoprogramação. Se, em princípio, a partir dos modelos computacionais era possível pensar a máquina artificial como modelo de funcionamento da mente-cérebro, mais recentemente esse modelo mudou de sentido, agora são as redes neurais artificiais que podem nos ajudar a compreender o funcionamento neuronal-cognitivo da mente-cérebro dos viventes.

O homem *renaturalizado* das Ciências Cognitivas é indeterminável, sem contornos nítidos ou definições estanques. Estudos da Primatologia e da Etologia afirmam que nem mesmo a cultura pode ser mais considerada um monopólio do homem, ela também está presente entre os primatas não humanos e as diferenças existentes entre as culturas seria de grau e não de natureza. “O homem é um animal singular que pode ser explicado como os outros”<sup>64</sup> e não mais aquele que define sua identidade por oposição à animalidade.

O desenvolvimento histórico da definição de ser humano também foi abordado por Fernández-Armesto em *Então você pensa que é humano?*<sup>65</sup> Ele pôs em discussão o conceito de humanidade e questionou como podemos explicar o que é humano sem distingui-lo do não humano, já que na atualidade novos argumentos vindos da Ciência e da Filosofia insistem na dissolução das clássicas fronteiras erigidas nos últimos séculos que apartavam o humano do animal.

Ao menos seis atributos que eram tidos como próprios do homem foram postos em questão ou já não são mais considerados como tais. Primeiro, a linguagem, a autoconsciência, a imaginação simbólica e a fabricação de instrumentos também estão presentes entre outros primatas, especialmente chimpanzés, gorilas, bonobos e orangotangos.

Segundo, os críticos do especismo o denunciam como uma espécie de racismo, defendem que os direitos exclusivos aos humanos sejam estendidos a todos os animais, apregoam a igualdade entre as espécies e a abolição das diferenças.

---

<sup>64</sup> WOLFF, Francis. *Nossa humanidade: de Aristóteles às neurociências*. [2010] op. cit., 2012, p. 130.

<sup>65</sup> FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Então você pensa que é humano?: uma breve história da humanidade*. [2004] Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

A Paleoantropologia verificou que características que acreditávamos serem exclusivas dos *sapiens* já estavam presentes em nossos antepassados de outras espécies, como o bipedismo, a dieta onívora e os grandes cérebros. Capacidades mentais, emocionais e éticas semelhantes às nossas também podem ser extensíveis aos *neanderthais*, e tais descobertas ampliaram as incertezas sobre quem pode ser considerado humano.

A Biologia tem demonstrado que as espécies vivas compartilham em seu DNA combinações que tornam difícil saber exatamente o que distingue uma espécie da outra, pertencer a uma determinada espécie não significa definir uma essência ou particularidade, mas designar uma classe, uma condição temporária sujeita a mudanças frente às novas descobertas da ciência.

Quinto, seres com inteligência artificial poderão vir a apresentar sentimentos, emoções e pensamentos semelhantes aos humanos, caso passemos a conviver com eles no futuro ficará mais difícil de definir o que é e o que não é a natureza humana.

E por último, no que diz respeito à engenharia genética, poderemos com a manipulação do DNA gerar seres híbridos, com genes de origem humana e não-humana. Enfim, o problema em questão é o alargamento da humanidade para além da clássica e tradicional definição de humanidade.

Wolff considera que do ponto de vista do argumento científico e filosófico as quatro figuras concentram e esgotam as definições de homem. Poderíamos dizer que elas estão vivas e habitam a noosfera, alimentam nosso imaginário e consciência, e fomentam o espírito humano na busca de uma resposta sobre quem somos nós. As figuras do homem, mesmo que recombinadas entre si, serão suficientes para alimentar os fundamentos filosóficos de uma Antropologia Complexa? Devemos ter sempre em mente a insuficiência e o inacabamento das ideias. Seria mais prudente ao mesmo tempo englobá-las e ultrapassá-las.

Fernández-Armesto aponta que ao longo do século XX alcançamos a mais inclusiva das definições de humanidade de todos os tempos, foi graças a ela que ao longo das últimas décadas avançamos na defesa dos direitos, da dignidade e dos valores humanos. Ele nos pergunta: A desconstrução do conceito de humanidade e a consequente implosão das fronteiras não poria em risco essas conquistas? Lidemos com este paradoxo!

Wolff e Fernández-Armesto contribuem com reflexões pertinentes no que se refere a concepção de humanidade na atualidade, o que nos estimula a perguntar: estaríamos nós diante de um futuro pós-humano? Transumano? Meta-humano? Super-

humano? Hominescente? São questões das quais a Antropologia não pode mais se esquivar.

Esse debate não se limita a ambos, outros filósofos e pesquisadores das ciências da vida e do homem dão contribuições importantes. Henri Atlan<sup>66</sup> reitera que as velhas barreiras foram transpostas. A humanidade e o ser humano têm sofrido transformações profundas desde que o *sapiens* se tornou espécie hegemônica. A definição de humanidade e de homem tem mudado mais rapidamente, especialmente em virtude das novas descobertas e aplicações da tecnociência. A consagrada e consolidada noção de homem e humanidade fechados em si mesmos e com um fim em si mesmos ruiu, e isso não significa o fim da espécie e tampouco da humanidade, mas sua reinvenção. Nos resta, portanto, acatar uma concepção mais evolutiva, dialógica, inter-retroativa do homem com o meio por via do conhecimento e da técnica, dispositivo esse que ativa o processo de hominização e transforma a nós e ao mundo todo o tempo.

Pascal Picq<sup>67</sup> e Frans de Waal<sup>68</sup> asseveram que as tentativas de definirmos aquilo que seria o próprio do homem, ao invés de nos afastar dos nossos parentes mais próximos, os grandes primatas, nos aproximou ainda mais deles, especialmente dos chimpanzés e bonobos. Como nós, ficam em pé e caminham enquanto ocupam as mãos para carregar alimentos e artefatos, mesmo com menor habilidade exercitam o bipedismo; fabricam instrumentos e transmitem esse conhecimento para as novas gerações, práticas essas reconhecidamente culturais; têm consciência de si, são capazes de se reconhecerem em fotos, filmes ou diante de um espelho; desenvolvem a comunicação simbólica, se ensinados aprendem a se comunicar usando a linguagem de sinais; vivenciam uma sexualidade intensa, especialmente os bonobos que praticam sexo fora do período de fertilidade das fêmeas; são reconhecidamente políticos – fazem a guerra e promovem a paz, e sociais – brincam e caçam juntos, praticam o *grooming*, compartilham alimentos, submetem-se aos códigos hierárquicos e de conduta do grupo. A busca da humanidade do humano está no reencontro e reintegração com sua animalidade negada. O sonho antropocêntrico do *sapiens-sapiens* se tornou seu maior pesadelo.

É comum nas fábulas, nos contos, nas lendas e nas histórias infantis ocorrerem a antropomorfização dos animais ou a zoomorfização dos homens. Povoam nosso

---

<sup>66</sup> ATLAN, Henri. **Les frontières revisitées**. In: ATLAN, Henri; WAAL, Frans B. M. de. *Les frontières de l'humain*. [2007]. Paris: Le Pommier/EPPDCSI, 2014, p. 7-46.

<sup>67</sup> PICQ, Pascal. **L'humain à l'aube de l'humanité**. In: PICQ, Pascal; SERRES, Michel; VINCENT, Jean-Didier. *Qu'est-ce que l'humain?* Paris: Le Pommier, 2003, p. 31-67.

<sup>68</sup> WAAL, Frans de. *Eu, primata: por que somos como somos*. [2005] Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

imaginário burros falantes, homens botos, formigas trabalhadeiras, príncipes sapos, marrecas quituteiras, meninos lobos, porcos marqueses, mulheres peixes, baratinhas casadoiras, homens macacos, cigarras violeiras. Isso sem falar nas narrativas míticas, nas quais seres terrestres tornam-se seres celestes ou seu inverso, onde seres humanos, animais, espíritos e divindades se misturam. São territórios livres das fronteiras entre natureza e cultura, animalidade e humanidade, mortais e imortais. São narrativas que expandem a humanidade para além do conceito antropocêntrico de humano e acabam expondo a fragilidade dessa condição quando restrita aos *sapiens*.

A literatura e o cinema tampouco ficam atrás. O clássico romance de terror *Frankenstein*<sup>69</sup> de Mary Shelley, obra seminal que foi adaptada diversas vezes para o cinema e para o teatro, gerou debates em círculos literários e acadêmicos sobre os limites da ciência, inspirou dissertações e teses, é também uma obra que suscita reflexão sobre as fronteiras do humano. O monstro criado pelo Dr. Victor Frankenstein amava, sofria, sonhava, era empático aos humanos, mesmo ler havia aprendido. Ele só queria ser como nós, conviver conosco, compartilhar dessa experiência. Tamanha ousadia despertou na sociedade sentimentos demasiadamente humanos: impiedade, ódio e rejeição movidos pelas forças psíquicas de negação daquilo que consideramos grotesco, anômalo, aberrante, animalesco em todos nós e, que por isso, necessita ser eliminado. O monstro é o bode expiatório dos horrores nossos de cada dia.

Outra negação de humanidade, que suscita questões éticas de natureza antropológica, sofreu o androide David em *A.I. – Inteligência Artificial*, filme dirigido por Steven Spielberg. Ativado para amar eternamente sua mãe adotiva, o pequeno androide manifestava sentimentos, emoções e pensamentos totalmente humanos, mas acabou sendo preterido pelo irmão de origem biológica. Abandonado em uma



**Figura 14:** Boris Karloff é o monstro.

**Fonte:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/Frankenstein\\_\(1931\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Frankenstein_(1931))

**Filme:** FRANKENSTEIN. Direção: James Whale.

Produção: Universal Pictures. Estados Unidos, 1931.

DVD (71 min), p&b.

---

<sup>69</sup> SHELLEY, Mary W. (1797–1851) *Frankenstein*. [1818] Tradução: Éverton Ralph; texto sobre o autor e a obra de José Geraldo Couto. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998.

### A.I. – Inteligência artificial



**Figura 15:** Cena de A.I.- momento no qual Monica, a mãe humana abandona David, o filho androide, na floresta.

**Fonte:** [http://forum.jogos.uol.com.br/um-dos-melhores-filmes-que-ja-vi--ai---inteligencia-artificial--steven-spielberg\\_t\\_3338712](http://forum.jogos.uol.com.br/um-dos-melhores-filmes-que-ja-vi--ai---inteligencia-artificial--steven-spielberg_t_3338712)

**Filme:** A.I. – Inteligência artificial. Direção: Steven Spielberg. Produção: Warner Bros, DreamWorks SKG, Amblin Entertainment, Stanley Kubrick Productions. Estados Unidos, 2001. DVD, (146 min), colorido. Título original: A.I. Artificial Intelligence.

### O garoto selvagem



**Figura 16:** Cena do filme O garoto selvagem: Victor pula a janela do quarto e se excita com a Lua.

**Fonte:** <http://www.cinemasocritica.com.br/2012/02/o-garoto-selvagem.html>

**Filme:** O GAROTO SELVAGEM. Direção: François Truffaut. Produção: Les Artistes Associés, Les Films du Carrosse, Les Productions Artistes Associés. França, 1970. DVD, (83 min), p&b. Título original: L'enfant sauvage.

floresta ele parte numa viagem sentimental em busca do amor materno e daquela que o deixou. David acreditava que o seu problema se resolveria caso viesse a se tornar humano, em definitivo.

*O garoto selvagem* de François Truffaut põe a nu a força da nossa animalidade quando não domesticada pela cultura. O filme baseado em fatos reais ocorridos em 1798, no interior da França, conta a história de um menino que vivia na mata e até onde se saiba não havia sido socializado entre humanos, quando é encontrado por camponeses e levado para a cidade. Ele não fala, não anda como bípede, não se comporta como uma criança da sua idade. Em princípio ele é visto como um bicho pela sociedade, um animal exótico, um ser estranho. Sua humanidade parece ser ignorada.

Rapidamente o garoto selvagem desperta o interesse da medicina e é tomado como objeto de estudo de uma ciência experimental positivista protobehaviorista. O médico, seu tutor, o usa como cobaia em seus experimentos. Seu objetivo é conhecer o comportamento humano e provar suas teorias sobre a capacidade de aprendizagem e socialização por meio de estímulos, repetições, treinos e recompensas. As tentativas de domesticação-aculturação de Victor não são exitosas a ponto de inibir os seus *imprintings* mais animais. Victor, o menino selvagem, não deixou de ser atraído pela Lua como parece ocorrer aos lobos, aos menos na nossa imaginação, uma vez que não há explicação da Etologia que confirme tal atração.

Poderíamos enveredar pelas inúmeras obras de ficção científica, pela cultura pop dos super-heróis das histórias em quadrinhos ou mesmo pelas narrativas mitológicas. Esses poucos exemplos vindos da literatura e do cinema revelam que outros saberes têm muito a nos ensinar sobre questões éticas referentes à natureza humana, que habitualmente é desconsiderada nas pesquisas científicas, que por vezes é preterida na Filosofia em favor da razão, e abordada na Antropologia como especialidade. Sintomas da fragmentação. As produções artísticas põem em suspensão as dualidades simplificadoras/redutoras e as fronteiras artificiais entre humanidade/animalidade, natureza/cultura. Desafiam a lógica disciplinar e apostam na mestiçagem dos saberes, na transdisciplinaridade e em um pensamento complexo de *corpus* entrelaçados. Que humanidade virá? Que Antropologia será necessária?

### ***Qual caminho seguir?***

É sabido que a partir da sua origem a Antropologia entendida como Ciência do Homem tomou para si a missão de responder as velhas questões já postas aqui. Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Tal tarefa produziu inúmeras respostas e conhecimentos disciplinares sobre o homem, mas também aprofundou a dicotomia natureza e cultura, reforçou a fronteira em relação à sua animalidade, separou a sua realidade psíquica-sociocultural da sua existência cósmica-física-biológica, e endossou nossa condição de *Homo sapiens sapiens*, única espécie dotada de razão e produtora de cultura, definição tornada clássica e amplamente aceita. No decorrer do século XX a Antropologia seguiu na sua missão decifradora das leis gerais da cultura que regiam as sociedades humanas e que seriam as responsáveis por diferenciar uma cultura da outra. Imersa no universo simbólico acabou se distanciando ainda mais do homem a ponto de levar as explicações sobre as diferenças culturais às últimas consequências com o relativismo cultural que ampliou a fragmentação ao enfatizar os estudos das identidades.

A Antropologia, outrora Ciência do Homem, transformada em Antropologias da criança, da morte, da comunicação, da beleza, do corpo, da moda, dos rituais, da religião, dos povos tradicionais, do patrimônio, do cinema, da música, da dança, da técnica, das catástrofes, da cibercultura, do esporte, do luxo, da saúde, do garimpo, do idoso, das drogas, entre outras. Uma pluralidade de rubricas especializadas oriundas das pesquisas

conduzidas no ambiente acadêmico anima os grupos de trabalho – GTs<sup>70</sup> nos encontros anuais dos antropólogos. É certo que elas produzem novos conhecimentos especializados no interior do campo disciplinar, alargam o horizonte antropológico em busca de compreensão da diversidade e desenvolvem expertise sobre os mesmos. Por outro lado, a exigência de recorte do objeto de estudo para melhor examiná-lo tende a afastá-lo da complexidade do contexto no qual está inserido, pode ocultar sua realidade multifacetária e produzir, sem que se tome consciência, novas obscuridades.

Tamanha variedade revela a fecundidade e criatividade dos saberes antropológicos, mas necessariamente não os conduz ao diálogo, ao contrário, tende a gerar ensimesmamento. É preciso enfrentar as cegueiras produzidas pela hiperespecialização do conhecimento antropológico, que permite conhecer as partes de maneira isolada, mas impede a Ciência do Homem de conhecer o homem na sua integralidade. Devemos juntar às velhas questões uma outra pergunta: Em que nos transformamos? Afastada do seu propósito inicial de conceber e conhecer a unidade do homem, vimos prevalecer a diversidade fragmentada e a relativização generalizada. Reside aí o nosso incômodo.

*Primavera, 31 de outubro de 1999, eu estava na Prainha<sup>71</sup> da PUC quando li no jornal sobre o falecimento da Dra. Nise da Silveira, ocorrido no dia anterior. Pouco sabia sobre aquela psiquiatra rebelde, anticartesiana, discípula de Jung, que havia enfrentado a psiquiatria vigente em defesa de uma outra terapêutica para os indivíduos que eram acometidos pelos estados de loucura. A Dra. Nise me tocou com o seu trabalho, me era cara sua atitude de ruptura com o paradigma cartesiano que imperava no universo médico. Sempre fui atraído por personagens de atitudes parresiásticas, com comportamentos dionisíacos, plenos de utopias que o sistema de rotulagem social apreciava marginalizar; figuravam entre eles os loucos, os artistas, os perversos, os intelectuais, os revolucionários.... Naquele dia, sem saber, me ligava a ela. Uma nova via despontava no horizonte.*

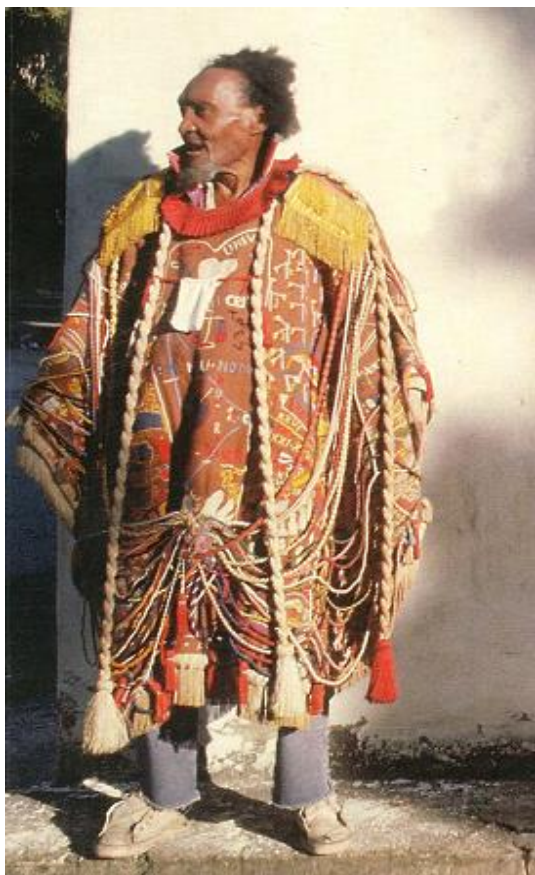
*Outono de 2000, no Parque do Ibirapuera em São Paulo visitei a Mostra do Redescobrimiento - Brasil 500 anos, me dirigi à exposição dedicada às Imagens do Inconsciente. Tinha em mente ver os trabalhos de Arthur Bispo do Rosário; meu desejo era poder vestir seu Manto da Apresentação e com ele viajar para falar com Deus, me religar ao Cosmos, vivenciar a unidade; coisas da minha imaginação. Diante do Manto vi saltar dos fios bordados, dos tecidos customizados, dos objetos aplicados, dos*

---

<sup>70</sup> Os Anais das Reuniões da Associação Brasileira de Antropologia – ABA registram distintas especialidades antropológicas. Site para consulta: <http://www.portal.abant.org.br/index.php/2013-04-20-13-57-45/2013-04-20-13-57-11>

<sup>71</sup> A Prainha da PUC/SP é um espaço ao ar livre entre os Prédios Velho e Novo da universidade onde se situa a maioria dos Centros Acadêmicos, serviços de fotocópia e impressão, livrarias, lanchonetes e o restaurante universitário. Lugar de grande circulação e frequência, é o local privilegiado da vida social e palco de manifestações políticas e culturais da universidade.

nomes/lugares/coisas/imagens/símbolos entrelaçados a integralidade da existência desse homem asilado, ou seria exilado, anos a fio nos tristes lugares que são os hospitais psiquiátricos. Lá me deparei com uma coleção significativa de obras do Museu das Imagens do Inconsciente fundado pela Dra. Nise da Silveira – as mandálas hipnóticas de Fernando Diniz, as imagens aterradoras das mães-deusas modeladas pela Adelina Gomes, o multicolorido mundo de Emygdio de Barros que fazia lembrar as telas de Matisse. Em poucos meses me deparei novamente com Nise, desta vez por meio do mundo das imagens secretadas pelo inconsciente dos esquizofrênicos nos ateliês que ela comandava, no antigo Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro no Rio de Janeiro. Sincronicidades?



**Figura 17:** Arthur Bispo do Rosário vestido com seu Manto da Apresentação.

Fonte: <http://www.zupi.com.br/bispo-do-rosario/>



**Figura 18:** Manto da Apresentação, Arthur Bispo do Rosário. Tecido, linha de lã, dólãs e corda de cortina. 219x130 cm.

Acervo Museu Bispo do Rosário, Rio de Janeiro, s/d.  
Fonte: <https://www.facebook.com/bispodorosario>

Inverno, 09 de julho de 2000; lembro-me como se fosse hoje, mais um semestre havia chegado ao fim e junto com ele o término da minha graduação em Ciências Sociais. Os passos seguintes seriam dados em direção ao Mestrado. Ainda não sabia direito que projeto escrever, mas tinha em mente um duplo-problema: a obrigatoriedade da ruptura com a epistemologia de uma ciência cega, cartesiana e sem consciência, e o antropocentrismo oriundo de uma visão de mundo erigida sobre as bases desse

paradigma científico. *A verdade é que já fazia um bom tempo que esse duplo-problema atuava sobre meu espírito como força indutora dos meus assuntos de interesse. Era o que estava no centro do debate no meu TCC. Naquela noite, já de férias e livre dos compromissos acadêmicos, segui para o teatro para ver Anjo Duro. No palco, a atriz Berta Zemel em uma atuação formidável deu vida à Dra. Nise e aos seus queridos loucos, em cena ela se transformou nos diferentes personagens como quem experimentava viver os múltiplos estados do ser, do mais lúcido ao mais delirante.*

*Ao final do espetáculo, extasiado com o que tinha visto, me senti intimamente ligado a Nise por discordar da visão de mundo dualista que separa matéria/energia, corpo/espírito, pensamento/sentimento, razão/desrazão. Ela não via a esquizofrenia como uma patologia a ser curada pelos métodos invasivos da psiquiatria tradicional, ao contrário, a compreendia como um estado do ser humano desencadeado por explosões de afetos carregados de opressão, desamor e frustração. Somos constituídos pela racionalidade lógica e pela linguagem articulada instituinte da realidade consciente, bem como pelo imaginário, pelos mitos, pelos monstros, fantasmas e sombras que habitam o inconsciente. A irrupção desmedida das forças do inconsciente, quando ocorrem, preenchem nossa existência e, como nos sonhos e pesadelos, somos transportados para o mundo das imagens. Rompe-se o frágil equilíbrio dinâmico da psique e o pensamento lógico-racional submerge na vastidão oceânica do inconsciente, passamos a vivenciar “os perigosos estados do ser” – palavras de Antonin Artaud que ela usava para se referir à esquizofrenia. Associei suas ideias às de Edgar Morin, que afirmou sermos dialogicamente sapiens-demens, contribuindo com a implosão da equivocada definição unilateralista do homem como senhor da razão.*

*Nise criou uma abordagem terapêutica que ela chamava “a emoção de lidar”, com a qual substituiu os tratamentos agressivos com eletrochoque e lobotomia por atividades propulsoras de afetos catalisadores. Estimulou a liberdade, o sensível, o intuitivo, o lúdico, e especialmente a companhia de gatos e cachorros, doadores de amor incondicional, que ela considerou como co-terapeutas. O afeto eclodiu no coração do hospital psiquiátrico como antídoto à esquizofrenia e o amor destilado por ele tratou de tramar os fios da psique cindida, um caminho para o reencontro com a unidade do ser. Com essas atitudes não só operou uma ruptura epistemológica com o paradigma científico cartesiano, como também denunciou a frieza de uma prática médica eticamente condenável. Sua vida foi dedicada a recompor o todo, a religar os componentes fragmentados da psique, a reintegrar a totalidade perdida do self, a restaurar a humanidade do humano.*

*Leitora de Spinoza, tinha para ela que o filósofo havia acessado a experiência da totalidade pois, como ninguém, sua filosofia tratava das implicações entre as partes, denominadas “modos”, e o todo, concebido como “substância única” – Deus, na concepção de Natura Naturans, a energia criadora. Nesse contexto o homem seria um “modo”, uma manifestação da “substância” eterna. Sua*

*compreensão de Spinoza estava banhada nas águas da totalidade e da ordem implicada, sabedoria que havia alcançado com as leituras de David Bohm. Para Nise seria o homem um filho do céu composto de poeira estelar, emergência viva da vida, ente psíquico consciente, porém embriagado de mitos.*

*Deixei o teatro com o tema do meu mestrado definido e ansioso para apresentá-lo a Edgard de Assis Carvalho, meu futuro orientador. Eu vi em Nise o caminho para um saber antropológico complexo, como se ela tivesse se antecipado à Antropologia, especialmente a Morin, na compreensão de que somos, antes de tudo, sapiens-demens. Foi assim que me lancei em direção ao universo dessa psiquiatra rebelde em busca da unidade do homem.*

Ninguém menos que Marcel Mauss evidenciou em seus ensaios<sup>72</sup> a importância de recompor o todo quando se trata de estudar o homem. As formas de solidariedade produtoras do social oriundas das relações indivíduos↔grupos são fenômenos vivos, estão inseridas no âmbito da vida de forma que os saberes sociológicos, psicológicos, biológicos e antropológicos estão implicados uns nos outros e juntos formam as ciências que consideram o homem na sua integralidade.

Lévi-Strauss, seguindo os ensinamentos de Mauss, não negligenciou tal propósito, abriu novos caminhos para uma ciência antropológica universalista. Em suas obras<sup>73</sup> nos deparamos com o esforço empreendido para integrar e ultrapassar as dicotomias natureza/cultura, consciente/inconsciente, objetividade/subjetividade, generalidade/particularidade, ciência/magia.

Contrária à fragmentação, aos reducionismos e às simplificações no interior da Antropologia, sua crítica é dirigida ao *corpus* teórico do evolucionismo, do difusionismo e do funcionalismo, por limitar-se ao exercício simplista da descrição e da interpretação dos fenômenos culturais observáveis, em

## **A totalidade e a ordem implicada**

Bohm argumenta que o pensamento divide e separa as coisas para apreender a realidade. Esse movimento potencializa a percepção da separação e institui uma realidade fragmentária, o que dificulta e nos impede de compreender a totalidade e a ordem implicada. Nossas formas de pensamento e linguagem sustentam a fragmentação e frustram nosso espírito que anseia a totalidade/integralidade.

*Desde tempos imemoriais, os homens têm consciência desse estado de fragmentação aparentemente autônomo e projetam mitos de uma idade de ouro ainda mais antiga, antes que a ruptura entre o homem e a natureza e entre o homem e seu semelhante tivesse ocorrido. De fato, o ser humano sempre buscou a totalidade – mental, física, social, individual.*

*É instrutivo considerar que a palavra health (saúde) em inglês baseia-se na palavra anglo-saxônica hale, que significa inteiro [whole, em inglês]: isto é, estar com saúde é estar inteiro, o que é mais ou menos o equivalente, penso, da palavra hebraica shalem. Igualmente, o inglês holy [sagrado, santo] baseia-se na mesma raiz que whole. Tudo isso indica que o homem sempre sentiu que a integridade ou totalidade é absolutamente necessária para que a vida valha a pena ser vivida. No entanto, durante eras, ele geralmente viveu em fragmentação. (BOHM: s/d., p. 21).*

<sup>72</sup> MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. [1950] op. cit., 2003.

<sup>73</sup> Refiro-me aqui, em especial, aos livros *Antropologia Estrutural* e *O pensamento selvagem* para elaborar meu argumento, o que não significa que essas ideias não estejam presentes no conjunto da obra de Lévi-Strauss.

## Os universais antropológicos

*Os universais se contrapõem não somente às particularidades como também às generalidades. (...) Para nós, os universais não constituem simples 'traços comuns': são estruturas geratrizes, unidades sistêmicas, potencialmente organizacionais. De modo que não se trata apenas de afirmar que é na unidade do homem (relativamente às outras espécies animais) que se pode fundar a unidade da Antropologia; é mister acrescentar que essa unidade tem de ser concebida com base nas unidades estruturais ou sistêmicas a partir das quais se desenvolvem não somente formas ou processos constantes como também as diferenças e as diversidades... (A UNIDADE DO HOMEM: 1978, vol.1, p. 16).*

*...o núcleo mesmo dos universais antropológicos está situado mais profundamente no nível de uma estrutura complexa organizadora e transformadora..., pois diz respeito à interrelação entre o sistema genético, o sistema cerebral e o sistema sociocultural. (...)*

*...o termo universais não significa que a universalidade reside na identidade de traços empíricos que aparecem nas mais diversas sociedades; pelo contrário, os universais dizem respeito a traços eventualmente diferentes de uma sociedade para outra, de um indivíduo para outro, mas que obedecem a princípios organizacionais primordiais, de que eles constituem transformações e atualizações diversas, de acordo com a influência do ambiente (natural ou sociocultural) e de circunstâncias aleatórias de toda espécie. ...trata-se de 'similitudes nas categorias e não nos conteúdos'; ...trata-se de 'procurar relações sistemáticas entre diversos fenômenos similares'. Os universais são 'competências e não desempenhos'. Os universais são princípios generativos de natureza organizacional que comandam e controlam a diversidade fenomenal. Com isso, percebe-se que o campo de estudo desses universais vai muito além das disciplinas conhecidas; sendo a um só tempo bio-psico-antropo-sociológicos.... Eles dizem respeito a um campo subjacente que é o da lógica auto-organizacional, campo esse que ainda não surgiu, mas deve surgir, e que é precisamente o da Antropologia Fundamental. (A UNIDADE DO HOMEM: 1978, vol.3, p. 337-338).*

detrimento daquilo que foi considerado central para ele: os fenômenos gerais e universais produzidos pelas atividades inconscientes do espírito humano. Em defesa de uma Antropologia Geral, Lévi-Strauss afirmou que os *sapiens* pensam com o mesmo equipamento biopsíquico, e que por isso não haveria motivo para arbitrarias divisões hierárquicas entre as ciências do concreto e do abstrato, entre as razões analítica e dialética, fato que o levou a interligá-las demonstrando que ambas as formas de raciocinar e conhecer são modos do pensamento/ação dos homens. Os antropólogos deveriam voltar-se para os fenômenos gerais/universais, e deles retornar às particularidades da vida sociocultural para poder compreendê-la.

Outro nome fundamental preocupado com uma ciência dedicada ao homem e que não negligenciasse as questões relativas aos universais antropológicos é Edgar Morin, que desde a publicação do seu livro *O homem e a morte*, viu-se comprometido em recompor as partes e religá-las ao todo. No prefácio escreveu: “...não é somente a uma descrição psicológica que nossa démarche convida, e sim a uma ciência total, (...) cujo dever é utilizar dialeticamente e de modo crítico todas as ciências humanas e naturais”.<sup>74</sup>

Duas décadas mais tarde Morin realizou o Colóquio *A Unidade do Homem – Invariantes Biológicos e Universais Culturais*<sup>75</sup>, onde não

<sup>74</sup> MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. [1951] Tradução: Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997a, p. 20.

<sup>75</sup> Colóquio realizado em 1972 na Abadia de Royaumont na França e organizado pelo Centro Internacional de Estudos Bioantropológicos e de Antropologia Fundamental, que posteriormente passou a ser denominado Centro Royaumont Para Uma Ciência do Homem. Reuniu pesquisadores das mais variadas áreas das ciências humanas e naturais em torno de quatro metatemas, que articulados dialogicamente fundamentaram o propósito do colóquio em debater a unidade do homem: Do primata ao homem; O cérebro e seus universais; Para uma Antropologia Fundamental; Ciência do Homem, ética e sociedade.

hesitou em afirmar que se tratava da primeira manifestação de abertura geral entre as ciências biológica e antropológica, uma primeira ação efetiva na religação natureza/cultura com o objetivo essencial de pôr em dialogia unidade/diversidade e superar a oposição alternativa entre uma ou outra. A unidade do homem que nos interessa, afirmou ele, situa-se num terreno ainda a ser abraçado pela Antropologia, que se encontra “*dilacerada entre o que é e o que deveria ser, entre sua fisionomia do passado e a do futuro, entre a ciência do mesmo e a observação do outro*”.<sup>76</sup> Apostava que a Antropologia Fundamental seria a ciência do futuro, e isso significava que ela ainda não existia como verdadeira Ciência do Homem.

Na aurora do século XXI, três décadas mais tarde, Morin publicou *O Método 5*<sup>77</sup> dedicado à obsessão principal da sua obra: a condição humana. Nele assevera que o desafio imposto à Antropologia na atualidade é conceber o homem na sua complexidade. “*O tesouro da humanidade está na diversidade criadora, mas a fonte de toda criatividade está na unidade geradora*”.<sup>78</sup> Tal objetivo ainda não teria sido alcançado mais devido a “*mal ciência*” que a qualquer outro fator. Trata-se de reconhecer que a existência do homem advém das fontes físicas e vivas, do duplo-enraizamento cósmico-biológico: emergimos da natureza da *Physis*/da vida da *Biós*; trata-se de definir o ser humano a partir da irredutibilidade da sua tripla-condição como indivíduo-sociedade-espécie; trata-se de reintegrar nossa demencialidade expulsa da nossa sapientialidade.

Somos *sapiens demens* possuídos por mitos, obsessões e delírios interagentes com nosso pensamento lógico-racional; trata-se de resgatar nossa animalidade perdida, nossa realidade biocultural, nossa unidualidade inseparável: somos ao mesmo tempo 100% biológicos e 100% culturais. Trata-se de conceber dialogicamente a unidade/diversidade humana: buscar a unidade do homem não significa buscar uma unificação hegemônica e homogênea que destrói a diversidade, ao contrário disso, a unidade só se realiza na interfecundação das múltiplas diversidades.

Uma Antropologia Fundamental deve conceber a unidade que garanta a diversidade, ao mesmo tempo em que favoreça a diversidade implicada na unidade. Trata-se de erigirmos uma Ciência do Homem verdadeiramente complexa, que não se abstenha do desafio de lidar com as contradições, talvez seja por isso que Morin goste tanto de nos

---

<sup>76</sup> MORIN, Edgar; PIATTELLI-PALMARINI, Massimo. **Introdução Geral – A Unidade do Homem**. Vol. 1 – Do primata ao homem: continuidades e rupturas. In: *A UNIDADE DO HOMEM: invariantes biológicos e universais culturais / ensaios e discussões apresentados e comentados por Edgar Morin e Massimo Piattelli-Palmarini, com a colaboração de André Béjin (et.al.)*. [1974] Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix : Ed. da Universidade de São Paulo, 1978, 3v, p. 18.

<sup>77</sup> MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. [2001] Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002b.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 66.

lembrar em seus livros e entrevistas que: “em toda parte devemos preservar, cultivar, ampliar, desenvolver a unidade; em toda a parte devemos também preservar, cultivar, ampliar, desenvolver a diversidade”. Tomemos esse ensinamento como um mantra para nossa reflexão-pertinente.

### ***Themata***

A respeito da imaginação científica fecunda própria ao pensamento dos pesquisadores e cientistas, Gerald Holton, físico e expoente da História da Ciência, assegurou que toda teoria comporta certos pressupostos metafísicos/místicos, que não podem ser observados, denominando-os *Themata*.

*Themata, o que é? Um thema (thema, singular/themata, plural) é uma preconcepção fundamental, estável, largamente difundida e que não se pode reduzir diretamente à observação ou ao cálculo analítico do qual não deriva. Isso significa que os themata têm uma característica obsessiva, pulsional, que estimula a curiosidade e a investigação do pesquisador. (...). Os que são impulsionados por themata sentem um tipo de gozo – eu diria quase um coito psicológico – quando acham que o universo responde à intenção que os incita. Todos somos assim, senão seríamos somente burocratas, somente funcionários da pesquisa. (MORIN: 2005a, p. 44-45).*

*Tenho para mim que das bifurcações que segui nessa minha trajetória em busca de uma Antropologia Fundamental, talvez a mais significativa delas tenha sido o meu primeiro contato com as ideias de Morin, quando na aula de Antropologia eu li pela primeira vez que o homem era, antes de tudo, um sapiens-demens. Já contei aqui o quão marcante foi esse acontecimento que me levou de volta à PUC, e foi nessa mesma universidade que eu passei a frequentar os encontros do Núcleo de Estudos da Complexidade – Complexus, incentivado por Edmilson Felipe, que outrora, em 1989, fora meu colega de turma, mas que naquele momento era meu professor. Ao mesmo tempo que eu me sentia asfixiado no curso de Ciências Sociais e buscava sentido para continuar, foi no Complexus e nas aulas dos professores vinculados a ele que eu encontrei um espaço de respiração, de alta-manifestação das pulsões eróticas ↔ tanáticas geradoras/degeneradoras/regeneradoras de novas ideias/outros pensamentos.*

*Antes mesmo de finalizar a graduação eu já participava das atividades da pós-graduação dedicadas ao estudo do pensamento complexo de Edgar Morin e de autores com reflexões tão incandescentes quanto as dele. Pouco a pouco, a minha inquietação sobre a unidade do homem e seus universais, que reconheço ser o ‘themata’ da minha vida, que me persegue e ao qual persigo, ficou mais evidente com a tomada de consciência sobre a complexidade humana. Pude então refletir com mais pertinência sobre a tripla-questão: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?*

*Foi somente após o mestrado, em 2003, que chegaram às minhas mãos, em diferentes momentos, os livros *Hominescências* e *O incandescente*, ambos de Michel Serres. Recém traduzidos por Edgard Carvalho, as ideias contidas neles ampliaram ainda mais meu interesse pelo assunto-tema ao qual persigo, o Homem. Neles, outra questão-problema foi posta por Serres: no lugar de queremos saber o que é o homem deveríamos querer saber em que ele se transformou/transforma. Como fazer para saber? Deveríamos perguntar sobre a Grande Narrativa! Mas o que seria ela? É um convite para uma incursão na duração, no espaço-tempo, rumo ao começo do universo. Uma multiplicidade de bifurcações*

*emergentes da seta do tempo fez nascer estrelas, planetas, espécies viventes, humanos, culturas. Nesse contexto o que é o homem? Um vivente que na melhor das hipóteses alcança cem anos, imerso em civilizações/culturas que também fenecem, que estão mergulhadas na própria evolução da espécie que surgiu da vida que eclodiu na Terra, que nasceu da evolução do universo.*

*O homem nasceu de uma das ramificações da Natureza, ou como Serres escreveu, viemos “desse buquê que é a Grande Narrativa, de um subconjunto de seus ramos, de uma série finita de suas emergências contingentes. Quem somos nós? O resultado temporário desse subconjunto”.<sup>79</sup> Temporários não só porque morremos, mas porque nos tornamos coautores da Grande Narrativa, alteramos a nós mesmos, nosso devir, o da vida e do mundo. Da mesma forma que nascemos/emergimos das bifurcações, também produzimos novos nascimentos/emergências.*

*Meu encontro com as ideias de Serres produziu um curto-circuito no meu espírito. A cada página virada construía novas pontes para pensar. Ramificava desse “buquê” outros eus, mais complexos e coloridos como os Arlequins de Picasso.*

Eis-me aqui, caminhando no tempo presente em meio a ideias turbilhonantes, emaranhado a elas, mas atento para escapar da grande armadilha do tempo linear, métrico e cumulativo, ao qual minha narrativa parece se prender. Como evitá-la? Procuo aproximar e juntar distintos acontecimentos e conhecimentos que aparentam estar distanciados no espaço e no tempo por aquilo que denominamos passado→presente→futuro. O dispositivo que acesso é a concepção topológica de tempo que aprendi com Michel Serres, diferente do tempo dialético da superação, que elimina os acontecimentos passados e alimenta a imagem de que as coisas ocorrem de forma sucessiva e linear.

Apropriemo-nos das concepções da topologia, ciência das aproximações, das vizinhanças, que se dedica à topologia das redes de computadores interligadas que eliminam as separações espaço/tempo. Como uma folha de papel que pode ser dobrada ou amassada, unindo o que antes estava distante e separado, o tempo não-métrico da topologia é o tempo da comunicação, da aproximação, e mesmo da religação. Por que com a minha narrativa seria diferente? Imagino que os mitos, aos quais me fiei quando criança e que guiaram minha compreensão sobre a Grande Narrativa, não tenham sido suprimidos, mas reatualizados, metamorfoseados. As cores dos ideais iluministas-humanistas-românticos-revolucionários com as quais pinteí meu espírito na juventude

---

<sup>79</sup> SERRES, Michel. *O incandescente* [2003] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 28.

não desbotaram, ganharam outras tonalidades, mestiçaram, arlequinaram. O mesmo vale para minhas indagações sobre o homem, que tampouco foram superadas, mas complexificadas. O conjunto imperfeito e inacabado daquilo que sei e sou se regenera a cada dobradura do espaço-tempo, o que permite tornar o passado e o futuro um acontecimento contemporâneo, o da tese.

## *Bifurcações*







*Todas as obras individuais são mitos em potencial, mas é sua adoção no modo coletivo que atualiza, em certos casos, o seu "mitismo".*

(Claude Lévi-Strauss)

*Para as almas é morte converter-se em água; para a água é morte converter-se em terra; mas da terra nasce a água e da água a alma.*

(Heráclito)

## ***Acontecimentos***

No teto da Capela Sistina no Vaticano podemos admirar o conjunto de afrescos<sup>80</sup> de Michelangelo que conta a história da criação do mundo e dos primeiros humanos como a conhecemos no livro do *Gênesis*, mito de origem largamente difundido pela tradição judaico-cristã. As cosmogonias presentes nas mais distintas sociedades e culturas têm em comum relatar as origens do mundo, da vida e dos homens, tratar dos nascimentos. São narrativas com as quais buscamos respostas para a tripla-indagação: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

Equivocadamente já se afirmou, mesmo entre os antropólogos, serem as crenças nos mitos e nas suas narrativas manifestações próprias do pensamento das sociedades arcaicas, que orientam os modos de conhecimento/ação das ditas sociedades frias, sem história, estáticas, presas a temporalidade circular do eterno retorno<sup>81</sup>. Tomemos o mito como uma narrativa própria do espírito humano, expressão de um pensamento que opera com uma lógica oposta à lógica do discurso racional, mas que é complementar a ela. A tripla-indagação que alimenta as narrativas míticas e as religiosas não só atua como força geradora e regeneradora das mesmas, como também nutre as reflexões filosóficas, as teorias científicas, as criações artísticas que a retroalimentam.

Em *O Método 3*<sup>82</sup> Morin discorre sobre os dois grandes sistemas de pensamento que coexistem e coabitam no espírito humano; um é comandado pelo pensamento empírico/técnico/racional e está em diálogo constante com o outro, que é comandado pelo

---

<sup>80</sup> **Figura 19:** Afrescos de Michelangelo Buonarroti pintados entre 1508 e 1512 no teto da Capela Sistina, medindo 40,23 m x 13,40 m. Emoldurados por imagens de profetas, sibilas e ancestrais de Jesus, os nove afrescos centrais no teto referentes ao *Gênesis* estão divididos em três subtemas com três acontecimentos em cada um deles: **Criação do Mundo** – Divisão da luz e das trevas, Criação do Sol e planetas, Divisão da Água e da Terra; **Criação e Perdição de Adão e Eva** – Criação de Adão, Criação de Eva, Tentação e expulsão de Adão e Eva; **Vida de Noé** – Sacrifício de Noé; Grande Dilúvio; Noé bêbado. **Fonte:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teto\\_da\\_Capela\\_Sistina](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teto_da_Capela_Sistina) - Ilustração inicial de Bifurcações, p. 75.

<sup>81</sup> A Antropologia deve a Claude Lévi-Strauss a crítica substancial a esses argumentos reducionistas e simplificadores que descreviam os mitos ora como sobrevivências, ora como irracionalidades, ora como sistemas fechados, que opunham e hierarquizavam o modo de pensar e conhecer das sociedades ditas arcaicas - que operariam por meio do pensamento mítico, ao modo de pensar e conhecer das sociedades ditas civilizadas - que operariam por meio do pensamento racional.

<sup>82</sup> MORIN, Edgar. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. [1986] Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

## **Pensamento duplo: Mitos↔Logos**

*O mito é inseparável da linguagem e, como Logos, Mitos significa, na origem da palavra, discurso. Nasce juntos, da linguagem e, depois se distinguem: Logos torna-se o discurso racional, lógico e objetivo do espírito pensando um mundo que lhe é exterior; Mitos constitui o discurso da compreensão subjetiva, singular e concreta de um espírito que adere ao mundo sentindo-o do interior. Depois, Mitos e Logos opuseram-se; Mitos apareceu ao Logos como fábula e lendas desprovidas de verdade; Logos apareceu ao Mitos como abstração desencarnada, exterior às realidades profundas. (MORIN: 1999, p. 192).*

### **A arte do pensamento**

*O pensamento é uma atividade específica do espírito humano que, como qualquer atividade do espírito, expande-se na esfera da linguagem, da lógica, da consciência, comportando, como toda atividade de espírito, processos sublinguísticos, subconscientes, sub ou metalógicos. O pensamento, no seu movimento organizador/criador, é uma dialógica complexa de atividades e de operações que aciona as competências complementares/antagônicas do espírito/cérebro e, nesse sentido, representa a plena utilização da dialógica das aptidões cogitantes do espírito humano. Essa dialógica elabora, organiza, desenvolve, em modo concepção, uma esfera de múltiplas competências especulativas, práticas e técnicas, justamente o que caracteriza o pensamento. (MORIN: 1999, p.221).*

pensamento simbólico/mitológico/mágico. Ambos são originados da mesma fonte, o *arqui-espírito*<sup>83</sup>, e constituem o *pensamento duplo* formado por *Mitos↔Logos*. Mesmo que o pensamento guiado por *Logos* pareça prevalecer sobre o pensamento movido por *Mitos* no modo de conhecer/agir do homem contemporâneo é bom lembrarmos que somos, antes de tudo, *sapiens-demens*, emergimos das ramificações da vida impulsionados pelo imaginário, seguimos no mundo assombrados pela finitude, clamamos aos deuses das religiões e da Ciência que nos concedam a eternidade.

O pensamento, nosso dispositivo interior, é a arte da dialógica e da concepção; tecemos nossos discursos e narrativas entrelaçando os fios oriundos do pensamento movido pela lógica da objetividade-racional aos fios do pensamento movido pela lógica da subjetividade-imaginal. Resultam da dialógica do *pensamento duplo* os modos de conhecer e agir das sociedades humanas. Não acionamos nossos guias espirituais ao mesmo tempo em que acionamos o sistema médico-hospitalar para cuidarem de nossas enfermidades graves? Quem se arriscaria a afirmar que uma equação da Física Quântica, sessões de psicoterapia, ou mesmo as curvas da arquitetura de Oscar Niemayer não estão embebidas em sonhos, intuições ou magias? Conservamos a unidualidade dos dois pensamentos distintos e opostos, porém complementares, como integrantes de um circuito único gerativo da arte do pensar. Eis a via para uma razão aberta e para a compreensão da complexidade do pensamento.

---

<sup>83</sup> O termo *arqui-espírito* usado por Morin se refere a ideia de *arché* ou *arqué* concebida pelos filósofos pré-socráticos como sendo o princípio pelo qual tudo vem a ser. Seria a fonte originária de todas as coisas, de onde elas vêm e para onde voltam. O *arqui-pensamento* do *arqui-espírito* é fonte geradora dos dois modos de pensamento racional/mitológico, ambos distintos e opostos, mas obrigatoriamente complementares.

Voltemos aos afrescos de Michelangelo. Neles *Mitos* e *Logos* se entrelaçam; arte, técnica, ciência, mitologia, crença, teoria, símbolo, equação, teologia, filosofia são saberes que se interpenetram e se manifestam na obra pictórica sobre a qual nos referimos. É sábio não compreendermos os episódios do *Gênesis* aqui retratados como estórias teleologicamente guiadas que se desdobram linearmente no tempo; devemos entendê-los como acontecimentos que bifurcam do “*buquê da Grande Narrativa*”<sup>84</sup> e geram um sem número de nascimentos que evoluem, se metamorfoseiam, se extinguem. Não seria da natureza do acontecimento produzir dissipações/bifurcações? Acasos, conflitos, instabilidades, encontros inesperados tão factuais na História estão presentes em quaisquer tipos de narrativas, ditas reais ou imaginadas.

Tomemos como exemplo a *Tentação e expulsão de Adão e Eva*, uma alegoria que nos inspira a compreender que as estruturas se dissipam, que brechas e desvios se abrem na flecha do tempo, que os acontecimentos deflagram incertezas frente ao devir. O âmago do nosso ser foi atingido pela contingência do acontecimento, e o ser eterno, perfeito e acabado deixou de sê-lo; mergulhou na existência. Serres nos convoca a deixarmos de lado a ontologia do ser para assumirmos um pensamento modal, “...*não somos, existimos dentro do seguinte quadrilátero: assujeitados pela **necessidade**, (...) escolhemos e sofremos incessantemente entre centenas de **possíveis** (...), mas filtrados pela mesma quantidade de **impossibilidades**, um tempo, um futuro, uma existência **contingente***”<sup>85</sup>. Eclode no interior da tripla-indagação uma quarta questão: *Em que nos tornamos?*

A reflexão-pertinente a qual nos propomos move-se pelo *quadrilátero das modalidades da existência*, dispositivo conceitual imprescindível para um conhecimento antropológico complexo que lida com a realidade cosmo-bio-psico-antropossociológica de um ser humano temporário, incerto e inacabado.

Ainda sobre os afrescos do *Gênesis*, no conjunto que ilustra a *Vida de Noé* são retratadas as vias erráticas pelas quais caminharam nossos antepassados. O mito narra que Deus, descontente com a degradação da humanidade, decide extingui-la para fazer renascer de uma única família sobrevivente uma outra humanidade. Mas tudo acabou escapando aos seus desígnios, a humanidade que adveio bifurcou, como no mito, imperfeita e inacabada, sofreu múltiplas derivas na flecha do tempo. A morte coletiva foi o acontecimento inaugural do nascimento da nova humanidade após o *Grande Dilúvio*. Esse episódio dialoga com a morte metafórica dos imortais Adão e Eva que renasceram

---

<sup>84</sup> SERRES, Michel. *O incandescente*. [2003] op. cit., 2005.

<sup>85</sup> SERRES, Michel. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* [2001] op. cit., 2003, p. 147.

mortais fora do Paraíso. Os acontecimentos ramificam-se ativados por um circuito recursivo gerador↔degenerador↔regenerador de nascimento↔morte↔renascimento.

Os mitos cosmogônicos, que versam sobre os nascimentos, estão umbilicalmente ligados às narrativas dos fins do mundo, da vida e dos homens presentes nos mitos escatológicos. Tratam das mortes/renascimentos. É o que podemos observar no diálogo entre o afresco *O Juízo Final*<sup>86</sup> pintado sobre a parede do altar-mor da Capela Sistina, que se junta aos afrescos do *Gênesis* no teto, curiosamente religando a narrativa escatológica do primeiro aos nascimentos da *Criação do Mundo* do segundo.



<sup>86</sup> **Figura 20:** *O Juízo Final*, afresco de Michelangelo Buonarroti, pintado entre 1535 e 1541, medindo 13,7 m x 12,2 m, ocupa a parede atrás do altar-mor da Capela Sistina. **Fonte:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ju%C3%ADzo\\_Final\\_\(Michelangelo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ju%C3%ADzo_Final_(Michelangelo))

*Em seu conjunto, a Grande Narrativa obedece, então, às seguintes modalidades: raro e saturado de informação, com a duração, um acontecimento contingente converge para uma lei necessária, um formato sem informação; em seu desenvolvimento, os possíveis que flutuam a seu redor desaparecem, eliminados impiedosamente pela impossibilidade; por vezes, um dentre eles emerge, mais uma vez contingente, resiste aos impossíveis, surge e, por sua vez, torna-se necessário... Verdadeira no inerte, essa sucessão de ramos aplica-se também à revolução e à minha existência, assim como as produções culturais, científicas ou artísticas, em suma, à Grande Narrativa. Levando vantagem sobre a pré-formação e sob a influência do acontecimento-filho, a epigênese transforma a figura do formato-pai. Como pensar o saber? O que as ciências humanas denominavam história transforma-se em ciência, e o que as ciências duras denominavam ciência transforma-se em história. Sistema e Narrativa trocam entre si os seus valores.*

*A Paleontologia nos qualifica de filhos do Homem. Esse reenraizamento estende esse título universalmente a todas as culturas. A definição do homem não cessa de construir-se; trabalhamos continuamente para a hominização, para o nascimento de filhos mais humanos. Somos agora pai do Homem: até mesmo concretamente, dentro dos laboratórios. Matar o pai ou amá-lo, estamos diante de uma questão que pertence à epistemologia, à ciência cognitiva, à ética; ela diz respeito à sequência da Grande Narrativa fabricada por nós. Mais uma vez, para o saber e para o real, ela se coloca da mesma forma nas ciências duras e humanas, nas artes e nas religiões. (SERRES: 2008a, p. 43-44).*

Para contemplarmos os afrescos de Michelangelo dirigimos nossos olhos para o alto como se fôssemos observar o firmamento. E o que vemos além da obra de arte? Podemos ver a vastidão do tempo cósmico desde a criação do mundo até o fim dos tempos que não sabemos quando e nem como chegará. As narrativas retratadas, antes distanciadas pela racionalização obsessiva que nutrimos pelo tempo linear e métrico governado por *Chronos*<sup>87</sup>, agora se aproximam em um único tempo-espaço emaranhados. Vivenciamos a experiência objetiva/subjetiva de um tempo dobrado, no qual os eventos, antes esparsos entre diferentes temporalidades, eclodem em um único tempo, em um agora; o contemporâneo.

Agamben pensa o contemporâneo a partir de uma relação singular com o tempo, o que para ele significa não se identificar com a época, mas dela distanciar-se para conseguir vê-la. Implica, sobretudo, em acentuar a presença do arcaico no presente; arcaico no sentido da *arqué*, a fonte originadora, que não se prende a um passado imemorial, mas que opera no presente regenerando o passado e gerando o devir. Contemporâneo também é, escreveu o filósofo, “... *aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história...*”<sup>88</sup>. A invenção da roda no final do Neolítico, aproximadamente em 4.500 a.C., faz com que esse acontecimento esteja preso ao passado? Não seria a roda em um automóvel, antes de tudo, contemporânea? Esse exemplo muito utilizado por Serres<sup>89</sup> serve para nos ajudar a compreender as questões relativas ao tempo, suas dobras e o sentido do contemporâneo.

<sup>87</sup> *Chronos*, na mitologia grega, é a divindade que governa o tempo cronológico, linear, sequencial, que pode ser medido e tem princípio e fim.

<sup>88</sup> AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** [2008]. In: \_\_\_\_\_. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 72.

<sup>89</sup> SERRES, Michel. *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. [1992] op. cit., 1999.

O que contam as linhas iniciais desse novo momento da tese? Que o desenrolar dos eventos na flecha do tempo irrompe em múltiplos caminhos, que de encontros inesperados brotam acontecimentos que escrevem a história cósmica-biológica-antropológica da Grande Narrativa. É essa a intersecção que promove o encontro dessa tese com as ideias de Michel Serres; ideais que ligam o tempo abissal dos começos da escrita do Universo, da escrita da Terra, da escrita da vida, da escrita das coisas às escritas dos homens em todas as suas eras ligando-as a uma era que ainda virá. “...a Grande Narrativa se estende diante dos nossos olhos a partir do momento em que sabemos decifrar as escritas da natureza, ...o nosso tempo contemporâneo cose-se ao tempo desses vestígios...; ela abriu uma fenda que temos que transpor”<sup>90</sup>. Façamos uma pausa para meditarmos novamente sobre o contemporâneo e a concepção topológica do tempo, que permite que o dobremos como se fosse um tecido sobre o qual alinhavamos os eventos.

Nessa história de diásporas marcadas por nascimentos/mortes/(re)nascimentos, a natureza, os mitos, as religiões, as ciências, eu, nós e todos contamos de onde viemos. E de onde viemos? São tantos os começos, ou recomeços, que bifurcam a cada acontecimento... Viemos do *fiat lux*, do princípio que era o verbo e se fez carne, do *Big Bang* cosmológico, dos átomos de carbono fumegantes, das cianobactérias fotossintetizantes, das mudanças de Eras e das grandes extinções, da tessitura dialógico-recursiva dos nossos genes-espírito-cérebro com o *Umwelt* – o mundo-ambiente, do Vale do Rift na África, dos nossos sobrenomes, das fábulas das cegonhas que trazem nossos bebês, dos laboratórios dos geneticistas... “*Todos temos necessidade de uma narrativa para existir*”<sup>91</sup>, pondera Serres.

Entendamos aqui que a expressão *todos*, a qual se refere o filósofo, não se restringe apenas à totalidade dos humanos, mas refere-se a todos os existentes e viventes. A natureza abriga inúmeras linguagens não humanas e aos poucos aprendemos a lê-las, seja por meio da experiência do vivido, da intuição e do sensível, ou por meio da racionalidade técnico-científica; “...o universo [o conjunto da natureza] *fala como nós, escreve como nós, diz e exprime-se como nós, cria banco de dados, lembra-se, traduz...*”<sup>92</sup>. Como na Antropologia que buscamos, não há lugar para o antropocentrismo. Um novo arranhão no narcisismo humano?

---

<sup>90</sup> SERRES, Michel. *A grande narrativa do humanismo*. [2006]. Tradução: Antonio Viegas. Lisboa: Instituto Piaget, 2008b, p.23.

<sup>91</sup> Serres utiliza a mesma frase várias vezes no livro *A grande narrativa do humanismo*; optamos por não referenciar as páginas.

<sup>92</sup> SERRES, Michel. *A grande narrativa do humanismo*. [2006]. op. cit., 2008b, p. 62.

Freud<sup>93</sup>, escreveu que o homem a partir do Renascimento fora acometido por três feridas narcísicas incuráveis que macularam a imagem que tínhamos de nós mesmos. A primeira, de natureza copernicana, demonstrou que a Terra não estava no centro do universo, era um planeta minúsculo e periférico que orbitava em torno do Sol. O golpe desferido por Copérnico feriu nossa concepção geocêntrica de mundo; de habitantes de um planeta central nos descobrimos perdidos na vastidão do espaço.

Uma outra ferida, provocada por Darwin, nos mostrou que o homem é a imagem e semelhança dos primatas, e não feito à imagem e semelhança do Criador. Nosso antropocentrismo fora abalado irremediavelmente, de seres superiores fomos confrontados com nossa animalidade ineliminável. Brotamos como mais um ramo vivente entre tantos outros do buquê da Grande Narrativa.

A terceira, do próprio Freud, nos revelou que éramos governados pelo inconsciente e que, portanto, a supremacia da razão não passava de um mito da modernidade. O argumento das feridas narcísicas formulado por ele na conferência *Fixação em traumas: o inconsciente*, dirigia-se não somente aos detratores da psicanálise, que à época, não compreendiam a presença do inconsciente na vida mental-espiritual do ser humano, mas a própria humanidade que desde Copérnico tem relutado em tomar consciência da sua própria insignificância. Crítica vigorosa ao antropocentrismo.

Em aulas, conferências, artigos e entrevistas<sup>94</sup> Edgard Carvalho ponderou que uma possível quarta ferida narcísica teria atingido o homem; os responsáveis por ela seriam os etólogos que haviam mostrado que a cultura não era mais um privilégio do ser humano, que primatas não humanos não só produzem, conservam e transmitem conhecimentos, bem como são capazes de organizar políticas do *bem-viver*. Aquilo que era tido como próprio do homem, já não é mais, como nos demonstraram Atlan, Picq, Wall, Wolff.

Serres também nos chama a atenção para a possibilidade de uma nova ranhura na nossa autoimagem. Ele se interroga sobre a possibilidade da natureza nos ter tirado a posse exclusiva da linguagem. “...começamos a saber ler, decodificar, traduzir, decifrar cem línguas novas fora daquelas que falamos; a dos cristais, das cores estelares, a da radioatividade, da bioquímica.... Acabamos de descobrir um vasto conjunto de línguas não humanas. Escrito, o mundo sabe escrever”<sup>95</sup>. A linguagem está por toda

---

<sup>93</sup> FREUD, Sigmund. **Conferência XVIII: Fixação em traumas – o inconsciente**. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XVI, (1916-1917) - *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. Tradução: José Luis Meurer [et.al.]. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 281-292.

<sup>94</sup> CARVALHO, Edgard de Assis. **A revogação do antropocentrismo e a aquisição de saberes transversais**. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, n. 402, ano XII, set. 2012. Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4633&secao=402](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4633&secao=402).

<sup>95</sup> SERRES, Michel. *A grande narrativa do humanismo*. [2006]. op. cit., 2008b, p. 62.

parte na Natureza, as ciências naturais possuem métodos para lê-las. “*O sujeito falante junta o seu ruído ao ruído dos objetos ressoantes. Escrevo como luz, cristal ou regato; conto-me como o mundo*”<sup>96</sup>. Fomos acometidos por uma quinta ferida narcísica, mas não queremos ver, tampouco saber e menos ainda compreender.

Homem, bonobo, sequoia, fungo, argila, lava, seixo, iceberg, carbono, petróleo, estrela, radiação, onda, partícula, artefatos... instituem-se, agora, como sujeitos↔objetos de uma nova Antropologia. Narradores de sua existência compõem a sinfonia da Grande Narrativa, e assim como o homem, a produzem e também são produzidos por ela. A cada parto-acontecimento na flecha do tempo uma nova hominização se processa, tempos se misturam, modificam-se o homem, as técnicas, as sociedades, o mundo e a natureza. Caminhamos para o nascimento de uma outra humanidade.

Nossa aventura rumo a uma Ciência do Homem Complexa abraça o circuito dialógico recursivo da quádrupla-questão, Quem somos?↔Em que nos tornamos?↔De onde viemos?↔Para onde vamos?; e associa-se às ideias de Edgar Morin, que ao longo da vida se dedicou às questões concernentes ao ser humano e suas relações no e com o mundo. Em um de seus diários<sup>97</sup> ele anotou que após a redação de *O homem e a morte* sabia que um dia se dedicaria a fundar uma Antropologia Geral para a qual os grandes problemas e as questões-chave convergiriam. Nele escreveu que a ciência antropológica deveria “...*abrir-se, articular-se em uma reflexão-ciência restituindo o homem ao mundo. Pois a totalidade humana é um fragmento inacabado, ao mesmo tempo que um microcosmo.... Portanto, religar o homem ao mundo enquanto parte e enquanto microcosmo*”<sup>98</sup>.

Morin considerou que para escapar da hiperespecialização as disciplinas relativas ao estudo do homem não deveriam ser justapostas à Antropologia, tampouco restringirem-se à cooperação interdisciplinar, mas que deveriam “...*ser concebidas como dimensões mais do que como áreas. (...) A Antropologia Geral seria, portanto, o ponto de vista unitário e multidimensional que, de resto, contrabalançaria de maneira útil a fragmentação das ciências do homem*”<sup>99</sup>. Esses excertos integram os *Prelúdios antropológicos* de seu diário em busca de ideias para uma ciência/teoria geral do homem.

---

<sup>96</sup> SERRES, Michel. *A grande narrativa do humanismo*. [2006]. op. cit., 2008b, p. 63.

<sup>97</sup> *Le vif du sujet* é o título francês dado ao diário de Edgar Morin publicado em 1969 pela Éditions du Seuil. Escrito entre os meses de novembro de 1962 a outubro de 1963, o diário guarda anotações/reflexões inacabadas, “...*em um estado de semi-organização, de semi-desordem, ...é um caldo de cultura*”, como ele mesmo se referiu no Prefácio. São ideias embrionárias daquilo que viria a ser sua Antropologia Fundamental e o Pensamento Complexo. No Brasil o diário foi traduzido e publicado pela Artmed somente em 2003 com o título: *X da questão: o sujeito à flor da pele*.

<sup>98</sup> MORIN, Edgar. *X da questão: o sujeito à flor da pele*. [1969] Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003, p. 75.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 72-73.

Nas páginas que se seguem lemos em suas anotações de *Antropomoral*<sup>100</sup> que a mesma “...deve situar-se na zona, ao mesmo tempo de consistência e de contradições, de lógico-empírico e de afetivo, de prosa e de poesia, de racional e de existencial, que chamamos de real”. Trata-se aqui de pensar o viver do homem, o viver no sentido dos encontros conflituosos entre o pensamento e a experiência, que para a *antropomoral* seria “...recusar a alternativa clássica entre o logos e a existência, ...assumir a dupla opção, a dupla ética, ...viver a experiência das fronteiras, dirigir-se às fronteiras”.

Morin pontua<sup>101</sup> que uma outra moral poderia dar ao homem a condição de viver plenamente as oposições, sobrepor-se à dialética tanto na sua relação indivíduo-espécie como na sua relação indivíduo-sociedade. “O homem não é o indivíduo, nem a espécie, nem a sociedade, mas essa trindade homoiésica”. Segundo essa *antropomoral*, contida numa nova abordagem antropológica em gestação, o ser humano deveria viver a vida de modo a “...afirmar nossa individualidade particular, nossa própria existência irreduzível às ideias, à sociedade, à espécie; e, ao mesmo tempo, participar das ideias, da sociedade, da humanidade-espécie e para além da vida e do cosmo”.

Mais adiante, no capítulo intitulado *Antropocosmologia*, escreveu que Antropologia e Cosmologia implicam-se, derivam uma da outra sem cessar e que, portanto, todas as questões relativas ao homem dizem respeito ao Cosmo e vice-versa. A *antropocosmologia* teria como foco “...a relação, a articulação homem-mundo. (...)Eis o homem, feito de galáxias de átomos em continuum irrefutável com a matéria cósmica; o homem, sistema biocibernético em continuum irrefutável com a célula viva”<sup>102</sup>. Morin já havia compreendido àquela época que estávamos implicados na vida e no universo, ideia fundamental para uma Antropologia Complexa que estava por vir.

A leitura do diário é uma incursão arqueológica no pensamento de Morin. O que temos nesses pequenos excertos? A ruptura com o fechamento disciplinar e a abertura à religação dos saberes, o germe de um pensamento dialógico frente às sínteses do pensamento dialético, o clamor por uma transdisciplinaridade necessária, o princípio do duplo-enraizamento cósmico/biológico do ser humano, os fundamentos do triplo-vínculo indivíduo-sociedade-espécie, as bases de uma antropoética rumo ao humanismo planetário; ideias constituintes do tecido complexo que contribuíram para o *corpus* de sua obra, com destaque aos seis volumes de *O Método*, publicados entre 1977 e 2004.

---

<sup>100</sup> MORIN, Edgar. *X da questão: o sujeito à flor da pele*. [1969] op.cit, 2003, p. 107-108. (Referência bibliográfica para todas as citações do parágrafo).

<sup>101</sup> Ibidem, p. 109. (Referência bibliográfica para todas as citações do parágrafo).

<sup>102</sup> Ibidem, p. 276-277.

O que temos diante de nós? Dois pensadores turbilhonantes que escaparam das restrições dos cânones filosófico-científicos para refletirem com pertinência a condição humana a despeito de todo paradigma e de toda epistemologia validadores das teorias, das pesquisas e dos conhecimentos obedientes ao formato-pai.

O conjunto das obras evidencia que a hominização é marcada por bifurcações, derivas e ramificações frente às crises societárias e/ou civilizacionais que produziram, e continuam a produzir, novas reorganizações sociais, políticas, econômicas, culturais, ambientais; reconfiguram o imaginário do homem, povoam o inconsciente coletivo da humanidade, tecem outras subjetividades. Ampliamos a complexidade do real, criamos juntos um outro mundo, uma nova humanidade. Uma Antropologia Universalista é imprescindível para lidarmos com essas novas paisagens que se dirigem até nós vindas do futuro. Pensar é antecipar.

As historiobiografias de Morin e Serres se entrelaçam aos acontecimentos da Grande Narrativa integrando-os em um circuito dialógico-recursivo-hologramático que atua como dispositivo cogerador/corregenerador de suas vidas ↔ ideias. Caminharemos por alguns deles que consideramos exemplares para esse contexto.

### ***Narrativas incandescentes***

*Todos temos necessidade de uma narrativa para existir, seríamos reducionistas caso isolássemos as histórias de vida, mesmos os fatos de natureza mais íntima, do seu contexto, ou seja, do mundo; seríamos cúmplices de uma arbitrariedade do pensamento – a separação entre sujeito e objeto, e consequentemente cúmplices de outra arbitrariedade – a separação entre vida e ideias. “Não escrevo de uma torre que me separa da vida, mas de um redemoinho que me joga em minha vida e na vida”<sup>103</sup>, escreveu Morin.*

É certo que nosso espírito tem necessidade de separar para conhecer, mas separar para conhecer não deve resultar em descontextualização, fragmentação, redução e simplificação. É imprescindível religar as partes ao todo, e o todo às partes, lição básica para um pensamento complexo. As ideias e as ações constituintes de uma história de vida acontecem no e para o mundo que retroage sobre o sujeito das ideias/ações; integram uma rede informacional/comunicacional produtora/organizadora de sentidos e significados,

---

<sup>103</sup> MORIN, Edgar. *Meus demônios*. [1994]. Tradução: Leneide Duarte e Clarice Meireles. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a, p. 09.

tecem uma historiobiografia que brota do caule da Grande Narrativa e que se alimenta, cresce e vive de sua seiva, ao mesmo tempo que opera a fotossíntese que a retroalimenta e produz novas bifurcações.

As narrativas de vida de Edgar Morin e Michel Serres colocam em dialogia sujeito↔objeto / vida↔ideias, constituem uma obra em aberto, inacabada. Ambos foram marcados pelas experiências da morte na infância e juventude, intercorrências presentes em suas histórias que dissiparam estruturas e bifurcaram suas trajetórias. A máxima de Heráclito, “*viver de morte, morrer de vida*” nos servirá como ideia-guia totipotente<sup>104</sup> ao percorrermos seus caminhos.

Nascido a 08 de julho de 1921 em Paris, Edgar Nahoun, descendente de uma família de judeus sefarditas, filho único de Luna e Vidal, um comerciante proprietário de uma loja de artigos de vestuário, conta<sup>105</sup> que nasceu com o cordão umbilical enforcando-o, mas foi salvo a tempo pelo médico. Considera-se um natimorto, e convive até hoje com uma sensação de sufocamento que se esvai com um longo bocejo. Quando criança foi acometido por uma febre aftosa, uma enfermidade bovina que curiosamente o afetou, novamente ficou entre a vida e a morte, seguiu vivendo graças à medicina e aos cuidados de sua tia Corinne.

Aos nove anos de idade o menino Edgar sofreu com o falecimento de sua mãe. Silêncios, verdades ocultadas e histórias dissimuladas por seus familiares sobre o súbito desaparecimento da mãe provocaram nele uma hecatombe na alma, sua “*Hiroshima interior*”, como gosta de se referir à perda da mãe. Viveu em segredo sua dor. “*Esse foi, é o acontecimento de minha vida*”<sup>106</sup>, revela em seu diário. Dessa catástrofe irreversível um novo nascimento, a dura realidade do mundo que o acometeu pela tomada de consciência da morte.

Tímido, filho único, órfão, na solidão vivenciava o luto e a saudade. O mundo exterior, desolador, fez com que ele buscasse abrigo no mundo interno do imaginário, onde o acontecimento era anulado. Sem que o notassem ou soubessem religava-se à mãe nos sonhos ou ouvindo incansavelmente a canção preferida dela. Ainda criança, passou a conviver com contradições profundas e precisou aprender a dialogar com elas.

---

<sup>104</sup> Michel Serres define o conceito de *totipotência* como a possibilidade de desdobramento das nossas potencialidades de forma onivalente. Sempre que usarmos as palavras *totipotência* ou *totipotente* o faremos no mesmo sentido, ou seja, como um dispositivo que possibilita o acionamento de todas as nossas capacidades ou de quaisquer fenômenos.

<sup>105</sup> MORIN, Edgar. *Meu caminho: entrevistas com Djénane Kareh Tager*. [2008] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

<sup>106</sup> MORIN, Edgar. *X da questão: o sujeito à flor da pele*. [1969] op. cit., 2003, p. 296.



*Muito cedo minha vida orientou-se para o que deveria ser seu próprio trabalho: expulsar essa morte e nutrir-me dela, e me impressiona retrospectivamente que meu primeiro livro inspirado em mim seja **O homem e a morte**.*

*Desde então, minha natureza torna-se o centro de contradições motrizes e destrutivas. (...). Uma consciência desencantada do real coexistira com a recorrência constante ao encantamento imaginário.*

*Percebo agora a que ponto o imaginário também faz parte do núcleo de meu ser; foi de modo inconsciente, imperativo, que meus trabalhos se orientaram por si mesmos para a realidade do imaginário, no qual me senti totalmente à vontade, e que a dupla polarização do real e do imaginário não parou de trabalhar em mim, até essa meditação inclusive.*

*Assim se constituíram as faces contraditórias da minha personalidade...*

*Edgar Morin*

---

MORIN, Edgar. *X da questão: o sujeito à flor da pele*. [1969] op. cit., 2003, p. 297.

---



Na adolescência Morin enveredou pela literatura e filosofia, com elas desenvolveu profundo sentimento de solidariedade e empatia com as misérias do mundo, nutriu sua compreensão pela complexidade humana. Ao ingressar na universidade inscreveu-se em quatro áreas ao mesmo tempo, filosofia, direito, história e ciências políticas, que não deixavam de fora a sociologia e a economia. Leu nos *Manuscritos*<sup>107</sup> de Karl Marx a ideia que o influenciou definitivamente: “... ‘As ciências do homem englobarão as ciências da natureza e as ciências da natureza englobarão as ciências do homem’. Essa frase é a fonte de todas as minhas obras antropológicas”<sup>108</sup>. Como Marx, queria compreender as realidades humanas, sabia que para isso deveria relacionar saberes distintos, ultrapassar e integrar os territórios disciplinares.

Dentre os filósofos foi Hegel que lhe forneceu a chave para lidar com as contradições presentes no mundo, especialmente as que vivia desde a infância no seu íntimo; mas foi em Heráclito que encontrou o antídoto para as sínteses que pretendem superar as contradições; em vez de superá-las, aprendeu que devia integrá-las ao conjunto da vida.

Novamente o espectro da morte se abateu sobre ele na juventude. Como escapar às forças tanáticas reais, concretas e objetivas deflagradas com a eclosão da II Guerra que assolou a Europa? O conflito externo logo produziu um conflito interior. Um embate entre seus sentimentos egoístas e altruístas o fizeram refletir: Fugir e sobreviver, ou ficar,

---

<sup>107</sup> Os *Manuscritos econômico-filosóficos* de Marx foram escritos em 1844 e publicados somente após a sua morte. A obra inacabada é fonte irradiadora dos escritos políticos, econômicos e filosóficos posteriores que o consagraram. No Brasil os *Manuscritos* foram publicados pela Boitempo Editorial.

<sup>108</sup> MORIN, Edgar. *Meu caminho: entrevistas com Djénane Karih Tager*. [2008] op. cit., 2010, p. 79.

resistir e viver? Decidiu ficar. O sentimento egoísta de fugir para sobreviver pareceu-lhe o mesmo que desistir de viver, seria se fechar para a sociedade, morrer para o mundo. Combater as forças de eliminação da vida implicava lutar em defesa da humanidade contra a barbárie nazifascista; uma abertura altruísta para o outro, para a sociedade, para o mundo.

Seguiu para Toulouse no sul da França, após a ocupação alemã de Paris, e se engajou na Resistência. Atirou-se no centro da morte! Escapou ao menos duas vezes das emboscadas da Gestapo, perdeu parentes próximos e muitos companheiros. Lutou em duas frentes simultaneamente, no Movimento Gaullista e no Partido Comunista, um agente duplo. Vivía as contradições no lugar de superá-las. Provavelmente ainda sem saber, de forma inconsciente, a dialógica operava em seu espírito, conceito esse irredutível ao pensamento complexo que se fará presente mais tarde no conjunto de sua obra, aqui descritas em oito macrotemas: Antropologia Fundamental, *Complexus*, Método, Nosso Tempo, Política, Transcrições Orais, Tetralogia Pedagógica, Vivido; seguindo a classificação feita por seu editor francês, a *Éditions du Seuil*.

Nascido a 01 de setembro de 1930 em Agen, no departamento de Lot-et-Garonne no sul da França, Michel Serres, filho de Marie-Cécile e Valmy, um *marinier* – condutor de embarcações fluviais – mais precisamente um barqueiro que se dedicava à extração de areia e cascalho do leito dos rios da região, conta<sup>109</sup> que naquele dia nasceu duas vezes. A primeira, no ato em que sua mãe deu à luz, e a segunda, após desenrolarem o cordão umbilical do seu pescoço que lhe asfixiava. Como Morin, escapou da morte no parto.

Ainda criança foi assombrado pela morte com a eclosão de várias guerras. Os massacres do fascismo, os extermínios nos campos de concentração, as aniquilações de Hiroshima e Nagasaki pelas bombas atômicas lançadas pelos EUA em agosto de 1945 inscreveram-se em seu corpo e no seu espírito. Sua geração cresceu em meio a multiplicação de cadáveres da Guerra Civil Espanhola, deflagrada em 1936, passando pela II Guerra Mundial até as guerras de independência colonial ao longo dos anos de 1950. A pouca idade que tinha na época dos conflitos o impediu de reagir a eles; presenciou inerte o avanço das forças de destruição em massa. Em entrevista afirmou que se tornou filósofo por causa de Hiroshima. “*Peço a meus leitores que ouçam a explosão desse problema em todas as páginas de meus livros, Hiroshima constitui o único objeto de minha filosofia*”<sup>110</sup>.

---

<sup>109</sup> SERRES, Michel. *Pantopie: de Hermès à Petite Poucette: entretiens avec Martin Legros et Sven Ortoli*. Paris: Éditions Le Pommier, 2014. Cf. p.20.

<sup>110</sup> SERRES, Michel. *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. [1992] op. cit., 1999, p. 25.

Em meio à vida no campo, a cerca de setecentos quilômetros de Paris, a formação educacional e cultural de Serres passou distante dos vanguardismos, intelectualismos e cosmopolitismos da capital, só não escapou da violência disseminada pela guerra. Aprendeu nas correntes das águas do rio e na mudança dos ventos a decifrar o tempo, entendeu o que era a sociedade vivendo em meio a uma cultura agrária tecida na coabitação comum na qual combinam-se homens, plantas e animais, compreendeu que veio do húmus da terra uma humanidade que se domesticou no corpo-a-corpo com a natureza, a mesma que pela humanidade foi domesticada.

Aos dezessete anos ingressou no curso de matemática na Escola Naval e formou-se em 1949. Entre 1952 e 1955 estudou filosofia na Escola Normal Superior, em um meio intelectual que se desenvolveu no ambiente hostil do pós-guerra; as salas e corredores da universidade eram habitados por patrulhas intelectuais, juízes das consciências. Um verdadeiro tribunal das ideias. À época eram quatro as vias de mão única que se impunham ao pensamento: o Marxismo, a Fenomenologia, as Ciências Sociais e a Epistemologia, territórios em guerra contra as correntes teóricas divergentes; Serres não se filiou a nenhuma.

Escaldado pela violência procurou na História das Ciências um campo de paz em meio às batalhas, permaneceu distante do alcance dos vigilantes do pensamento, refugiou-se na solidão e na tranquilidade. O isolamento geográfico da infância à juventude contribuiu muito para seu afastamento da ideia de pertencimento à determinada corrente ou teoria. *“Sou autodidata, não me vinculei a nenhuma das autoestradas na Escola Normal Superior, afinal eu já tinha uma autoestrada que era Matemática, não fazia sentido abandoná-la para seguir outra”*<sup>111</sup>. Não seguir por nenhuma delas viria a permitir que seu pensamento inventasse no lugar de citar e repetir.

Serres atribui a filósofa Simone Weil o seu despertar para a reflexão sobre o problema da violência do ponto de vista filosófico, político, científico, sociológico, antropológico. Havia conhecido a Ciência por meio do seu enaltecimento, mas foi sob a forma de um objeto-mundo, a bomba atômica, que o conhecimento científico se revelou mortífero e antiético. *“Fui formado intelectualmente pelas revoluções interiores à ciência, e filosoficamente pela relação, interior e exterior, entre ciência e violência. Essa última questão domina tudo até hoje, da vida ao conhecimento”*<sup>112</sup>. Sua reação contra a violência do mundo e a morte global da humanidade se faz presente em toda sua vida e

---

<sup>111</sup> SERRES, Michel. *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. [1992] op. cit., 1999, p. 17.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 28.

obra, que se destaca pelo esforço em traduzir, comunicar, construir pontes entre os distintos saberes e narrativas.

Por ter desviado das grandes autoestradas do conhecimento, trilhou um caminho singular na Filosofia. Privilegiou o pensamento inventivo tecido na solidão e no silêncio em detrimento aos debates e discussões nos auditórios dos congressos, onde predominam as pressões das ideias estabelecidas. “*Formado pela guerra, por todas as guerras, amo e busco a paz, que me parece o bem supremo*”<sup>113</sup>, reitera o filósofo. Também aprendeu com Simone que para pensar, para inventar, é necessário se retirar, não pertencer. “*É o que eu chamo o fim do ego: quanto mais eu penso, menos eu sou eu. Foi ela que me ensinou isso*”<sup>114</sup>. Ao trilhar seu próprio caminho entrecruzou fronteiras, bifurcou em direção a uma filosofia dos corpos misturados, tecida com a Natureza.

*Sendo nós mesmos seres vivos, habituamo-nos de tal modo a este mundo estranho que nos esquecemos de nos maravilharmos com ele. E no entanto: reprodução, nascimento, hereditariedade, pensamento são tantos outros enigmas para um físico ou um químico. Nada de semelhante se observa no mundo inanimado. A única coisa que podemos compreender é a morte e a decomposição dos sistemas vivos.*

L. BRILLOUIN

*Para nós, seres vivos, a vida parece evidente e normal, e a morte parece-nos espantosa e incrível. Mas, se nos colocarmos do ponto de vista do universo físico, então como explica claramente a frase de Brillouin citada como epígrafe, é a vida que se torna espantosa e incrível enquanto a morte não é mais do que o regresso dos nossos átomos e moléculas à sua existência física normal. (MORIN: s./d.a, p. 15).*

Atravessados pela convivência com a morte Morin e Serres a tomaram como objeto de suas reflexões. Compreenderam que ela não se restringe a um momento, não termina em si mesma, mas que nos acompanha sempre. A dialogia vida↔morte entrou na obra de ambos os pensadores de forma indelével. Cada um a seu modo pôde entender que a consciência da morte foi a brecha antropológica fundamental no processo de hominização. “*O trabalho da morte sobre o espírito humano o leva a questionar-se sobre os mistérios de sua existência, de seu destino, da vida, do mundo. E, enquanto diante da morte o homem se abre para o infinito e para o mistério, o espírito humano diante da natureza se abre para o mundo*”<sup>115</sup>. Tornamo-nos o que somos através da consciência da morte, aprendemos que morreríamos mesmo sem saber como e quando. “*Terminando por destruí-la, a morte constrói nossa vida*”<sup>116</sup>.

<sup>113</sup> SERRES, Michel. *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. [1992] op. cit., 1999, p. 36.

<sup>114</sup> SERRES, Michel. *Pantopie: de Hermès à Petite Poucette*. op. cit., 2014, p.35. (Tradução do autor).

<sup>115</sup> MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. [2001] op. cit., 2002b, p. 48.

<sup>116</sup> SERRES, Michel. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* [2001] op. cit., 2003, p. 10.



**Figura 21:** Sepultura neandertal no sitio arqueológico de La Chapelle-aux-Saints, França. Foto de Cédric Beauval.

**Fonte:** Revista Ciência Hoje; disponível em: [http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/2048/n/desca\\_nse\\_em\\_paz](http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/2048/n/desca_nse_em_paz)

As sepulturas neandertalenses datam ente 45.000 – 35.000 anos. E o que elas dizem? O rito fúnebre do sepultamento e os mitos que os acompanham indicam a crença no renascimento do morto ou da existência de vida após a morte, crenças fundamentais da humanidade presentes em todas as sociedades arcaicas.

*Aquilo que a sepultura neandertalense testemunha não é somente uma irrupção da morte na vida humana, mas também modificações antropológicas que permitiram e provocaram essa irrupção. (...)*

*Juntamente com a consciência realista da transformação, a crença de que essa transformação resulta numa outra vida na qual se mantém a identidade do transformado (renascimento ou sobrevivência do duplo) indica-nos que o imaginário irrompe na percepção do real e que o mito irrompe na visão do mundo. A partir de então, ambos passariam a ser, ao mesmo tempo, os produtos e os coprodutores do destino humano. (MORIN: 1975, p. 102-103).*

*A morte humana comporta uma consciência da morte como um buraco negro onde se aniquila o indivíduo. Comporta, ao mesmo tempo, uma recusa desse desaparecimento que se exprime, desde a Pré-História, nos mitos e ritos da sobrevivência do duplo (fantasma) ou nos do renascimento em um ser novo. (...)*

*A mortalidade criou o seu contrário mitológico: a imortalidade. Reservada aos deuses, foi concebida, sob certas condições, aos humanos; nas sociedades históricas, mitos e religiões permitiram o acesso aos fiéis.*

*Aqui se exprime, de modo paradoxal, o complexo de continuidade e de ruptura com nossos enraizamentos. Pois a morte é o nosso destino cósmico, físico, biológico, animal. E, ao mesmo tempo, é a nossa ruptura psicológica, mitológica e metafísica radical com esse destino. (MORIN: 2002b, p. 46-47).*

A consciência da finitude de si perpetua a ideia da imortalidade. Assim, a morte implica a vida. Voltemos à Capela Sistina, olhemos para os afrescos de Michelangelo, e o que temos diante de nós? Um Patrimônio Cultural da Humanidade. E o que vemos? O trabalho da morte sobre o espírito humano... Diante da irreversibilidade da morte criamos um mundo para nos perpetuarmos, abrimo-nos para o devir incerto do homem, da sociedade e do mundo. Essa dupla injunção finitude-eternidade atravessará seus caminhos.

Desde o Paleolítico as sepulturas neandertalenses sugerem que o homem buscava escapar da concretude do fim que a morte trazia por meio da crença subjetiva na imortalidade. Uma dupla abertura se processa no espírito humano, uma para o insondável e incomensurável e uma outra para a exploração e desvelamento do mundo. Dessa brecha antropológica emergiu um ser de imensa sapientalidade e de imensa demencialidade. Um *homo sapiens* que se constituiu como um *sapiens-demens*, um ser unidual, ao mesmo tempo natural e metanatural, cultural e metacultural. Um novo nascimento, outra hominização, pedra angular da Antropologia elaborada por Morin.

Com a publicação do livro *O homem e a morte*<sup>117</sup>, o esboço para uma Antropologia Fundamental apareceu pela primeira vez na obra de Morin. Os desafios da complexidade se impuseram ao seu conhecimento através da necessidade de religação dos saberes até então isolados em seus campos disciplinares; bem como o reconhecimento de que da morte, da decomposição, do fim iminente brotam as crenças na eternidade e, ao mesmo tempo, se estimula a perpetuação da sociedade. “*Encontrei a chave da primeira contradição ligando o horror da morte à força do imaginário e do mito no humano; a chave da segunda, na possibilidade de passar do ‘eu apenas eu’ egocêntrico ao ‘nós’ da comunidade*”.<sup>118</sup> Tornamo-nos o que somos por meio da consciência da nossa finitude, diante dela procuramos nos eternizar através de ideias e criações.

Serres questiona se teríamos inventado as crenças, os mitos, as línguas, as técnicas, as artes, ou mesmo se teríamos vivido o calor das paixões amorosas, ideológicas, religiosas, caso não soubéssemos do nosso destino final. Não só os seres humanos, mas as civilizações também desaparecem sem que possamos evitar. “*Nós que assistimos ao fim das culturas agrárias que apareceram no neolítico, ao desaparecimento das línguas antigas (...), ao súbito desvanecimento dos sistemas políticos, sabemos, há muito tempo, que as civilizações são mortais como nós*”.<sup>119</sup>

Não só os indivíduos e as culturas fenecem de maneira incerta e imprevisível, mas a humanidade também está sujeita à aniquilação global; as bombas atômicas sobre o Japão foram e são a brecha para a morte global da espécie humana, e talvez do próprio planeta como o conhecemos atualmente. “*Desde Nagasaki e Hiroshima, uma mudança de filosofia passou a ser necessária*”.<sup>120</sup>

A Grande História da Humanidade é narrada por meio de episódios épicos marcados por guerras, assassinatos, violações, dominações, extermínios, extinções. Um grande teatro da dialética põe em conflito homens, ideias, bichos, plantas, vírus, bactérias. Lutamos incansavelmente contra o mundo e contra nós mesmos. A Grande Narrativa do Humanismo é desejável! A paz será um dia possível?

*Minha primeira experiência significativa diante da morte concerne ao falecimento de minha avó Gina, mãe do meu pai, a quem eu era ligado afetivamente em demasia. Eu tinha seis anos de idade quando ela partiu, e trago comigo na lembrança o quanto eu chorei nesse dia e como sua morte doía em*

---

<sup>117</sup> MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. [1951] op. cit., 1997.

<sup>118</sup> MORIN, Edgar. *Meu caminho: entrevistas com Djénane Kareh Tager*. [2008] op. cit., 2010, p. 195.

<sup>119</sup> SERRES, Michel. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* [2001] op. cit., 2003, p. 11.

<sup>120</sup> Ibidem, p. 12.

meu peito e feria meu coração, mas lembro que, ao olhar para o firmamento vislumbrei em um raio de sol a imagem apaziguadora do meu sofrimento: a silhueta de Jesus que carregava nos braços a alma de minha avó para o céu. Certamente uma visão necessária para a preservação da minha saúde psíquica.

Meu espírito nutrido por uma educação religiosa cuidou para tecer os fios da compreensão lógico-racional aos fios da explicação mítico-imaginária da aceitação da morte e da sobrevivência da alma/espírito em um outro plano existencial que eu acreditava ser o Paraíso. Era inconcebível para mim qualquer outro destino para minha avó que não esse. Nem Purgatório, tampouco Inferno poderiam receber alma tão boa, amável, doce e carinhosa. Eu já havia presenciado outras mortes e funerais, mas o dela foi para mim um acontecimento. Não tenho dúvida que a consciência da irreversibilidade da morte e da finitude da vida aflorou em mim nesse dia com todas as implicações que ela carrega consigo.

Já naquela época eu gostava de folhear os livros da Divina Comédia de Dante Alighieri para ver as ilustrações que remetiam ao Inferno, ao Purgatório e ao Paraíso. O que mais me chamava a atenção era o livro do Inferno; as imagens assustadoras atuavam como um dispositivo que reforçava minha fé na narrativa mítica bíblica que sustentava meu sistema de crenças. Pedia ao meu pai que contasse como era o Inferno, e ele descrevia, assim como Dante, os castigos sofridos pelos diferentes tipos de pecadores – açoites ininterruptos, afogamentos em rios de sangue ferventes, chuvas de fogo, dilacerações provocadas por cães ferozes, enfim, sofrimentos intermináveis.



**Figura 22:** Desenho de Gustave Doré que ilustra o Canto XVIII do livro do Inferno, Divina Comédia de Dante Alighieri.

**Fonte:** <file:///C:/Users/Sydney/Downloads/A%20Divina%20Comedia%20-%20Dante%20Alighieri.pdf>

*Ouvia atento e acreditava ser exatamente como era contado por ele. O horror que sentia era também a energia motriz que renovava minha comunhão com os valores cristãos que posteriormente se mestiçariam aos meus ideais românticos de igualdade, solidariedade e liberdade encontrados nas utopias revolucionárias marxistas durante a juventude. Minha obsessão pelas imagens relativas ao Inferno as entendo, atualmente, como manifestação das forças psíquicas inconscientes que são ao mesmo tempo antagônicas, concorrentes e complementares às imagens relativas ao mito do Paraíso que alimentaram meus sonhos de justiça, benquerença, convivialidade em um mundo melhor. Tais imagens me fascinam até hoje e nas viagens que faço elas capturam meu olhar no interior das igrejas e museus.*



**Figura 23:** Fragmento do afresco Juízo Final, 1572-1574, de Giorgio Vasari e Federico Zucari, Cúpula da Catedral Santa Maria del Fiori, Florença, Itália.  
**Fonte:** Fotografia do autor, 2013.

*Acredito que minhas inquietações para saber quem somos, de onde viemos e para onde vamos têm íntima relação com a morte da minha avó e com o sistema de crenças apoiado nas narrativas bíblicas que alguns anos depois resultou no questionamento da frágil veracidade das mesmas. Fui acometido por um embate dialético interior entre as ideias criacionistas do pensamento religioso e as teorias evolucionistas do pensamento científico sobre a origem da vida e do homem. Revelou-se ilusória a substituição, por superação, de um sistema de crenças por outro que acreditei ter experimentado na adolescência e juventude. Transbordam desde as primeiras páginas dessa tese a imaginação, o imaginário e os mitos como coprodutores do meu sistema racional de conceitos e ideias.*

*Da experiência íntima da morte na infância passo à tomada de consciência, na adolescência, da possibilidade concreta da eliminação da vida frente a ameaça de uma guerra nuclear. Foi o cinema que me despertou para essa realidade.*

*Em 1984, eu tinha apenas 13 anos quando assisti ao filme 'O Dia Seguinte'<sup>121</sup> em uma exibição no curso de inglês. As imagens devastadoras do impacto das bombas se instalaram em meu espírito, impregnaram meu pensamento e plantaram na minha consciência a semente que fez germinar ideais ecológicos, ainda mais sabendo que os eventos mostrados no filme eram menos severos do que os que ocorreriam em uma real guerra nuclear<sup>122</sup>. Mais que o cenário sombrio dos dias subsequentes à hecatombe nuclear e da desesperança dos sobreviventes diante de um futuro que não se realizaria, o que mais me marcou foram as cenas de desintegração imediata dos corpos<sup>123</sup>, de instantaneidade da morte em consequência da fissão/fusão nuclear. O flash radiográfico das bombas gerou um "fiat lux" às avessas, e tudo foi desfeito.*



<sup>121</sup> O DIA SEGUINTE. Direção: Nicholas Meyer. Produção: ABC Circle Films. Estados Unidos, 1983. DVD (126 min), colorido. Título original: *The Day After*.

<sup>122</sup> No final do filme, antes de os créditos subirem, os realizadores informam que gostariam que as imagens do filme, mesmo sendo elas menos catastróficas do que seriam na realidade, pudessem sensibilizar os povos, nações e seus líderes sobre a importância de se evitar que uma guerra nuclear chegue às vias de fato, porque dela nada restaria.

<sup>123</sup> **Figura 24:** Frames do filme no momento em que a personagem se desintegra vítima da explosão da bomba nuclear. **Fonte:** Newsweek, 21 de novembro de 1983; disponível em: [http://www.pages.drexel.edu/~ina22/301/hnrs301texts-Day\\_After.htm](http://www.pages.drexel.edu/~ina22/301/hnrs301texts-Day_After.htm)

**Figuras 25 e 26:** Cenas de desintegrações das pessoas no instante da explosão das bombas nucleares. **Fonte:** <http://semensperms.com/2011/03/01/the-day-after-1983-america-gets-nuked-on-80s-tv/>

*Durante a década de 1980 ao menos três eventos chamaram minha atenção para as questões relativas aos perigos da radioatividade e à segurança na produção de energia nuclear, fora as ameaças representadas pelo arsenal bélico e por uma possível guerra dizimadora da humanidade.*

*O primeiro deles foi a inauguração no Brasil da usina nuclear em Angra do Reais, município do litoral fluminense, alvo de críticas dos ambientalistas e do recém-criado Partido Verde que puseram na pauta do dia a questão da insegurança nuclear, ou melhor, dos prováveis riscos de contaminação radioativa do meio ambiente; no ano seguinte, mais precisamente em 1986, aconteceu o mais grave acidente nuclear de todos os tempos, a explosão de um reator na usina nuclear de Chernobyl<sup>124</sup>, na Ucrânia, que pôs em alerta todo o planeta e suscitou reportagens e debates sobre os riscos que as usinas representavam para a humanidade; e por fim, em 1987, a contaminação por Césio-137 colocou a cidade de Goiânia<sup>125</sup>, no interior do Brasil, no mapa mundial dos acidentes radioativos. Estes acidentes, cada qual com a proporção que lhe é devida, produziram vítimas fatais, provocaram graves problemas de saúde na população e contaminaram o meio ambiente.*

*Mais uma vez foi o cinema, agora de Akira Kurosawa, que despertou em mim uma empatia incondicional em relação à humanidade frente às barbáries do mundo produzidas por ela mesma. 'Sonhos'<sup>126</sup> foi para mim um dos filmes mais emblemáticos,*



**Figura 27:** Cena da explosão de uma bomba atômica nas imediações de Kansas City, imagem ícone do filme *O Dia Seguinte*.

**Fonte:** <http://www.dga.org/Craft/DGAQ/All-Articles/0503-Fall-2005/TV-Movies-80-Years-of-Directorial-Excellence.aspx>

Parte do diálogo entre o médico Dr. Russel Oakes (M) e uma grávida (G) nos escombros do Hospital de Lawrence em meio as vítimas da explosão nuclear:

(G) – *Se estivesse em um útero e tivesse escolha gostaria de nascer em um mundo assim?*

(M) – *Acha que o bebê está decidindo se nasce ou não?*

(G) – *Acha que estou segurando por vontade própria? Como ir ao banheiro?*

(M) – *Tem de querer que o bebê nasça, goste ou não. Está segurando a esperança.*

(G) – *Esperança para que? O que acha que vai acontecer? Vamos enterrar os mortos e reconstruir supermercados? Quem sobreviver vai dizer: 'Sinto muito, mas não tive culpa!' Sabíamos dos riscos, das bombas e da radiação. Sabíamos há quarenta anos, mas ninguém se interessou. (O DIA SEGUINTE. Direção: Nicholas Meyer. op.cit. 1983).*

<sup>124</sup> No dia 26 de abril de 1986 ocorreu a explosão do reator número 4 da usina de Chernobyl, na Ucrânia, antiga URSS. O acidente foi classificado no nível 7, valor máximo da Escala Internacional de Eventos Nucleares – INES. Ao longo de dez dias o incêndio no reator lançou radionuclídeos perigosos na atmosfera contaminando a maior parte da Europa. Há controvérsias sobre o número de vítimas do acidente. Os dados oficiais da Agência Internacional de Energia Atômica – AIEA estimam em 4.000 o número de vítimas. O Greenpeace divulgou relatório de cientistas da Ucrânia, Belarus e Rússia no qual aponta que dos 2 bilhões de humanos afetados pela radiação de Chernobyl, 270 mil haviam desenvolvido cânceres e 93 mil morreram em decorrência da doença. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/novo-estudo-do-greenpeace-reve/>

<sup>125</sup> Em setembro de 1987 catadores de ferro velho levaram das antigas instalações da Santa Casa de Misericórdia um aparelho de radioterapia que fora abandonado no local. Os estabelecimentos que adquiriram partes do aparelho para serem vendidas como sucata acabaram expondo e espalhando no ambiente o Cloreto de Césio-137 que contaminou bairros e moradores da periferia. O acidente com Césio-137 em Goiânia é o mais grave acidente radioativo ocorrido fora de usinas nucleares; 1.015 pessoas cadastradas no Centro de Assistência aos Radioacidentados recebem tratamento médico. A Associação das Vítimas do Césio aponta que ao menos 1.600 pessoas foram afetadas direta ou indiretamente. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/09/13/acidente-com-o-cesio-137-em-goiania-completa-25-anos-vitimas-relatam-preconceito-e-abandono.htm>

<sup>126</sup> SONHOS. Direção: Akira Kurosawa. Produção: Akira Kurosawa USA e Warner Bros. Japão, EUA, 1990. DVD (119 min.), colorido. Título original: *Yume*. – O filme é composto por oito episódios intitulados: “Um raio de sol através da chuva”, “O jardim dos pessegueiros”, “A tempestade”, “O túnel”, “Corvos”, “Monte Fuji em vermelho”, “O demônio chorão” e “O vilarejo dos moinhos”.

se não o mais dentre os que havia assistido, e continua a ser um dos meus filmes de cabeceira. Sua narrativa mitopoética embebida em fábulas, contos, lendas, tabus, mitos, fatos e acontecimentos entrelaça natureza e cultura, morte e vida, medos e esperanças, real e imaginário e me fez sonhar junto com Kurosawa possíveis futuros nos quais o homem se redescobriria como parte da natureza, se perceberia como mais um vivente em meio a incontáveis outros nascidos da mesma fonte efervescente de vida e se atentaria à fragilidade da biosfera desse minúsculo e pálido ponto azul que é a Terra no Universo.

Não foi somente isso que fez de 'Sonhos' um filme marcante, mas também seu inverso, os pesadelos reais e concretos que desnudaram sem pudor a barbárie do espírito humano e as violências impetradas pela civilização, que evidenciaram a loucura e o descomedimento do sapiens, não porque ele sonha, imagina, delira. Não! Ao contrário disso, é porque o sapiens não tem consciência de sua própria demencialidade; acredita cegamente, como um louco obsessivo, que é totalmente racional, que a razão o livrará das mazelas que a racionalização projeta e executa diuturnamente.

Os episódios 'Monte Fuji em vermelho'<sup>127</sup> e 'O demônio chorão', respectivamente sexto e sétimo sonhos, tratam das consequências da racionalização da vida e das ideias e dos danos do desastre nuclear. A explosão dos reatores de uma usina atômica provocou a erupção do Monte Fuji, e em meio à multidão desesperada em fuga um personagem alerta: "O Japão é tão pequeno que não dá para escapar!" Fim de linha? Atirar-se ao mar pareceu ser a atitude mais sensata para a multidão que fugia das nuvens radioativas coloridas que a tudo contaminam: a amarela é Estrôncio 90; a violeta é Césio 137; a

vermelha é Plutônio 239. Encurralado entre o mar e as nuvens mortíferas que se aproximam o mesmo personagem diz: "A estupidez do homem é inacreditável, a radioatividade era invisível. Por causa do perigo eles a coloriram, mas isso só permite que você saiba qual tipo irá matá-lo. É o cartão de visita da morte".

Antes de saltar para a morte atirando-se ao mar revela ser ele um dos responsáveis em avaliar como seguras as usinas nucleares e desculpa-se com a mulher que agarrada aos filhos

pequenos havia praguejado contra aqueles que afirmaram ser seguro o uso da energia nuclear, porque o problema estaria no mal-uso da mesma. Enquanto isso, um terceiro personagem tenta em vão espantar as nuvens radioativas abanando-as com seu paletó; fim do sexto sonho-pesadelo.



<sup>127</sup> **Figura 28:** Cena do sonho "Monte Fuji em vermelho" na qual os sobreviventes na beira do mar tentam se desvencilhar das nuvens radioativas coloridas. **Fonte:** <https://www.youtube.com/watch?v=ZlpjuUe-NY>

No episódio seguinte, 'O demônio chorão'<sup>128</sup>, um humano sobrevivente à hecatombe nuclear vaga em uma terra devastada, árida, rochosa, com lagos vermelhos, flores gigantes e habitada por humanos mutantes com chifres na cabeça, semelhantes aos Onis<sup>129</sup> presentes nos mitos e lendas japoneses. Ao deparar-se com um mutante o mesmo lhe conta que durante o dia, canibais que são, devoram-se uns aos outros, e ao anoitecer urram de dores provocadas pelos chifres nascidos em decorrência das mutações. Há uma hierarquia entre eles que favorece os que possuem mais chifres que durante o dia comem os mais fracos, pobres humanos-diabos de um chifre só; mas por outro lado à noite enlouquecem de dor por possuírem mais chifres que os outros. O cenário me remetera ao próprio Inferno da Divina Comédia de Dante Alighieri.



Não seria o desastre na Central Nuclear de Fukushima<sup>130</sup> um primeiro ensaio-realidade dos sonhos-pesadelos de Kurosawa a se concretizar? Esperaremos que as forças tanáticas na sua potência máxima nos ameacem com a morte global da biosfera para delas tentarmos escapar trilhando novas vias produtoras/reprodutoras da vida? Os dispositivos eróticos de criação, invenção e inovação sobreviverão em um sistema-mundo parasitado, debilitado e desvitalizado pela patologia da racionalização?

<sup>128</sup> **Figura 29:** Cena do episódio "O demônio chorão": Observando o Vale dos mutantes à noite, quando eles urram de dor. **Fonte:** <http://navebebop.blogspot.com.br/2015/04/interpretando-os-sonhos-de-dreams-de.html>

**Figura 30:** Cena do episódio "O demônio chorão": Diálogo entre o personagem que vaga solitário a esmo com um humano mutante de um chifre só que conta o que aconteceu com a Natureza e com os seres humanos após a hecatombe nuclear. **Fonte:** <http://gsmrn.blogspot.com.br/>

<sup>129</sup> Onis são personagens que povoam a mitologia e as lendas japonesas, seres antropomorfos assemelhados aos demônios, ogros ou trolls. Populares na cultura e no imaginário japonês, estão presentes na literatura, no teatro, nas artes, nos desenhos animados, nos mangás e games. Eles geralmente são descritos como espíritos de deuses portadores de doenças e mazelas que devem ser afastados. Há uma festa popular chamada *Setsubon*, que comemora a passagem do inverno para a primavera, quando ocorre o ritual do *Mamemaki*, no qual os participantes colocam uma máscara de *Oni* e lançam grãos de soja dizendo: "Para fora os demônios, que entre a boa sorte". Há também as lendas nas quais os humanos se transformam em *Onis* para aterrorizar outros humanos ou que após a morte viram uma entidade maligna, um *Oni*, que aplica castigos aos pecadores, iguais aos demônios que castigam os pecadores no Inferno da mitologia cristã.

<sup>130</sup> Em 2011 um tremor de terra provou um tsunami que causou a destruição da usina nuclear de Fukushima no Japão. Cerca de 16 mil pessoas morreram, mais de 3 mil desapareceram e ao menos 100 mil deixaram seus lares para nunca mais voltar. Localizada a beira-mar os vazamentos radiativos contaminaram o ecossistema local, mas sobretudo o oceano Pacífico, que continua a espalhar radiatividade até a costa do continente americano, contaminando inclusive todo Hemisfério Sul.

Tanto quanto as narrativas míticas e os fatos concretos, o cinema, presente na minha vida desde a infância, povoou meu imaginário, cultivou meus afetos-sentimentos, despertou emoções-sensações, produziu reflexões profundas e gerou novas inteligibilidades a partir da dialógica morte↔vida. Sem que eu tivesse consciência disso, a morte, como acontecimento disruptivo, incumbiu-se de talhar novas vias de acesso do meu espírito no mundo e do mundo em mim. Como fenômeno social total produziu novas subjetivações e objetivações ao misturar mitos e ideologias, afetos e pensamentos, tempos e lugares, parentes próximos e humanidade, ideias e ações, crenças e conhecimentos que modificaram meu eu-sujeito, alargaram minha cosmovisão e me abriram para as ideias de Edgar Morin, Michel Serres e da plêiade de pensadores até aqui referenciados.

O que dizem as sepulturas desde a pré-história do espírito humano? Dizem que a realidade do homem é feita da mesma substância da qual é feita a imaginação. “Viver de morte, morrer de vida”, eis aí a totipotência de nossa ideia-guia geradora e regeneradora de Eros.

Morin tem o cinema presente em sua vida desde que era garoto e vivia com a família em Ménilmontant<sup>131</sup>, *quartier* popular situado no 20º *arrondissement* de Paris, para onde se mudou com seu pai após a morte de Luna. Foi nas salas de projeção do bairro que encontrou refúgio no mundo da imaginação contra as dores decorrentes da perda da mãe. Dramas, *westerns*, comédias, melodramas, musicais o projetavam para diferentes lugares e épocas. Neles compartilhava com os personagens os sacrifícios, as derrotas, as dores, os sofrimentos, as vitórias, as conquistas, os gozos, as redenções, os júbilos; um turbilhão de emoções entre tristezas e felicidades sacudia sua alma. Conta<sup>132</sup> que era empático aos dramas vividos na tela, logo se identificava com eles.

A influência que a *sétima arte* exercera sobre ele o fizera futuramente refletir sobre a universalidade do cinema enquanto linguagem, como se fosse um esperanto natural<sup>133</sup>. Nutrido pela cultura cinematográfica pôde extrair de sua fonte imagética a matéria-prima constituinte do real e do imaginário, e fazer do cinema uma via de acesso ao *anthropos*.

Dispositivo de religação entre *Mitos*↔*Logos*, o cinema é a brecha antropológica que permite ao homem, em estado de vigília, penetrar no mundo das imagens do inconsciente, sonhar acordado, vivenciar os mais diversos estados do ser sem que isso ocorra, necessariamente, ao dormir e sonhar. Permite a todos nós que experimentemos, ou melhor, vivenciemos uma simbiose entre dois psiquismos, aquele próprio ao filme,

---

<sup>131</sup> MORIN, Edgar. *Mon Paris, ma mémoire*. [2013] Paris: Pluriel, 2014.

<sup>132</sup> MORIN, Edgar. *Meus demônios*. [1994]. op. cit., 2002a.

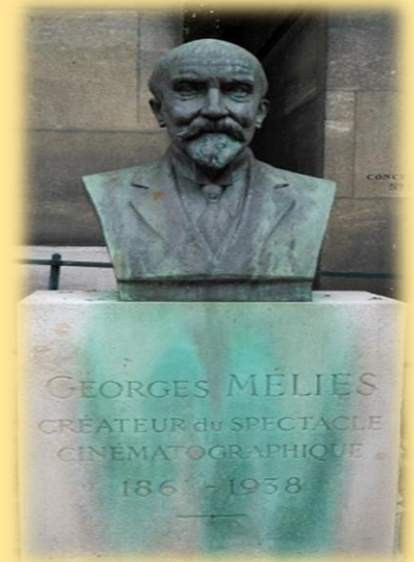
<sup>133</sup> MORIN, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia sociológica*. [1956] Tradução: Luciano Loprete. São Paulo: É Realizações, 2014.

manifesto pelos seus atores, e o do próprio espectador, por meio de um sistema de projeção-identificação. As imagens que saltam das telas e povoam o nosso espírito são ao mesmo tempo produto e produtoras do imaginário da realidade e da realidade do imaginário. “*A imagem não é apenas o entroncamento entre o real e o imaginário, é o ato constitutivo radical e simultâneo do real e do imaginário*”<sup>134</sup>.

Conceber essa relação dialógica real↔imaginário capaz de lidar com as oposições e distinções existentes entre ambos, bem como reconhecer sua imprescindível complementaridade, abre nossa compreensão para a realidade do homem imaginário; somos concomitantemente *sapiens/demens, faber/ludens, economicus/consumans, realis/imaginarius*.

Mais que a sétima arte ou uma indústria do entretenimento, o cinema é coprodutor, com o homem, dos mitos, da imaginação, das fantasias, do irreal e da própria realidade, que retroagem sobre ambos e os produzem. “*O cinema mostra o processo de penetração do homem no mundo e o processo inseparável de penetração do mundo no homem*”<sup>135</sup>, com ele fabricamos mundos, cultivamos sonhos e projetamos futuros. A universalidade do cinema é um registro indelével da unidade do homem.

Em *Autocritique*<sup>136</sup>, obra na qual buscou desnudar-se para enxergar através e além de si mesmo, Morin afirmou que não só o cinema contribuiu para coproduzir suas compreensões de mundo; a literatura tratou de esculpir seu espírito com as mais belas histórias da cultura, e o ajudou a esboçar seu próprio personagem para habitar o mundo, descrito por ele como um indivíduo incerto, contraditório e mutante; de certa forma impreciso, inacabado. Frente às



**Figura 31:** Sepultura de Georges Méliès, Cemitério do Père-Lachaise, Paris, França.  
**Fonte:** Fotografia do autor, 2015.

A linguagem do cinema oferece esse tipo de compreensão das coisas e do mundo interior à inteligência abstrata, que a prepara e a conduz e que é o primeiro ponto em comum da mente humana. (...). Não seria o cinema o esperanto natural, a língua universal original?

A inteligibilidade universal dessa linguagem é o prolongamento indissociável da participação universal suscitada pelo cinema. (...).

Temas universais, criação cosmopolita, uma influência e um papel universais são os frutos de uma universalidade antropológica primordial. ...observemos que Carlitos é a prova exemplar de todas essas universalidades. (...).

O cinema, como a música, encerra a percepção imediata da alma por ela mesma. Como a poesia, ele se desenvolve no campo do imaginário. Mas, mais que a poesia, mais que a pintura e a escultura, ele opera por e através de um mundo de objetos dotados de determinação prática, e expõe narrativamente um encadeamento de acontecimentos... Falta-lhe o conceito, mas ele o produz, e assim, mesmo que ele não expresse todas as virtualidades – pelo menos ainda não – ele fervilha em todas as virtualidades do espírito humano. (MORIN: 2014, p. 233-236).

<sup>134</sup> MORIN, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia sociológica*. [1956] op. cit., 2014. p. 14.

<sup>135</sup> Ibidem, p. 243.

<sup>136</sup> MORIN, Edgar. *Autocritique*. [1959] Paris: Éditions du Seuil, 2012.

## Marx, uma primeira concepção

*O marxismo é, então, para mim, abertura e não enclausuramento. Em vez de ver nele uma teoria reducionista que explicava toda a história humana pela luta de classes e pelo desenvolvimento das forças produtivas, eu via nele a verdadeira ciência multidimensional articulando, umas às outras, as ciências naturais e as ciências humanas. O marxismo impelia-me ao saber 'total', isto é, ao conhecimento do todo enquanto tal, permitindo integrar o conhecimento das diversas partes constituintes desse todo. Essa visão satisfazia meu desejo de abraçar o todo. (MORIN, 2002a, p. 28).*

*...eu havia sido tomado pela energia singular com que Marx havia unido em uma só concepção teoria e práxis. O que me tocava e me impressionava era ele ter conseguido arrumar na visão dialética da história humana, (...), a ideia de que um salto revolucionário radical poderia provocar a abolição da exploração do homem pelo homem. Assim, meu hegeliano-marxismo, (...) me fazia abraçar a religião da 'salvação' terrestre.... Certamente, mesmo no momento mais intenso de minha fé (...), soube que não mais haveria na terra 'paraíso' socialista, e que as infelicidades dos humanos não seriam apagadas para sempre. (...).*

*...eu poderia facilmente integrar o evangelismo que me tinha chegado através de Tolstoi e de Dostoiévski, e isso ainda mais porque a grande religião da salvação terrestre prolongava para o mundo leigo a religião de salvação celeste. Encontro em meu diário da época estas linhas, que devem datar de 1942 ou 1943: Marxistamente, o esforço de toda vida humana é atingir o essencial. O essencial não é mais o absoluto da ideia hegeliana, mas as relações de amor entre os homens. O amor livre é o essencial da vida. É também o livre conhecimento. Livrar-se do inessencial, isto é o essencial para o homem.... (MORIN: 2002a, p. 193).*

misérias, às injustiças e às humilhações, o cinema e a literatura alimentaram seus ideais políticos salvacionistas e redentores presentes nas ações revolucionárias libertadoras dos oprimidos e portadoras das mensagens de igualdade e fraternidade planetárias. Não suportava a ideia de exploração do homem pelo homem, tanto que em casa provocara uma tempestade ao dizer que não compreendia como o comércio, ao qual seu pai se dedicava, poderia ser um trabalho honesto e ético, uma vez que Vidal comprava uma mercadoria por um valor e a revendia por duas vezes mais. *Um roubo!* – exclamava.

Na época do colégio, em princípio, o ceticismo de Morin o fazia se sentir acima dos embates políticos entre direita e esquerda. A partir dos quinze anos se entusiasmou com os ideais solidários e socialistas da Frente Popular<sup>137</sup>; tanto as ideias reformistas como as revolucionárias presentes na coalizão de esquerda coabitavam seus pensamentos. É certo que os filmes e os livros cuidaram de embalar o seu espírito com os princípios éticos, políticos, filosóficos, estético-culturais que o levaram na juventude a comungar com os ideais da luta internacionalista em defesa de uma fraternidade universal, mas foi em Marx que encontrou abrigo teórico que deu respaldo às suas motivações, desejos e utopias. *“Delboy [um amigo] demonstra-me que o marxismo é a verdadeira fonte do conhecimento das realidades humanas, e que ele permite fundar, neste conhecimento, a esperança de um mundo melhor”*.<sup>138</sup>

Quem dos que já leram Marx não pensou o mesmo?

<sup>137</sup> A *Front Populaire* foi uma coalização de forças de esquerda formada por socialistas, comunistas e radicais independentes que assumiu o governo francês em 1936 tendo à frente do governo o líder socialista Leon Blum. No curto período de dois anos que governaram implantaram reformas pioneiras: jornada de trabalho de 40 horas semanais, férias remuneradas, uma convenção coletiva de trabalho - CCT. O lema da Frente Popular era “Pão, Paz, Liberdade”. O entusiasmo que tomou conta de Morin e de grande parte dos franceses em 1936 com a vitória da Frente Popular foi magistralmente retratado no filme *Le bal* (O Baile), de Ettore Scola de 1983.

<sup>138</sup> MORIN, Edgar. *Meus demônios*. [1994]. op. cit., 2002a, p.28.

Antes da II Guerra Morin se engajou contra o fascismo e contra o stalinismo; encantara-se pelas ideias libertárias e pacifistas. Com a ocupação da França pelos nazistas não demorou a entrar para a Resistência atuando em duas frentes, a gaullista e a comunista. No pós-guerra aderiu ao comunismo stalinista-soviético, que rapidamente o levou à desilusão e, em 1951, à sua expulsão do partido, com o qual já não se identificava mais ao menos desde 1949.

Ainda em *Autocritique* ele cuidou de refletir sobre as cegueiras e ilusões que o levaram a se filiar ao partido, a aderir ao comunismo stalinista e a compactuar com o cinismo do realismo soviético; o autoexame também o ajudou a amplificar suas críticas ao marxismo dogmático e doutrinário, a liberá-lo da dominância teórica do marxismo aberto e sem fronteiras, como o havia concebido em princípio, para terminar provincializando Marx em sua constelação de ideias. “*Tornei-me definitivamente autônomo em política. Sinto-me mais eficaz exprimindo minhas ideias sob minha própria assinatura do que sob o rótulo de um partido. ...caminho em direção ao pensamento complexo*”<sup>139</sup>. Recentemente escreveu que após ter se desconvertido e feito autocrítica voltou a combater em duas frentes, atualmente a que combate os fanatismos etno-nacionais-religiosos e a que se opõe ao capitalismo financeiro especulador; a conjunção de ambas conduz a humanidade ao desastre<sup>140</sup>.

As histórias que o fizeram sofrer, chorar, amar, rir com as personagens alimentaram o romantismo que o levou a pensar em uma reconciliação do homem com a natureza, tanto que quis escrever um ensaio, jamais concretizado, que se chamaria *Homem e os Animais*<sup>141</sup>. Além do cinema, foram os literatos russos, como Tolstói e Dostoiévski, que nutriram seu humanismo para além do racional e abstrato humanismo francês calcado nas ideias de igualdade, fraternidade, liberdade e emancipação. Ter compaixão pelo sofrimento, compreender o sentido profundo da miséria psíquica-espiritual do homem e dos múltiplos antagonismos que consomem a alma humana colocou Morin diante da complexidade propriamente dita da condição humana, na vida e nas ideias.

Entre filmes e livros, ainda sem que soubesse ou tivesse tomado consciência, seu espírito-cérebro tecia pouco a pouco uma cosmovisão complexa do homem e do mundo

---

<sup>139</sup> MORIN, Edgar. *Meus demônios*. [1994]. op. cit., 2002a, p.197.

<sup>140</sup> *Préface à la nouvelle édition* (2012). Cf. MORIN, Edgar. *Autocritique*. [1959] op. cit., 2012.

<sup>141</sup> *L'Homme et les Animaux*, título original em francês, seria um ensaio dedicado a provar a superioridade dos animais frente aos seres humanos, uma vez que entre eles não existiria a perversidade. Os humanos deveriam deixar as cidades, se despojarem de tudo e regressarem para as florestas para viverem nus na natureza. Cf. MORIN, Edgar. *Autocritique*. [1959] op. cit., 2012, p. 26.



### A Lenda do Tsuru

Companheiro dos monges eremitas das montanhas, o pássaro simboliza a longevidade, a juventude e, segundo dizem, pode viver mil anos. Uma das lendas em torno dele diz que aquele que fizer mil *Tsurus* em origami terá o seu desejo realizado.



### A bomba, a menina e os mil *Tsurus* em origami

Em 1945, quando a bomba atômica sobre Hiroshima foi lançada, Sadako Sasaki era uma menina de dois anos de idade. Sobrevivente ao ataque ela viria dez anos mais tarde a ser internada com leucemia, causada pela radiação nuclear. No hospital, desejosa de vida, Sadako decidiu fazer mil *Tsurus* de origami, acreditava piamente que após confeccionar o milésimo pássaro os deuses atenderiam seu pedido e seguiria vivendo. Familiares e amigos a ajudavam com os origamis. Cada vez mais debilitada Sadako tomou consciência que sua doença fora causada pela guerra e gostaria que seus *Tsurus*, mais que salvá-la da morte, levassem à paz para os povos. Escreveu na asa do último pássaro que conseguiu dobrar a palavra PAZ, faleceu antes de finalizar os mil. Muitos reuniram-se para completar os origamis que depois foram enterrados junto com a menina.

Após sua morte um monumento dedicado às crianças vitimadas pela bomba foi erguido no Parque da Paz em Hiroshima e anualmente milhares de *Tsurus* são enviados de todo o mundo para lá simbolizando a paz.



Figuras 32, 33 e 34: *Tsuru* em origami; Mangá de Sadako Sasaki; Mil *Tsurus* da Paz.

Fonte: <http://passaros.com/index.php/2013/08/16/mil-tsurus/>  
<http://ughfdasdasdsad.blogspot.com.br/2014/07/a-lenda-dos-mil-tsurus-de-origami.html>  
<http://www.chicetrose.com/inspirations/ceremonie/decoration-de-mariage-avec-des-grues-en-origami/>

letal para os que pensam a realidade banhados nas águas da fragmentação do paradigma cartesiano. Nise da Silveira recomendava aos estudantes de medicina que deixassem de lado os manuais de psiquiatria para lerem Machado de Assis, se quisessem compreender a fundo a complexidade da psique humana. Aconselhamos aqueles que queiram acessar a realidade antropológica do homem, que se habituem a ir ao cinema, que assistam *Sonhos*, porque nele nos deparamos com o *homo complexus* sobre o qual Morin se debruçou em busca de uma Antropologia Fundamental.

*Sonhos* põe em dialogia não só a ficção e a realidade, mas também a historiobiografia de Kurosawa e a Grande Narrativa, constituindo um grande circuito retroativo de interpenetração do eu no nós, do nós no mundo e do mundo no nós e no eu. *Sonhos* não deixa de ser uma narrativa contemporânea da cultura na medida em que a distância espaço-temporal entre os oito episódios do filme foi abolida. Como um *Tsuru* em origami, que para existir e se tornar portador da simbologia que carrega precisou que os pontos distantes do plano liso da folha que lhe deu origem fossem aproximados pelas dobraduras, *Sonhos* entrelaça as artes, os mitos, as lendas, as técnicas, os fatos, as tradições, a espiritualidade, a sabedoria, a filosofia e a ciência, que juntos escrevem a ação performativa do homem implicada na complexa relação vida↔morte. No que nos tornamos?

*A incursão no mundo das ideias nos livros me ensinou a reaprender a pensar, mas o mundo das imagens do cinema foi uma das matrizes mais significativas desse movimento. Aos poucos o velho dogmatismo prometeico da tecnociência que insuflava meu espírito desde a adolescência cedeu lugar para uma nova forma de compreensão do mundo, uma compreensão mais sistêmica das relações, da vida e da existência. Minhas preocupações ecológicas/ambientais se desenvolveram juntamente às minhas preocupações econômicas/sociais. Não concebia um mundo mais fraterno, solidário, socialista, fora da órbita das questões relativas à preservação do meio-ambiente, da salvaguarda da natureza.*

*A dialogia morte↔vida me fez compreender que ao mesmo tempo em que tememos a morte, e dela tentamos escapar, nosso trabalho a fabrica com potência e alcance cada vez maiores. A ameaça à vida dos ecossistemas e a morte generalizada que o espectro nuclear carrega consigo não fomentaram somente minha preocupação com a presença das usinas, mas trouxeram para junto de mim Hiroshima e Nagasaki, que deixaram de ser fatos históricos passados e tornaram-se acontecimentos presentes, ou melhor, contemporâneos. Compreendi que o improvável de uma guerra nuclear só o será de fato se desativarmos a totalidade do arsenal de bombas existente; o mesmo é verdadeiro para os acidentes ocorridos nas usinas.*

*As contaminações, os cânceres, as mutações genéticas, as aniquilações e a letalidade provocadas pela radioatividade devem-se tanto aos acidentes como ao uso bélico da energia nuclear, mas o problema não se limita a eles. São corresponsáveis por tais mazelas as descobertas realizadas pelas pesquisas científicas sobre fissão e fusão nucleares, bem como o desenvolvimento das técnicas e tecnologias que permitiram que produzíssemos bombas e usinas geradoras de energia. Ao mesmo tempo sabemos que as descobertas da Física Nuclear trouxeram benefícios para a sociedade na área da Medicina, da Astrofísica, da Cosmologia e da Física das Partículas. Como lidar com essa ambivalência própria ao conhecimento tecnocientífico? É um caminho sem saída? Devemos abandoná-lo?*

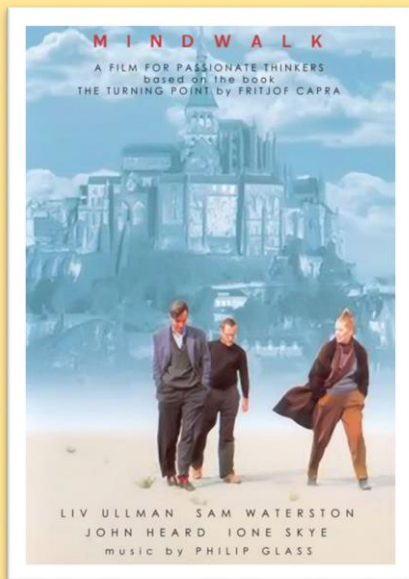
*O filme 'Ponto de mutação'<sup>142</sup> chegou até mim antes mesmo do livro, fato comum para quem foi inundado pelas imagens/filmes desde sempre. Em um passeio inesperado ao Mont Saint-Michel, na França, Jack Edwards, candidato derrotado nas eleições presidenciais dos EUA, e seu amigo Thomas Harriman, poeta em crise existencial, conhecem Sonia Hoffmann, personagem interpretada por Liv Ullman, uma física em autoexílio sabático desgostosa com os rumos da ciência. O ponto de partida filosófico dos diálogos está centrado na dialogia vida↔morte e suas implicações na percepção que os homens tem do mundo.*

*Uma primeira conversa entre o político e o poeta, antes mesmo de conhecerem a cientista, acontece no cemitério local do Mont Saint-Michel após ouvirem uma explicação sobre a centralidade da morte para os homens da era medieval dada por uma guia a um grupo de turistas. Thomas diz a Jack*

---

<sup>142</sup> PONTO DE MUTAÇÃO. Direção: Bernt Amadeus Capra. Produção: Adrianna A. J. Cohen. EUA, 1990. DVD (112 min.), colorido. Título original: *Mindwalk*.

*Se as portas da percepção se abrissem,  
tudo apareceria como é.  
(William Blake)*



**Figura 35:** Cartaz do filme.

**Fonte:**

<http://www.imdb.com/title/tt0100151/>

Com roteiro adaptado da obra homônima de Fritjof Capra, o filme tem seu argumento inspirado no ensinamento do *I Ching*, citado pelo próprio Capra na abertura do seu livro:

*“Ao término de cada período de decadência sobrevém o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurge. Há movimento, mas este não é gerado pela força... O movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa razão, a transformação do antigo torna-se fácil. O velho é descartado, e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano”.*

Do encontro entre um político, um poeta e uma cientista nascem os diálogos sobre uma nova visão/percepção de mundo, mais sistêmica, plenamente ecológica, pacifista, desocidentalizada e não capitalista, fundada no equilíbrio dinâmico entre os princípios femininos e masculinos do Yin/Yang, próprios do taoísmo. Uma conversa sobre a realidade que vivemos e o mundo que queremos.

*que naquela época as pessoas tinham outra percepção do tempo, diferente do tempo mecânico introduzido pela ciência moderna. Elas viviam as estações, o plantio e a colheita esperando o dia do Juízo Final, que tinham como o maior dos acontecimentos por vir. E para nós o que é o fim dos tempos? É uma violação do próprio tempo, é a bomba nuclear! Enquanto que para os medievais era um dia fatídico, para nós parece ser um dia fatal, conclui o poeta.*

*A partir do encontro dos três surgem reflexões sobre a percepção cartesiana-newtoniana que o homem contemporâneo tem do mundo que determina as ações concretas na política, na ciência, na economia... A ética na pesquisa científica e os usos que damos às novas descobertas é questão delicada para Sonia, que sublinhou ser ex-física, ex-cidadã estadunidense e ex-eleitadora desde que soube que sua descoberta sobre os lasers de menor comprimento de onda fora desviada das suas finalidades médicas, a cura do câncer, para o projeto bélico-militar chamado Guerra nas Estrelas<sup>143</sup>.*

*Formada cientista em um meio positivista, que atribuía à ciência pura o dever cego de desvendar os segredos da natureza para deles se apropriar, reproduzi-los com acurácia técnica nos laboratórios e aplicar seus feitos para o bem da humanidade, ela não percebia a ausência de contextualização, responsabilidade e ética de seu métier. As razões de tais ausências devem-se ao cientificismo, uma crença irracional na verdade da ciência, que segundo ela se assemelha a uma religião, mas sem ser uma boa religião.*

*As bases da ciência moderna ditadas por Francis Bacon<sup>144</sup> carregam consigo uma visão androcêntrica de mundo, ou ele não teria dito que a natureza deveria ser caçada, posta para trabalhar, ser escravizada, ou mesmo que os cientistas deveriam usar seus*

<sup>143</sup> Programa militar lançado em 1983 pelo então presidente dos EUA, Ronald Reagan, que pretendia criar um sistema de satélites equipados com canhões de lasers com a finalidade de destruir mísseis enviados de qualquer parte do planeta para os EUA. O projeto foi arquivado em 1993, mesmo assim os ex-presidentes Bill Clinton e George W. Bush tentaram reativá-lo sem sucesso. Nada garante que o projeto não possa voltar à pauta do dia.

<sup>144</sup> Francis Bacon (1561-1626), filósofo inglês, considerado o fundador da ciência moderna, possuía um ambicioso projeto para reformar o conhecimento denominado *Instauratio Magna*, que compreendia seis volumes. Do projeto inicial, não alcançado, consta o *Novum Organum*, segundo tomo da hexalogia, responsável por instaurar uma nova metodologia da pesquisa científica baseada no método experimental e indutivo, que segundo Bacon seria substitutivo ao *Organum* de Aristóteles, considerado por ele ultrapassado. O *Novum Organum* é o substrato teórico-filosófico da ciência moderna, o código genético do paradigma cartesiano-newtoniano.

instrumentos para torturá-la até obter dela os seus segredos. Reparem como ele se refere a natureza como se fosse uma mulher! – exclama Sonia, que acredita não serem essas simples metáforas proferidas por Bacon, mas uma característica masculina do novo saber-fazer científico nascente, e que se reproduz desde então. A natureza, a vida e a Terra, todas elas femininas em seu gênero, são desprezadas e subjugadas com a imperiosidade do domínio do patriarcal. Na ciência moderna o princípio masculino, que é agressivo-dominador, se superpõe ao princípio feminino que é gentil-acolhedor; o mesmo ocorre na política, na economia e nas relações em sua totalidade o que fragiliza, portanto, o equilíbrio dinâmico Yin/Yang da vida. A crítica que Sônia tece não diz respeito apenas à ciência, mas a crise do homem contemporâneo, que é a crise de percepção, nociva para o sistema-Terra.

Eu já havia me dedicado a problematizar as cegueiras do conhecimento e da racionalização no meu trabalho de conclusão de curso ao abordar a liberação da soja transgênica Roundup Ready no Brasil e a discursividade dos porta-vozes da Ciência sobre essa questão. A relação entre saber e poder, em especial a potência do poder da tecnociência na sociedade contemporânea, foi tematizada por muitos filósofos e cientistas, parece que tudo já foi dito, mas nunca é demais refletirmos sobre o seu poder cego e desmesurado. Castoriadis<sup>145</sup> assegurou que assistimos passivos aos avanços manipuladores da tecnociência sobre a biosfera por estarmos crentes dos possíveis benefícios que dela advirão – a fé cega na Geoengenharia é um exemplo atual para comprovar essa crença.

Não bastaria nos atermos às regras éticas de sua aplicação ou mesmo eliminar os interesses capitalistas e



Figura 36: Árvores sintéticas.

Fonte: <http://www.enterrasolutions.com/2009/12/the-new-york-times-year-in-ideas.html>

Com a Geoengenharia aposta-se que com a máxima intervenção técnica poderemos reverter os problemas climáticos do planeta ocasionados pelo desenvolvimento econômico insustentável que tem acelerado o aquecimento global. No fundo acredita-se que a tecnociência poderá reverter os males provocados por ela mesma. Cientistas vendem a ideia de que é possível com o uso da Geoengenharia capturar gás carbônico dos oceanos e da atmosfera, e armazená-lo permanentemente em profundas formações rochosas, ou absorvê-lo com árvores sintéticas, ou ainda retê-los nos oceanos ao estimular a proliferação de algas com a tecnologia de sementeira das mesmas com partículas de ferro.

Outro cenário de ficção científica seria a instalação de guarda-sóis espelhados na órbita terrestre capazes de refletir para fora do planeta os raios solares antes mesmo de penetrarem a atmosfera, e assim amenizar a incidência dos mesmos, o que propiciaria a redução do calor na Terra. O fato é que tais intervenções poderiam impactar negativamente os ecossistemas e promover reações inesperadas e desconhecidas nos mesmos. Os próprios cientistas reconhecem que essas tecnologias são custosas e seus efeitos são limitados.



Figura 37: Guarda-sóis orbitais espelhados.

Fonte: <http://www.revistaplaneta.com.br/geoengenharia-plano-b-contra-o-aquecimento-global/>

<sup>145</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *As Encruzilhadas do Labirinto III: o mundo fragmentado*. [1990] op. cit., 1992.

estatais que governam a tecnociência para que ela se tornasse plenamente boa. O que está em questão é o próprio núcleo do imaginário ocidental na modernidade, o domínio de uma razão fria e dura sobre o mundo que produz um poder político inumano, governado pela racionalização do pensamento/conhecimento a retroagir sobre a vida/sociedade, submetendo-as às racionalizações que se amplificam. Nesse cenário de domínio do racional impera o domínio do impessoal, do esvaziamento da participação política dos indivíduos em favor da automatização do mundo pela tecnociência.

As obras de ficção científica, tanto na literatura quanto no cinema, tais como o clássico 'Eu, Robô', de Isaac Asimov ou 'O Exterminador do Futuro', de James Cameron, tematizaram muito bem o que Castoriadis colocou como problema do imaginário do homem ocidental. Em ambas, as apostas na tecnociência produziram um aparelhamento do mundo com robôs que acabaram escapando ao controle imaginado, sintoma clássico da cegueira racionalista que só tem olhos para ver que as ações são governadas pela lógica reducionista de causa→efeito.

Tão inadiável quanto a reforma do pensamento é a reforma do próprio homem, ambas investidas da autoultrapassagem da Razão, como afirmou Castoriadis. E o que é necessário para que isso aconteça? "...que o maior número adquira e exerça a sabedoria – o que por sua vez exige uma transformação radical da sociedade como sociedade política, instaurando não somente a participação formal, mas também a paixão de todos pelas questões comuns"<sup>146</sup>. Castoriadis apostava na metamorfose do imaginário ocidental tecnorracionalista para que pudéssemos renascer em uma nova humanidade.

Montaigne, Rousseau, Mauss, Lévi-Strauss, Capra, Morin e Serres – cito alguns daqueles aos quais já me referi anteriormente – me inspiraram a pensar, como Castoriadis, que as narrativas ocidentalistas, criadas com a crescente racionalização do mundo, negligenciaram a tessitura complexa das multiplicidades existentes de outros saberes e fazeres que não aqueles chancelados pela tradição filosófico-científica da razão instrumental. O poder dominante e centralizador da tecnociência cuidou para que sempre podássemos do tronco da narrativa científica os ramos das artes, da espiritualidade, da criatividade, das sabedorias, das tradições que brotavam, como se fossem ameaças ao status quo do Formato-pai. A palavra de ordem sempre foi domestique-as.

Desviei-me das recomendações do 'Novum Organum'<sup>147</sup>. Os ídolos que possuem e obscurecem nosso pensamento-conhecimento não foram debelados pelo método indutivo, mas ao contrário disso tal método atuou de forma decisiva na produção de um novo ídolo, o cientificismo. Nascido da racionalização do saber-fazer próprio ao novo método científico criado por Bacon ele desconhece a natureza da natureza, a vida da vida, o conhecimento do conhecimento, as ideias, a humanidade da humanidade e a ética da existência complexa do sapiens-demens. O que podemos de fato fazer para

---

<sup>146</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *As Encruzilhadas do Labirinto III: o mundo fragmentado*. [1990] op. cit., 1992, pp. 107.

<sup>147</sup> BACON, Francis. (1561-1626) *Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza* [Nova Atlântida]. Tradução: José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os Pensadores).

*lidar com os ídolos é reconhecê-los, tomarmos consciência de sua existência, das obsessões que produzem, das ilusões que provocam. Longe do pensamento racionalista que se crê puro, asséptico e livre de ídolos, escolhi a via da desdomesticação do pensamento, de um pensamento indisciplinado que dialoga com os mitos que me habitam, atento aos sinais que só a intuição captura e aberto às narratividades do mundo.*

*Busco um pensamento selvagem, poetizar minha cosmovisão, me ecológicoar...*

*Borboletas me convidaram a elas.  
O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.  
Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.  
Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta seria, com certeza,  
um mundo livre aos poemas.  
Daquele ponto de vista:  
Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens.  
Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens.  
Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens.  
Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas.  
Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do ponto de vista de  
uma borboleta.  
Ali até o meu fascínio era azul.<sup>148</sup>*

Em Agen, longe das salas de cinema e da agitação cultural e política de Paris, o cotidiano da família Serres movia-se de acordo com o temperamento das águas do *Garonne*<sup>149</sup>. As cheias e vazantes do rio que afetavam o trabalho e traziam prejuízo eram o assunto que preenchia suas vidas. Michel conta que praticamente habitavam o rio, os barcos, os turbilhões e as contracorrentes; era o *Garonne* o verdadeiro lar. Além de marinheiros haviam na sua família, materna e paterna, comerciantes e camponeses, *métiers* determinantes na sua formação de base. Afirma ter uma tripla-ancoragem: navegador, agricultor e comerciante; saberes-fazer que o nutriram profundamente e se inscreveram em seu corpo.

Serres diz não se recordar de discussões políticas quando pequeno. Não havia lugar para distinções ideológicas, cresceu em um meio popular bem pouco instruído. Valmy, seu pai, não tinha diploma e na casa da família só havia a Bíblia e a Enciclopédia Larousse. Quando era o primeiro aluno da classe o pai não ficava contente, e dizia: “Então, você quer se tornar um ‘monsieur’? Se você é o primeiro da classe, é porque você quer se tornar um ‘monsieur’!” Seu pai não era favorável que ele se dedicasse aos estudos, na casa dos Serres o que interessava era saber dragar, construir, navegar... Sua mãe dizia “eu sou uma galinha que chocou um pato”. No meio social em que viviam os

---

<sup>148</sup> BARROS, Manoel de. *Ensaio fotográficos*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000, p.59.

<sup>149</sup> O rio *Garonne* nasce nos Pirineus, na região da Catalunha, norte da Espanha, banha o sudoeste da França e deságua no oceano Atlântico no estuário de Gironde, que começa na cidade de *Bordeaux*.

estudos não importavam. As pessoas gentilmente diziam: “O Sr. Serres é um felizardo, ele tem duas crianças adoráveis. Cremos que o terceiro se dedica aos estudos”<sup>150</sup>.

Somente mais tarde Michel Serres compreendeu que, para o seu pai e para todos aqueles com os quais convivia, ascender socialmente e mudar de status não se prestava às pessoas de bem, era um caminho que levava ao mal e ao poder que corrompem a alma. Toda a gente parecia comungar com essas ideias. Esse pensamento, veio a descobrir depois, era muito comum entre os cátaros<sup>151</sup>, o que provavelmente penetrou profundamente no inconsciente gascão<sup>152</sup>.

Ao menos três eventos ocorridos na infância, que ele guarda na lembrança e os aborda quando fala de si, são fundamentais na sua historiobiografia. O fato de permanecerem na memória indicam que são *imprintings* que, de forma latente e patente, influenciaram sua maneira de compreender o mundo. Trataremos deles como acontecimentos incandescentes, novas aprendizagens que se deram graças às bifurcações das quais ramificaram sua filosofia. O primeiro está relacionado à escrita e ao fato de ser canhoto. O professor que o ensinou a escrever exigiu que o fizesse com a mão direita; um exercício penoso, mas que ele reconheceu posteriormente ser um benefício que lhe trouxe a experiência de ser ambidestro.

A maioria das pessoas é destra ou canhota, uma coisa ou outra. Serres é uma coisa e outra, e as duas ao mesmo tempo. Nasceu outro, indiviso, não dicotomizado. Experimenta e vivencia corporal e intelectualmente uma outra lógica, mais dialógica e menos dialética, na qual o terceiro está incluído. Seu pensamento constrói pontes, comunica, reconcilia as partes separadas e se distancia da lógica clássica do terceiro excluído presente em todo pensamento fragmentador, redutor e simplificador governante dos corpos e espíritos hemiplégicos que querem impor ao mundo sua cosmovisão patológica da separação.

O segundo e o terceiro fatos estão relacionados com a deflagração da II Guerra em 1939. Ao iniciar o ano escolar Serres foi matriculado em uma turma três anos à frente da sua. O motivo era a falta de professores devido às circunstâncias. De súbito aquela criança de nove anos habituada com um único professor em sala passou a ter vários professores, um para cada disciplina.

---

<sup>150</sup> SERRES, Michel. *Pantopie: de Hermès à Petite Poucette*. op. cit., 2014, p.21-23. (Tradução minha para as três citações do parágrafo).

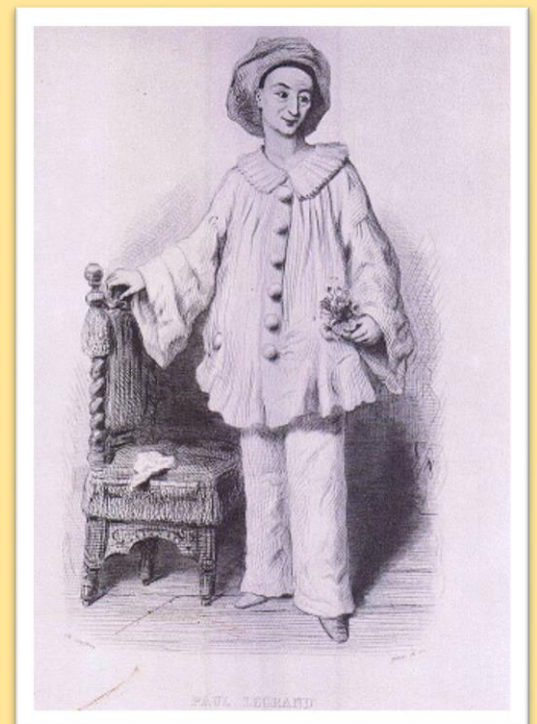
<sup>151</sup> O catarismo, do grego *katharós* que significa puro, foi um movimento cristão de ascetismo extremo que se opunha à corrupção moral, espiritual e política da Igreja. Sua principal área de atuação localiza-se na atual região de *Midi-Pyrénées*.

<sup>152</sup> A *Gascogne*, em português Gasconha, é uma região no sudoeste da França que se espalha entre as regiões de *Midi-Pyrénées* e de *Aquitaine*, onde se situam o departamento de *Lot-et-Garonne* e a cidade de Agen. O gascão é uma das variações da *langue d'oc* (língua da Occitânia) falada minoritariamente na Gasconha, sudoeste da França.

Conta<sup>153</sup> que foi na aula de matemática que viu pela primeira vez o professor usar letras para fazer cálculos. Curioso, perguntou se ele contava com letras. Sorrindo, o professor disse sim, e lhe ensinou que o  $x$  era uma incógnita, um valor desconhecido, uma letra que continha todos os valores. Naquele instante a Matemática lhe revelou a existência de algo que não tem nenhum valor, mas que pode ter todos os valores; um algo *totipotente*, que possui a capacidade de se tornar qualquer coisa, como a luz, branca, transparente e invisível emitida pelo Sol que é o somatório das cores do arco-íris.

Cor é luz, na ausência da luz os nossos olhos não captam as cores. As cores do arco-íris, quando sobrepostas tornam-se brancas. Assim, o branco é a soma de todas as cores. *“O dominó branco vale por todas as cores, virtualmente... E deve essa possibilidade à sua brancura: zero e reunião de todas as cores, assim as combina e as elimina, tudo e nada. (...)Essa abstração suprema, esse desprendimento que equivale à polivalência”*<sup>154</sup>. É um Coringa/Joker que pode tudo assumir, tudo valer. Eis aí Pierrô, branco luminescente, figura de sua filosofia que junto a Arlequim, colorido e matizado, compõe o Terceiro Instruído, personagem incandescente que dá nome ao seu livro.

O terceiro evento, também por ele narrado, foi a chegada dos refugiados de guerra à Agen. Famílias inteiras de belgas, parisienses, estrasburguenses e normandos receberam abrigo nos lares agenenses. Diferentes sotaques, hábitos e costumes transformaram a pequena vila provinciana



**Figura 38:** Paul Legrand est Pierrôt, Charles M. Geoffroy. Litografia, 1855. In: *Nouvelle galerie des artistes dramatiques vivant*, v. II, Paris, 1885. (Charles M. Geoffroy).

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paul\\_Legrand\\_as\\_Pierrôt.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paul_Legrand_as_Pierrôt.jpg)

Fogo. Imagino uma pirâmide, um prisma, absolutamente transparentes. Quando a luz clara do dia, ela mesmo invisível, mas capaz de tudo deixar ver, se lança para uma face desse cândido prisma, ela reflete, de frente, um arco-íris de cores misturadas e distintas: nenhuma escapa. Espectro de estrelas, manto de Arlequim. (...).

Então, tudo. A luz branca sobre a pirâmide translúcida explode segundo o leque, mais que multicolor, da pancromia. Nada e, portanto, tudo. Nenhum e, portanto, todos. Branco, ou seja, todos os valores. Transparente, portanto acolhedor. Invisível e assim mesmo produtivo. Inexistente, portanto, indefinidamente apto no universo. Eis aí de novo a lei.

Universalmente, pois, porque o homem não é nada, mas pode: possui uma infinita capacidade. Sou alguém e não valho nada: portanto, sou capaz de aprender tudo e tudo inventar, corpo, alma, entendimento e sabedoria. (...).

Por isso, eu pude e tive de escrever esse livro [O terceiro incluído]: porque a aprendizagem, de que é fundamento, é a clara [branca] essência da humanidade. (SERRES: s/d, p. 146-147).

<sup>153</sup> SERRES, Michel. *Pantopie: de Hermès à Petite Poucette*. op. cit., 2014.

<sup>154</sup> SERRES, Michel. *O terceiro instruído*. [1991] op. cit., p. 148.

## Arlequim é Pierrô



**Figura 39:** Arlequin – (O pintor Salvado como arlequim). Pablo Picasso, óleo sobre tela, 1923.

**Acervo:** Centre Pompidou, Paris.

**Fonte:** [https://www.centrepompidou.fr/media/picture/62/9e/629e629f9bf37f105934c50dca742494/dzi/image\\_files/10/02.jpg](https://www.centrepompidou.fr/media/picture/62/9e/629e629f9bf37f105934c50dca742494/dzi/image_files/10/02.jpg)

## Pierrô é Arlequim



**Figura 40:** Pierrot, Pablo Picasso, óleo sobre tela, 1918. **Acervo:** Museum of Modern Art - MoMA, Nova York.

**Fonte:** <https://www.moma.org/collection/works/78427?locale=en>

– Como é que as mil cores assim confundidas podem dar origem a uma massa [soma] tão branca?

– Como acontece com o corpo, ...que assimila e retém as várias diferenças conhecidas durante as viagens e regressa para a casa matizado de novos gestos e outros usos, fundidos nas suas atitudes e funções a ponto de não acreditar que alguma coisa nele mudou, também o milagre laico da tolerância, da neutralidade benevolente, que acolhe, na paz, muitas outras aprendizagens para fazer brilhar [brotar] a liberdade de invenção, ou seja, de pensamento. (SERRES: s/d, p. 15).

de então em um efervescente caldeirão cultural. Essa mistura, segundo Serres, foi fundamental tanto para ele como para seus colegas. Uma brecha para o mundo! A abertura para o outro, para o múltiplo, para o diverso, para o ainda não conhecido é marca em seu pensamento. Experiências embrionárias de sua filosofia mestiça.

Ambidestro, indiviso, branco, portanto, receptivo às misturas de variadas colorações e texturas, Serres inicia sua caminhada pelos territórios do mundo, sai em viagem, como a personagem do seu livro *O terceiro instruído*, que partiu, desbravou mundos, desvendou segredos da natureza, conheceu outras culturas, contemplou diferentes paisagens, aprendeu uma multiplicidade de saberes e fazeres. O livro começa com um conto sobre Arlequim:

Tendo Arlequim, o imperador, regressado de sua viagem à Lua, todos quiseram saber das novidades. Para espanto do público ele disse que não havia nada de novo ou de extraordinário para contar. Desiludidas, as pessoas não se convenceram de que nada havia de diferente no mundo. De repente alguém retrucou dizendo que ele queria que as pessoas acreditassem que todos os lugares fossem iguais, mesmo estando ele vestido com um manto feito de tecidos e fios de todos os tempos e lugares, multicolorido, customizado com retalhos de diferentes formatos, que exibiam um compósito de paisagens; mapa-múndi de todas as suas viagens.

Desconcertado, Arlequim retirou o manto e exibiu outra veste tão policromática quanto a primeira, retirou essa veste e por baixo havia outra igualmente multicolor. Despiu-se de todas, logo ficou nu, e exibiu um corpo semelhante às suas roupas, inteiramente mestiço, matizado, hermafrodita e tatuado. De súbito a luz que incidia sobre ele produziu um clarão luminescente, branco, radiante, incandescente. É Pierrô! Gritam da plateia...

Arlequim policromático, então um somatório branco, torna-se Pierrô, e Pierrô tende a ser Arlequim; como vemos nas telas de Picasso, um passa a ser o outro e vice-versa. Na tela *Arlequin* vemos um personagem branco, portanto totipotente, se colorindo, mestiçando; enquanto que na tela *Pierrot* sua brancura luminescente revela-se furta-cor – *unitas multiplex*.

Morin<sup>155</sup> compreende o gênero humano a partir de uma relação dialógica e recursiva entre unidade e diversidade. A unidade do homem não está circunscrita aos caracteres biológicos, bem como a diversidade não é domínio exclusivo dos traços psicossocioculturais. Quanto mais constatamos a diversidade genética, morfológica, psíquica, social e cultural existente entre os indivíduos humanos, mais patente fica a existência de uma unidade comum à espécie. O homem genérico traz em si as potencialidades geratrizes da diversidade, sendo esta geradora/regeneradora da própria unidade do homem – *Arlequin e Pierrot*.

O corpo do homem, mais que concreto e real, é virtualidade transparente, é potência branca com aptidão para aprender, conhecer, criar, acontecer, mas também apto a esquecer. Como inventar se não se esquecer? A memória é nosso conservatório, por meio da memória repetimos e reproduzimos o que aprendemos, mas para evitar a repetição, para poder criar e inventar, é preciso esquecer. “...ninguém possui melhor memória que um animal, uma planta, uma alga.... Nossos neurônios têm memória curta; nossos escritos têm memória breve e lacunar; o ADN possui memória mais vasta. As espécies vivas são lugares de memória; os homens abandonam esses lugares”<sup>156</sup>.

Branco, o que pode um corpo? Pode mudar, se imiscuir, se movimentar, penetrar e ser penetrado, se transformar, se misturar, se transfigurar, se metamorfosear. “*O corpo varia de forma bastante inovadora. (...). A bactéria, o cogumelo a planta ou o animal, inclusive o humano, vivem por metabolismos; o homem se distingue deles pelo seu metamorfismo*”<sup>157</sup>. O mesmo é verdadeiro para o espírito, que emerge da computação

---

<sup>155</sup> MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. [2001] op. cit., 2002b.

<sup>156</sup> SERRES, Michel. *O incandescente*. [2003] op. cit., 2005, p. 43.

<sup>157</sup> SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. [1999]. Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 51.

viva do corpo biológico e sobre ele retroage; metamorfose ambulante no lugar de ter opinião formada sobre tudo.

Mestiço, ambidestro, hermafrodita e tatuado, esse corpo-espírito, um terceiro instruído, é o operador da religação dos saberes e conhecimentos disciplinares que se encontram separados. Para além de uma viagem pedagógica e cultural rumo à aprendizagem, *O terceiro instruído* é uma incursão na natureza antropológica do homem, homem esse que é biocultural, uno múltiplo, Arlequim-Pierrô, genérico, portanto, universal. Qual é a identidade humana? Todas e nenhuma. Uma outra Antropologia, tempos hominescentes.

Esqueçam Descartes. Partir para aprender não é uma viagem alada do espírito a quem a filosofia ocidental atribuiu a faculdade de conhecer, é preciso considerar o corpo, esse ente há muito preterido. Desde a pré-história nossos antepassados que partiram da África na grande diáspora nos deixaram como legado uma sabedoria: o homem que conhece é aquele das errâncias, que põe seu corpo em movimento, sai, caminha, anda – *Homo viator*. Como nos versos do poeta Antonio Machado o caminho só se faz ao andar; fazer é saber e saber é fazer – *Homo errator*.

O ramo hominiano que bifurcou do tronco da Grande Narrativa e daí arboresceu deve-se às caminhadas dos nossos antepassados, hoje vestígios fósseis da nossa conturbada epopeia. “*Nenhuma aprendizagem evita a viagem. (...) A viagem dos filhos, eis o sentido despido da palavra grega pedagogia. Aprender provoca a errância*”<sup>158</sup>. *Paideia*, contemporânea de *O Terceiro Instruído*. Como se fosse um personagem de Júlio Verne, Serres partiu para suas *viagens extraordinárias*. Retorna arlequinado para, então, vir a ser branco como Pierrô.

Um acontecimento fundamental na vida de Serres<sup>159</sup>, quando ainda era menino, foi seu encontro literário com Júlio Verne, lia seus livros acompanhado de um Atlas para seguir os passos dos heróis. Foi sua primeira grande viagem pelos quatro cantos do mundo, pelos territórios do saber enciclopédico do conhecimento científico e pelos lugares fabulosos narrados nas mitologias, sem precisar sair de Agen. Uma incursão científico-literária que refletirá futuramente nos seus escritos filosóficos.

Ele conta que a obra de Verne foi de suma importância para a formação de sua geração, um dos grandes mestres que já teve, que o conduziu da infância à maturidade com a aprendizagem que adquiriu com a leitura de seus livros. Compara as obras do

---

<sup>158</sup> SERRES, Michel. *O terceiro instruído*. [1991] op. cit., s/d, p. 23.

<sup>159</sup> SERRES, Michel. *Julio Verne: a ciência e o homem contemporâneo*. [2003] Tradução: Mônica Cristina Corrêa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

escritor à *As aventuras de Telêmaco*<sup>160</sup>, filho de Ulisses, que acompanhado de Mentor sai em busca do pai e, portanto, viaja e aprende, conhece novos lugares, outros povos, diferentes formas de governo e com isso modifica sua compreensão sobre o mundo e transforma a si mesmo, amadurece, deixa de ser apenas o filho do herói para também se tornar um. Mentor, que o acompanha na jornada, é na verdade Minerva, a deusa da sabedoria.

As histórias de Verne são uma espécie de *telemaquia*, um convite à viagem, uma abertura à pedagogia, uma disposição à mestiçagem. “*As viagens extraordinárias\* nutrem a ambição de percorrer por inteiro: o mundo global, o saber integral*”<sup>161</sup>. Da mesma forma que Homero explorou os conhecimentos da sua época e escreveu sobre a importância da posição das estrelas, da força dos ventos e do movimento das marés para Ulisses exercer sua arte de navegar, Verne fez o mesmo em suas *viagens*, utilizou todo o conhecimento científico de sua época para conhecer o mundo terrestre, intraterrestre e extraterrestre. Para Serres a obra do escritor não chega a ser uma nova *Odisseia*; com auxílio das ciências da natureza ela completa o ciclo das explorações iniciado por Ulisses, mas não faz os trabalhos de pesquisa de campo das ciências humanas. Novas viagens se iniciam, agora em busca de uma ciência do homem.

Georges Remi, o Hergé, autor de *Tintim*, a quem Serres trata como um verdadeiro amigo, é

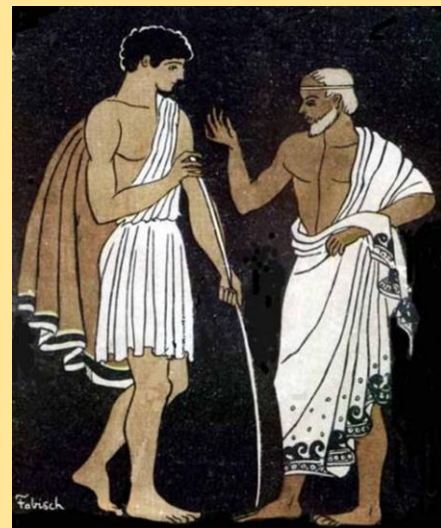


Figura 41: Telêmaco e Mentor – ilustração de capa do livro *As aventuras de Telêmaco*, edição argentina.

Fonte: [https://es.wikipedia.org/wiki/Mentor\\_\(mitologia\)](https://es.wikipedia.org/wiki/Mentor_(mitologia))

A palavra pedagogia se decompõe em duas palavras gregas: pais, paidós, a criança, agogein, acompanhar. Significa então: conduzir a criança durante uma viagem.... Assim, as ciências são visitadas. Como conhecer a enciclopédia toda? Resposta mais elevada: visitando o mundo todo. A enciclopédia se divide em disciplinas como a política reparte o mundo em países diversos. Quer visitar o país da biologia? Eu lhe dou um submarino para que visite a oceanografia, a flora e a fauna marinhas; eis duas zonas enciclopédicas; a física do globo, a história natural.... Do mesmo modo, entre pela cratera de um vulcão da Islândia, desça até o centro da Terra e verá os estratos diferentes da geologia... e assim por diante. Por conseguinte Júlio Verne desenha duas cartografias, a do mundo e a do saber, que ele superpõe, e uma terceira, de que falaremos. Resumindo:

– a cartografia do mundo, ou o mapa-múndi recortado em regiões...

– o mapa-múndi da enciclopédia, dividido em disciplinas...

– um mapa misterioso do espaço imaginário, virtual, onde Orfeu desce aos Infernos, onde Telêmaco procura seu pai.

Enfim, o espaço natural do mundo, o dos conhecimentos, em suma, o dos mitos onde os deslocamentos diferem dos dois precedentes. Júlio Verne faz coincidirem os três mapas.

...assim nos tornamos seus filhos. Eu quero dizer com isso: cidadãos do mundo; isso não se limita apenas ao mundo espacial do mapa-múndi, isso se refere também ao universo dos conhecimentos, aos países de enciclopédia... Em suma, das maravilhas do sonho. (SERRES: 2007, p. 24-25).

<sup>160</sup> *As aventuras de Telêmaco*, escrita por François Fénelon (1651-1715) foi publicada pela primeira vez em 1699.

<sup>161</sup> SERRES, Michel. *Julio Verne: a ciência e o homem contemporâneo*. [2003] op. cit., 2007, p. 30. (\* *As viagens extraordinárias* englobam o conjunto da obra de Júlio Verne).

outro que o acompanhou em sua paideia particular. À maneira de Verne, o quadrinista compôs *As aventuras de Tintim*<sup>162</sup> com os saberes de sua época, mas também fez como La Fontaine, não deixou de lado a dimensão moral/ética em suas histórias. O personagem principal, Tintim, em paisagens múltiplas pelo planeta é comumente confrontado com diferentes realidades sociais, políticas e culturais, e mesmo as de natureza psíquica, fato que o leva a explorar mais as complexidades humanas em suas aventuras. As narrativas de Verne têm como suporte da trama os conhecimentos quantitativos das ciências duras; diferentemente em Tintim, os conhecimentos utilizados para dialogar com o mundo são aqueles próprios às humanidades, qualitativamente doces.

Segundo Serres, Hergé não copiava, tampouco compilava esses saberes das ciências humanas, mas os inventava. Baetens<sup>163</sup> considera que a importância atribuída por Michel Serres a obra de Hergé reside no fato de que ela é capaz de fazer todos compreenderem aquilo que as ciências humanas buscaram conhecer e esclarecer, mas que só fizeram obscurecer ainda mais. A genialidade de Hergé consiste em continuar aquilo que a literatura sempre foi capaz de fazer: revelar a nossa verdade a nós mesmos ao mesmo tempo em que desvela a verdade das coisas do mundo.

A história do Abominável Homem das Neves no álbum *Tintim no Tibete* é um exemplo muito utilizado por Serres<sup>164</sup> para tratar dessa verdade desnudada própria às narrativas literárias. O tão abominável ser, que todos temem e por isso execram, revela-se extremamente bondoso e generoso, fato que demonstra que o mais terrível e horrível dos homens pode também ser o mais amável e sensível. Há uma moral profunda nessa singela história em quadrinhos, uma ética complexa do gênero humano. Em *O ídolo roubado* Tintim nos faz perceber que o ato sacrificial, tão fundamental para a tribo indígena com a qual se depara em plena floresta amazônica, é uma realidade da cultura, e não tão somente daquela cultura. O contrário de uma verdade profunda é outra verdade profunda, ideia recorrente na totalidade da obra de Edgar Morin.

Há um movimento importante em *As aventuras de Tintim* que acompanhou o deslocamento do próprio saber-fazer etnográfico/antropológico, que se desenvolveu em um ambiente colonial, e que aos poucos se desvencilhou desse domínio e pôde com as pesquisas de campo e as respectivas etnografias não só exibir uma pluralidade de culturas, mas disseminar valores antirracistas e sentimentos de tolerância dos quais somos

---

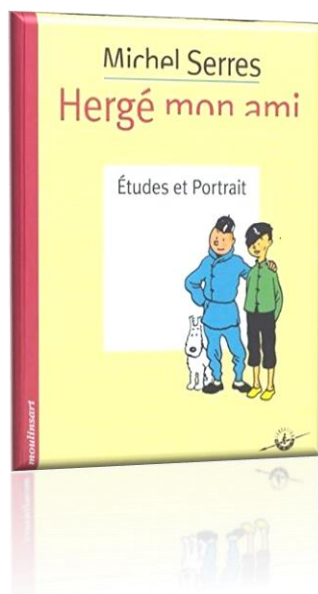
<sup>162</sup> *As Aventuras de Tintim* é o título dado ao conjunto dos 24 álbuns de histórias em quadrinhos de Tintim criadas pelo quadrinista Georges Remi, conhecido como Hergé.

<sup>163</sup> BAETENS, Jan. *Michel Serres lecteur des Aventures de Tintin, ou Hergé de 77 à 7 ans*. In: *Cahier de L'Herne: Michel Serres*. Éditions de L'Herne: Paris, 2010, p. 196-202.

<sup>164</sup> Hergé, l'ami Michel Serres. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=laHfiA9nRgU>

tributários. Hergé, como os antropólogos, partiu de uma ambiência restrita dominada pelo colonialismo, como visto em *Tintim no Congo*<sup>165</sup> no início da obra, para depois livrar-se dela e produzir narrativas mais universalistas.

Serres considera ainda a obra de Hergé superior àquelas dos antropólogos, porque esses produziram uma narrativa hermética, fiaram-se no jargão acadêmico e limitaram a compreensão de suas obras a um público adulto, ilustrado e experto em Antropologia. A qualidade literária da narrativa de Hergé, além de comportar um profundo senso moral/ético, possui a clareza, a leveza e, sobretudo, a simplicidade capaz de comunicar para públicos de diferentes idades, gerações e culturas a verdade profunda existente nas complexas relações dos homens consigo, com os outros e com o mundo. Uma Antropologia Fundamental.



*Assinando com as iniciais dos prenomes, sem nome, existindo apenas, Hergé desenha, primeiro a preto e branco, uma personagem quase anônima, designada por uma onomatopeia, redonda como uma lua, a cabeça mal definida, sabendo tudo e podendo fazer tudo, capaz de todos os possíveis.... O centro criador, a cabeça de Tintim ou o gênio de Georges, brilham, incandescentes, como a neve ou os glaciares do Tibete. (...).*

*Cada leitor mergulha, portanto, o seu próprio corpo na abertura deixada por essa ausência branca e em sua evocação diz-se: Tintim sou eu. O aventureiro, por sua vez, qualquer que seja seu nome identifica-se pela mesma razão e participa junto de mil outras pessoas, de toda classe, etnia, cultura, latitude, nas personagens dessa enciclopédia em elipses ou parábolas, o que faz de Hergé o Júlio Verne das primeiras ciências humanas. (SERRES: s/d, p. 148-149).*

**Figura 42:** *Hergé mon ami: études et portrait.* Livro-álbum de Michel Serres publicado pela Éditions Moulinsart, Paris, 2000.

**Fonte:** <https://www.amazon.fr/Herg%C3%A9-mon-ami-Etudes-portrait/dp/2930284242>

Morin sempre esteve no epicentro dos acontecimentos, preferiu o debate, a crítica, inclusive a autocrítica para poder com eles se regenerar, metamorfosear a si e as ideias. Envolveu-se tanto na crítica à degeneração do marxismo e do socialismo desfigurados pela captura das suas ideias e ideais pelo aparelho de estado soviético, bem como nas críticas aos limites habituais das ciências, de seus objetos de estudo e métodos de investigação, confrontando-se com o establishment.

Serres escolheu retirar-se dos combates ideológicos que dominavam as pesquisas, a filosofia e todo saber acadêmico, inclusive permaneceu afastado alguns anos servindo

<sup>165</sup> O álbum *Tintim no Congo* lançado no início dos anos de 1930 exibe uma visão eurocêntrica/etnocêntrica, e por que não racista, em relação à população nativa do Congo, que até então era colônia africana da Bélgica.

na marinha, embarcou em um navio que fazia a vigilância marítima das costas, tempos de calmaria, mesmo assim não se afastou completamente dos conflitos anticoloniais em terra. Ao tentar esquivar-se da violência do mundo presente no espírito dos homens que circulavam pelos corredores, departamentos, bibliotecas e auditórios das universidades, ela buscou-o no convés do seu navio. Ulisses contemporâneo, sai, viaja e conhece, mas não escapa dos espíritos da força bruta que se banham nas águas do Mediterrâneo. Não há ponte possível entre margens tão distantes, os continentes estão irremediavelmente separados. Novamente a guerra.

De volta ao mundo acadêmico, Michel Serres, não foi acolhido entre seus pares filósofos pelo fato de não pertencer a nenhuma das autoestradas que delimitavam o destino previsível do conhecimento. As ciências e a filosofia haviam sido capturadas pelas certezas ideológicas dos combates políticos que atravessavam o século. Novas descobertas da ciência por vezes eram combatidas e ignoradas por não estarem em sintonia com determinados modismos filosófico-existenciais, outras eram tidas como imperialistas, reacionárias e burguesas por não se adequarem à práxis burocratizada das diretrizes do Partido Comunista.

Como sempre fez recusou o engajamento político, o que lhe permitiu observar com propriedade as cegueiras produzidas pelas obsessões teórico-ideológicas que dominavam o universo acadêmico. Sempre a violência movida pelo debate entre convicções. O espetáculo político, que acontece no teatro dialético da História, é a guerra continuada por outros meios. Para quem busca a paz, a esperança está na metamorfose da política, transformar seus fundamentos: compor a excluir, dialogar a debater, criar a criticar.

As forças de exclusão e separação proscreviam as ciências umas em relação às outras; seu empreendimento era, e continua a ser, o de pacificação entre elas. Exilou-se na História das Ciências, área livre dos embates teóricos dos quais fugiu por considerá-los belicosos, antropologicamente arcaicos como a guerra. Conectar, religar, comunicar as diversas áreas do saber que aparentemente estão separadas é obrigatório para aqueles que se aventuram pelas histórias das ciências.

Contrário a fragmentação, ao comportamento esquizofrênico observado entre os seus professores epistemólogos, sempre preferiu compor a excluir. “...*Bachelard consumava a ruptura à qual nos referimos, entre ciências e humanidades: por um lado, espírito em vigília que trabalha, por outro, imaginação material que dorme e*

sonha... ”<sup>166</sup>. Como Hermes, seu caminho foi o da mestiçagem em prol de uma pacificação que ele afirma desejar e praticar.

Morin, após dedicar-se a escrita do *Homem e a Morte*, livro do qual saiu transformado, voltou-se à Socioantropologia para dar continuidade ao seu assunto de interesse, a realidade do homem imaginário. A via para o imaginal foi o cinema, uma outra compreensão da natureza do *sapiens-sapiens* nascia, que mais tarde culminou na formulação do conceito do *sapiens sapiens-demens*.

Pesquisador no *Centre national de la recherche scientifique* – CNRS desde o início da década de 50, investiu também em uma Sociologia do Presente, com a qual buscou realizar sociodiagnósticos que pudessem compreender a emergência das novidades, do inesperado, no seio da sociedade no calor dos acontecimentos. Para ele a urgência de um novo cenário conceitual transdisciplinar poderia dar conta da multidimensionalidade dos fenômenos humanos que são ao mesmo tempo polideterminados e indeterminados, contingentes e necessários, singulares e universais.

Nessa mesma época Morin dirigiu a revista *Arguments*<sup>167</sup>, dedicada às questões vitais da cultura, da ciência e da sociedade. O tempo que durou a publicação contou com a colaboração de Claude Lefort, Cornelius Castoriadis, Dionys Mascolo, François Fetjő, Jean Dauvignaud, Kosta Axelos e outros nomes do pensamento crítico que contribuíram para renovar e inovar as ideias. Seus artigos advogavam por um saber aberto e sem ‘ismos’, se voltavam para os problemas planetários e o futuro da cultura, defendiam criticamente um novo espírito científico e uma nova forma de fazer pesquisa.

Morin considerava fundamental uma nova ética que pudesse lidar com os poliproblemas do mundo, e para tanto era necessário que se investisse em uma ética intelectual, do pensamento, própria ao conhecimento pertinente; em uma ética do homem, que desse atenção à antropogênese, que mais tarde ele elaborou a partir das tomadas de consciência do duplo enraizamento cósmico-biológico do homem e do indissolúvel vínculo triúnico indivíduo-sociedade-espécie; e em uma ética entrançada à política, que permitisse realizar uma política do homem e de civilização. Em suma, uma antropoética, à qual se dedicou mais tarde com exclusividade em *O método 6*.

Antes mesmo de encerrar a *Arguments*, Morin se aventurou em uma nova publicação, juntamente com Roland Barthes e Georges Friedmann. Lançaram, em 1961, a revista *Communications*<sup>168</sup>, com apoio do CNRS. Em princípio a revista dedicou-se às

---

<sup>166</sup> SERRES, Michel. *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. [1992] op. cit., 1999, p. 43.

<sup>167</sup> Revista criada e dirigida por Edgar Morin entre 1956 e 1962, ano de seu término.

<sup>168</sup> A revista atualmente é editada e publicada pela *Éditions du Seuil*.

questões relativas à comunicação e à cultura de massas, territórios pelos quais também sobrevoavam as ideias e as pesquisas de Morin, até tornar-se uma revista transdisciplinar estimulada por ele nos anos de 1980.

Não demorou muito para que seus desafetos do *métier* intelectual parisiense considerassem sua produção como inclassificável nas Ciências Sociais, que fugia aos verdadeiros objetos de pesquisa, um tanto quanto exotérica, o que a fazia ser menor, ou mesmo desnecessária. Também foi acusado de ter permanecido no CNRS graças a proteção de Georges Friedmann.

Entre embates e combates, as questões relacionadas às cavernas do homem, à potência da realidade do imaginário e do inconsciente humanos estiveram sempre latentes no cenário de suas problematizações políticas/epistemológicas. O turbilhão de ideias que o enredava veio à tona com as anotações que fez no diário pessoal entre os anos de 1962-1963, e publicado em 1969 com o título *Le vif du sujet*. Residem nessas notas as ideias germinais de uma Antropologia Fundamental e de *O método*. Documento embrionário do Pensamento Complexo.

Maior de 68 foi a brecha, tanto para Serres como para Morin, que abriu para o mundo as potencialidades das mutações, das metamorfoses, de uma esperada hominescência. Professor à época na Universidade de Clermont-Ferrand foi a única vez que Serres<sup>169</sup> se engajou na política, participou ativamente dos acontecimentos que classificou como a “*quintessência de um momento de utopia absoluta*”. Na Universidade de Vincennes, onde fundou junto com Michel Foucault o departamento de Filosofia, o clima era outro, imperava a falsidade e a mentira dos intelectuais da elite burguesa metidos a revolucionários. Morin, sempre engajado politicamente em diferentes frentes de combate, chegou a deixar para trás um curso que acabara de iniciar na Universidade Candido Mendes no Rio de Janeiro e embarcou às pressas para Paris para integrar as barricadas do desejo.

No final dos anos de 1960, antes de ambos partirem para novas aventuras nos EUA, frequentaram juntos as reuniões mensais do Grupo dos Dez<sup>170</sup>, com o qual reuniam-se para conversar sobre temas transversais ao conhecimento, especialmente aqueles voltados à compreensão das relações entre filosofia, ciência, tecnologia, cultura, política e ética. O espírito de 68 pairava entre eles, todos estavam interessados em derrubar as

---

<sup>169</sup> SERRES, Michel. *Pantopie: de Hermès à Petite Poucette*. op. cit., 2014.

<sup>170</sup> O Grupo dos Dez, fundado em 1966 por Jacques Robin, Edgar Morin, Robert Buron e Henri Laborit, reuniu entre os anos de 1969 a 1976, além de seus fundadores, outras personalidades como André Leroi-Gourhan, François Jacob, Henri Atlan, Jacques Attali, Jacques Delors, Jacques Monod, Jean-Pierre Dupuy, Joël de Rosnay, Michel Rocard, Michel Serres, René Passet, entre outros, em torno de conversações que promovia.

barreiras entre as disciplinas, estabelecer diálogo entre os seus saberes e fundar um pensamento a frente de seu tempo, mais sistêmico e aberto.

Morin e Serres foram atravessados pelas novas descobertas da ciência, especialmente pela revolução na bioquímica provocada por Monod com a leitura que fizeram do manuscrito de *Acaso e a Necessidade* no Grupo dos Dez. Aprenderam com Monod que uma organização viva é determinada geneticamente pelo seu DNA, mas que em virtude do acaso uma mutação pode vir a ocorrer e gerar uma outra organização viva – xeque-mate no determinismo, futuro garantido à auto-eco-organização. A bioquímica abriu novas vias ao demonstrar que os seres vivos se organizavam e se desenvolviam devido a um sistema comunicacional/informacional, portanto, computante/cognitivo gerador/regenerador da vida. “*Computo, logo sou*”, escreveu mais tarde Morin em *O método 2*; abalo irreversível na crença da máxima cartesiana.

As teorias dos sistemas e da informação, juntamente com a cibernética, tiveram papel central na abertura do conhecimento. Combinadas exibiram a realidade complexa dos sistemas organizacionais, o que possibilitou compreender as relações de ordem↔desordem↔interações↔(re)organização próprias aos mesmos; um saber transdisciplinar que também permitiu entender essas relações por meio do quadrilátero das modalidades possíveis-impossíveis/necessárias-contingentes, à imagem de um berçário de estrelas.

As desordens e dissipações reorganizadoras do mundo físico-químico, trazidas à tona pela termodinâmica de Boltzmann e Prigogine, apontaram que nada mais estava em equilíbrio, o mundo microscópico das moléculas era turbilhonante, instável, pura consumação: descoberta central para definição do conceito de acontecimento como emergência da dissipação das estruturas que bifurcam. As teorias da auto-organização e o princípio de *order from noise*, de von Foerster, sugeriam ser todo ruído, anteriormente tido como erro, vital e essencial para a emergência de uma organização.

Essas ebulições revolucionantes das bases epistemológicas que transformavam a ciência transformaram simultaneamente Morin e Serres.

*Foi Edgar Morin quem me ensinou que vida e ideias se entrelaçam. Em princípio, acessei essa sabedoria por ter me atido ao problema que mais me incomodava, a oposição entre sujeito e objeto. Epistemologicamente não me via alinhado a um pensamento racionalizante metodologicamente erigido sobre a lógica da geometria analítica herdada das profundezas da Revolução Científica. Não concebia que eu, sujeito do conhecimento, portanto separado do meu objeto de estudo, pudesse conhecê-lo,*

*encerrando-o em um modelo prescrito no qual os efeitos observados originavam-se de uma causa a priori: tal causa produz determinado efeito. Tal arquitetura dos movimentos obedece à lei matematicamente desenhada dos traçados metrificados e predeterminados dos deslocamentos espaciais: o caminho já está feito, monotonia da paisagem. Fim do acontecimento, morte da criação, ditadura do formato?! Se assim fosse, pensar jamais seria inventar, viver jamais seria ramificar e existir jamais seria a fonte arborescente universal dos acontecimentos.*

*Vejam bem, não se trata aqui de não reconhecer e tampouco desfazer da importância concreta de um saber geométrico desenvolvido e aplicado pelas ciências duras. Cálculos, equações, planos e teoremas oriundos da geometria analítica nos permitiram conhecer o espaço e formatá-lo para dele nos apropriarmos, em todos os sentidos. Não nos furtaremos aqui em divagar, mais adiante, sobre as implicações econômicas, políticas e ideológicas dessa ciência das medições, desse saber orientado por uma lógica das apropriações, que serviu muito bem ao capitalismo embrionário e ao seu desenvolvimento. Afinal de contas as Revoluções Científica, Burguesas e Industrial foram acontecimentos que dissiparam as estruturas do Antigo Regime, bifurcaram e produziram os ramos da sociedade-global atual, a qual integramos; tanto para o bem como para o mal.*

*Serres<sup>171</sup> afirmou que a era de Prometeu, deus da produção, é chegada ao fim. Desde os anos de 1970 ingressamos em uma nova era, a de Hermes, deus da comunicação, das conexões, das encruzilhadas; Exu das mitologias afro-americanas. Uma era menos 'hard' e mais 'soft' nasce da revolução informática-computacional, menos vinculada ao ciclo produção-apropriação-acumulação-reprodução material e mais aliançada à circulação dos saberes-fazeres por meio de um circuito invenção-distribuição-compartilhamento-inovação. Novas tecnologias, filhas do Formato-pai prometeico, deixam o lar seguro de seu progenitor, se aventuram em direção à sociedade-mundo e modificam o espaço-tempo, alteram as relações, os saberes, as vizinhanças – cruzam as fronteiras, abolem as cercas e dissolvem as distâncias.*

*É chegada o tempo do conectivo que substitui o das massas, dos coletivos. Doces, leves e aladas, à imagem dos anjos, essas novas tecnologias atuam como dispositivos de transformação das consciências, dos corpos, dos objetos e do mundo inteiro. Novas expectativas para todos os viventes da biosfera se abrem; o trabalho da morte sobre o espírito humano é incansável na busca de novas paisagens para a perpetuação da vida. Emergiremos da crise que nos convoca à metamorfose ou submergiremos com a nau Terra insensíveis aos sinais da apoptose<sup>172</sup> que anunciam o fim de uma era.*

*Uma outra lógica seria mais adequada a esse novo tempo de hominescência latente que quer nascer; uma lógica distinta daquela geométrica, mas que dela brotou, a topológica. Ciência das*

---

<sup>171</sup> SERRES, Michel. *Temps des crises*. Paris: Éditions le Pommier, 2009.

<sup>172</sup> Apoptose é o termo que designa o mecanismo de morte celular programada. Para se renovar e seguir vivendo, um organismo necessita substituir suas células velhas e ou danificadas por novas, faz isso atendendo aos sinais da apoptose.

*aproximações, própria às redes comunicacionais-informacionais, os espaços topológicos-projetivos não são dados às metrificações entre pontos distantes, mas às conexidades e tramas complexas. Reside aí a contemporaneidade das ideias de Marcel Mauss, a universalidade da dádiva – dar, receber e retribuir – e a aposta na convivialidade como elementos de religação em um mundo fragmentado.*

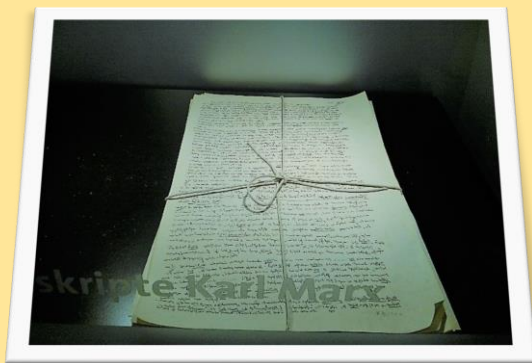
*Entrelaçar, dialogar, religar, comunicar, fazer pontes entre os acontecimentos do vivido e a produção das ideias é assumir a dialógica da existência, em que falar de si é ao mesmo tempo falar dos outros e do mundo que retroage sobre os outros e sobre cada um de nós. Minha incursão pelo universo do vivido por Serres e Morin me aproximou não das suas vidas privadas ou das intimidades do lar, mas de um pensamento complexo que não neutraliza o sujeito do conhecimento, tampouco abstrai do contexto o objeto a ser conhecido, mas ao contrário implica-os um no outro e ao contexto. Todos, sendo sujeito↔objeto, são narradores de si, dos outros e do mundo. Mitos, músicas, filmes, livros, ritos, seres vivos e não vivos, Gaia, Cosmos e todas as coisas existentes nos contam e são contadas por nós.*

*Enganam-se aqueles que acreditaram que Montaigne só falava de si, como se não estivesse a tratar do mundo. 'Que sais-je?' ↔ 'Qui suis-je?' é ato reflexivo que nasce do indivíduo-sujeito implicado no cosmos sobre o qual ele se volta e vice-versa. Da mesma forma iludem-se aqueles que restringem a relação dialógica vida↔ideias ao falar de si, à simples biografia, documento para fãs e curiosos; só enxergam as partes sem relacioná-la ao todo, oclusões espirituais.*

*Todos temos necessidade de uma narrativa para existir. Atos/pensamentos, quando limitados à dialética das relações, tomam os outros e o mundo como algo que lhes é exterior e contra os quais se posicionam para debater e combater. Assim, nos ensinaram que há uma narrativa dos vencedores e outra dos vencidos. Vive-se das separações, oposições e superações. Como garantir a todos uma existência na qual possamos juntos narrá-la? Busco desfazer os nós das amarras dialéticas que operam no movimento confrontar → excluir → superar, encontrei nas ideias de Serres e Morin a via para interagir com as diferenças mantendo as singularidades: complexificar a sintetizar, dialogar → incluir → mestiçar, apostar na metamorfose.*

*Antes de chegar até aqui fui seduzido por esse movimento de embate dos contrários, da luta pela superação das contradições. Foi na juventude que começou a borbulhar em minha consciência-espírito os ideais fraternais-socialistas de uma sociedade mais equânime, de um mundo para todos. Como ocorreu a Morin em determinado momento de sua vida, também foram as teorias de Marx que alimentaram meu pensamento e deram asas às minhas utopias. A força de suas ideias em mim está umbilicalmente relacionada à política, no sentido de que era preciso revolucionar o mundo por meio de ações a fim de atingir a sonhada igualdade entre os homens.*

*Tal movimento me levou de encontro às teorias críticas à economia política, à compreensão dos processos históricos dialéticos de superação de um modo de produção por outro, às determinações da infraestrutura em relação à superestrutura, ao entendimento que a história era movida pela luta de*



**Figura 43:** Originais dos Manuscritos econômico-filosóficos. Acervo Karl-Marx-Haus Museum, Trier, Alemanha. **Fonte:** Fotografia do autor, 2015.

...a leitura dos Manuscritos de 1844 e, particularmente, os Manuscritos econômico-filosóficos, que me marcaram profundamente, logo deslocaram o centro do meu interesse para a Antropologia. A ideia essencial de 'homem genérico' esteve no cerne de minha adesão a Marx. Esse texto foi, sem dúvida, aquele do qual nasceu minha ideia de antropossociologia, uma antropologia fundada na unidualidade humana (a associação antagônica e complementar de natureza e cultura em toda a realidade humana). Nele, em particular, Marx anunciava: 'Um dia, as ciências da natureza englobarão a ciência do homem, do mesmo modo que a ciência do homem englobará as ciências da natureza - existirá uma única ciência'. Para mim, isso significava que as duas ciências deviam se enlaçar uma à outra, que nenhuma delas deveria anexar a outra, mas que uma e outra deviam tecer uma relação dialética indissolúvel.

(...). Meu marxismo me convidava fundamentalmente a trabalhar atravessando as fronteiras das disciplinas, a procurar as transversalidades, as complementaridades entre os domínios do saber. (...).

O termo 'homem genérico', cuja principal ideia tomei emprestada do jovem Marx, para mim designa a aptidão de gerar e regenerar todas as qualidades humanas, bem como considerar as outras inumeráveis virtualidades ainda não realizadas. (...).

'Genérico' expressa, portanto, a presença tanto de germens quanto de capacidades de geração e regeneração. Falo de uma aptidão que está aquém e além das especializações, dos fechamentos, das compartimentalizações. Ela é análoga às potencialidades das 'células-mãe' embrionárias incluídas igualmente na medula óssea do adulto, e que são capazes de regenerar os membros lesados, de gerar novos órgãos e, até mesmo, permitir a clonagem de um novo organismo. (...).

De Marx conservo, portanto, a ideia de um grande pensamento fundador que deve ser continuado, enriquecido, desenvolvido em direções novas. (MORIN: 2013b, p. 89-101).

classes, e que mesmo estando elas em campos opostos uma não existia sem a outra. A centralidade da dialética enquanto força propulsora de minhas ideias, ações, sonhos e desejos contribuiu para que as ideias de Marx fossem transformadas em um dispositivo ótico-consciencial com o qual eu via e compreendia a realidade.

Minhas andanças me levaram tanto ao encontro de Marx como ao encontro de outras ideias, diferentes teorias que deflagraram em mim uma luta interna contra o domínio da dialética e suas estruturas às quais eu estava enredado. Minha viagem a lugares ainda desconhecidos revelaram paisagens que matizaram mais meu repertório de saberes, forneceram-me cores e texturas outras com as quais pude escrever novas narrativas sem necessariamente ter de superar as anteriores, mas revisitá-las criticamente e integrá-las renovadas e abertas ao meu modo de pensar – cubro-me com outros casacos de Arlequim. A dialógica foi o dispositivo primeiro por meio do qual reaprendi a pensar, com ela comecei a entrelaçar os pares em oposição.

Sempre anárquica, indisciplinada e avessa às normatizações, minha personalidade me empurrava para fora dos limites estabelecidos, escapava pelas brechas. Foi assim que as ideias de Marx ganharam outras tonalidades sem que eu deixasse de lado a crítica à economia política que se movimenta alimentada pelo quadrimotor ciência-técnica-Estado-lucro; não ignoro o teatro da dialética no qual a história é encenada, mas vejo a cegueira que essa luta intestina provoca, ao colocar não somente homens contra outros homens, uma classe contra a outra, mas a humanidade contra a vida, contra o próprio planeta, em suma contra si mesma; concebo que o mundo das ideias e das ações

*retroagem um sobre o outro, se codeterminam, se coproduzem e transformam um ao outro de maneira imprevisível; entendo que a História não se reduz ao tempo histórico das civilizações e seus conflitos de classe, mas que esses ramos de histórias compõem a Grande Narrativa que se move entre centenas de possibilidades e impossibilidades de acontecimentos contingentes e necessários – um quadrilátero de modalidades subjaz a essas atuações. Dessa forma eu pude integrar as ideias de Marx arrancando-as de suas estruturas dialéticas e lançando-as no turbilhão das relações dialógicas, que não escapam ao circuito tetralógico ordem-desordem-interações-reorganização.*

*Religar saberes, contrabandear conceitos, bricolhar as narrativas é trabalho para espíritos livres, pensadores não domesticados. Thoreau, bem como Lévi-Strauss, Nise da Silveira, Morin e Serres me inspiram com suas ideias porque não se deixaram narrar pela ótica do Pai. Medito muito sobre as concepções que eles atribuíram à potência das letras, dos mitos, dos saberes mágicos-intuitivos e das imagens na tessitura das nossas compreensões do real.*

*Viajo vestido com o Manto da Apresentação de Arthur Bispo do Rosário.*



*Na literatura é só o selvagem que nos atrai. Monotonia é sinônimo de submissão. É a liberdade incivilizada e o pensamento selvagem em Hamlet e na Ilíada, em todas as escrituras e mitologias, não apreendidas nas escolas, que nos deleitam. Assim como o pato selvagem é mais veloz e bonito que o domesticado, assim é o pensamento selvagem que, entre o orvalho que cai, sobrevoa os pântanos.*

---

THOUREAU, Henry David, 1817-1862. *Caminhando*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016, p. 101.

---



*Busquei incorporar ‘As viagens extraordinárias’, ‘As aventuras de Tintim’, as miríades de imagens cinematográficas, a moral das fábulas, os sentimentos humanos mais profundos dos poetas e literatos para que com eles também pudesse empreender uma dialógica dos múltiplos ramos do saber, lançar mão de um saber enciclopédante livre de dogmas, imperativos teóricos e territórios disciplinares. Segundo Morin, um saber ‘encyclopédante’ não se refere ao saber cumulativo enciclopedista, mas é aquele que aspira religar os conhecimentos distintos e separados para integrá-los em um ciclo ativo organizador do pensamento. Escapar dos limites do conhecimento enciclopédico é abrir-se às aventuras de um conhecimento ‘passe-partout’, ou seja, a um conhecimento-pensamento que opera como uma chave-mestra que acessa o universal e ao mesmo tempo caminha e passa por todos os lugares e territórios distintos e deles pode conservar as singularidades dos múltiplos saberes e fazeres.*



## *Ramificações*





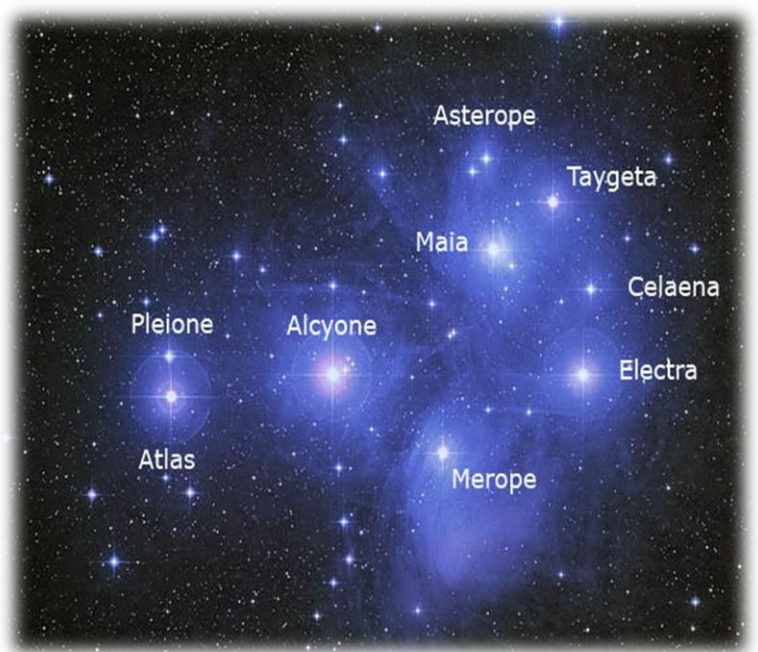


*O vulgar filósofo começa pelas criaturas,  
Descartes começou pela mente,  
ele [Spinoza] começa por Deus.*  
(Leibniz)

## ***Um berçário de ideias***

A Astronomia, a Cosmologia, a Astrofísica e todos os conhecimentos que voltam seus olhos para o Cosmos nos ensinam que partículas elementares, átomos, gases, grãos, pedras preciosas, moléculas orgânicas são elementos físico-químicos existentes nos berçários estelares. Esses complexos nebulosos são geradores de asteroides, cometas, estrelas, planetas e sistemas solares que nascem das condensações, compressões, contrações, fusões, explosões e radiações que ocorrem no interior dos mesmos. Eclodem da desordem organizadora novos astros, um sopro criador de miríades de protossistemas solares, jorro de energia, brilho e calor que semeia o universo. Berçários estelares<sup>173</sup> são reservatórios/conservatórios da *Physis*, células-tronco totipotentes do universo, fonte de geração-desintegração-interação-regeneração do mundo. Os cosmólogos poetizam a existência quando dizem que somos todos feitos de poeira das estrelas.

Mitos também habitam os céus, criam constelações. As plêiades<sup>174</sup> são as sete filhas de *Atlas*, titã revoltoso que foi condenado por *Zeus* a carregar o planeta sobre os ombros, e *Pleione*, filha de *Oceano*. Certa vez, *Electra*, *Maia*, *Taygeta*, *Calaena*, *Merope*, *Alcyone* e *Asterope* passeavam quando foram vistas por *Órion*, o caçador, que se encheu de desejo e passou a persegui-las. Para escaparem de *Órion* clamaram a *Zeus* que as ajudasse e ele



<sup>173</sup> **Figura 44:** Berçário estelar na Constelação Carina distante 20 mil anos luz da Terra. Foto do telescópio espacial Hubble – Nasa. **Fonte:** [http://s2.qlbimg.com/Omy4O6HA34YWlxwrdJsuQ5fmHyc=/fit-in/940x590/e.qlbimg.com/oa/ed/f/original/2015/04/23/hubble\\_25\\_years\\_r.jpg](http://s2.qlbimg.com/Omy4O6HA34YWlxwrdJsuQ5fmHyc=/fit-in/940x590/e.qlbimg.com/oa/ed/f/original/2015/04/23/hubble_25_years_r.jpg) – Ilustração inicial de *Ramificações*, p.129.

<sup>174</sup> **Figura 45:** Constelação das plêiades. **Fonte:** <https://cienciaetecnologias.com/pleiades/>

Situado na cidade de Cusco, no Peru, o templo do Sol, *Qorikancha*, era o local onde a civilização inca rendia homenagem ao deus *Inti* – o Sol. As divindades lá veneradas eram personificações de astros e fenômenos meteorológicos. Além do Sol, a Lua, Vênus, as estrelas, raios/trovões/relâmpagos e o arco-íris desfrutavam de tal status.



Roma andina, Cusco guarda ao ar livre vestígios arqueológicos de uma cultura. Os colonizadores espanhóis erigiram sobre o que restou de *Qorikancha* o Convento de Santo Domingo, que abriga no seu interior um painel metálico e um quadro que exibem o céu inca, mais especificamente a Via Láctea, com imagens zoomórficas e antropomórficas representativas das narrativas míticas daquela civilização.



Os documentos acerca do conhecimento astronômico e da mitologia incas são escassos. Os poucos registros que existem da época são dos cronistas do século XVI, os quais contam que os incas acreditavam serem as sombras que se formavam entre os brilhos das estrelas reflexos de tudo que existia de sagrado na Terra. A Via Láctea, conhecida como *Mayu* – o rio celestial, é espelho do rio que corta o Vale Sagrado dos incas que se estende de Pisac a Machu Picchu. Céu e Terra misturam-se, os viventes daqui lá habitam. Os mitos sempre nos contaram ao seu modo que somos feitos de estrelas.



**Figuras 46, 47 e 48:** *Qorikancha - Convento de Santo Domingo, Cusco, Peru; painel 'A Via Láctea' na astronomia inca e tela 'Via Láctea', de Miguel Araoz Cartagena, acervo Convento de Santo Domingo, Cusco, Peru.*  
**Fonte:** Fotografias do autor, 2014.

rapidamente as conduziu ao céu onde as transformou em estrelas. Os berçários estelares parecem não ser somente fonte criadora do mundo físico, mas pelo visto participam da criação da noosfera, do mundo das ideias; dão vida às constelações míticas, originam os mapas zodiacais. Não se comportariam os mitos à maneira dos berçários estelares, que ao se dispersarem para todos os lugares transformam as constelações de estrelas que habitam numa miríade de outras narrativas que são as mesmas metamorfoseadas?

Em *O cru e o cozido*<sup>175</sup>, logo na abertura, Lévi-Strauss alerta àqueles que vão embarcar na viagem das *Mitológicas* que os mitos se pensam entre si a despeito dos homens, não são exclusivos de uma sociedade, circulam por todas, narrando-as a seu modo. Franz Boas, antropólogo estadunidense que se dedicou a organizar um rico acervo das narrativas mitológicas dos povos indígenas da América do Norte, e de quem Lévi-Strauss herdou o interesse por tais narrativas, disse que os mitos mal acabam de se formar e logo se dissipam, e dos seus vestígios nascem novas narrativas; bricolagens universais da natureza e da Cultura. Os universais são estruturas geratrizes de natureza organizacional que comandam transformações e atualizações diversas de acordo com o ambiente natural-sociocultural.

<sup>175</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido (Mitológicas v. 1)*. [1964] Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Mito e ciência são narrativas que não se furtam a tratar das cosmogonias, não somente eles, afinal *todos temos necessidade de uma história para existir*. Ao modo dos berçários estelares reconheço serem as obras de Edgar Morin e Michel Serres um berçário de ideias que exibem nas suas narrativas uma transversalidade de saberes e conhecimentos artísticos, científicos, filosóficos, literários, mitológicos, teológicos que irrigam a noosfera, nutrem as consciências, semeiam reflexões e germinam novas ideias.

Metamorfozes, bifurcações, emergências, renascimentos, são palavras-chave presentes nos escritos de Morin e Serres, são acontecimentos que se sucedem às degradações, às dissipações, às dispersões, às mortes. Morte, que como vimos, se tornou o ponto de partida das incursões antropológicas de ambos. O caminho trilhado por eles é o caminho que se faz sem direção prévia, sem ponto de chegada, sempre desviante, irreversível no tempo e no espaço, próprio dos caminhantes. É a verdadeira caminhada, que Thoreau<sup>176</sup> disse ser aquela em que o caminhante não retorna sobre seus próprios passos ao ponto de onde partiu, ele abandona para trás os portos seguros e as paisagens habituais para poder errar por aí. Nessa caminhada é a incerteza quem os acompanha, o conjunto da obra evidencia que no interior da Grande Narrativa a hominização, mais especificamente, é marcada por derivas e ramificações em virtude das crises conscienciais-sociais-civilizacionais-ambientais-éticas que produzem arborescências, renovam as esperanças.

Avessos às incomunicabilidades entre a cultura científica e a cultura literária que formavam, e ainda formam, os espíritos dos homens de pesquisa e dos homens das humanidades, seus pensamentos sempre construíram pontes entre elas. A singularidade de suas ideias no meio intelectual-acadêmico francês jamais os deixou confortáveis ou acomodados, ao contrário, nômades desde sempre escapam pelas brechas, circulam nas interseções, habitam as dobras. Suas ideias/ações se assemelham às máquinas de guerra deleuzianas, que brotam das fissuras do território disciplinar-ideológico capturado pelo saber do formato-pai e que dele se evadem para inventar, criar, religar. A mudança não está na superação, mas no movimento de incorporação-ultrapassagem dos formatos, que emerge diferente, metamorfoseado. Frente ao poderio do agenciamento e da indexação, trilhamos vias raras que se abriram à liberdade do pensamento, da antecipação.

Michel Serres vinha do país da Matemática quando, repentinamente, viajou das ciências para as letras. Tal andança o permitiu sair de uma autoestrada do conhecimento para exercer a liberdade, o pensamento, o que foi possível na *École normale supérieure*

---

<sup>176</sup> THOREAU, Henry David, 1817-1862. *Caminhando*. op. cit., 2006.

– ENS em Paris, onde se dedicou à Filosofia, mas foi da Matemática que veio a primeira revolução científica que ele experimentou na carne e no espírito. Orientado por Gaston Bachelard escreveu sua monografia de conclusão de curso sobre as distinções entre a matemática clássica e o método algébrico de Bourbaki, debruçou-se sobre a noção de estrutura como era compreendida entre matemáticos e geômetras que se dedicavam aos estudos topológicos e algébricos.

Entre as diversas correntes da epistemologia francesa da época, em nenhuma delas ainda havia repercutido o que se passava de fato no campo da ciência. Tanto a topologia como o estruturalismo passavam longe das reflexões filosóficas. O que faziam os epistemólogos? Trabalhavam com os paradigmas que entre os cientistas se erodiam. Naquela época Bachelard e Canguilhem, seus professores de epistemologia, estavam distantes das questões éticas que permeiam as relações ciência/sociedade/política/poder. O interesse de Serres nessas relações é o marco inicial de suas dificuldades no métier filosófico francês, então atado à lógica dos afastamentos e superações.

*...apresentei minha tese [mémoire d'études supérieures – monografia de conclusão de curso] orientado por Bachelard, mas pensava, comigo, que o 'novo espírito científico', na moda desde então, estava atrasado em relação às ciências: na matemática porque em vez de falar de álgebra, de topologia e teoria dos conjuntos, referia-se às geometrias não-euclidianas...; na física, ...nada a respeito da teoria da informação, nem mais tarde deu ouvidos ao barulho de Hiroshima; e o mesmo na lógica, e assim por diante. O modelo que ele fornecia das ciências não podia passar a meus olhos por contemporâneo. Esse novo espírito me parecia bem velho. Assim, esse meio não foi o meu. (SERRES: 1999, p.20).*

Não seguiu pela autoestrada da Epistemologia, também se desviou dela. A perspectiva epistemológica histórico-crítica se erigia sobre o dever de julgar a ciência, sua função era separar aquilo que é verdadeiro daquilo que é falso, caso não a fizesse estaria apenas fazendo História, recolhendo fatos mesmo que não fossem tidos como certos. Julgar pareceu-lhe belicoso, próprio aos espíritos armados para o debate infrutífero das certezas cristalizadas em teorias quase ideológicas. Sua filosofia se fará longe das barras de julgamento dos tribunais da certeza epistemológica. Julgar, excluir, superar, são atitudes que opõem e isolam os conhecimentos, impedem o diálogo, inviabilizam o acontecimento.

Serres diz que todos os autores são nossos contemporâneos, caso contrário não teria defendido ele em sua tese de doutorado a atualidade das ideias de Leibniz, filósofo e matemático alemão seiscentista. Serres demonstrou ter sido ele o precursor da topologia combinatória, a mesma teoria que permitiu ao matemático britânico Alan Turing criar a

*Enigma*, máquina capaz de decifrar os códigos informacionais/comunicacionais dos nazistas e assim interceptar a comunicação dos inimigos durante a II Guerra, o que acabou mudando totalmente o rumo dos eventos. Uma invenção do pensamento, bifurcações na Grande Narrativa. A máquina de Turing, que virá a ser o computador, foi um dos maiores acontecimentos científicos do século XX. Pensar é antecipar, Leibniz é nosso contemporâneo.

*Hermes*, o anjo das comunicações/relações anuncia:

– Prepara-te que o tempo das conexões é chegado!

Fabulísticos, científicos, poéticos, literários e filosóficos, prosa e poesia, os escritos de Serres ignoram os fechamentos por gêneros, épocas ou disciplinas. Sua obra é povoada de personagens<sup>177</sup> que ele afirma não serem conceituais, como é comum à tradição filosófica. O conceito, segundo ele, permite que tenhamos uma compreensão generalizada e extensiva a tudo aquilo que desejamos conceituar, é uma economia ao pensamento. O conceito de vida, por exemplo, permite que todos entendam que tratamos de algo vivo que nasce, cresce, se reproduz, envelhece e morre; refere-se a um vivente que ainda não está morto, mas que por estar vivo uma hora morrerá. Enfim, não é necessário discorrermos sobre todo o conhecimento científico da biologia para explicar a vida, o conceito economiza, essa é virtude do conceito, ganhar tempo.

Serres<sup>178</sup> considera que há duas maneiras diferentes de pensar, mas que não são excludentes; uma é guiada pelo conceito, que pensa o geral, e outra é movida pela singularidade, que acessa o universal. Diferentemente dos personagens conceituais que encarnam o geral, seus personagens são singulares, como os personagens da literatura.

Quem são eles?

São personagens que expressam os acontecimentos, aquilo que bifurca; é uma maneira de marcar uma mudança. Eles permitem que possamos compreender o mundo por meio de uma singularidade. Do que trata a Filosofia e a Ciência contemporâneas, se não do acontecimento e da singularidade, pondera o filósofo. Seu pensamento está vinculado a eles, a esse gênero de investigação científico-filosófico que trata das dissipações, das turbulências, das rupturas simétricas, das estruturas de não-equilíbrio. Eles são uma maneira de expressar aquilo que muda, que está em mudança, e que, portanto, ramifica, foge ao modelo conceitual do Formato-pai.

---

<sup>177</sup> O livro de entrevistas *Pantopie: de Hermès à Petite Poucette* é uma incursão nos vários personagens de Michel Serres que dão vida à filosofia do autor. Para cada personagem foram criadas uma imagem e uma carta de identidade que o entrelaçam aos outros personagens, aos livros e aos acontecimentos da Grande Narrativa.

<sup>178</sup> SERRES, Michel. *Pantopie: de Hermès à Petite Poucette*: op. cit, 2014. p. 82-86.

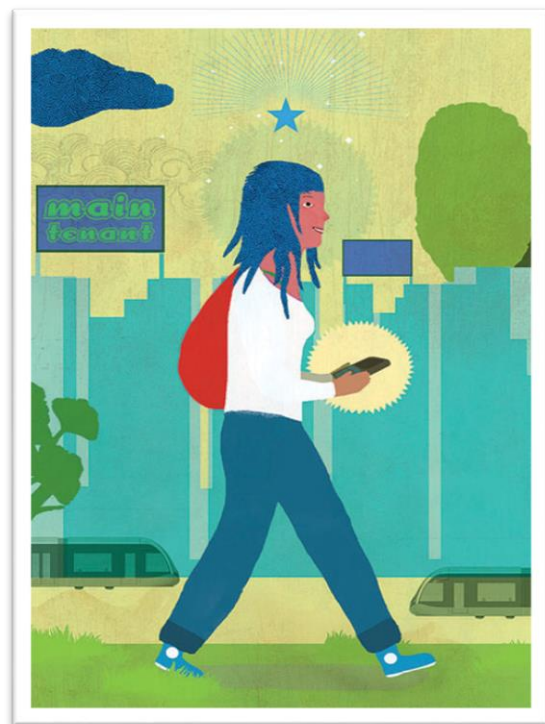


Pantope<sup>179</sup>, é o personagem que ilustra a própria filosofia, que viaja pelo mundo, abraça os saberes e as práticas e com eles aprende. É uma referência ao personagem de Julio Verne, Passepartout, o acompanhante de Phileas Fogg em *Volta ao mundo em 80 dias*, que ao longo da aventura é capaz de tudo resolver. Um bricoleur. Serres disse se identificar com ele. Inverso às expertises, um conhecimento-pertinente deve atravessar as fronteiras disciplinares e articular os conhecimentos especializados em rede, misturar e mestiçar. Para inventar, é preciso

antes viajar e passar por todos os lugares e não neles estacionar e permanecer.

Pantope, agora, também é Polegarzinha<sup>180</sup>, filha do momento hominescente que brota como um ramo do tronco da Grande Narrativa. Ela é personagem juvenil emergente da revolução computacional-informacional que viaja pelas redes da web. Irmã caçula de Hermes, é da família dos anjos, sua palavra-chave é o conectivo. Habita as redes, não conhece o tempo-espaço geométrico das longas distâncias e durações. Caminha em espaço-tempo topológico-projetivo no qual passado-presente-futuro emaranham-se.

Indisciplinada, evoca a reforma da educação, desobedece a autoridade pedagógica do formato-pai e do formato-página, os saberes estão agora ao alcance de seus polegares, compartilhados em rede, armazenados nas nuvens; conhecer se



<sup>179</sup> **Figura 49:** Pantope. Imagem do personagem publicada no livro *Pantopie: de Hèrmes à Petite Poucette*. **Fonte:** <http://www.telerama.fr/idees/le-petit-theatre-du-philosophe-michel-serres.109483.php>

<sup>180</sup> **Figura 50:** Polegarzinha. Imagem do personagem publicada no livro *Pantopie: de Hèrmes à Petite Poucette*. **Fonte:** <http://www.telerama.fr/idees/le-petit-theatre-du-philosophe-michel-serres.109483.php>

torna mais *soft*. Memória, imaginação e razão, faculdades que compõem o entendimento humano, também estão agora objetivadas nos computadores. Antes uma cabeça bem-feita, que uma cabeça-cheia; Montaigne sempre contemporâneo.

Como Serres, Edgar Morin passou por todos os saberes para deles sair, se distanciar e inventar. Em *Meus demônios*<sup>181</sup>, ele tratou dos entrelaçamentos vida e pensamento que o geraram e o regeneraram. Chamou de reorganizações genéticas essas mudanças profundas que o acometeram, sempre ocasionadas pela introdução de novos elementos que modificam e transformam um organismo, que no seu caso tratou-se das reorganizações paradigmáticas, alterações profundas da sua cosmovisão. Foram três as reorganizações. A primeira provocada pela integração das verdades isoladas, a integração das contradições e a integração da dúvida em sua maneira de pensar e conceber o mundo.

A segunda ocorreu entre o pós-guerra e os anos de 1960, foi decisiva para o seu modo de pensar. A ideia de totalidade deixou de ser uma verdade integradora para dar lugar ao inacabamento; as contradições passaram a ser insuperáveis, a dialógica começou a tomar o lugar da dialética; a dúvida eclodiu no interior da reflexão, antídoto para as certezas do conhecimento; a consolidação de uma ética da resistência frente às cegueiras da razão; a presença fulgurante do imaginário e do mito no espírito humano diante da evidência da racionalidade lógica do *sapiens*; a emergência de um pensamento planetário para uma era planetária capaz de lidar com o global/local, o universal/singular; a provincianização de Marx que passou a ser somente mais uma estrela em meio à constelação; e a autonomia política das ideias.

A terceira reorganização foi justamente aquela que o lançou em direção à reformulação paradigmática, e que se deu em três momentos, segundo ele: uma preliminar, que é exatamente a da participação no grupo do Dez, seus estudos no Instituto Salk, na Califórnia e a criação Centro Royaumont para a Ciência do Homem; outra genésica, na qual se configuraram a Antropologia Fundamental e *O método*; e uma última, a partir dos anos de 1980, quando ramificaram-se diferentes projetos nascidos do pensamento complexo que abordavam temas acerca das reformas educacionais, cognitivas, políticas, econômicas, ecológicas, sociais, culturais. Em defesa da sociedade-mundo contra o terror-mundo, expressão máxima da barbárie civilizada, a aposta sempre foi nas metamorfoses da sociedade, da vida e do homem na era planetária.

---

<sup>181</sup> MORIN, Edgar. *Meus demônios*. [1994]. op. cit., 2002a.

*O pensamento complexo tem como tarefa não substituir o certo pelo incerto, o separável pelo inseparável, a lógica dedutiva-identitária pela transgressão de seus princípios, mas efetuar uma dialógica cognitiva entre o certo e o incerto, o separável e o inseparável, o lógico e o metalógico. O pensamento complexo não é a substituição da simplicidade pela complexidade, ele é o exercício de uma dialógica incessante entre o simples e o complexo. (MORIN: 2002a, p. 199-200).*

Nas entrevistas concedidas a Djénane Kareh Tager, publicadas sob o título *Meu Caminho*, Morin afirmou que considera seu livro *O homem e a morte* o mais significativo entre todos, pois o colocou diante do desafio complexo de religar saberes dispersos em diferentes campos disciplinares. A obra foi propulsora daquilo que se desdobraria em uma Antropologia Fundamental e no pensamento complexo. Desde então deu ênfase ao imaginário e aos mitos na constituição do real, buscou a natureza antropocsmológica do homem, reintroduzindo-o no Universo e reenraizando-o na vida, brecha fundamental que o lançou na aventura de *O Método*. Obra robusta, em seis volumes, na qual o pensamento complexo se ramifica como um metassistema ao religar de forma dialógica-recursiva-hologramática a natureza, a vida, o conhecimento, as ideias, a humanidade, a ética.

Elaborou não só um conhecimento complexo do homem, mas uma epistemologia da complexidade, em suma, um pensamento conectivo, aberto às relações. Outras obras nasceram desse berçário de ideias, eclodiram, mas nunca de forma fragmentada, todas retroalimentando-se e tecendo em conjunto a unidade na diversidade e a diversidade na unidade de um pensamento singular e universal.

*Aprendi com Morin que a consciência da morte foi a bifurcação para a emergência humana. “É na morte que se encontra a maior ruptura entre o espírito humano e o mundo biológico. Na morte encontram-se, chocam-se, ligam-se o espírito, a consciência, a racionalidade e o mito”<sup>182</sup>. De onde viemos? É a velha pergunta que a Grande Narrativa se incumbem de responder; mas também devemos perguntar: por onde passamos?*

*Segundo Serres<sup>183</sup> tornamo-nos o que somos porque aprendemos que iríamos morrer. Morremos nós e nossos entes, morrem as civilizações e as culturas, e mais recentemente nos vimos diante da morte global da humanidade com as ameaças que produzimos; Hiroshima nos deixou essa mensagem. Acometidos pela iminência da morte global criamos novas técnicas, especialmente nos campos da geotecnologia, da biotecnologia e das tecnologias de comunicação que transformam nossas relações com o nosso corpo, com o mundo e com os outros. Diante da morte, construímos um mundo para nos*

<sup>182</sup> MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. [2001] op. cit., 2002b, p.45.

<sup>183</sup> SERRES, Michel. *A guerra mundial*. [2008] Tradução: Marcelo Rouanet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a.

*perpetuarmos, sonhamos com as 'Med-Bays' de Elysium, que a todos curam, renovam e rejuvenescem; produzimos a imortalidade. O mito do Paraíso que perseguimos nos persegue. Nos tornamos responsáveis pela nossa morte e nascimento, pela nossa aniquilação ou criação. Vivemos um novo tempo da nossa hominização, são tempos hominescentes e não sabemos aonde isso irá nos levar.*



**Figura 51:** Cena do filme em que Frey, vivida pela atriz brasileira Alice Braga, viaja clandestinamente para Elysium e invade uma residência para curar a filha Matilda da leucemia em uma Med-Bay.

**Foto:** [http://polqm.free.fr/petitescuriesdunet/public/images/Elysium\\_MedBay.png](http://polqm.free.fr/petitescuriesdunet/public/images/Elysium_MedBay.png)

No século XXII o planeta Terra naufraga frente à escassez, à contaminação generalizada dos ecossistemas, à baixa expectativa de vida, à explosão populacional, à exploração máxima dos trabalhadores, ao autoritarismo político e ao absolutismo das elites. *Elysium* é uma estação orbital paradisíaca onde vivem os detentores do capital e do poder protegidos das mazelas terrestres, que desfrutam de uma vida saudável e longa, de uma quase-imortalidade graças às *Med-Bays*, máquinas médicas de reconstrução genética/celular que todos possuem em seus lares. Um dos elementos da trama do filme são as naves clandestinas que partem da Terra rumo a *Elysium* apinhadas de moribundos esperançosos em curarem-se nas *Med-Bays* realizando um escaneamento completo de seus organismos. Para tanto é preciso conseguir entrar em *Elysium*, invadir uma residência e se tratar em uma máquina de cura. Spider, vivido pelo ator brasileiro Wagner Moura, é um *hacker-coiote* que invade o sistema de segurança de *Elysium* com a finalidade de obstruir o campo de defesa da estação orbital para fazer com que as naves aterrissem com os miseráveis em busca da cura de suas enfermidades.

ELYSIUM. Direção: Neill Blomkamp. Produção: Bill Block, Neill Blomkamp, Simon Kinberg. EUA, 2013. Filme (109min.), colorido.

*Pois bem! Se ainda não sabemos para onde vamos tenho a consciência que saber de onde viemos e por onde passamos nos fornece uma pista para refletirmos com pertinência sobre o nosso futuro. Tanto Morin como Serres me ensinaram a compreender que a história não se restringe às narrativas das sociedades humanas, especialmente àquelas das ditas sociedades históricas. O fato é que passamos por inúmeros começos, tanto na história da humanidade como na história da vida e do planeta. Gaia nem sempre foi assim como a conhecemos, passou por várias mutações de uma era geológica a outra. A vida como a conhecemos também, Darwin tratou pormenorizadamente do assunto em 'A origem das espécies'. E os hominídeos? Quantos dos nossos antepassados não se extinguíram ou evoluíram ao longo dessa Grande Narrativa? Antes mesmo do surgimento das primeiras civilizações, sociedades arcaicas que sequer sonhavam com o Estado, com a agricultura, com as cidades conheceram outras formas de organização social.*

*Tivemos vários novos começos, ou recomeços. Atualmente o sistema-Terra, governado pelo quadrimotor ciência, técnica, indústria e lucro, produz ameaças mortais para a biosfera. É possível metamorfosear o sistema-Terra atual, a fim de trilharmos outras vias para a realização da sociedade-mundo? Conseguiremos alertar os homens de que eles lutam contra a Vida e a Terra?*

*Responder a essas questões exige de nós que retornemos às fontes cósmicas do nosso universo, do planeta e da biosfera, para em seguida nos reportarmos à hominização. Nascemos da separação daquilo que não é separado; desde os primórdios do universo a agitação térmica potencializou ao mesmo tempo as forças de separação, dispersão e aniquilação, e as forças de religação, associação e integração das partículas. O universo ao se expandir separa-se e religa-se, as forças de religação atuam onde também atuam as forças de separação. Há ao mesmo tempo morte e nascimento. A Terra, assim como a Vida nascem dessas relações. A trajetória hominiana se inscreve nessa dialógica, somos feitos de elementos cósmicos.*

*Tenho para mim que essa sabedoria que adquiri de Morin, e que foi ampliada com as leituras de Serres, atuou sobre o meu espírito como uma mensagem ética de religação comigo mesmo, com os outros, com a comunidade, com a humanidade, com a biosfera, com o planeta e com o universo.*

*Sinto urgência em compartilhar com todos o amor e a ética dessas palavras que nos religam à Grande Narrativa.*

## ***Homo complexus universalis oecologicus***

Na mitologia hebraica<sup>184</sup>, posteriormente assumida pela civilização ocidental cristã como narrativa fundadora do mundo, o homem foi criado do barro, seu nascimento deveu-se a ação de *Yahweh*, deus supremo, que retirou das entranhas da Terra a lama primeira para dar forma ao ser humano: “*Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente*”. Assim está escrito no livro do Gênesis 2: versículo 7, e logo em seguida nos versículos 21, 22 e 23 temos o relato da criação da mulher retirada da costela do primeiro homem, Adão.

Homem e mulher vieram da Terra; tendo sido Eva feita da mesma carne e do mesmo sangue de Adão seu corpo portava os mesmos elementos físico-químicos do barro do qual ele fora feito. Ao menos é o que lemos e interpretamos no livro do Gênesis 3: versículo 19, quando *Yahweh* descobriu que ambos violaram a Lei por terem comido o fruto proibido: “*Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois*

---

<sup>184</sup> Antigo Testamento, Bíblia Sagrada. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/>

*dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó retornarás*". Retornemos novamente à Capela Sistina, no teto é exatamente isso que vemos nos afrescos de Michelangelo: *Criação e Perdição de Adão e Eva*, vida e morte se irmanam nas forjas da criação.

Na mitologia iorubana<sup>185</sup>, mais difundida no Brasil entre os adeptos do candomblé, *Obàtálá*, também conhecido como *Oxalá*, foi encarregado por *Olodumaré*, o deus supremo, de criar o mundo; para tanto ele lhe confiou o “*saco da criação*”. Para que a missão tivesse sucesso ele deveria obedecer determinados preceitos e regras que não foram cumpridos. Durante sua jornada *Obàtálá* sentiu grande sede, castigo aplicado por *Exu* por ele não ter honrado com suas obrigações ao ter atravessado o portal entre os mundos. Para saciar a sede, *Obàtálá* bebeu vinho de palma em quantidade; embriagado adormeceu, quando foi encontrado por *Odùduà*, seu maior rival, que lhe tomou o “*saco da criação*”. Este foi ao encontro de *Olodumaré* relatar o acontecido, e o mesmo lhe teria dito: “*Se ele está neste estado vá você Odùduà! Vá criar o Mundo!*”

Após ter despertado do sono e descobrir que o “*saco da criação*” havia desaparecido *Obàtálá* foi ao encontro de *Olodumaré* que o proibiu, e a todos da sua família, de consumirem o vinho de palma e o azeite extraídos do dendezeiro. Como consolo permitiu que *Obàtálá* partisse para criar o ser humano, e recomendou que utilizasse barro para modelar os homens. *Obàtálá*, não afeito a obediências, não evitou o vinho de palma, e nos dias que o consumia os homens que modelava saíam mal-acabados, deformados, malcozidos, sem cores...

Há outras versões do mito, em uma delas *Obàtálá* se empenhou para criar o homem com outros materiais que não o barro, mas fracassou. A orixá *Nanã Buruku*, penalizada com a situação, lhe ofereceu a lama primordial da qual é dona, e dela nasceu a humanidade. A própria origem de *Nanã Buruku* está relacionada à missão não cumprida de *Obàtálá* em criar o mundo, que foi realizada por *Odùduà*. Do “*saco da criação*”, *Odùduà* deixou escapar terra sobre as águas dando origem a lama primeva, fonte de toda a fecundidade da vida. Foi com essa lama primordial que posteriormente *Obàtálá* modelou o ser humano.

Em outra narrativa, *Nanã Buruku*, senhora da lama que dá vida, teve com *Oxalá* vários filhos: *Iroko*, *Obalúaiyé* e *Oxumaré*. Ela é reconhecida por todos os orixás como a mãe ancestral. No Brasil, *Nanã* foi sincretizada com *Sant’Anna*, e *Oxalá*, com o *Senhor do Bonfim*. Os mitos viajam, vivem novas realidades, se transformam.

---

<sup>185</sup> VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. [1981] 6ª ed. Salvador: Corrupio, 2002.



*Depois de fundir-se o espaço e amanhecer um novo tempo, eu hei de fazer que circule a palavra-alma novamente pelos ossos de quem se põe de pé, e que voltem a encarnar-se as almas, disse nosso Pai Primeiro.*

*Quando isso acontecer*

*Tupã renascerá no coração do estrangeiro; e os primeiros adornados novamente se erguerão na morada terrena por toda sua extensão.*

*(Profecia Guaraní)*

A divinação narrada por Pablo Werá, cacique da aldeia *Jeguaka Tenondé* no início do século XX anunciava que era chegado o momento da profecia se realizar, de transmitir ao homem branco os ensinamentos sagrados da tradição Guaraní, as *ñe'e porã tenondé* – as palavras formosas.

Foi assim que León Cadogan, etnólogo paraguaio, após anos de convivência com os *Guaraní-Mbya* da aldeia *Jeguaka Tenondé*, recebeu do cacique Pablo Werá a sabedoria mais profunda deixada pelos *tamã* – sábios pajés/ancestrais conhecedores das *ñe'e porã tenondé*.

Para ser iniciado na cosmovisão guaraní, León precisou antes acordar seu coração, ser nomeado, receber a palavra-alma. Renasceu como *Tupã Kuchuvi Veve* e aprendeu os *porã-hei*, cantos e mantras sagrados com os quais se entoam as palavras formosas.

Anos depois, acompanhado de Egon Schaden, León Cadogan encontrou-se com Pablo Werá, e este lhe disse que os sábios pajés estavam partindo para a morada dos nossos 'Pais Primeiros', o que colocava em risco o desaparecimento das 'palavras formosas' e que sem elas haveria o risco de degeneração da cultura do povo Guaraní. Sendo León um conhecedor das *ñe'e porã tenondé* ele deveria publicá-las para que elas pudessem no futuro habitar o coração dos homens.

Em 1953, Cardogan e Schaden, publicaram nos Boletins da Faculdade De Filosofia Ciências e Letras da USP as 'palavras formosas' sob o título *Ayvu rapyta – Os fundamentos da linguagem humana*.

Kaká Werá reproduziu em *Tupã Tenondé* o diálogo que *Tupã Kuchuvi* (León Cadogan) teve com Pablo Werá quando registrava as palavras formosas:

*Tupã Kuchuvi – ...se teus netos te perguntassem o significado de ayvu rapyta, que responderias?*

*Pablo Werá – O Ser fundamenta-se no fato de ter sido desdobrado de nosso Pai Primeiro, o ser fez-se parte da divindade primeira, como medula, palavra-alma, da coluna do Criador. (JUCUPÉ: 2001, p. 56).*



**Figuras 52a / 52b:** Grafismo Guaraní, representa as quatro colunas de sustentação da Terra, na fala-poema dos pajés é descrito como: 'As quatro respirações da Grande-Mãe'.

Fonte: <http://www.integria.com.br/KakaWera/index.htm>

*Tupã Tenondé*, ou o Grande Som Primeiro, é um dos muitos nomes que designa para os Guaraní a consciência suprema. Sua essência é a essência de *Ñamandu* – O Grande Mistério, o Imanifestado, o Um – Pai Primeiro, expressão máxima criadora das coisas vivas.

Nosso Pai Primeiro criou-se por si mesmo na vazia noite Inicial.

... do vazio Inicial enraizou seu desdobrar (florescer).

(...)

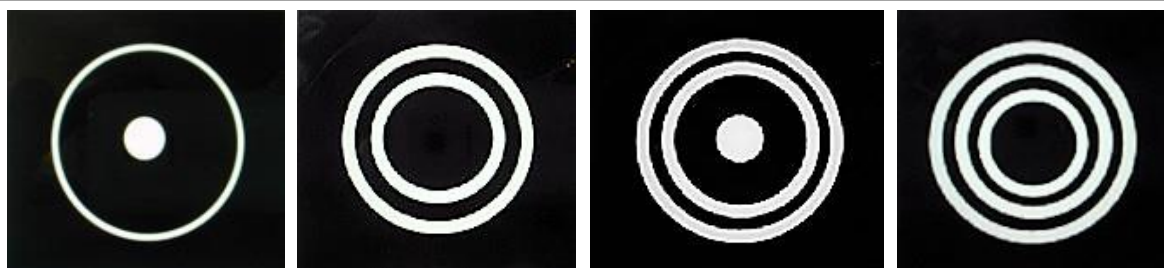
Antes de haver o verdadeiro Pai, o Uno, criado no curso de sua evolução, sua morada, antes de haver criado a Terra Primeira, existia em meio aos primeiros ventos: e o vento Primeiro de nosso Pai podemos percebê-lo como espaço-tempo, onde ao fim desse Vento, nomeou-lhe: época, era, (h)ora. Orou, arando rios de tempo-espaço, desaguando novos ventos, os espaços novos, defloram e florescem a flor de cada época.<sup>186</sup>

A linguagem poética dos cantos-orações dos sábios-pajés guaraní anunciam o desdobramento do Um - *Ñanderu* em movimentos cocriadores do mundo; *Kuaracy*, é a primeira emanção do Imanifestado (*Ñanderu*), Fogo-Mãe, o Dois; *Tupã*, o desdobramento do Todo, o Três; e *Ñande Cy*, a Terra, o mundo material, o Quatro.

As *ñe'e porã tenondé* narram o entrelaçamento do Universo, da Terra, da Natureza e do Homem, demonstrando ser

<sup>186</sup> JECUPÉ, Kaká Werá. *Tupã Tenondé: A criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guaraní*. São Paulo: Peirópolis, 2001, p. 25-31.

cada elemento uma parte do Todo. O grande holograma cósmico dessa narrativa revela que a existência de um é necessariamente o desdobramento da existência do outro. Há uma totalidade e uma ordem implicada. Os símbolos desses quatro movimentos que se desdobram um do outro indicam, ao mesmo tempo, que eles estão contidos um no outro.



**Figura 53:** Ñamandu, Kuaracy, Tupã, e Ñande Cy as imagens símbolos da criação.  
**Fonte:** Fotografia das imagens publicadas no livro Tupã Tonondé.

Kaká Werá se refere a *ayvu rapyta* como os fundamentos do Ser. Desdobrado do Todo, o Ser emerge dele, mas não se separa. Do mesmo modo que o Todo se desdobra em mundos e dimensões, cria tudo que existe, se manifesta no Ser. Os fios da narrativa-poema tecem as origens dos cocriadores divinos da natureza, do surgimento da Mãe-Terra, do movimento da vida que se manifesta por meio do amor e da sabedoria e que compõe os sons que animam o corpo físico daqueles que se “*põem de pé*”.

Antes de existir a Terra, em meio a Noite Primeira,  
antes de ter-se conhecimento das coisas,  
criou o fundamento da linhagem-linguagem humana  
que viria tornar-se alma-palavra.  
E fez o Grande Espírito que se formara parte e Todo.  
(...)  
Havendo refletido profundamente,  
da sabedoria contida em sua própria divindade  
e em virtude de sua sabedoria criadora,  
desdobrou-se criando aqueles que seriam companheiros  
cocriadores de sua eternidade.<sup>187</sup>

As narrativas míticas em todos os tempos e lugares sempre trataram das nossas origens, nos ensinaram quem somos, de onde viemos e para onde vamos. As narrativas científicas não fazem diferente, ambas tratam de situar o homem no universo – no espaço e no tempo. Interligados, os diferentes conhecimentos disciplinares da ciência também compõem a Grande Narrativa do Universo, da Vida e do Homem.

<sup>187</sup> JECUPÉ, Kaká Werá. *Tupã Tenondé*. op. cit., 2001, p. 42-45.

Aprendemos que no princípio as partículas elementares e energéticas se encontravam comprimidas e extremamente aquecidas, quando ocorreu o *Big Bang*, acontecimento no qual uma grande turbulência térmica produziu a expansão da luz materializada. As partículas primordiais liberadas das altas compressão e temperatura fizeram com que surgisse no vazio o espaço-tempo. A medida que o universo se dilatava, o ruído térmico de fundo e a matéria esfriavam, perdiam calor. A expansão e o esfriamento térmico persistem.

Desde os primórdios do universo conhecido as interações físico-químicas da matéria existente produziram uma miríade de estrelas e corpos celestes, que passaram depois a gerar galáxias inteiras, incontáveis; todos viajam há bilhões de anos, se distanciam, caminham para a dissipação. “*Nessa visão de mundo inteiramente elástica, o substrato do espaço em si não é fixo, mas, na realidade, dúctil*”<sup>188</sup>. É nele que vivemos.

Astrofísicos e cosmólogos ouvem com radiotelescópios a narrativa contada pela radiação cósmica existente no nosso universo; com ela pudemos aprender sobre a diáspora da luz e da matéria que ocorre há mais de treze bilhões de anos.

*Edgar Morin – ...participamos de um universo bastante singular. Ele começa a partir de um vazio que, na verdade, não é um vazio, mas sim um vazio quântico, uma noção bastante insólita. Depois, aparece uma flutuação, uma fulguração ou uma luminescência, não se sabe muito bem, que desloca ou parece deslocar esse vazio e que dá origem ao nosso universo, tudo isso em meio a um calor indescritível. Ao esfriar esse universo irá criar as partículas e tudo aquilo que vem depois. Habitamos nesse universo que é também uma história de quem somos, ao qual pertencemos...*

*Michel Cassé – .... Existe uma ligação de gênese entre os homens, mais exatamente entre seus átomos e as estrelas, entre as estrelas e as nebulosas interestelares, entre essas nebulosas e a luz, entre a luz e o vazio quântico. Há, então, um encadeamento físico da gênese: grande vazio, luz, matéria e pequeno vazio – esse relicário que persiste e, além disso, não cessa de acelerar a expansão do universo. (CASSÉ: 2008, p. 37-38).*

Como nos mitos, nossa origem está no caos genésico – uno, indivisível, indiferenciável, incriado, imanifestável – no qual turbulências, efervescências, vibrações fizeram eclodir a luz material da nossa existência; desordem-interações-ordem-organização é o operador tetralógico da nossa cosmogênese. Sabemos hoje que a nossa origem não se explica apenas pela passagem da desordem caótica para a ordem cósmica, mas pela permanência no Cosmos do caos genésico, e genérico, do fogo que forja berçários estelares que eclodem em novas organizações galácticas. “*A Gênese não*

<sup>188</sup> CASSÉ, Michel. *Filhos do Céu: entre vazio, luz e matéria*. [2003] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p.25.

cessou. Nós ainda estamos na nuvem que se dilata. (...). Nós ainda estamos em um universo que se desintegra e se organiza em um mesmo movimento. Nós ainda estamos no começo de um universo que morre depois de seu nascimento”<sup>189</sup>. Fogo-Mãe, Kuaracy, é totipotência integradora e desintegradora, que expande sua prole astral em meio “ao vento Primeiro do nosso Pai”, o espaço-tempo. A sabedoria dos Guarani é contemporânea.

Assumir essa cosmovisão exige de nós uma reforma do pensamento. O mundo real não é o da ordem, o da previsão, o do acabamento, mas das interações e interdependências entre organização e desorganização, ordem e desordem, equilíbrio e desequilíbrio, integração e desintegração. Essa realidade cósmica descoberta pela ciência revelou a irracionalidade do pensamento racionalizador, que há muito tem governado o espírito dos homens. No coração da razão residem agora novas verdades insuperáveis a despeito do mundo: a incerteza, o inacabamento e o insondável. A grande certeza que a razão pode nos confirmar é que rumamos todos para a morte. Do pó das estrelas nós viemos, ao pó interestelar voltaremos – *Caosmos* é o nosso mundo.

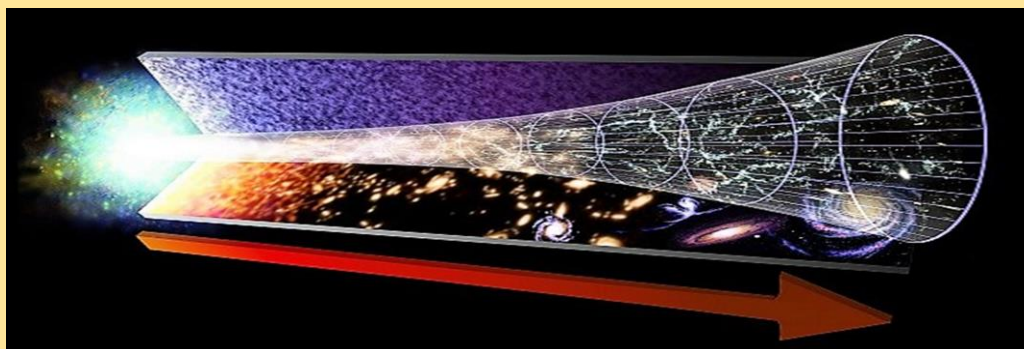


Figura 54: Ilustração da Nasa que representa a evolução do Universo, começando com o Big Bang.  
Fonte: <https://svs.gsfc.nasa.gov/10128>

### **Antropo-cosmo**

Edgar Morin – ... [certa vez] um convidado lhe perguntou: “E você, senhor astrofísico, o que vê dentro do meu copo?”

Michel Cassé – Eu lhe respondi que numa gota de vinho, assim como numa gota de água, bebesse o universo inteiro, isso porque ele transborda de hidrogênio originado da explosão original e de oxigênio emitido pelas estrelas...

E. M. – ... E você continuou a falar, referente ao carbono proveniente de um Sol anterior ao nosso. Ao descrever a cadeia de macromoléculas que se agrupam sobre a Terra primitiva durante a evolução biológica, ...da qual surgiu a videira selvagem, ao se referir à humanidade mediterrânea que cultivou essa videira e dela extraiu o suco da uva, ...você convidava seu interlocutor a ver dentro de seu copo...

M. C. – ... O universo inteiro...

E. M. – ... Toda a história da humanidade, a história da vida e a história do cosmo. É por essa razão que você fala de um antropo-cosmo. Cada um de nós é um microcosmo que contém em si totalidade do universo. .... Somos hipersingulares, mesmo tendo o universo inteiro dentro de nós. (CASSÉ: 2008, p. 67-69).

<sup>189</sup> MORIN, Edgar. *O método 1: a natureza da natureza*. [1977] op. cit., 2008a, p. 81.

As “*palavras-alma científicas*” custam a chegar aos corações dos homens, bem como aquelas dos Guarani. A arte do pensar bem é um exercício de religação entre *Mitos*↔*Logos*, que se viabiliza por meio de um pensamento-sentimento complexo capaz de compreender a dialógica dos movimentos disjuntivos-conjuntivos que tramam os fios da existência. Minúsculo/invisível ↔ incomensurável/insondável são partes-todo gerados e geradores da nossa realidade cosmo-físico-bio-antropossocial. Precisamos aprender a ler o mundo na língua das “*palavras-alma*”.

Desde que a ciência nos ensinou a ler as escritas da natureza deixadas pela radiação cosmológica, pela luz das estrelas, pelo balé quântico de ondas e partículas, pelas camadas geológicas, pelas impressões fósseis, pelos códigos genéticos, podemos alinhar o tempo incomensurável dos primórdios *caósmicos* aos acontecimentos hominescentes do tempo presente. A minha, a sua, a nossa História<sup>190</sup> desdobra-se desde o acontecimento primeiro da Grande Narrativa. Tornamo-nos todos contemporâneos, abrimo-nos para o universal.

O *Homo Universalis* jamais foi alcançado pelo Humanismo das Luzes que tentou em vão definir uma natureza humana. Abstrato, eurocêntrico, ocidentalista, pretendeu por meio de um conceito vazio definir hábitos, valores e moral, formatar uma identidade humana com enfoque na razão em oposição às raízes cosmobiológicas do homem; afogou-se no seu próprio antropocentrismo.

Diaspórico como o Cosmos, o ser humano ao longo da sua hominização codomesticou-se com plantas, animais, fungos, bactérias e o fez com o uso das técnicas que criava. Emergência da *Physis* e da *Biós*, o homem plasmou-se a elas formando o que Serres<sup>191</sup> denominou de *Hylossom*<sup>192</sup>, corpo que é o somatório de todas as matérias e *Biossom*, corpo que congrega o conjunto dos seres vivos. Esse corpo biocósmico global ao qual nos misturamos é possível graças à aparelhagem tecnocientífica que nos permitiu adentrar nos nichos dos viventes efêmeros e longevos, bem como mensurar os tempos ínfimos das partículas subatômicas e colossais da dispersão dos fótons desde o *Bing Bang*. Apreendemos o mundo, nos comunicamos com ele, conhecemos sua narrativa; habitamos o mesmo espaço-tempo.

---

<sup>190</sup> SERRES, Michel. *A grande narrativa do humanismo*. [2006]. op. cit., 2008b.

<sup>191</sup> SERRES, Michel. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* [2001] op. cit., 2003.

<sup>192</sup> Provavelmente o termo *Hylossom* tem seu fundamento no Hilozoísmo, doutrina filosófica segundo a qual “...a matéria vive por si mesma, ou seja, possui originariamente animação, movimento, sensibilidade ou qualquer grau de consciência. ...são hilozoístas todos os físicos pré-socráticos (Tales, Anaximandro, Anaximenes, Parmênides, Heráclito, Empédocles), para os quais no princípio ou nos princípios materiais que admitem há alma e sensibilidade. Hilozoístas são os estóicos, para os quais o princípio constitutivo corpóreo do universo, ou seja, o fogo, é um sopro ou espírito animador e ordenador”. (Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano: 2007, p. 499).

Abrimo-nos para a hominescência, produzimos a nós mesmos, aparelhamos o mundo e o nosso corpo com objetos técnicos, fabricamos a vida e a morte concomitantemente, seja manipulando os genes ou a fissão nuclear; de *naturados* passamos a *naturantes*. Necessária e contingente, nossa realidade hominescente nos coloca diante da possibilidade de constituirmos um humanismo universal e da impossibilidade de o mesmo se realizar se a ele permanecermos alheios. Tomemos consciência da nossa realidade antropocsmológica. Misturados ao *Hylossom* e ao *Biossom* estamos em vias de constituir um *Ethnosom*, um corpo global formado por todos os povos e culturas. “*Os homens não se tornam universais por si mesmos, mas sim ao buscarem o testemunho das coisas do mundo. A natureza universaliza as culturas*”<sup>193</sup>.

A universalidade do novo humanismo deve-se, especialmente, à nova habitação global. Não vivemos mais no espaço métrico-geométrico delimitado pelas fronteiras territoriais, determinado pelas filiações ou vínculos em relação à nacionalidade, à religião, ao gênero, à etnia, ao status profissional ou outro; habitamos o virtual, caminhamos pelos espaços topológico-projetivos das redes informacionais. Não somos mais dos lugares de onde viemos, nem dos lugares onde estamos, nem dos lugares para onde vamos. Nossos pertencimentos foram, e são, ampliados, matizados, coloridos, como os casacos de Arlequim. Indeterminados, inacabados, somos uma obra em aberto, *work in progress*, constantemente performativos. Antropologicamente existimos no fluxo relacional entre o necessário e o contingente, o possível e o impossível. Spinoza é nosso contemporâneo, há muito nos presenteou com sua *Ética* na qual diz sermos modos manifestantes de uma substância única eterna e infinita. Foi Nise da Silveira quem me apresentou a ele, depois o encontrei em Morin e Serres. O que fizemos? Egocêntricos e antropocêntricos, definimos que o próprio do humano é o *cogito*.



**Figura 55:** *Benedictus de Spinoza*, autor Nicolas Dings, escultura em bronze, 2008. Amsterdã, Holanda.

**Fonte:** Fotografia do autor, 2015.

*A rejeição do ódio, a profunda necessidade de amor, de amizade, de fraternidade são para mim os germes essenciais da ética. Encontro todos eles em Spinoza, em seu sentido de tolerância, em seu horror da violência e das perseguições. Sua mensagem profunda é ligar Conhecimento, Compreensão, Alegria e Amor, termos que se remetem um ao outro e que dão valor e sentido à vida humana. (MORIN: 2013b, p.64).*

<sup>193</sup> SERRES, Michel. *O incandescente* [2003] op. cit., 2005, p. 278.

O conceito de identidade até então confundido e vinculado à ideia de pertencimento contribuiu para desenhar as fronteiras do nosso mapa-múndi, para instalar uma geopolítica étnica, econômica, teológica, sexista e serviu, e ainda serve, de bode-expiatório para marcar as diferenças, fomentar os ódios, alimentar racismos, disseminar xenofobias, reforçar patriarcalismos, deflagrar a guerra de todos contra todos. “*De onde você é? Não importa de onde. (...). Eu navego. Quem é você? Eu flutuo, eu percolo, eu não sou. Como todos, habito o mundo, e seu tempo*”<sup>194</sup>. Até quando continuaremos a confundir pertencimentos à identidade? Apostamos que uma outra Antropologia arborescerá conjuntamente ao humanismo universal. Uma era de paz é desejada.

A humanidade ainda não se deu conta de que o momento hominescente seja talvez o maior dos acontecimentos desde o Neolítico. Confeccionamos a natureza e seus processos, afetamos e modificamos globalmente nossa relação com o tempo e o espaço, criamos objetos-mundo que são capazes de nos desintegrar, como a bomba atômica, ou de nos integrar, como os smartphones em rede. Manipulamos a concepção, a finitude e desejamos alcançar a imortalidade. O conjunto de nossos aparelhos e técnicas liberaram o ser humano do tempo lento da evolução, do seu nicho primeiro, da sua habitação local. O homem viaja pela sociedade-mundo.

Hominescentes, totipotentes, devemos ser, sobretudo, onirresponsáveis. Heidegger nos atentou para o problema da técnica, que não deve ser tida como boa nem má, mas que é bom ou mal o uso e a finalidade que damos a ela. “*Para nos tornarmos nossa própria causa, criadores contínuos de nosso mundo e de nós mesmos..., só nos resta nos tornarmos bons. ...a filosofia abasteceu-se plenamente na sophia, ciência e entendimento, mas ainda não começou a estabelecer relações eficazes com o amor, ou seja, com a philia*”<sup>195</sup>. A razão fria e calculista que mora na filosofia e na ciência ocidentais tende não só a expulsar o amor, bem como a considerá-lo uma ilusão. O *Homo sapiens sapiens* que se distanciou da sua complexidade tem agora a oportunidade de recuperá-la.

Devemos abraçar nossa realidade enquanto *Homo universalis* e assumir nossa condição como *Homo complexus*<sup>196</sup> ao reconhecermos nosso duplo-enraizamento cósmico-biológico; ao compreendermos a nossa tripla-condição como indivíduo-sociedade-espécie; ao concebermos a dialógica da unidade/diversidade biocultural do homem; ao religarmos os campos cosmo-físico-bio-psíquico-antropo-social da realidade

---

<sup>194</sup> SERRES, Michel. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* [2001] op. cit., 2003, p. 173.

<sup>195</sup> Ibidem, p. 145.

<sup>196</sup> MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade.* [2001] op. cit., 2002b.

humana em um circuito dialógico, recursivo e hologramático; ao aceitarmos o *homo* como *sapiens/demens, economicus/consumans, faber/ludens, realis/imaginarius*. Tornemo-nos universais, dirijamo-nos ao humanismo planetário.

No entanto, devemos observar que uma outra questão se impõe a nós, o *Homo complexus e universalis* é também *oecologicus*. A arborescência de uma outra humanidade não se fará sem o florescimento de uma outra política que compreenda na vida cívica a *Biogea* – a água, o ar, o fogo a terra, o conjunto das espécies viventes – como tem nos alertado Michel Serres<sup>197</sup>. E por que? Porque nos tempos de crise nos quais vivemos a reinvenção do homem e da sociedade não se fará sem a natureza – *Physis e Biós*, formamos um só corpo uno-plural, o *Hylos-Bios-Ethnossom*, é essa a nossa identidade singular↔universal: cósmica, biológica, psicoantropossocial.

Os ecossistemas da *Biogea* vêm sendo manipulados, subjugados e devastados por um processo civilizatório regido pela tríplice-ação globalização-ocidentalização-desenvolvimento. Morin<sup>198</sup> acrescenta que no atual contexto de globalização neoliberal o caráter ambivalente desse triplo fenômeno tem contribuído para amplificar seus efeitos negativos, o que promove a agudização da crise ecológica e retroalimenta crises de todas as ordens. Em um contexto policrísico os conflitos tendem a se acentuar da mesma forma que a incompreensão sobre suas possíveis causas e soluções. Diante dele o desafio que temos é de reinventar uma nova existência.

Palco de guerras intermináveis entre os homens e entre estes e o planeta, o sistema-Terra vive uma profunda agonia. Gaia padece ante as incontáveis formas de agressões e ameaças resultantes não somente entre grupos ou nações rivais, mas também da violência humana nas formas derivadas de um processo produtivo abusivo, parasitário e mortal. A ameaça, portanto, recai sobre a vida na sua totalidade.

Planetários, os problemas que nos afetam não se encerram dentro de determinadas fronteiras, é comum que alcancem a totalidade da biosfera. Urge a necessidade de um pensamento ecologizado para que possamos compreender a trama complexa dos eventos presentes. A história da humanidade e seu futuro estão entrelaçados às histórias da Vida e da Terra. Necessitamos de uma tomada de consciência ecológica que nos religue à *Biogea*; ponto de mutação que nos abrirá para a compreensão da Grande Narrativa.

---

<sup>197</sup> SERRES, Michel. *O contrato natural*. [1990] Tradução: Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, s./d.a.

\_\_\_\_\_. *Retour au contract naturel*. Paris: Bibliothèque nationale de France, 2000.

\_\_\_\_\_. *Temps des crises*. op. cit., 2009.

\_\_\_\_\_. *Biogée*. [2010] Édition de poche. Paris: Éditions le Pommier, 2013.

<sup>198</sup>MORIN, Edgar. *A via para o futuro da humanidade*. [2011] op. cit., 2013a.

*Não é de agora que as questões relacionadas à crise ecológica me afetam. Sempre estiveram no cerne das minhas preocupações políticas as catástrofes ambientais provocadas pelo ser humano. A iminência da morte global produzida a todo instante por nós mesmos é uma realidade que me assusta. Vivemos sob as ameaças damocleanas do poder nuclear, da contaminação dos ecossistemas, da degradação da biosfera, da extinção de múltiplas formas de vida e, talvez, do próprio planeta.*

*A mensagem ecológica em defesa da vida como um todo se espalhou pelo planeta por distintos meios, uma miríade de ações pontuais estimulou a conscientização ecológica na linha do “pensar global e agir local”; mesmo assim a degradação da biosfera e a ameaça de morte coletiva da humanidade, conduzidas pela tríplice ação globalização-ocidentalização-desenvolvimento, persistem:*

*- Estamos longe de conter o aquecimento global; a emissão de gases de efeito estufa tem produzido alterações em distintos ecossistemas, como a aceleração do degelo das calotas polares e dos picos nevados; o derretimento do solo congelado, o permafrost, parece irreversível; o branco antes eterno, agora é cada vez mais efêmero. Continuaremos a emití-los?*

*- Fenômenos climáticos extremos tornaram-se frequentes onde eram extemporâneos e tornaram-se eventuais em regiões onde eram inexistentes, com prejuízos ambientais, econômicos e sociais para a vida no campo e na cidade; tudo indica que decorrem do aquecimento global. Conseguiremos contê-los?*

*- Dejetos tóxicos de todas as ordens contaminam as águas doces de superfície e também os oceanos. As águas subterrâneas não estão imunes, os veios intercomunicantes dos lençóis freáticos espalham a toxicidade por todo sistema. Permaneceremos contaminando-os?*

*- Os ideais da revolução verde persistem através do agronegócio que avança sobre distintos biomas degradando-os, enfraquecendo sua biodiversidade, expulsando populações tradicionais de suas terras ancestrais, substituindo a produção de alimentos por commodities, contaminando os solos e expondo-os ao processo de desertificação e acidificação. Deixaremos que avancem?*

*- O circuito migração-urbanização-industrialização-consumo depende de altíssimos níveis de energia para se reproduzir; o uso em larga escala das fontes fósseis de energia não renováveis persiste e tem aumentado incessantemente os níveis de poluição. Insistiremos em explorá-las?*

*- O descarte de resíduos provocado pelo ciclo hiperprodução-consumismo faz dos detritos um problema insolúvel, a questão do lixo está longe de ser solucionada; enquanto isso continuamos a retroalimentar o circuito das contaminações. Persistiremos consumistas?*

*- A ameaça latente, por vezes explícita, de uma hecatombe nuclear não acabou com o fim da Guerra Fria. O arsenal de mísseis prontos para serem disparados somam mais de 20.000 em todo o mundo. O poder de destruição desse contingente bélico é 600.000 vezes superior que a potência da bomba lançada sobre Hiroshima. Continuaremos cegos à fúria demencial do ser humano?*

*Tais evidências as vezes me desanimam, sou invadido por um sentimento de desprezo enorme pela humanidade, quase irreconciliável. Nessas horas as sombras que no meu inconsciente habitam se alimentam da energia da minha revolta particular e acionam todo o potencial tanático de autodestruição. Desejo, como Justine, que o planeta Melancolia<sup>199</sup>, colida com a Terra e que desse encontro fusionante retornemos todos como poeira cósmica a navegar pelo espaço. Para Justine “a Terra é má” e a dissolução do planeta no Cosmos é o único conforto possível para sua existência deprimida.*



**Figura 56:** Cena final de Melancolia, segundos antes da colisão do planeta com a Terra.

**Fonte:** <http://blogs.smoda.elpais.com/banco-de-pruebas/2015/03/que-haria-si-me-queda-una-hora-de-vida/>

*Rapidamente recobro as esperanças que alimentam minha cosmovisão de mundo, sou invadido por Eros e o meu amor pela vida da vida, pela humanidade da humanidade me levam a apostar na metamorfose do mundo.*

*Inconscientes da nossa realidade demencial apostamos na racionalidade como verdade instituinte do mundo. Sem saber, possuídos pelas sombras e vozes interiores que guiam nossa percepção, e que falam à nossa consciência, produzimos uma racionalização paranoica. A esquizofrenia habita o coração da Razão, diferentemente daquilo que nos quiseram fazer crer filósofos e cientistas.*

*A metáfora da cegueira no romance<sup>200</sup> de Saramago é um ensaio aberto de Antropologia Fundamental se quisermos tomar consciência de quem somos enquanto indivíduo-sociedade-espécie. A natureza sapiens demens do humano é constituída de uma miríade de imagens, mitos, fantasmas,*

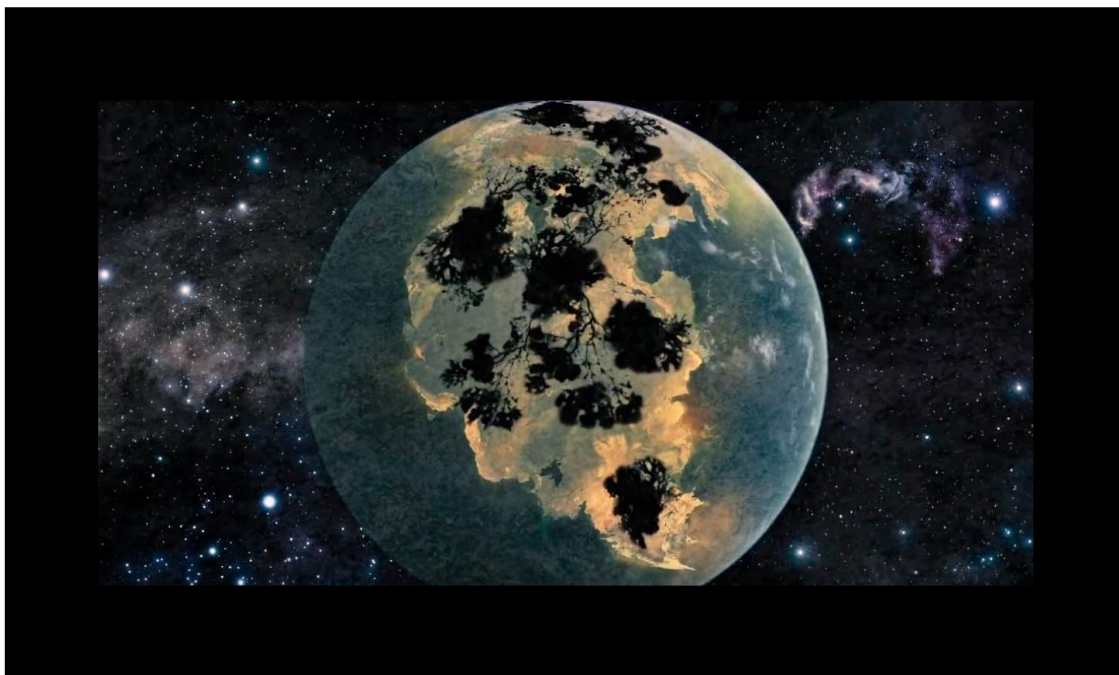
<sup>199</sup> Melancholia é o nome do planeta desviante de sua órbita que vaga pelo espaço em rota de colisão com a Terra; Justine é personagem vivida pela atriz Kirsten Dunst; Claire – Charlotte Gainsbourg – é a irmã de Justine que junto com Léo, seu sobrinho, aguardam de mãos dadas ao relento sob uma cabana aberta o fim iminente da vida e da existência da Terra. MELANCOLIA. Direção: Lars von Trier. Produção: Zentropa. Dinamarca, Suécia, França e Alemanha, 2011. DVD (136 min), colorido. Título original: Melancholia.

<sup>200</sup> SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira: romance*. [1995] São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

sombras que habitam o vasto oceano inconsciente da nossa psique, alimentam nosso espírito, modelam nosso imaginário e contribuem para formar nosso sistema racional de conceitos e ideias. Alimentados por elas tecemos as narrativas do mundo, obedecemos às *themata*, damos asas aos demônios interiores que nos possuem – nossos *daimones* que atuam como guias ou gênios espirituais que incendeiavam nossas ideias e nos conduzem a elas incessantemente. O humano do humano é revelado por sua porção imaginal-desmesurada-demencial-extasiástica.

Novamente é o cinema que nutre meu pensamento, o filme de Darren Aronofsky, ‘Noé’<sup>201</sup>, me colocou diante da intrincada natureza humana. Primeira cena, na tela o vazio escuro do instante anterior à criação, na legenda o início da narrativa mítica: “No começo não havia nada”; na sequência uma víbora rasteja sobre o gramado, lemos: “A tentação levou ao pecado”; em seguida uma mão arranca o fruto proibido de uma árvore...; na tela, o céu negro noturno estrelado invade nossas retinas, no silêncio da sala ouvimos o som apetitoso da mordida, nesse instante sabemos que a Lei foi violada...

Na sequência temos a narrativa: “Lançados para fora do Éden, Adão e Eva tiveram três filhos: Caim, Abel e Seth... Caim matou Abel, logo fugiu para o leste acompanhado e protegido por uma falange de anjos caídos... Fundou com a ajuda dos mesmos uma enorme civilização industrial... As cidades de Caim espalham a maldade, devoram o planeta”; a câmera se afasta, e vemos surgir na tela Pangeia, sobre seus territórios uma mancha negra se espalha freneticamente como uma praga devastadora; é a alegoria da diáspora dos filhos de Caim, uma civilização parasita aniquiladora dos ecossistemas naturais/sociais do planeta.



**Figura 57:** Cena inicial de Noé, plano-sequência do alastramento da civilização de Caim no planeta.  
**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=aJJNkBa\\_bE](https://www.youtube.com/watch?v=aJJNkBa_bE)

<sup>201</sup> NOÉ. Direção: Darren Aronofsky. Produção: Paramount Pictures. EUA, 2014. (138 min.), colorido. Título original: Noah.

*Novamente na tela o universo, lemos na legenda: “Somente os descendentes de Seth defendem e protegem aquilo que o Criador nos deixou [a Biogea]”. No primeiro diálogo do filme vemos Noé, ainda adolescente, sentado diante de seu pai, Lameque, atento a história da Grande Narrativa – do início da criação até a genealogia dos descendentes de Seth, a qual pertencem. A sabedoria recebida por meio da narrativa tem por objetivo transmitir o legado à Noé de defensor e protetor da grande obra do Criador. É uma mensagem de conteúdo ético de religação com a Natureza, de respeito à Terra e de amor à Vida e aos viventes, criações do Pai. Corta.*

*Nas imagens dos frames ao lado Noé já é adulto, a Arca já está finalizada aguardando o Dilúvio e a Terra está devastada pela civilização caínica. Hordas de desgraçados perambulam das regiões degradadas às que ainda não foram exauridas. Seguem Tubalcaim, o rei do clã de Caim, que se instala em um acampamento provisório próximo ao local onde está a família de Noé e a Arca. Entre Tubalcaim, seu exército e os deserdados do Criador a exploração e a violência são regras. Na noite anterior ao grande acontecimento, Noé se mistura a turba desesperançada e famélica, quando em meio a barbárie, uma revelação: Noé vê a si mesmo no semblante demoníaco de um dos descendentes de Caim. Em seguida as cenas em retrospectiva do “pecado original” explodem na tela como recordação dos ensinamentos que recebeu. Noé toma consciência que bem e mal são constituintes do humano. De volta à Arca, reflexivo e atormentado diz a sua esposa: “A maldade não está só neles, está em todos nós. Eu vi”. Jamais haverá um novo Éden sobre a Terra.*

*Sob o teto da Capela Sistina medito sobre a barbárie que nos habita.*

*É inadiável que nos assenhoremos do fato que somos um atentado para nós mesmos e para o mundo, necessitamos de uma autoética que reconheça a potencialidade dos perigos que povoam nossa psique, animam nossos afetos e inflamam nossa libido. Reconhecer nossa barbárie interior e aprender a lidar com ela implica assumir uma ética de si para si que comporta o autoexame: um estado de vigília sobre si mesmo, de escrutínio do nosso âmago e do*



**Figura 58:** Frames com cenas do filme Noé.

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=aJNkBa\\_bE](https://www.youtube.com/watch?v=aJNkBa_bE)

nosso eu egocêntrico. Devemos analisar e refletir sobre nossas ideias e ações e reconhecer nelas as armadilhas do ego que se nutre do autoengano e da autojustificação para permanecer confortável sem reconhecer seus equívocos. Honra, tolerância, responsabilidade e objeção à moralina, à lei de talião e ao sacrifício do outro é fundamental para uma convivialidade serena, que implica uma ética da compreensão, da cordialidade e da amizade.

Fiz dessa singela definição um mantra para o bem pensar:

“A autoética é, antes de tudo, uma ética de si para si que desemboca naturalmente numa ética para o outro”<sup>202</sup>.

Animo minha existência com um pensamento ecologizado: ‘Somos filhos do Cosmos, nossas partículas e nossos átomos de carbono se formaram nos primeiros instantes do Universo, as mesmas se associaram e deram forma à Terra e fizeram emergir incontáveis formas de seres, dentre eles, nós, os humanos. Somos filhos de Gaia fertilizada por Cosmos, nosso código genético carrega nossa ascendência materna terrestre e paterna cósmica’. Essa narrativa sustenta minha vontade de seguir vivendo, minha viagem pelo mundo é incessante, incansável, interminável. Caminho...

## **Tempo de religações: Biogea reencontrada**

Vivenciamos nesse instante o calor da dissipação das estruturas da Idade de Ferro Planetária, temos diante de nós uma bifurcação, experimentamos aquilo que Serres tem chamado de hominescência: *fazer e, em se fazendo, fazer-se*. Os eventos atuais da Grande Narrativa Humana podem nos levar à catástrofe ou à tomada de consciência do nascimento de uma outra humanidade. Para onde vamos?

Em *Terra-Pátria*<sup>203</sup> Morin considerou que estamos às vésperas da batalha inicial e não da batalha final para a realização da sociedade-mundo. Ultrapassar a Idade de Ferro Planetária de vez para renascermos metamorfoseados na Terra-Gaia requer, antes de tudo, uma reforma do pensamento, que ultrapasse a fragmentação do nosso atual modo de conhecer, obliterador de tal conscientização, o que requer um pensamento contextualizador e dialógico que compreenda a ecologia na sua complexidade. Necessitamos de um pensamento ecologizado que trate dos problemas planetários na sua interconexão e interdependência físico-bio-antropossocial. “...a ecologia geral deve englobar a dimensão antropossocial, como a antropossociologia geral deve englobar a

---

<sup>202</sup> MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. [2004] Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005c, pp. 93.

<sup>203</sup> MORIN, Edgar, KERN, Anne-Brigitte. *Terra-Pátria*. [1993] Tradução: Paulo Azevedo Neves da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

*dimensão ecológica. A sociedade deve regressar à natureza enquanto a natureza deve regressar à sociedade*”<sup>204</sup>.

Não sabedora dessas interconexões, a civilização contemporânea crê que seu bem-estar reside na exploração de seu próprio ecossistema para servi-la na satisfação de seus desejos. Tal ignorância torna ainda mais incompreensível a complexidade viva da biosfera, da nossa Pátria-Gaia, como um sistema aberto auto-eco-organizado. A subjugação dos ecossistemas pelas sociedades humanas é ao mesmo tempo nossa própria subjugação, pois como organizações antropossociais somos partes integrantes deles e da totalidade biosférica que é o planeta, nossa morada.

Em decorrência da hominização, do desenvolvimento do cérebro triúnico, da linguagem, da cultura e da sociedade, nos convertemos em estranhos para o Cosmos e nos apartamos de Gaia a ponto de esquecermos totalmente de nossas raízes. Distanciados da natureza temos dificuldade em reconhecer que somos integralmente seus filhos. Vivemos o paradoxo de sermos ao mesmo tempo viventes 100% naturais e 100% culturais. O Cosmos e a Terra estão em nós, como nós estamos neles. Essa compreensão é fundamental para ecologizarmos nossa existência.

Desecologizamos nosso viver, estamos cognitivamente mutilados. Embotadas pelo pensamento racionalizante, nossas sensações, sentimentos e percepções parecem sofrer de um surto psicótico-esquizofrênico. Encantados pelo mito da globalização-ocidentalização-desenvolvimento, a música entoada pelas “*palavras-alma*” não chega aos nossos corações.

Cegos, como os personagens de Saramago, não enxergamos a nós mesmos, tampouco os outros e o mundo. Como no aforismo heraclítico a humanidade parece vagar alheia a tudo: “*Incapazes de compreender depois de ouvir, se assemelham a surdos; sobre eles testemunha o provérbio: embora presentes, estão ausentes*”<sup>205</sup>. Tudo indica que seguiremos a marcha triunfal da civilização inconscientes das armadilhas e dos perigos que nos esperam. Continuaremos a guerra da humanidade contra o Mundo?

Um despertar ecológico é fundamental diante da alienação sintomática dos tempos presentes nutrida pelas inter-retroações infraestruturais ↔ superestruturais do sistema-mundo. As alternativas à superação da agonia planetária requerem, da sociedade, uma abertura ao entendimento de que estamos todos no mesmo barco. A política compreendida como uma relação contratual restrita aos interesses dos Estados e de seus cidadãos,

---

<sup>204</sup> MORIN, Edgar. *O método 2: a vida da vida*. [1980] op. cit., s/d.a., p. 75.

<sup>205</sup> HERÁCLITO, de Éfeso, ca. 535 a.C. – 474 a. C. *Pensar com Heráclito*. Organização e tradução: Walter Omar Kohan; Pinturas em encáustica: Elvira Vigna. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013, p. 14.

mesmo que federados em escala global, ignora a realidade antropológica do homem, desconhece nossas implicações biocósmicas e nega direitos à *Biogea*.

Para Morin<sup>206</sup>, o reconhecimento do humanismo universal/planetário pela própria humanidade implica, sobretudo, as tomadas de consciência capitais:

- |  |   |
|--|---|
| ✦ Consciência da identidade humana complexa;                                 | ✦ Consciência que estamos vinculados à biosfera;                              |
| ✦ Consciência que o destino individual está vinculado ao destino do planeta; | ✦ Consciência que copilotamos o planeta com a natureza;                       |
| ✦ Consciência da nossa incompreensão para compreendermos;                    | ✦ Consciência da responsabilidade e da solidariedade com as gerações futuras; |
| ✦ Consciência da finitude humana no Cosmos;                                  | ✦ Consciência que a Terra-Pátria é nossa comunidade de destino.               |

Ao fim do século XX uma rede computacional-informacional religou tudo e todos ao planeta. Tecemos uma teia viva que entrelaça a natureza, os objetos, as crenças, os saberes, os mitos, os conhecimentos, as práticas, as sociedades humanas e suas organizações; emerge dessa trama complexa a era planetária regida por *Hermes*. Como um ponto no holograma, cada indivíduo é parte do todo global que está em nós. “*Assim, para o melhor e para o pior, cada um de nós, rico ou pobre, traz em si, sem saber, o planeta inteiro*”<sup>207</sup>.

A era global não é tecida somente com os fios éticos da solidariedade, do amor, da compreensão; os conflitos estão presentes em toda parte. A tríplice aliança globalização-ocidentalização-desenvolvimento apropriou-se do mundo, capturou as ideias, os seres vivos, as coisas, as paisagens, os territórios, os sistemas político-econômico-sociais; por meio dos seus dispositivos, parasitam a biosfera. Para lidarmos com essa apropriação indébita é necessário que tomemos consciência que juntos fabricamos e integramos o *Hylos-Bios-Ethnosom*.

Indignai-vos com essa alienação.

Em tempos de crise, um pensamento ecologizado que aposte na metamorfose do homem, da civilização e da vida é a brecha para que possamos criar um caminho de esperança para a realização de uma outra sociedade-mundo. Saberemos nós fazê-lo? Cabe a todos nós inventá-lo.

---

<sup>206</sup> MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. [2004] op. cit., 2005c.

<sup>207</sup> MORIN, Edgar, KERN, Anne-Brigitte. *Terra-Pátria*. [1993] op. cit., 2005, p.36.

*CENA 1 - O velho teatro da dialética* - As Ciências Humanas nos ensinam que um dos acontecimentos que contribuíram para o nascimento das sociedades históricas foi a criação da *polis*. O governo da cidade/sociedade teria emergido de um contrato social instaurador de normas jurídicas necessárias para regulamentar e estancar a força disruptiva da violência. “*A história começa com a guerra, entendida como fim e estabilização dos conflitos violentos através de acórdãos jurídicos*”.<sup>208</sup> Energia motriz das sociedades, concebemos a história como forças opostas em luta, e a política como a guerra continuada por outros meios. A emergência das sociedades históricas instaurou entre nós a guerra como uma relação de direito.

História, política, direito e guerra inscreveram-se geneticamente nos corpos das sociedades nascentes, que aos poucos colonizaram distintas regiões do planeta e instauraram um circuito ininterrupto de ascensão e declínio de civilizações pela guerra, lutando pelo domínio e manutenção do poder sobre territórios, populações, meios de produção, sistemas de ideias, bens naturais e culturais. No teatro dialético da história tudo e todos se opõem, o diálogo e a convivialidade parecem impossíveis de se alcançar.

Apropriamo-nos do mundo, especialmente pelas guerras. A mais emblemática delas, a Segunda Guerra Mundial, pôs diante da morte não somente um povo, uma cultura ou nação, mas a humanidade e toda biosfera. As bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki revelaram que nossas ideias e ações podem pôr em risco a existência da totalidade dos seres vivos. Antes do nascimento das sociedades históricas tínhamos a violência desmedida, agora temos a guerra de direito. Haverá paz possível? A barbárie continua...

Local por excelência do exercício da política, a *polis* gesta as leis para o governo da sociedade. Apartada do mundo natural pelo contrato social governa-se para os homens. Nossa condição de sujeitos de direito foi conquistada em meio a muitas lutas e é resguardada nas Cartas Constitucionais, na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e na Declaração Universal dos Direitos Humanos, embora saibamos que, na prática, as violações desses direitos são constantes. Ilusoriamente separados da natureza pela cultura a negligenciamos, negamos à Gaia sua salvaguarda.

Sem direitos, *Biogea* é explorada; extraímos do seu solo, coletamos em seus biomas, sugamos suas águas, inalamos seu ar, pastoreamos e colhemos em seus campos; não contentes abatemos outros viventes por hobby ou crueldade. Como se não bastasse contaminamos, poluímos e degradamos os ecossistemas, parasitamos o planeta. “O

---

<sup>208</sup> SERRES, Michel. *O contrato natural*. [1990] op. cit., s./d., p. 29.

*parasita agarra tudo e não dá nada; o hospedeiro dá tudo e não agarra nada. O direito de dominação e de propriedade reduz-se ao parasitismo*".<sup>209</sup> Navegamos em meio à bruma, não temos consciência que tomamos por inimigos a Terra e a Vida, ou seja, a mim, a você, a todos nós.

*CENA 2 - O novo teatro da dialógica - Ameaçada de morte frente às nossas atitudes, a natureza necessita ser compreendida como sujeito de direito e não ser somente relegada a objeto de exploração. Serres propôs que firmássemos um contrato natural que englobe o homem na natureza e a natureza no homem; que destrone nosso antropocentrismo predatório do mundo; que seja capaz de metamorfosear o humano parasita em um simbiote<sup>210</sup> com a Terra. "A partir de agora, o governo deve sair das ciências humanas, das ruas e dos muros da cidade, tornar-se físico, emergir do contrato social, inventar um novo contrato natural..."<sup>211</sup> Uma nova aliança que integre o contrato social no contrato natural, capaz de estender os direitos que os homens conquistaram à totalidade da Vida e da Terra.*

Não devemos mais ter o planeta como propriedade-objeto, mas nos aliançar a ele para que, na condição de sujeitos, possamos tramar juntos os fios do novo contrato natural com vias a estabelecer uma sociedade-mundo. Serres<sup>212</sup> deposita esperança na realização desse contrato por ser o mesmo capaz de deter a derrocada final; esta é sua aposta, e se não a ganharmos, morreremos todos. Para além da *polis* cosmopolita temos o *oikos*<sup>213</sup> planetário.

O *Homo politicus civilis*, umbilicalmente ligado a *polis* e nutrido pela dialética de suas ideias/ações, deverá abandonar sua dedicação exclusiva às sociedades humanas para integrar o circuito dialógico dos ecossistemas bioculturais, emergir metamorfoseado como *Homo complexus universalis oecologicus*, voltar para a casa que abandonou há muito, religar-se à *Biogea*.

*Todos temos necessidade de uma narrativa para existir*, nos acostumamos a ouvir que um dos fatos que marcam o começo da história é a invenção da escrita, assim pudemos registrar o próprio passado. Mas, se considerarmos que a escrita é um registro

---

<sup>209</sup> SERRES, Michel. *O contrato natural*. [1990] op. cit., s./d., p. 66.

<sup>210</sup> Um simbiote é todo ser que vive em simbiose com seu hospedeiro, há uma relação de intercâmbio entre ambos, de cooperação. Segundo Serres somos hóspedes no planeta, mas temos nos comportado como parasitas. Egoísta e predadora, a humanidade não age com reciprocidade, explorando *Gaia* que tudo lhe dá.

<sup>211</sup> SERRES, Michel. *O contrato natural*. [1990] op. cit., s./d., p. 73.

<sup>212</sup> SERRES, Michel. *A guerra mundial*. [2008] op. cit., 2011a.

<sup>213</sup> *Oikos*, em grego significa *habitat*. Na Grécia do período arcaico o *oikos* designava a habitação comum de homens, animais, plantas e objetos. O termo deu origem a ecologia (*oikos* + *logos*).

codificado, então as bactérias, as plantas, os animais, as rochas, os fenômenos da natureza também deixam seus registros, fazem suas escritas. Como nós, todos contam quem são e de onde vieram. Se aceitamos que a história começou com a escrita, aceitemos que sua origem está no *Big Bang*. Inventamos as ciências para conhecermos essas narrativas.

Todos nós, humanos, vivos e existentes, emitimos, recebemos, estocamos e tratamos as informações. Serres<sup>214</sup> assegura que essas quatro operações estão presentes na *Biogea*. Essa universalidade é uma realidade da nossa linguagem e dos códigos dos seres vivos e das coisas existentes. Hominescentes, constituímos o *Hylos-Bios-Ethnossom*, formamos uma só comunidade planetária. A política, como a conhecemos, não é capaz de abraçá-la, porque sua natureza é fragmentária, dialética, excludente e conflitiva. É preciso transformá-la em uma ecopolítica<sup>215</sup>, complexa e universalista.

As Ciências da Vida e da Terra falam as línguas da natureza, aliançadas às Ciências Humanas podem, agora, dar a todos os integrantes de Gaia uma vida cívica comum. Religados todos os saberes e as ciências, podemos com eles construir juntos um conhecimento transdisciplinar capaz de nos fazer compreender todas as linguagens – dos humanos, dos chimpanzés, das baleias, das abelhas, das seringueiras, dos lençóis freáticos, do *permafrost*, dos átomos – bem como de garantir à *Biogea* a condição de sujeito de direitos.

No *novo teatro da dialógica*, nos cenários pelos quais caminhamos, os saberes, a humanidade e a *Biogea* estão entrelaçados. Arborecem juntos desse acontecimento incandescente uma nova humanidade, universal; um novo conhecimento, complexo; e uma nova vida, ecológica. É dessa efervescência turbilhonante que uma Antropologia Fundamental emerge como coautora da novíssima aliança, *o Contrato Natural*.

Como um Noé<sup>216</sup> contemporâneo devemos assumir enquanto indivíduo-sociedade-espécie que não estamos aqui para dominar, subjugar e dirigir a natureza, mas que cabe a ambos, homem e natureza, copilotarem a Grande Narrativa.

O caminho não está dado, tampouco pode ser traçado por um *expert* de plantão ou por qualquer metodologia, porque o caminho se faz ao caminhar. Pensar, é inventar, o façamos juntos dialogando. Apostamos na via regeneradora da ecopolítica, na metamorfose hominescente, no diálogo do homem consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

---

<sup>214</sup> SERRES, Michel. *Temps des crises*. op. cit., 2009.

<sup>215</sup> A ecopolítica a qual nos referimos aqui não deve ser reduzida a um novo saber disciplinar, tampouco a uma nova governamentalidade das condutas e consciências dos cidadãos.

<sup>216</sup> No filme de Darren Aronofsky, o protagonista da história, Noé, vive em simbiose com a natureza, se reconhece como uma emergência da mesma, como parte integrante de um grande holograma cósmico.

*Arrebatado pelas ideias de Morin e Serres, à imagem de Telêmaco contemporâneo, faço o meu caminho acompanhado pela sabedoria e vigor de seus pensamentos, entrelaço-os às ideias de outros sábios autores que vivem em minha constelação particular e que, como eles, souberam desobedecer aos limites da disciplinaridade-pai e inventar um conhecimento-filho arborescente ↔ luminescente. Ando e aprendo. O que persigo nesse caminho? Uma Antropologia Fundamental! Um conhecimento pertinente sobre o 'Homo complexus', um bem-pensar que permita acessar o 'Homo universalis'. Uma Antropologia Complexa e Universalista implica compreender que o ser humano não deve ser mais delimitado pelos seus pertencimentos biológicos e culturais, formatado pela sua etnicidade, mas compreendido pelo seu inacabamento, façamo-nos 'Homo oecologicus'. Não há nada mais impróprio que definir o próprio do humano.*

*Um insight me pôs diante da questão: Que sei eu? Ponto de partida que me conduziu à autorreflexão necessária sobre quem eu sou e à reflexão pertinente sobre quem somos, de onde viemos, para onde vamos. Para cada espaço preenchido com palavras e imagens na superfície plana, lisa e branca da folha virtual teço a narrativa do eu implicada à do mundo, singularidade universal – uma outra Antropologia; aproximo passado e futuro, desfaço a dialética da história atada às superações, paisagens nascem das relações dos saberes, afinal, 'todos temos necessidade de uma narrativa para existir' – átomos, moléculas, partículas, estrelas, glaciares, estalactites, plânctons, e não só o homem. A Grande Narrativa implica a narrativa da hominização, que se abre para o momento hominescente. No horizonte uma ecopolítica necessária, contingente, possível e impossível de emergir. Cabe a nós fazer do futuro nosso contemporâneo.*

(...)

*'É chegada a hora da reeducação de alguém  
Do Pai, do Filho, do Espírito Santo, amém  
O certo é louco tomar eletrochoque  
O certo é saber que o certo é certo  
O macho adulto branco sempre no comando  
E o resto ao resto, o sexo é o corte, o sexo  
Reconhecer o valor necessário do ato hipócrita  
Riscar os índios, nada esperar dos pretos'  
E eu, menos estrangeiro no lugar que no momento  
Sigo mais sozinho caminhando contra o vento  
E entendo o centro do que estão dizendo  
Aquele cara e aquela  
É um desmascaro  
Singelo grito  
'O rei está nu'  
Mas eu desperto porque tudo cala frente ao fato que o rei é mais bonito nu  
E eu vou e amo o azul, o púrpura e o amarelo  
E entre o meu ir e o do sol, um aro, um elo..."<sup>217</sup>*

<sup>217</sup> O estrangeiro, composição de Caetano Veloso é a primeira faixa do álbum homônimo lançado em 1989.

*Amanhecer*





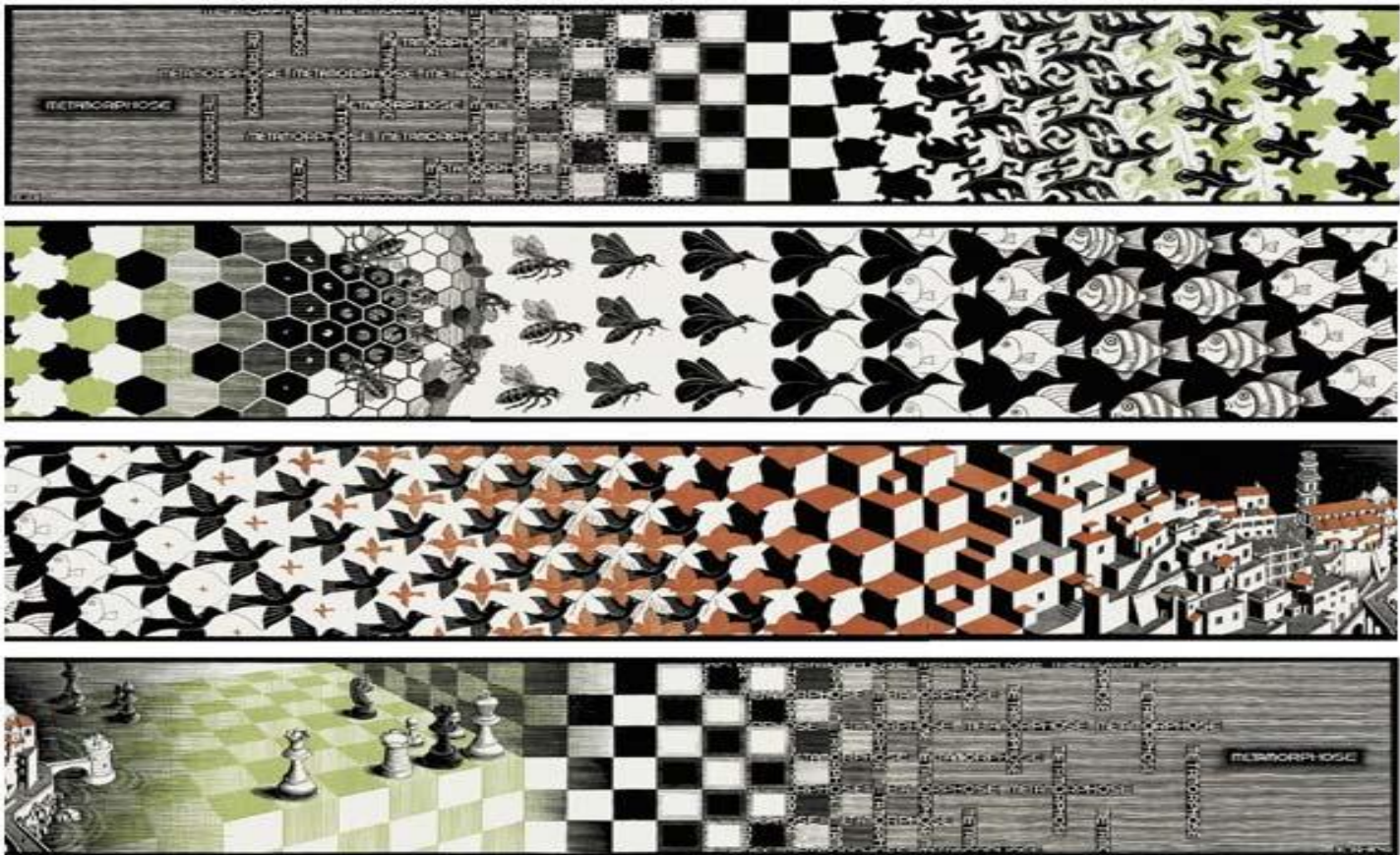
*Figura 59: Terra, amanhecer na América. (Página anterior).*

*Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/-RhGm8okawLw/TkScg3u6rpl/AAAAAAAAAKs/mqEJwXytsCE/s1600/Planeta\\_terra\\_03.jpg](http://1.bp.blogspot.com/-RhGm8okawLw/TkScg3u6rpl/AAAAAAAAAKs/mqEJwXytsCE/s1600/Planeta_terra_03.jpg)*

*Vejo a humanidade em uma situação de apocalipse,  
entendendo a palavra apocalipse como revelação.  
Há algo desmoronando, e há também algo que está nascendo.  
Nós escutamos o barulho do carvalho que cai,  
mas não escutamos o barulho da floresta que cresce.  
Hoje, fala-se muito das coisas que estão desmoronando,  
que fazem barulho, mas o mais importante é aquilo que não se ouve;  
é preciso prestar atenção às sementes de consciência que estão brotando.  
(Jean-Yves Leloup)*

*Como se fosse um dos sonhos de Kurosawa, caminho pelas telas de Escher. As paisagens que percorro me são familiares, nenhuma tão conhecida quanto aquelas de Van Gogh. Entre claros, escuros e tons pastéis, mutações em harmonia desdobram-se do uno em múltiplas formas. Figuras geométricas, répteis, anfíbios, aves, insetos, peixes, colmeias, cidades, rios, objetos compõem as metamorfoses entre as quais vagueio a esmo.*

*No horizonte, o possível, o impossível, o necessário e o contingente abrem-se para os inúmeros devires do acontecimento-filho...*



**Figura 60:** Metamorphosis II, M. C. Escher, xilogravura, 1939-1940. Acervo: Escher in het Palais, Haia, Holanda.  
**Imagem:** [https://en.wikipedia.org/wiki/Metamorphosis\\_II#/media/File:Escher,\\_Metamorphosis\\_II.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Metamorphosis_II#/media/File:Escher,_Metamorphosis_II.jpg)  
**Formato original:** Painel único, dimensão 19.2 cm x 389.5 cm. Aqui subdividido em 4 partes justapostas.

*Em simbiose com o cenário percebo que “hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra. Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades humanas. Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de pássaros. Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de sapo. Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de árvore...”.<sup>218</sup> Sigo, de súbito tudo é breu como na Vazia Noite iniciada, na qual o Grande Mistério criou a si mesmo. Nas trevas que provêm do presente enxergo a Grande Narrativa da qual ramificamos entre muitos outros galhos. No escuro do espaço-tempo vejo tudo como se olhos de coruja tivesse. A voz de um índio murmura em meu ouvido: “O escuro traduz as limitações das percepções que o mundo material proporciona. ...o plano material é apenas um galho da grande árvore da vida. É desse escuro que a coruja vê o o todo-árvore...”.<sup>219</sup>*

*No escuro cósmico da Noite Primeira uma vastidão de estrelas feitas de mandalas eclodem, agora, na paisagem dos campos por onde passo. O multicolorido turbilhonante revela que somos feitos de uma miríade de partículas luminescentes, incontáveis; existências múltiplas consonantes/dissonantes da Grande Sinfonia da Natureza.*

*Furta-cor, meu corpo brilha como as luzes das mandalas-estrelas.*



**Figura 61:** Mandalas que compõem o Painel Caos Mandalas, Fernando Diniz, óleo e guache sobre papel, s.d. Acervo Museu de Imagens do Inconsciente, Rio de Janeiro, Brasil.  
**Fonte:** <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/mandalas.php>

<sup>218</sup> BARROS, Manoel de. *Ensaio fotográficos*. op. cit., 2000, p.23.

<sup>219</sup> JECUPÉ, Kaká Werá. *Tupã Tenondé*. op. cit., 2001, p. 36.

*Amanhece. Vindo do Leste, o sol desembarca reluzente de sua longa viagem, logo o céu matizado de estrelas se dissipa... A claridade incendeia o quarto, o aroma do café fresco penetra em minhas narinas, desperto. Levanto, abro a janela, ao longe o Cristo Redentor se confunde com o céu azul-pálido de verão. Caminho pela casa, bebo meu café em silêncio, sobre o sofá o livro de poemas que comecei a ler na noite anterior. Tomo-o em minhas mãos, abro aleatoriamente em uma página:*

*Um passarinho pediu ao meu irmão para ser a sua árvore.  
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.  
No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol,  
de céu e de lua mais do que na escola.  
No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo  
mais do que os padres lhe ensinavam no internato.  
Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.  
Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul.  
E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida  
no tronco das árvores só presta para poesia.  
No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que  
as árvores são vaidosas.  
Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara,  
envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros.  
E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos.  
Meu irmão agradeceu a Deus aquela permanência em árvore  
porque fez amizades com muitas borboletas.<sup>220</sup>*

*Medito sobre o sonho que parece ainda não ter terminado: 'como as poesias os sonhos contam o mundo sem fazer uso de conceitos'. No rádio 'Um índio', de Caetano Veloso, envolve meus sentimentos.*

*Nesse dia, amanchei árvore.*

*Um índio descerá de uma estrela colorida e brilhante,  
de uma estrela que virá numa velocidade estonteante  
e pousará no coração do hemisfério sul, na América,  
num claro instante.*

*Depois de exterminada a última nação indígena,  
e o espírito dos pássaros das fontes de água límpida,  
mais avançado que a mais avançada das mais  
avançadas das tecnologias...*

*Virá, impávido que nem Mohammed Ali, virá que eu vi.  
Apaixonadamente como Peri, virá que eu vi.  
Tranquilo e infalível como Bruce Lee, virá que eu vi.  
O axé do afoxé, filhos de Gandhi, virá.*

*Um índio preservado em pleno corpo físico,  
em todo sólido, todo gás e todo líquido,  
em átomos, palavras, alma, cor, em gesto em cheiro  
em sombra, em luz, em som magnífico.*

*Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico,  
do objeto, sim, resplandecente descerá o índio.  
E as coisas que eu sei que ele dirá, fará,  
não sei dizer assim, de um modo explícito.*

*Virá, impávido que nem Mohammed Ali, virá que eu vi.  
Apaixonadamente como Peri, virá que eu vi.  
Tranquilo e infalível como Bruce Lee, virá que eu vi.  
O axé do afoxé, filhos de Gandhi, virá...*

*E aquilo que nesse momento se revelará aos povos  
surpreenderá a todos, não por ser exótico,  
mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto  
quando terá sido o óbvio.<sup>221</sup>*

<sup>220</sup> BARROS, Manoel de. *Ensaio fotográfico*. op. cit., 2000, p.63.

<sup>221</sup> Canção que integra o álbum *Bicho* lançado em 1977.



## Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

A.I. – Inteligência artificial. Direção: Steven Spielberg. Produção: Warner Bros, DreamWorks SKG, Amblin Entertainment, Stanley Kubrick Productions. Estados Unidos, 2001. DVD, (146 min), colorido. Título original: A.I. Artificial Intelligence.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Método complexo e desafios da pesquisa**. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Cultura e Pensamento Complexo*. Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009, p. 97-112.

ATLAN, Henri. **Les frontières revisitées**. In: ATLAN, Henri; WAAL, Frans B. M. de. *Les frontières de l'humain*. [2007]. Paris: Le Pommier/EPPDCSI, 2014, p. 7-46.

*A UNIDADE DO HOMEM: invariantes biológicos e universais culturais / ensaios e discussões apresentados e comentados por Edgar Morin e Massimo Piattelli-Palmarini, com a colaboração de André Béjin (et.al.). [1974] Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix : Ed. da Universidade de São Paulo, 1978, 3v.*

BACON, Francis. (1561-1626) *Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza [Nova Atlântida]*. Tradução: José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Os Pensadores).

BAETENS, Jan. **Michel Serres lecteur des Aventures de Tintin, ou Hergé de 77 à 7 ans**. In: *Cahier de L'Herne: Michel Serres*. Éditions de L'Herne: Paris, 2010, p. 196-202.

BARROS, Manuel. *Retrato Do Artista Quando Coisa*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

\_\_\_\_\_. *Ensaio fotográficos*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

BÍBLIA Sagrada. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/>

BOHM, David. *A totalidade e a ordem implicada*. [1980]. Tradução: Mauro de Campos Silva. Revisão Técnica: Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Editora Cultrix, s./d.

\_\_\_\_\_. *Diálogo: comunicações e redes de convivência*. [1996] Editado por Lee Nichol. Tradução. Humberto Mariotti. São Paulo: Palas Athena, 2005.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. [1982] Tradução: Álvaro Cabral. Revisão técnica da tradução: Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Edgar Morin: a dialogia de um sapiens-demens.** *Margem.* Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, nº. 16, p. 167-170, dez. 2002.

\_\_\_\_\_. **Para uma antropologia complexa, transdisciplinar e universalista.** *In: Ciências Sociais na atualidade: realidade e imaginários.* (Orgs.): Teresinha Bernardo, Paulo-Edgar Almeida Resende; prefácio: Teresinha Bernardo, Paulo-Edgar Almeida Resende. São Paulo: Paulus, 2007, p. 13-19.

\_\_\_\_\_. **Ética complexa e conhecimento científico.** *In: ALMEIDA, Maria da Conceição de. Cultura e Pensamento Complexo.* Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009, p. 125-133.

\_\_\_\_\_. **Edgar Morin: a religação dos saberes.** *In: Teresa Cristina Rego (Org.) Currículo e política educacional.* Petrópolis: Vozes; São Paulo: Revista Educação: Editora Segmento, 2011. p. 81-112. (Coleção Pedagogia Contemporânea).

\_\_\_\_\_. **A revogação do antropocentrismo e a aquisição de saberes transversais.** *Revista do Instituto Humanitas Unisinos.* São Leopoldo, n. 402, ano XII, set. 2012. Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4633&secao=402](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4633&secao=402).

CASSÉ, Michel. *Filhos do Céu: entre vazio, luz e matéria.* [2003] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

COMISSÃO GULBENKIAN PARA REESTRUTURAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS. *Para abrir as Ciências Sociais.* São Paulo: Cortez Editora, 1996.

CASTORIADIS, Cornelius. *As Encruzilhadas do Labirinto III: o mundo fragmentado.* [1990] Tradução: Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

CINCOTTO JUNIOR, Sydney. *Nise da Silveira, a emoção de lidar: vida e obra de uma psiquiatra rebelde.* 2003. 155f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. **Ecologizar: caminhos para a ecopolítica planetária.** *Revista Internacional de Humanidades,* volume 3, número 2, p. 91-99. 2014.

CRITELLI, Dulce Mara. *História pessoal e sentido de vida: historiobiografia.* São Paulo: EDUC : FAPESP, 2013.

CYRULNIK, Boris. *Diálogo sobre a natureza humana.* [2000] Tradução: Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2012.

DICIONÁRIO de Filosofia Nicola Abbagnano. [1971] Tradução da 1ª ed. brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELYSIUM. Direção: Neill Blomkamp. Produção: Bill Block, Neill Blomkamp, Simon Kinberg. EUA, 2013. Filme (109min.), colorido.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Então você pensa que é humano?: uma breve história da humanidade*. [2004] Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANKENSTEIN. Direção: James Whale. Produção: Universal Pictures. Estados Unidos, 1931. DVD (71 min), p&b.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVI, (1916-1917) - Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. Tradução: José Luis Meurer [et.al.]. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. *Totem e Tabu*. [1913] Tradução: Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

HERÁCLITO, de Éfeso, ca. 535 a.C.–475 a.C. *Pensar com Heráclito*. Organização e tradução: Walter Omar Kohan; Pinturas em encáustica: Elvira Vigna. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

**Hergé, l'ami Michel Serres**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IaHfiAgnRgU>

HESSEL, Stéphane; JACQUARD, Albert; OBSERVATOIRE des armements. *Exigez! Un désarmement nucléaire total*. Paris: Éditions Stock, 2012.

JECUPÉ, Kaká Werá. *Tupã Tenondé: A criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas elementares do parentesco*. [1949] Tradução: Mariano Ferreira. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. *Antropologia estrutural*. [1958] Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

\_\_\_\_\_. *O pensamento selvagem*. [1962] Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1989.

\_\_\_\_\_. *O cru e o cozido (Mitológicas v. 1)*. [1964] Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

\_\_\_\_\_. *O homem nu (Mitológicas v. 4)*. [1971] Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

\_\_\_\_\_. *Antropologia estrutural dois*. [1973] Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MANIFESTE *pour les Sciences Sociales*, por Craig Calhoun e Michel Wieviorka, disponível em: <https://socio.revues.org/200> (Há versão em português disponível: *Revista Sociedade e Estado* – Vol. 30, Núm. 3, setembro/dezembro 2015; tradução de Bruno Guérard. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=Soi02-69922015000300597](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=Soi02-69922015000300597).)

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. [1950] Introdução: Claude Lévi-Strauss. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELANCOLIA. Direção: Lars von Trier. Produção: Zentropa. Dinamarca, Suécia, França e Alemanha, 2011. DVD (136 min), colorido. Título original: *Melancholia*.

MONTAIGNE, Michel de, 1533-1592. *Os ensaios: uma seleção*. [s/d] (Org.): M. A. Screech; tradução: Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MORIN, Edgar. *O método 2: a vida da vida*. [1980] Tradução: Maria Gabriela de Bragança. 2. ed. Portugal: Publicações Europa-América, s/d.a. (Há edição brasileira.)

\_\_\_\_\_. *O método 4: as ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. [1991] Tradução: Emílio Campos Lima. Portugal: Publicações Europa-América, s/d.b. (Há edição brasileira.)

\_\_\_\_\_. *O enigma do homem*. [1973] Tradução: Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

\_\_\_\_\_. *O homem e a morte*. [1951] Tradução: Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

\_\_\_\_\_. *Amor, poesia, sabedoria*. [1997] Tradução: Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. [1986] Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

\_\_\_\_\_. *Meus demônios*. [1994]. Tradução: Leneide Duarte e Clarice Meireles. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.

\_\_\_\_\_. *O método 5: a humanidade da humanidade*. [2001] Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002b.

\_\_\_\_\_. *X da questão: o sujeito à flor da pele*. [1969] Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ciência com consciência*. [1982] Tradução: Maria D. Alexandre, Maria Alice Sampaio Dória. 9ª. ed. revista e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Educação e complexidade: os setes saberes e outros ensaios*. [2000] (Orgs.): Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2005b.

\_\_\_\_\_. *O método 6: ética*. [2004] Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005c.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento complexo*. [1990] Tradução: Eliane Lisboa. 3ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. *O método 1: a natureza da natureza*. [1977] Tradução: Ilana Heineberg. 2ªed. Porto Alegre: Sulina, 2008a.

\_\_\_\_\_. *El año I de la era ecológica*. [2007]. Traducción: Pablo Hermida. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Meu caminho: entrevistas com Djénane Kareh Tager*. [2008] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. [1999] Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya; revisão técnica: Edgard de Assis Carvalho. 2ª. ed. revisada. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011b.

\_\_\_\_\_. *Autocritique*. [1959] Paris: Éditions du Seuil, 2012.

\_\_\_\_\_. *A via para o futuro da humanidade*. [2011] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013a.

\_\_\_\_\_. *Meus filósofos*. [2011] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2013b.

\_\_\_\_\_. *Mon Paris, ma mémoire*. [2013] Paris: Pluriel, 2014a.

\_\_\_\_\_. *O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia sociológica*. [1956] Tradução: Luciano Loprete. São Paulo: É Realizações, 2014b.

MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. *Terra-Pátria*. [1993] Tradução: Paulo Azevedo Neves da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NOÉ. Direção: Darren Aronofsky. Produção: Paramount Pictures. EUA, 2014. (138 min.), colorido. Título original: *Noah*.

O DIA SEGUINTE. Direção: Nicholas Meyer. Produção: ABC Circle Films. Estados Unidos, 1983. DVD (126 min), colorido. Título original: *The Day After*.

O GAROTO SELVAGEM. Direção: François Truffaut. Produção: Les Artistes Associés, Les Films du Carrosse, Les Productions Artistes Associés. França, 1970. DVD (83 min), p&b. Título original: *L'enfant sauvage*.

PASCAL, Blaise, 1623-1662. *Pensamentos*. [s/d] Edição, apresentação e notas: Louis Lafuma; tradução: Mário Laranjeira; revisão técnica: Franklin Leopoldo e Silva; revisão da tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar; introdução da edição brasileira: Franklin Leopoldo e Silva. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PICQ, Pascal. *L'humain à l'aube de l'humanité*. In: PICQ, Pascal; SERRES, Michel; VINCENT, Jean-Didier. *Qu'est-ce que l'humain?* Paris: Le Pommier, 2003, p.31-67.

PONTO DE MUTAÇÃO. Direção: Bernt Amadeus Capra. Produção: Adrianna A. J. Cohen. EUA, 1990. DVD (112 min.), colorido. Título original: *Mindwalk*.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/UNESP, 1996.

\_\_\_\_\_. *A nova aliança: metamorfose da ciência*, por Ilya Prigogine e Isabelle Stengers. [1984] Tradução: Miguel Faria, Maria Joaquina Machado Trincheira. 3ª ed. Brasília: UNB, 1997.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira: romance*. [1995] São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SERRES, Michel. *O contrato natural*. [1990] Tradução: Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, s./d.a.

\_\_\_\_\_. *O terceiro instruído*. [1991] Tradução: Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.b. (Há edição brasileira com o título: *Filosofia Mestiça*.)

\_\_\_\_\_. *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. [1992] Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unimarco Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. *Retour au contract naturel*. Paris: Bibliothèque nationale de France, 2000.

\_\_\_\_\_. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* [2001] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. *Variações sobre o corpo*. [1999]. Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. *O incandescente* [2003] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. *Julio Verne: a ciência e o homem contemporâneo*. [2003] Tradução: Mônica Cristina Corrêa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ramos*. [2004] Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008a.

\_\_\_\_\_. *A grande narrativa do humanismo*. [2006]. Tradução: Antonio Viegas. Lisboa: Instituto Piaget, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Temps des crises*. Paris: Éditions le Pommier, 2009.

\_\_\_\_\_. *A guerra mundial*. [2008] Tradução: Marcelo Rouanet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Biogée*. [2010] Édition de poche. Paris: Éditions le Pommier, 2013.

\_\_\_\_\_. *Pantopie: de Hermès à Petite Poucette: entretiens avec Martin Legros et Sven Ortolí*. Paris: Éditions Le Pommier, 2014.

SHELDRAKE, Rupert. *O renascimento da natureza: o reflorescimento da ciência e de Deus*. [1991] Tradução: Maria de Lourdes Eichemberg, Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

SHELLEY, Mary W. (1797–1851) *Frankenstein*. [1818] Tradução: Éverton Ralph; texto sobre o autor e a obra de José Geraldo Couto. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998.

SNOW, Charles P. *As duas culturas e uma segunda leitura: uma versão ampliada das duas culturas e a revolução científica*. [1959] Tradução: Geraldo Gerson de Souza, Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

SONHOS. Direção: Akira Kurosawa. Produção: Akira Kurosawa USA e Warner Bros. Japão, EUA, 1990. DVD (119 min.), colorido. Título original: *Yume*.

THOUREAU, Henry David, 1817-1862. *Caminhando*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. [1981] 6ª ed. Salvador: Corrupio, 2002.

WAAL, Frans de. *Eu, primata: por que somos como somos*. [2005] Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

WOLFF, Francis. *Nossa humanidade: de Aristóteles às neurociências*. [2010] Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2012.